

# IMIGRAÇÃO ITALIANA

EM PARAGUAÇU

a história de um começo

história de



Prefeitura  
Municipal  
de Paraguaçu  
• Minas Gerais •

ame  
CULTURA

## **FICHA TÉCNICA**

### **Projeto Imigração Italiana em Paraguaçu**

**Gabriel Pereira de Moraes Filho**  
Prefeito de Paraguaçu

**Jivanildo de Paula Gonçalves**  
Secretário de Educação e Cultura

**Domingos Sávio Castilho**  
Chefe da Divisão de Cultura

**Platinny Dias de Paiva**  
Agência Mineira de Entretenimento – AME Cultura

**Profa. Dra. Cristiane Maria Magalhães**  
Diretora Técnica da AME Cultura  
Historiadora responsável pela pesquisa, entrevistas, organização e redação do texto

Janeiro a julho de 2022

## Sumário

Apresentação .....	4
1. Introdução .....	6
2. <i>Terre in brasile per gli italiani</i> – a longa travessia e a chegada ao Brasil.....	13
2.1 Os navios / vapores que faziam a travessia .....	19
2.2 A chegada ao novo mundo: os Portos de entrada e as Hospedarias .....	24
3. Os italianos no Sul Mineiro .....	30
4. Paraguaçu entre o final do XIX e início do XX.....	38
5. As famílias italianas em Paraguaçu .....	46
As Famílias Italianas em Paraguaçu.....	52
Família Baccoli, Codignola, Perna .....	52
Família Bagne (Bagni).....	57
Família Bechis .....	60
Família Benedetti, Benedetto, Rossi e Rizzotto .....	69
Família Borin (Borin), Faggion, Modenese, Rizzolo .....	73
Família de Mariano Borin e Maria Magdalena Tosatti (1866-1916) .....	82
Família Bocchi (Bochi, Roque, Bocke).....	83
Família Caproni .....	86
Família Codignola (Codignoli ou Codignole) .....	100
Família Corsini e Dolci.....	101
Família Cosenza.....	103
Família Fagioli.....	109
Família Fattini.....	110
Família Foresti e Sgarboza .....	111
Família Fressato (Frezzato) e Quaglio.....	114
Família Gavioli e Família Lourenzeti.....	120
Famílias Garotti, Nagliati e Bonetti.....	121
Família Gravina .....	125
Família Labecca.....	126
Família Marcellini e Semolini (Cimbolini) .....	130
Família Mazzeu (Mazzeo) e Família Carratta .....	133
Família Milan (Milani) .....	136
Família Motteran (ou Mottaran ou ainda Moterani) e Della Villa .....	138
Família Muoio .....	144

Família Perna, Pagano, Arcella .....	146
Família Piazzalunga.....	149
Família Piazza e Família Chiavone .....	151
Família Rosse, Rosa (Rizzieri Rosa) e Schiassi .....	152
Família Schiassi .....	156
Família Selicani (Silicani) .....	160
Família Sepini (Ceppini, Sepino) .....	162
Família Solia (Soglia) e Família Pizzi .....	168
Família Taglialegna, Bortolazzo e Buzzetti.....	172
Família Terzetti (Terzetti ou Tercetti) .....	177
Família Valério .....	180
Família Vigato .....	183
Família Villa .....	186
Família Zampier (Zampieri) .....	187
6. Hábitos alimentares.....	188
7. Referências Bibliográficas e entrevistas .....	192

## **Apresentação**

Com alegria apresento ao leitor o belo livro “A Imigração Italiana em Paraguaçu – a história de um começo”, iniciativa da Prefeitura Municipal de Paraguaçu e da AME Cultura. Um dos muitos produtos de um projeto mais amplo de resgate e divulgação da história social de Paraguaçu.

A epopeia daqueles que migraram, no final do século XIX da Itália – ainda não unificada como nação – para fincar suas raízes no antigo Carmo do Escaramuça, ao tempo em que pertencia ao município de Santo Antônio do Machado – foi traçada com empenho e rigor. As análises sobre a imigração italiana no Sul de Minas transitam ainda hoje sobre dois principais pilares. O primeiro seria o contexto de entrelaçamento de dois fatos históricos: o esgarçamento da exploração da escravidão negra no Brasil e a necessidade de evasão daqueles excluídos do longo processo de unificação da Itália.

O segundo pilar foca o interesse econômico dos agenciadores da imigração que moveram campanha cerrada junto à opinião pública brasileira sobre a superioridade da mão de obra europeia se comparada à escravizada nacional. As teses historiográficas atuais se contrapõem, entretanto, e com razão, à ideia de que o escravizado tivesse menos atributos que outros trabalhadores, tanto o imigrante europeu quanto o elemento livre nacional. A alternativa da imigração italiana veio encobrir, de certa forma, a então espinhosa questão da não indenização aos proprietários pelo Estado pela perda de seus escravizados. Escamoteava ainda a ausência de projetos da Nação para inclusão social da imensa massa de negros libertos e entregues à própria sorte.

A par das discussões historiográficas, o que prevalece é o interesse sempre presente de se reportar ao vivido, na tentativa de se extrair novos sentidos da experiência social daqueles que nos precederam. Notadamente, os momentos de ruptura do cotidiano, como no caso dos trabalhadores italianos que se viram forçados a tentar a vida do outro lado do Atlântico.

Mas o livro não se atém a esse contexto inicial da imigração do final do dezenove. Estende-se à genealogia e aos pequenos perfis dos familiares, até os dias de hoje. Tampouco se restringe a Paraguaçu, pois tentou recuperar os muitos deslocamentos dessas famílias, de fazenda em fazenda, até se fixarem no município. O recorte temporal e espacial é, portanto, vasto e flexível.

Para contar esta história, se lançou a uma exaustiva busca a fontes de pesquisa, tanto aquelas organizadas em arquivos públicos, casas de cultura, bibliotecas, coleções dos jornais

locais, sites especializados, quanto àquelas dispersas entre os descendentes dos pioneiros imigrantes – todos eles revestidos no papel de antiquários, arquivistas, pesquisadores e narradores. Não raro, encontramos os relatos escritos por algum descendente instigado a não perder o que ouviu e que achou precioso. Houve, ainda, muitas horas de escuta interessada e registro das reminiscências sobre esse passado.

O livro, tecido a tantas mãos, consegue um diálogo fecundo entre as fontes oficiais de consulta e a memória “miúda” – aquela repassada com afeto do mais velho para o mais novo. Pois, não basta recolher fontes escritas, iconográficas ou orais. É preciso organizá-las, contrapô-las, fazer-lhes perguntas e tentar desvelar o que não dizem explicitamente.

Os vestígios das narrativas familiares entremeiam a todo momento a história aqui contada. Ora nos deparamos com um baú que atravessou o oceano com os pertences de uma família, ora com uma máquina de fazer macarrão, ou com uma certidão de registro de nascimento de um avô. As fotografias da família toda reunida, endomingada, com expressão séria, tiradas em estúdio já no Brasil, sugerem a solenidade do momento que se pretendeu registrar. Mesmo esgarçadas, ainda impressionam. Há também as músicas ouvidas na infância e as receitas culinárias que ficaram eternizadas.

Em todos esses pequenos cuidados com os objetos de rememoração, no sentido de não os perder, guardá-los, protegê-los da ação corrosiva do tempo e do esquecimento, encontramos a vocação tão humana de se contar o vivido. Como se a cada reconto se vivificasse o sentido trágico e corajoso de um novo começo.

O esforço despendido pela autora e os muitos coautores e parceiros do livro honrou a epopeia dos italianos que se amalgamaram à terra de Paraguaçu.

Maria Lúcia Prado Costa  
Historiadora

## 1. Introdução

A história da imigração italiana desvela a saga de milhares de famílias italianas para o mundo, entre a segunda metade do século XIX e início do XX, em busca de melhores oportunidades de vida e de trabalho para suas famílias. As Américas, com especial interesse nos Estados Unidos, Argentina e Brasil, foram os destinos mais recorrentes nesse período de migração das famílias, em sua maioria camponesas, que viviam na chamada Península Itálica. Uruguai, Canadá e Austrália também foram países escolhidos pelos italianos, contudo, menor número de imigrantes se deslocaram para eles se comparados aos Estados Unidos, à Argentina e ao Brasil. É preciso ressaltar que o país que conhecemos atualmente como Itália era composto, até o século XIX, de diversos reinos, comunas, repúblicas, principados e ducados, que eram bastante distintos entre si. Existiam dialetos, moedas, pesos e medidas diferentes entre eles, inclusive. No próximo item descreveremos a configuração da Itália durante o período de unificação, na segunda metade do século XIX.

A unificação da Península Itálica era fundamental para uma unidade política e econômica que iria inserir a Península Itálica no processo de industrialização e de desenvolvimento capitalista vivenciado pela Europa na mesma época. No entanto, as guerras e conflitos travados em prol dessa unificação trouxeram consequências que foram sentidas pelo povo, tais como a fome e a miséria. Além de empobrecidos, a população da Península assistiu à perda de membros de suas famílias, com os milhares de mortos nesses conflitos. Posteriormente, com a industrialização primeiramente no Norte da Itália, que foi de onde a unificação se iniciou, o desemprego foi outro duro golpe que assolou as famílias italianas daquela região.

Esses fatores relatados fizeram com que parte da população italiana, principalmente do Norte, fosse impulsionada a procurar uma vida melhor em diversas partes do mundo, incluindo o outro lado do Oceano Atlântico, nas últimas décadas do século XIX. Grande parte das famílias que chegou ao Brasil nesse período relatado eram do Vêneto e de outras regiões do Norte da Itália. Importante ressaltar, que as guerras a que os descendentes dos imigrantes do século XIX se referem até os dias atuais não são a Primeira (1914-1918) e a Segunda (1939-1945) Guerras mundiais, mas sim esses conflitos motivados pelas unificações que deixaram marcas profundas no povo italiano e os fizeram deixar a sua terra de origem.

Nas décadas de 1880 e 1890, o governo brasileiro colocou nos Portos de Nápoles e de Gênova navios à disposição dos italianos que quisessem emigrar para o Brasil trabalhar nas lavouras brasileiras produtoras de café. Esse fato foi resultado da união de interesses do

governo italiano, de um lado, em oferecer emprego e melhores condições de vida para o seu povo que, como mencionamos, sofria com as crises por causa das referenciadas guerras de unificação e do desemprego motivado pela industrialização, aos interesses do governo brasileiro, do outro, em suprir a carência de mão de obra nas lavouras e substituir a mão de obra dos escravizados por trabalhadores livres. Foi dessa forma que milhares de italianos chegaram ao Brasil e muitos desses fixaram residência em Paraguaçu, no Sul de Minas Gerais.

É preciso ressaltar que existiram alguns tipos de imigração para o Brasil no século XIX e não apenas um modelo. Num primeiro momento, a partir de 1808 com a abertura dos Portos, houve a migração espontânea de europeus, incluindo italianos, que vinham para o Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho e possibilidades de enriquecimento. Normalmente esses mencionados foram os que chegaram antes dos anos 1880. Em Paraguaçu localizamos os Caproni, os Labecca, os Perna e os Cosenza que se enquadram nesse tipo de imigração que não foi subsidiada por nenhum Estado brasileiro e que chegaram antes da abolição do sistema escravista. Da Península Itálica, esses migrantes podiam vir de toda parte e não de uma região específica e normalmente tinham condições de iniciar a vida no Brasil com seus próprios recursos. Outro tipo de imigração foi a de colonização, principalmente direcionada para os estados do Sul do Brasil, que foi diferenciada da imigração para substituição do trabalho escravizado para o livre. Esse modelo de imigração não foi nosso foco nesse estudo. E, por fim, ocorreu a imigração de trabalhadores europeus para as lavouras de café brasileiras, financiada para suprir a carência da mão de obra dos antigos escravizados; esse foi o tipo de imigração que predominou Sul mineiro e, em Paraguaçu, e que tem ocorrência entre as décadas de 1880 e 1900.

A imigração subvencionada para substituição da mão de obra de pessoas escravizadas trouxe a maioria dos trabalhadores da região Norte da Itália, compostos fundamentalmente por camponeses. Os navios que traziam esses imigrantes partiam normalmente de Gênova, mas também faziam parada no Porto de Nápoles, para embarcar quem quisesse migrar para a América de qualquer parte da Itália. Esse perfil de imigrante era geralmente formado por famílias inteiras que estavam empobrecidas e com dificuldades de se manter na Itália pela falta de trabalho ou pela miserabilidade provocada pelas guerras de unificação. As passagens podiam ser subsidiadas pelos governos dos Estados brasileiros de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro ou Espírito Santo, dependendo para qual destino ele seria levado. Ou seja, o estado de São Paulo subsidiava as passagens para as famílias que fossem para as fazendas localizadas em São Paulo, e assim sucessivamente.

Para o caso da substituição da mão de obra escravizada no Brasil pela do trabalhador livre e europeu, a escritora Nilza Alves de Pontes Marques, relatando o caso da imigração italiana em Andradas, considerou que:

O fim da escravidão ainda tardaria quase dez anos, mas, em 1880, o café já exigia a contratação de mão de obra para o trato da lavoura e a colheita. O Brasil (principalmente a porção Sul) iniciava a política de atrair imigrantes alemães e italianos. Em São Sebastião do Jaguary não era diferente e os italianos começaram a chegar, a partir da abertura oficial à imigração, em 1893. Contratados para substituir os escravos, moraram inicialmente nas senzalas. Os registros guardam nomes das primeiras famílias: Guido, Athanazio, Venturelli, Baldassari, Benassi, Conti, Trielli, Longo” (MARQUES, 1996, p. 128).

Para esse estudo entendemos imigrante como: Imigrante (in + migrante): aquele que imigra, ou seja, que entra num país para nele viver. Emigrante (e + migrante): aquele emigra, ou seja, que sai de um país para viver em outro. Migrante: Aquele que muda periodicamente de um local para outro: pássaro migrante. O que migra; o que muda de lugar, de região ou de país, de maneira periódica (Dicionário online).

Assim introduzido o tema, esse livro apresenta a história de um começo porque são muitas trajetórias individuais e familiares que se cruzam numa pesquisa tão extensa e com tantas possibilidades como na da Imigração Italiana em Paraguaçu. O que propomos é iniciar a escrita dessa história. Novos capítulos virão com o tempo e com a colaboração das demais famílias de imigrantes italianos que porventura tenham vivido no município mineiro de Paraguaçu, em qualquer período cronológico.

Ao longo da pesquisa, identificamos mais de 50 famílias italianas que passaram por ou fixaram residência no município, em algum momento histórico. No entanto, acreditamos que esse universo seja maior, já que muitas famílias se foram de Paraguaçu, como é o caso dos Marcellini, dos Fattini, dos Gravina, e de muitas dessas famílias não temos mais notícias ou registros históricos. Contudo, a pesquisa permanece aberta para ouvir e escrever as histórias das famílias que por algum motivo não foram descritas aqui e também para receber fotografias e documentos que não conseguimos localizar e coletar nessa primeira fase. Procure-nos e contaremos também a história da sua família. Se tiver algum dado incorreto nessa publicação, também estamos abertos para realizar a modificação.

Identificamos que o município de Paraguaçu não era destino inicial de uma parte das famílias de italianos entre as quais conseguimos identificar as suas chegadas ao Brasil. Porém, outras famílias estavam direcionadas para as fazendas de Paraguaçu, como as pertencentes aos Souza Dias, que tinham propriedades nos territórios atuais de Machado e de Paraguaçu. Assim, uma parte dos imigrantes que fixou residência em Paraguaçu no final do século XIX e

início do XX chegou diretamente para o município e outras estavam destinadas a Fazendas dos municípios de Varginha, Machado, Três Pontas, Três Corações e Elói Mendes, além do distrito de Douradinho. E ainda tiveram algumas famílias que foram destinadas para o Estado de São Paulo e depois se deslocaram para Minas Gerais. Lembrando que todos esses lugares de Minas Gerais citados, em meados do século XIX, pertenciam à Campanha e depois foram se desmembrando e emancipando. Elói Mendes era denominado de Espírito Santo da Mutuca e Paraguaçu de Carmo da Escaramuça. Douradinho, atualmente distrito de Machado, aparece em diversos registros do século XIX como lugar importante para produção de café e como foco de imigração italiana.

Pelas fontes levantadas, embora constasse Santo Antônio do Machado como destino de muitos dos imigrantes italianos abordados nessa pesquisa, parte foram destinados para o território atual de Paraguaçu. A Fazenda Espírito Santo por exemplo, se localizava no território da atual Paraguaçu. Lembrando que Paraguaçu pertenceu ao município de Machado até 1912. Para a Fazenda Espírito Santo, dos contratantes Antônio Cândido Teixeira e João Nepomuceno Teixeira, foram direcionadas 31 famílias italianas, conforme levantamento da historiadora Maria Lúcia Prado Costa. Mais 17 famílias foram contratadas por João Nepomuceno Teixeira, no mesmo período, que não constam a destinação. Além desses, o fazendeiro Pio de Souza Dias também contratou 17 famílias italianas para trabalhar na sua fazenda Pedreira. Pio de Souza Dias era fazendeiro e possuía terras no atual território de Paraguaçu e de Machado no final do século XIX.

Diante desses dados podemos afirmar que aconteceu uma imigração italiana direcionada para a antiga Carmo da Escaramuça, atual Paraguaçu. No entanto, os imigrantes que ali permaneceram se deslocavam bastante ao chegar ao Brasil e podiam também vir de outros municípios e fazendas de Minas Gerais e até de outros Estados.

Este estudo focou aquelas famílias de imigrantes de italianos e seus descendentes que fixaram residência em Paraguaçu, entre o final do século XIX e início do XX, e que ainda possui descendentes no município.

O leitor irá notar que para algumas famílias há mais dados do que nas descrições de outras. Ressaltamos que não houve nenhum privilégio de uma família sobre a outra, ao contrário, fizemos todo o possível ao longo do Projeto para coletar o máximo de informações sobre cada família. No entanto, para algumas foi mais fácil conseguir documentação e relatos do que de outras. Essa facilidade em conseguir informações de certas famílias foi proveniente, na maioria das vezes, dos interesses dos próprios descendentes em reunir e enviar os dados, documentos e fotografias. Muitas dessas famílias já tinham organizadas genealogias e

documentos de seus antepassados, o que facilitou enormemente as pesquisas e as coletas de dados. O convite que fazemos agora é que os descendentes das outras famílias não citadas nessa publicação iniciem pesquisas e nos procure para fornecer dados sobre a família para que possamos incluir nas publicações futuras. Enfatizamos que tentamos contato insistentemente com todas as famílias de descendentes italianos de Paraguaçu, mas em alguns casos não tivemos sucesso e retorno.

Há outros casos em que não existem mais descendentes no município ou que seus dados se perderam no tempo. É o caso por exemplo de Natale Gravina, citado pelo Sr. Guilherme Prado no livro “Peludos e Pelados”: “(...) o carpinteiro italiano Natal Gravina. Este italiano domesticou um urubu, que passeava pelo largo da antiga Matriz e era a distração da criançada. Por onde andava, era seguido de perto pela ave” (PRADO, 2012, p. 32). Natale Gravina estava em Paraguaçu em 1903 e foi um dos padrinhos de casamento dos italianos Marcelo Rosa e Maria Della Villa. Os Rosa, como se sabe, junto com os Schiassi, estavam envolvidos na construção da primeira e depois na reforma da Matriz de Paraguaçu. Houve envolvimento de diversos italianos na edificação e na reforma da Matriz de Paraguaçu, assim como aconteceu na de Andradas, também no Sul Mineiro. Natale Gravina teria chegado ao Brasil em 12/06/1893, aos 28 anos, pelo vapor Washington, com entrada pelo Porto de Santos. No entanto, localizamos outros homônimos de Natale Gravina chegados pelo Porto do Rio de Janeiro, a partir de 1882, o que nos indica que talvez o registro de 1893 não seja do Natale Gravina que residiu em Paraguaçu. Como não localizamos qualquer descendente do Natale Gravina que residiu em Paraguaçu, não conseguimos averiguar as informações.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que a chegada e a permanência dos italianos em Paraguaçu foram permeadas por alguns conflitos e tensões, como é comum nas relações humanas. Esses conflitos, no entanto, não se sobrepuseram às relações amigáveis, que parece terem sido mais recorrentes do que as tensões. Essas tensões podiam ocorrer por disputa de espaço, melhores condições de vida, poder (político, econômico e social) entre os próprios italianos imigrados, mas principalmente entre os italianos e as famílias tradicionais que já viviam em Paraguaçu. Esse não foi o foco do estudo e por este motivo não evidenciamos essas tensões que foram surgindo a partir das pesquisas e dos relatos, mas é importante deixar registrado que essas tensões naturais no encontro de duas culturas tão distintas ocorreram, embora de forma mais pontual e esporádica do que as relações cordiais que prevaleceram.

Uma das evidências das dificuldades iniciais encontradas pelos italianos no sul mineiro para se integrar às sociedades eram os casamentos. A primeira geração das famílias de italianos que chegou ao Brasil no período em destaque se casou com outros italianos que

também tinha migrado para o Sul mineiro. Para essa primeira geração era muito raro o casamento com famílias de outras nacionalidades, principalmente os brasileiros. A partir da segunda geração, ou seja, os filhos dos filhos dos italianos emigrados, já notamos uma miscigenação, embora o casamento entre famílias italianas ainda fosse muito forte e preponderante na segunda geração. A partir da terceira geração dos descendentes dos italianos emigrados nascidos majoritariamente no Brasil, os casamentos entre famílias de origens diversas foram mais comuns, embora o casamento entre famílias de descendentes italianos entre si ainda tenha sido muito frequente ao longo de todo o século XX.

A pesquisadora Silvia Buttrós, em conversas ao longo do Projeto, considerou que em todas as sociedades da época, ou seja, entre o final do século XIX e início do XX, membros de famílias tradicionais não se casavam com os italianos emigrados. Para ela, a segunda geração é que começou a se misturar, conforme ficou evidente ao longo da pesquisa.

No entanto, em grande medida as famílias italianas, a despeito das dificuldades principalmente econômicas e das tensões, foram forjando o seu espaço na história e na trajetória econômica e política de Paraguaçu, como é possível perceber pelos relatos das famílias e as inserções social, econômica e política que foram ocorrendo no município. A história de Paraguaçu foi se amalgamando à das famílias italianas, que com trabalho duro deixaram os seus sobrenomes registrados para a posteridade, junto com os Leite, os Prado, os Palhão, os Souza Dias, entre outros.

A grande maioria das famílias chegavam ao Sul mineiro, entre 1880 e 1900, da mesma maneira: apenas com a roupa do corpo e uns poucos pertences que carregavam nas mãos e em reduzidas bagagens, o documento de passaporte, sem conhecer a língua e os costumes locais, muitos eram analfabetos, mas todos eles vinham impulsionados por sonhos e esperança de prosperidade. Ninguém atravessa um oceano rumo ao desconhecido se essa força não os mover. Aqui cada família tomava um rumo e forjava sua própria trajetória, no meio rural ou urbano. Muitas dessas trajetórias foram de sucesso econômico e social.

Longe de sua pátria territorial, os italianos formavam uma pátria simbólica aqui no Brasil, mantendo relações sociais e culturais por meio da união em casamentos, do apadrinhamento nos batizados e matrimônios, dos encontros nas missas e celebrações religiosas, da culinária e na realização das refeições coletivas, assim como na manutenção da língua. Entre eles, os imigrantes falavam o idioma de sua terra saudosa e o sotaque “enrolado” se manteve ao longo do tempo para se comunicar com os que só sabiam o português.

Como os imigrantes vinham para o Brasil como “colonos” para trabalhar nas fazendas, era comum que as pessoas se referissem a uma “Colônia Italiana”, mesmo quando não havia

uma Colônia em si, regulamentada ou formada intencionalmente. Um conjunto de colonos italianos que mantivessem estreitas relações entre si podiam ser referenciados como uma “Colônia”. Não há registros históricos ou indícios de ter existido uma colônia italiana regulamentada e organizada em Paraguaçu como aconteceu, por exemplo, em São João Del Rei, mas da reunião de diversas famílias em pontos específicos do município, seja na zona urbana ou rural, que pode ter motivado as pessoas a se referirem à existência de uma Colônia italiana em Paraguaçu.

Este livro que você tem em mãos é um dos produtos do **Projeto Imigração Italiana em Paraguaçu**, desenvolvido no ano de 2022. Junto com essa publicação será lançado um documentário e também um site onde vão constar as informações que estão presentes nesse Dossiê, com acréscimo de documentos, fotografias, entre outros, sobre cada família.

É importante agradecer a todos que fizeram parte do Projeto. Tivemos muito apoio de diversas pessoas e famílias. Agradecemos especialmente ao Domingos Castilho, da Secretaria de Educação de Paraguaçu, que não mediu esforços para conseguir os contatos e agendar as entrevistas com as famílias de italianos; à genealogista e pesquisadora Silvia Buttrós que forneceu informações sobre a maioria das famílias aqui evidenciadas, o contato com Silvia foi praticamente diário ao longo do Projeto; e ao Sr. Guilherme Prado, que também forneceu dados sobre quase todas as famílias mencionadas, seja por meio de entrevistas ou a partir dos seus inúmeros escritos, vídeos e diversos livros. Sem as preciosas colaborações de Silvia Buttrós e do Sr. Guilherme Prado este trabalho não teria a mesma extensão de dados que conseguimos reunir em tempo tão reduzido. Agradecemos, igualmente, ao Júlio Bueno, da Rádio Objetiva, e à Gicelda Salles, do Jornal A Voz da Cidade, por franquearem o acesso aos acervos sob suas responsabilidades; além dos jornalistas e pesquisadores Éder Alves e Roberto Prado. Agradecemos, também, à historiadora Maria Lúcia Prado Costa pela leitura e apresentação do trabalho. E, por fim, à Márcia Pereira Alkmim, do Arquivo Público Mineiro, que contribuiu com as pesquisas naquele acervo.

Além deles, agradecemos especialmente a todos os descendentes das famílias aqui descritas e representadas. Não citaremos nomes para não incorrer na indelicadeza de esquecer algum, mas todos foram igualmente importantes e contribuíram enormemente para os resultados apresentados.

Profª. Dra. Cristiane Maria Magalhães  
Historiadora e autora do livro

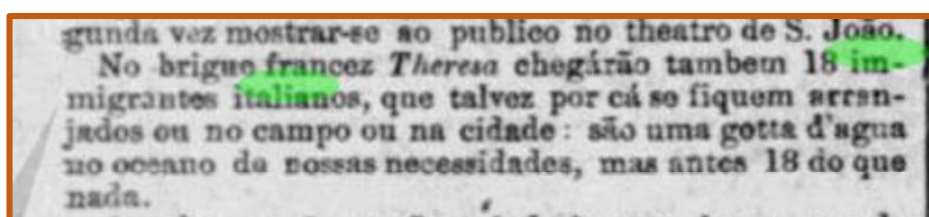
## 2. *Terre in brasile per gli italiani* – a longa travessia e a chegada ao Brasil

Os italianos que migraram para o Brasil no século XIX e início do XX, deixavam para trás sua gente, sua língua, seus costumes e sua cultura. Rumo ao desconhecido, as famílias embarcavam nos navios colocados pelo governo brasileiro nos portos de Gênova e de Nápoles, e aqui aportavam sem saber falar português ou qualquer informação sobre o país para o qual estavam se mudando definitivamente. O Brasil era apenas um ponto no mapa da América onde desembarcaram famílias numerosas.

No Brasil, encontraram um país em processo de urbanização e de industrialização, como a própria Península Itálica daquela época, e eram direcionados às Fazendas de produção de café, em sua grande maioria. Para o modelo de imigração que predominou no Sul Mineiro, as fazendas e as zonas rurais eram o destino certo das famílias que aqui chegavam.

Estima-se que, entre 1876 e 1920, nove milhões de italianos partiram da Península Itálica à procura de melhores condições de vida em outros lugares e Continentes. As Américas, pelos seus próprios processos históricos naquele período, foram um dos destinos preferidos pelos imigrantes. No Continente Americano, os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil foram os países que mais receberam italianos nesse período ao redor do globo. De acordo com dados do IBGE, no período compreendido entre 1884 e 1903, os italianos foram os estrangeiros que mais migraram para o Brasil, se comparados com os espanhóis, portugueses, japoneses, russos, alemães e outros. Mas é preciso compreender a motivação dessa diáspora tão forte entre os italianos no período mencionado.

Antes da década de 1880, a imigração de europeus para o Brasil era bastante incipiente, como demonstra o Jornal do Commercio (RJ), de 1867. Na edição de 24 de novembro de 1867, a matéria informava que tinham chegado 18 imigrantes italianos que “talvez aqui ficassem” e que “eram uma gota d’água no oceano das necessidades do Brasil”. Ou seja, 21 anos antes da abolição do sistema escravocrata o Brasil já necessitava de imigrantes estrangeiros para o trabalho nas lavouras e nas áreas urbanizadas.



Jornal do Commercio (RJ), edição de 24 de novembro de 1867, p. 02. Acervo Digital BN

A Revoluções Francesa e Industrial, assim como os ideais liberais e republicanos que vieram com esses movimentos revolucionários, inspiraram movimentos nacionalistas nos Reinos, Principados e Ducados que formavam a Península Itálica, majoritariamente agrários em meados do século XIX. O objetivo era que houvesse uma unificação para a formação de um único país, conformando assim uma unidade nacional para implantação e fortalecimento da industrialização, das relações econômicas, políticas e do desenvolvimento do território como um todo.

O processo de unificação desses reinos para formar a Itália como conhecemos atualmente foi finalizado apenas em 1871, mas algumas anexações só foram concluídas no século XX. Certamente os processos de unificação não foram pacíficos. No extremo Norte da Península, por exemplo, parte do território estava ocupado pelos austríacos. Em busca da independência desse território, o Reino de Piemonte-Sardenha entrou em Guerra com a Áustria com a ajuda dos franceses. No acordo firmado para o fim do conflito ficou acertado que a Áustria permaneceria com Veneza, porém, cederia a Lombardia para o Reino de Piemonte-Sardenha. Além disso, os franceses ficariam com os territórios de Nice e de Sabóia. Deste modo, os acordos de Guerra mantinham a Península fragmentada para insatisfação dos nacionalistas.

Giuseppe Garibaldi (1807-1882) promovia outra Guerra paralela à da luta pela independência da Áustria, que conseguiu conquistar e anexar os ducados de Toscana, Parma, Módena e Romagna. Esses territórios foram, assim, incorporados pelo reino do Piemonte-Sardenha após a realização de um plebiscito em 1860, o que fez surgir o Reino da Alta Itália. Em 1860, Nápoles também foi conquistada, após Garibaldi atacar o Reino das Duas Sicílias. O Norte e o Sul da Itália se ligaram apenas em 1861, com a criação do Reino da Itália. Mas ainda faltavam muitos territórios a serem anexados, como Veneza, e especialmente os do Sul.

Com os processos de conflitos e de unificações, todos os reinos foram se unindo para se tornar um: o Reino da Itália, sob o reinado de Vitor Manuel II (1849 a 1861 e depois como Rei da Itália entre 1861 a 1878). Entretanto, o Rei responsável pelos acordos para imigração dos italianos com os governantes nas Américas, no final do século XIX, foi o Rei Humberto I (1844-1900).

Os processos de unificação da Itália foram finalizados tardiamente, em comparação a outros países europeus. Foi apenas no ano de 1929, com o Tratado de Latrão, que a Itália finalizou todos os processos de unificação e independência. No mapa a seguir é possível ter ideia de como a Península Itálica estava configurada e como foram os processos de unificação, por data.



Mapa da Itália antes da Unificação e a cronologia da união do território. Fonte: Todamatéria.

O Reino de Piemonte-Sardenha e a região do Veneto, no norte da Itália, por serem alguns dos primeiros locais a se unificarem, atingiu uma industrialização mais rápida que o Sul. Desse modo, a industrialização também fez com que diminuísse a demanda por mão de obra, fazendo com que os trabalhadores jovens e pais de família fossem impulsionados a buscarem oportunidades de trabalho em outros países e continentes. Motivados por esses aspectos, grande parte dos imigrantes que vieram para o Sul mineiro entre 1880 e 1900 eram do norte da Itália, especialmente do Vêneto.

O objetivo dessa introdução foi mostrar que a Itália estava fragmentada até meados do século XIX e que diversas guerras foram travadas no seu território intentando a unificação, independência e a formação de um único país. Os processos de unificação tiveram como início e comando o Norte da Itália, que foi onde também se iniciou a industrialização do país, e foi justamente de onde migrou a grande maioria dos italianos que vieram para o Brasil entre o final do século XIX e o início do XX, assim como os que se estabeleceram em Paraguai. As guerras, além de aniquilarem parcela considerável da população, principalmente a masculina e adulta, empobreceram o povo da Península Itálica que era majoritariamente rural e agrário, resultando em fome e miséria. Com a unificação, foi possível uma rápida industrialização que tirou postos de trabalhos e fez crescer a oferta de mão de obra, principalmente no Norte do país. Empobrecidos e desempregados, as famílias tiveram que deixar o seu quinhão natal e buscar outras oportunidades de trabalho em novas paragens.

Algumas características importantes do processo migratório italiano da segunda metade do século XIX e início do XX foram: migração familiar, ou seja, migraram famílias inteiras, com o casal e os numerosos filhos, e muitas vezes, também, vinham os pais, idosos,

de um deles ou dos dois ou tios; muitas dessas famílias jamais voltariam para a Itália; os migrados eram majoritariamente do norte do país e atuavam no campo como agricultores; muitos desses agricultores eram analfabetos e a maioria era formada por trabalhadores pobres que não tinham condições de pagar sua passagem para outro país, por isto muitos deles vieram para o Brasil, com a passagem paga; a região do Veneto foi uma das que mais viu sua população dispersar pela América; para o Brasil, o período mais forte da imigração foi entre final dos anos 1880 até 1900. Esse período coincide com as subvenções dos governos de São Paulo e de Minas para financiar integralmente a vinda dos italianos, especialmente na década de 1890. Em Paraguaçu, por exemplo, das mais de 50 famílias identificadas, 32 chegaram década de 1890, quando as passagens eram pagas pelos governos.

Os processos de guerras e de conseqüente empobrecimento da população italiana coincidiu, na década de 1880, com a abolição do sistema de escravidão humana no Brasil. Desse modo, de um lado tínhamos italianos que estavam dispostos a migrar deixando o seu território de origem em busca de melhores condições de vida para suas famílias e, do outro, Fazendeiros e lavradores brasileiros interessados na mão de obra de trabalhadores livres, europeus, dispostos ao trabalho pesado nas lavouras.

Dessa união de interesses sugeriram acordos entre o Governo Brasileiro e o da Itália para uma migração em massa de trabalhadores a serem deslocados para as lavouras brasileiras, principalmente as cafeeiras. Por este motivo davam prioridade aos “contadinos”, que significa agricultores em italiano. E mesmo que o migrante não fosse agricultor originalmente na Itália, se declarava assim para vir para o Brasil em busca de terra e de trabalho. Ser agricultor era uma das condições para o italiano ter sua vinda subvencionada pelo governo brasileiro, a outra condição era ser católico. No entanto, chegando aqui muitas vezes deixavam o trabalho duro nas lavouras, principalmente as de café, e iam para os centros urbanos tornando-se comerciantes e/ou artífices: sapateiros, serralheiros, marceneiros, carpinteiros, ferreiros, oleiros, entre outros.

Essa realidade descrita foi observada para o caso da imigração italiana ocorrida em Paraguaçu e no Sul Mineiro. Uma parcela dos italianos permaneceu nas lavouras, provavelmente os que já eram de fato agricultores na Itália e estavam acostumados ao trabalho pesado no campo, no entanto, muitas famílias foram para a zona urbana de Paraguaçu, a antiga Carmo da Escaramuça, tornando-se comerciantes e artífices, além de construtores.

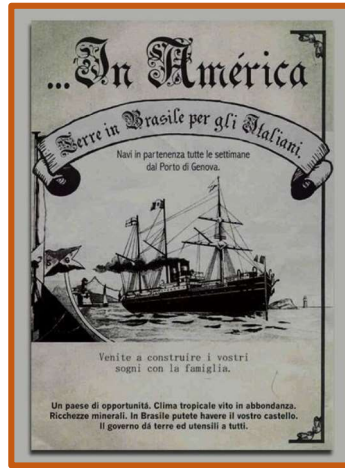
A partir dos estabelecimentos dos acordos comerciais, na década de 1890, o governo brasileiro colocou nos portos de Nápoles e de Gênova navios à disposição de quem quisesse

trabalhar nas lavouras brasileiras, principalmente as cafeeiras, que estavam em franca expansão no Vale do Paraíba, em São Paulo, e no Sul de Minas Gerais. Uma propaganda intensiva sobre os benefícios da migração foi feita nas cidades italianas, principalmente nas do Norte.

Dona Antônia Schiassi contava essa história da propaganda aos seus filhos. Ela narrou que ouvia de sua mãe o seguinte: “a vovó Giuseppina nos contava que os “pregoeiros” subiam em banquinhos, nas encruzilhadas das ruas, e faziam sua propaganda assim: ‘Quem deseja ir para o Brasil? O Governo paga sua viagem para lá, e no Brasil basta chutar a poeira do chão que aparece ouro na flor da terra’. Era uma propaganda tentadora para quem estava passando necessidade em sua terra natal” (Dom ONOFRE, 1986).

A seguir inserimos alguns desses cartazes de propaganda da imigração que foram divulgados na Itália.

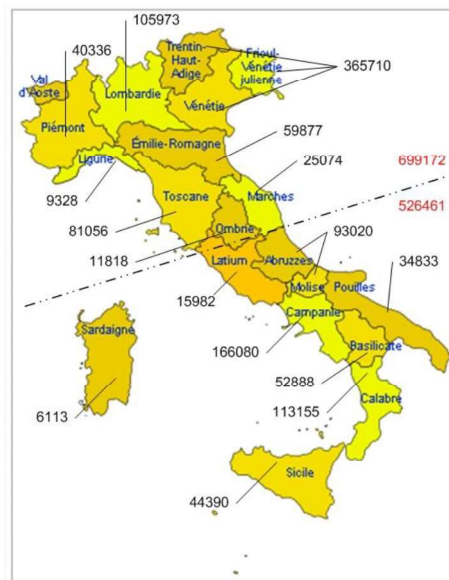




Imagens coletadas na internet em diversos sites. Imagens de Domínio Público disponíveis online.

Eram oferecidos trabalho, terra e a viagem paga para que os italianos viessem para o Brasil. As chamadas eram tentadoras e milhares de famílias migraram da Itália para o Brasil entre as décadas de 1880 e os primeiros anos do século XX. Anterior a esse período, existia imigração de italianos para o Brasil, no entanto, eram mais esporádicas e ocorreram antes dos acordos entre os dois países e a migração subvencionada.

O mapa a seguir apresenta números estimados da imigração de italianos para o Brasil, por Província e região, entre 1876-1920.



Estimativa do número de imigrantes italianos que deixaram a Itália e partiram para o Brasil entre 1876-1920, por Província e região. Fonte: <https://it.wikipedia.org/wiki/Italo-brasiliani>

O IBGE nos informa que em 1900 tinham migrado para o Brasil 540 mil italianos, que se encontravam dispersos por todo o território brasileiro. A partir de 1860 começou a imigração de grupos de trabalho ou de famílias italianas para o Brasil de forma mais

organizada. Antes desse período, a partir de 1808, com a abertura dos Portos brasileiros às nações amigas, notamos migrações isoladas, conforme narrado anteriormente.

Até 1872 o censo contabilizou cerca de seis mil italianos em todo o Brasil (IBGE, 1958). Apenas no ano de 1876 havia chegado quase 7 mil italianos ao Brasil. No fim de 1880, o número de italianos que chegou ao Brasil ficou em torno de 50 mil. No entanto, foi no período de 1891 a 1900 que aumentou exponencialmente o número de entradas de imigrantes italianos. O IBGE informa que, nesse período, entraram no Brasil 650 mil italianos e saíram 230 mil. Esse fato se deu, como dissemos, por causa dos acordos e das imigrações subvencionadas (pagas) pelos governos estaduais no Brasil. Ao final do ano de 1900 temos a soma de 540 mil italianos no Brasil (IBGE, 1958).

O período para maior entrada de imigrantes italianos no Brasil, por número de pessoas, foi de 1891 a 1900. Esse período coincide com a chegada de grande parte dos italianos que se estabeleceram em Paraguaçu, no Sul mineiro. Naquela época e até 1912, o nome da localidade era Carmo do Escaramuça e o atual município de Paraguaçu pertencia a Alfenas e depois, entre 1880 a 1912, a Santo Antônio do Machado, atual município de Machado.

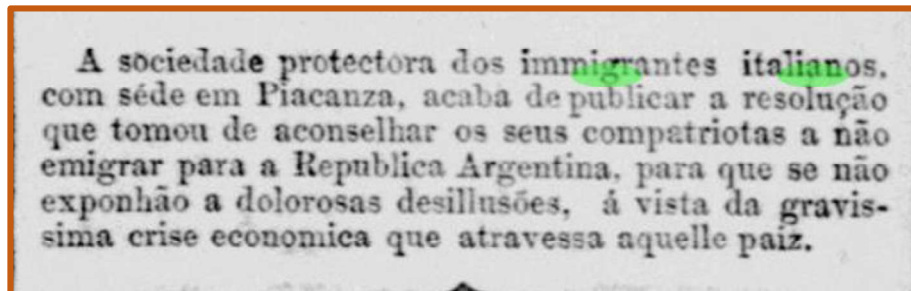
## **2.1 Os navios / vapores que faziam a travessia**

A travessia do Oceano Atlântico nos vapores durava cerca de um mês, com algumas variações de tempo caso as paradas fossem muitas. Dona Mariinha Vigato lembrou que seus avós, os italianos Luigi e Eleonora Vigato, contavam que muitas pessoas faleciam nos navios, durante a longa travessia. As crianças eram as que mais sofriam. Os corpos dos que morriam eram lançados ao mar e o medo do casal era que o filho Camilo, com pouco menos de 2 anos de idade, sofresse com a viagem. Outras famílias também relataram em entrevistas que os corpos dos que morriam eram lançados ao mar e esse era o grande temor da maioria delas, ver seus entes queridos lançados ao mar sem ter uma sepultura onde chorar e lembrar.

Alguns navios que traziam os italianos para o Brasil, chamados de vapores, tinham capacidade para até 1.775 pessoas, incluindo a tripulação e os passageiros, como foi o caso do Vapor Acordat, que chegou ao Rio de Janeiro em 03/07/1896. A quantidade de passageiros suportada dependia do tamanho e da capacidade dos vapores. A viagem, nos primeiros tempos com os navios movidos a vela, podia durar até 60 dias, posteriormente, com os vapores, ou seja, navios movidos a energia a vapor, o tempo das viagens diminuíram consideravelmente, durando pouco menos de um mês, cerca de 25 dias.

Normalmente, os navios partiam do Porto de Gênova e seguiam para Nápoles, depois paravam em outros Portos, como nos de países como Espanha, Portugal, Cabo Verde, alguns iam até outros Portos da Costa da África, e então vinham para o Brasil, parando primeiro no Rio de Janeiro, depois em Santos. Alguns vapores partiam de Marselha, na França, e paravam em seguida Gênova e Nápoles. Em todas essas paradas, passageiros embarcavam e desembarcavam. Alguns navios depois de passarem pelos Portos do Rio de Janeiro e de Santos, ainda seguiam viagem até Buenos Aires, na Argentina, e outros até o Uruguai.

Em 1890, porém, a Argentina não era um destino recomendado pela Sociedade Protetora dos Imigrantes Italianos. Uma nota no Jornal do Commercio (RJ), de 1890, informava que a Argentina não era um destino recomendado por causa da crise que atravessava aquele país, o que demonstra que havia uma preocupação do governo italiano com as condições em que os imigrantes seriam recebidos nos outros países.



A sociedade protectora dos immigrants italianos, com sede em Piacanza, acaba de publicar a resolução que tomou de aconselhar os seus compatriotas a não emigrar para a Republica Argentina, para que se não exponhão a dolorosas desillusões, á vista da gravissima crise economica que atravessa aquelle paiz.

Jornal do Commercio (RJ). 26 de janeiro de 1890. Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Nas listagens dos navios constavam todas as informações sobre a viagem, as paradas, quantos passageiros embarcaram e desembarcaram e em quais Portos, de onde eram e para onde seguiriam, além da informação sobre os contratos e quem estava trazendo os imigrantes, como no *fac-símile* a seguir.



Relação de imigrantes do Vapor Bretagne, de 1894. Fonte:  
[http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR\\_APESP\\_MI\\_LP\\_000059.pdf](http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_000059.pdf)

Inserimos como exemplo dessas travessias o Vapor Les Alpes, que trouxe a família Vigato para o Brasil. O vapor Les Alpes partiu de Marseille, na França com destino final em Buenos Aires, na Argentina em abril de 1897. No entanto, como era comum naquela época, os navios faziam diversas paradas para embarque e desembarque de passageiros, inclusive na Costa da África, se aquele Continente estivesse no roteiro do navio. No caso do vapor Les Alpes, naquela viagem de abril de 1897, do Porto de Marseille aportou em Nápoles e, dali, o navio parou em Gênova e embarcou passageiros no dia 23 de abril. Provavelmente a família Vigato embarcou em Gênova. De lá, o vapor seguiu para Barcelona e, no dia 26 de abril, embarcou passageiros naquele Porto espanhol, assim como em Málaga, no dia 28 de abril, também na Espanha. No dia 29 de abril, o navio passou por Gibraltar e também embarcaram passageiros. A próxima parada foi o Porto do Rio de Janeiro, no dia 19 de maio de 1897, onde deve ter desembarcado a família Vigato. E, por fim, o Porto de Santos no dia 20 de maio de 1897. Dali, o navio seguiu seu destino final para Buenos Aires. A viagem de Gênova ao Porto

do Rio de Janeiro durou 27 dias para a família Vigato. Depois, a família foi encaminhada à Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, e dali seguiu seu caminho para o Sul Mineiro pela ferrovia e o último trajeto, até as fazendas, era feito comumente em carros de bois ou carroças. Era um percurso comum a todas as famílias italianas que chegavam ao Brasil na década de 1890. O que variava era o Porto de chegada, que podia ser do Rio de Janeiro ou de Santos, e para onde eles seriam direcionados.

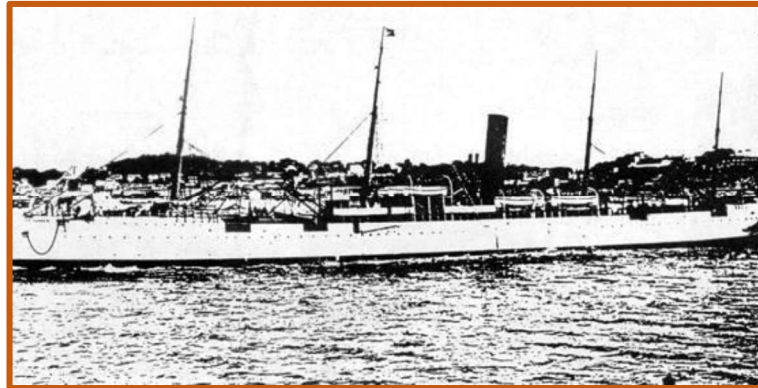


Imagem do Vapor Les Alpes que trouxe a família Vigato ao Brasil.

Já a família Solia veio para o Brasil no Vapor Espagne, do qual temos uma imagem melhor que está a seguir. No Vapor Espagne vieram 813 passageiros de terceira classe, quatro passageiros espontâneos na segunda classe e mais quatro de primeira classe, totalizando 821 passageiros, mais a tripulação. O vapor Espagne chegou ao Rio de Janeiro no dia 15 de dezembro de 1897, e parou para embarque e desembarque nos Portos de Nápoles, Gênova, Marseille, Barcelona, Málaga e Gibraltar, assim como tínhamos observado para o Vapor Les Alpes que trouxe a família Vigato.

"	Emiliani	Luigi
"	ben	Dominico
"	fil	Sebastiano
"	d.	Daviano
"	d.	Giovanni

Lista de embarque do Navio Espagne onde constam os nomes da família Solia. Acervo Arquivo Nacional do RJ.

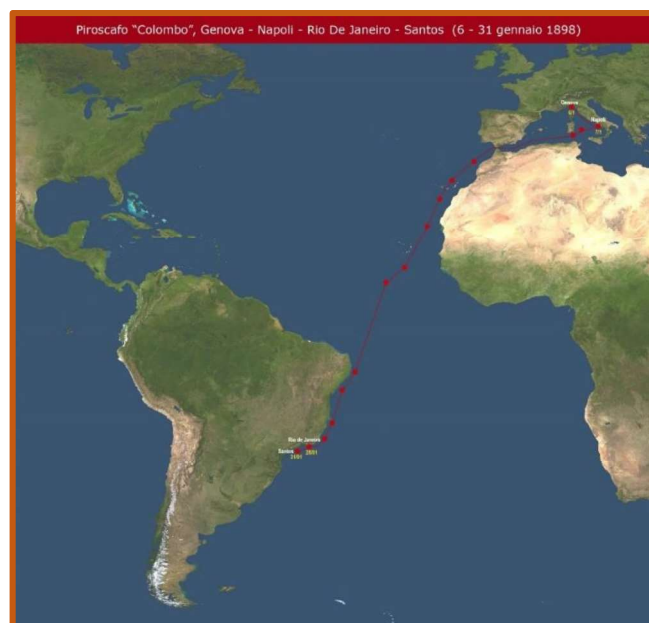
Imagem do Valor Espagne, que trouxe os Solia ao Brasil.



Vapor Espagne que trouxe a família Solia ao Brasil, em 1897. Fonte: <https://www.alamyimages.fr/>

Relatos de pesquisadores sobre a imigração italiana descrevem que os imigrantes vinham comumente na terceira classe, ou seja, nos porões dos navios onde a passagem era subsidiada pelos governos dos Estados brasileiros (principalmente São Paulo e Minas Gerais), com pouca ventilação, lugares escuros e úmidos. Eram em centenas de beliches que as famílias se instalavam umas ao lado das outras. Doenças contagiosas não eram incomuns e se espalhavam rapidamente nesse ambiente superlotado e insalubre, por isso as mortes não eram raras.

O mapa a seguir, do site italiano CISEI, mostra uma das rotas pelo Oceano Atlântico, com os portos de Gênova e Nápoles em destaque.



Fonte: [http://www.ciseionline.it/portomondo/img/rotta\\_brasile\\_high.jpg](http://www.ciseionline.it/portomondo/img/rotta_brasile_high.jpg)

Em muitos casos, os imigrantes vinham com a roupa do corpo e poucos pertences em malas de mão. No entanto, um baú de madeira que pertenceu à família Milan, que migrou para Machado, nos revela que os italianos também podiam trazer seus pertences nessas grandes caixas de madeira, de cerca de um metro de largura. Ao final das listas dos navios aparecia, em alguns casos, uma relação daqueles que tinham despachado bagagem e qual era a quantidade de volumes. Mas não é sempre que esses dados estão disponíveis para consulta.

Além de saudade e suas próprias histórias de vida, os imigrantes podiam trazer pertences que os faziam rememorar a terra da infância e os familiares que ficaram para trás. Com os Bechis, veio um relógio de parede da marca Ansonia, considerado uma relíquia de família até os dias atuais. Do mesmo modo, uma máquina de manivela para fazer macarrão acompanhou os Selicani na travessia, e os faziam sentir aqui os sabores da Itália.



Caixa que trouxe os pertences da família de Luigi Milan para Minas Gerais. No caixote veio escrito o nome da Família, no caso MILAN LUIGI, e o destino: Província de Minas Gerais, e o nome da Fazenda da Pedreira. Casa da Cultura de Machado. Fotografia de Cristiane Magalhães, abril de 2022.

## **2.2 A chegada ao novo mundo: os Portos de entrada e as Hospedarias**

No período da imigração direcionada para as lavouras de café, entre 1880 a 1900, a chegada ao Brasil se dava por três Portos principais: o Porto do Rio de Janeiro, o Porto de Santos, em São Paulo, e o Porto de Vitória, no Espírito Santo. Normalmente, os que desembarcavam no Espírito Santo estavam destinados àquele estado. A partir do desembarque num Porto brasileiro, os imigrantes eram encaminhados a uma das hospedarias que foram construídas exclusivamente para recepção deles, para encaminhamento posterior às fazendas onde trabalhariam como colonos. Como dissemos na Introdução, ocorreram outros tipos de imigração, como as de colonização, nesses casos os imigrantes eram levados diretamente aos Portos do Sul do país e o modelo era distinto desse de contratação pelos fazendeiros ainda nas hospedarias.

Nas hospedarias o tempo de permanência dos imigrantes podia variar de 1 dia, o que era mais frequente, a cinco dias, caso o imigrante estivesse doente, por exemplo, ao chegar. Nesse caso, ele era tratado na hospedaria antes de ser encaminhado às fazendas. Na hospedaria o imigrante e sua família recebiam banho, lugar para dormir, alimentação e posterior encaminhamento para as fazendas onde os colonos eram recebidos e os fazendeiros os aguardavam. Todos os imigrantes eram registrados quando entravam nas hospedarias, o que nos permite, historiadores e pesquisadores do presente, conhecer esses imigrantes que passavam por elas, já que muitas listas de navios se perderam. A maioria dos registros a que temos acesso atualmente, sobre os imigrantes italianos, são justamente das hospedarias de Juiz de Fora e das de São Paulo, que possuem inclusive com dados disponíveis online para consultas. É importante mencionar que ao sair da Itália toda família de imigrantes tinha um passaporte com os dados da saída e do destino, a maioria desses documentos de passaporte se perdeu com o tempo e os deslocamentos.

Das hospedarias, os colonos europeus e suas famílias que vinham para Minas eram transportados comumente de trem até a estação mais próxima do município ou fazenda onde seria seu destino final, e de lá os fazendeiros enviavam carros de bois ou carroças para buscar as famílias. As passagens de trem também eram subsidiadas pelos governos e/ou fazendeiros. As Estações Ferroviárias mais frequentes para o desembarque dos italianos que chegaram para a região de Paraguaçu, Machado e Alfenas foram as de Pontalete e de Fama, da Estrada de Ferro Muzambinho.

Na imagem a seguir é possível ver numa relação de imigrantes os que vieram com destino certo e que tinha indicação da procedência, na Itália, se veio subvencionado pelo governo federal, pelo governo do estado ou se tinha pago sua passagem. Mas grande parte dos registros a que temos acesso, principalmente os do acervo da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, anotou apenas o nome da família, sem nos deixar conhecer outros dados.

Nem sempre o imigrante chegava ao Brasil com destino certo. A maioria era encaminhada dos Portos de chegada para as hospedarias e ali os interceptadores, a mando dos fazendeiros, faziam as negociações e tratativas para levá-los para as suas Fazendas. No entanto, algumas famílias eram receptadas ainda na Itália e já vinham com a destinação direcionada para tal município, fazenda e fazendeiro, como foi o caso dos Milani, que mostramos o baú onde estava o nome do Estado e a Fazenda para onde deveriam ir. Quando a interceptação e contratação acontecia ainda na Itália, havia uma anotação ao lado dos nomes das famílias para o local e nome do Fazendeiro a que estavam destinados, conforme imagem a seguir.



nos anos 1870, e José Antônio Labecca, a família Perna e Nicolau Sepino que já estavam em Paraguaçu e região no início dos anos 1880. Já os Foresti, os Schiassi, os Brighenti, Martelli e os Borin, que chegaram no final dos anos 1880, parece terem sido as primeiras famílias das correntes migratórias oficiais para substituição da mão de obra escravizada a se estabelecerem no Sul Mineiro, especialmente em Paraguaçu.

Notamos ainda, a partir dos dados levantados, que, muitas vezes, a primeira geração que migrou da Itália, ou seja, os pais, ficaram nos municípios e fazendas para onde tinham originalmente sido destinados e que foram seus filhos ou netos que se deslocaram para outras localidades em busca de melhores condições de trabalho e de vida. O Sr. Justo Selicani, por exemplo, que chegou com sua família em 1899 ao Brasil, permaneceu 36 anos trabalhando na mesma fazenda, a Fazenda do Baguary, até o seu falecimento, em 1935 (COSTA, 2002, p. 88). Mas não era incomum também que essa primeira geração migrasse para outros lugares. Eles tinham atravessado um oceano e deixado para trás sua gente e suas memórias, desse modo, deslocar-se pelo Brasil não era nada incomum e os imigrantes o faziam com bastante frequência.

As principais hospedarias que receberam os imigrantes no Brasil, italianos ou de outras nacionalidades, no período em destaque, eram:

#### **Porto do Rio de Janeiro (1875 – 1964)**

- Hospedaria da Ilha das Flores (Casa dos Imigrantes do Rio de Janeiro): a Hospedaria de imigrantes da Ilha das Flores localizava-se na Ilha das Flores, no estado do Rio de Janeiro. O acervo está disponível no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.
- Hospedaria de imigrantes do Pinheiro (Pinheiral, Rio de Janeiro)

#### **Minas Gerais (1888 a primeira década do século XX)**

- Hospedaria Horta Barbosa em Juiz de Fora. Acervo disponível no Arquivo Público Mineiro. A maioria dos imigrantes que chegou a Paraguaçu veio da Hospedaria Horta Barbosa.

#### **São Paulo – Porto de Santos (1891 e 1894-1982)**

- Hospedaria do Brás, atual Memorial do Imigrante. O acervo está disponível no site do Arquivo do Estado de São Paulo e no site do Museu da Imigração.
- Hospedaria de imigrantes de Campinas (São Paulo)
- Hospedaria de imigrantes de Santos (Santos, São Paulo)

#### **Espírito Santo**

- A Hospedaria dos Imigrantes da Pedra D'Água foi inaugurada em 1889 na entrada da baía de Vitória em uma área pertencente hoje ao município de Vila Velha. O Estado do Espírito Santo disponibiliza site para consulta ao seu acervo.
- Hospedaria de imigrantes de Alfredo Chaves (Espírito Santo)

Existiram hospedarias também em outros Estados, como em Santa Catarina e no Pará, mas as principais que receberam os imigrantes italianos que se encaminharam para o Sul mineiro, com foco em Paraguaçu, foram as acima mencionadas, especialmente a Horta Barbosa e as de São Paulo.

De modo geral, os italianos que desembarcavam no Porto do Rio de Janeiro eram encaminhados para a hospedaria da Ilha das Flores e de lá para a Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora. Os que chegavam pelo Porto de Santos comumente não passavam pela Horta Barbosa, e sim pelas hospedarias paulistas e dali eram encaminhados às fazendas diretamente, mesmo que em outros estados, como Minas. Porém, se a passagem tivesse sido paga pelo Governo do Estado de São Paulo, o imigrante era direcionado para as Fazendas do Estado de São Paulo, o que não era garantia que eles permaneceriam nelas depois de alguns meses ou anos.

Norma Gois de Monteiro escreveu que “o período compreendido entre o início da República e a Revolução de 1930 é o de maior significado para a imigração e colonização em Minas Gerais” (pp. 10-11). Ela o divide em duas fases: na primeira, até 1907, deu-se ênfase ao suprimento da cultura cafeeira; na segunda teve prioridade o povoamento, com a criação de núcleos coloniais e a concessão de terras devolutas.

De fato, para o caso de Paraguaçu, majoritariamente as famílias que migraram nos anos 1890, ou seja, quando as migrações eram subsidiadas pelo governo brasileiro, elas foram diretamente para as Fazendas cafeicultoras da região.

Minas Gerais foi o terceiro maior Estado brasileiro a receber imigrantes italianos, ficando atrás apenas de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Sabemos ainda que muitos imigrantes que inicialmente se deslocaram para o Estado de São Paulo depois migraram para Minas Gerais. Andradas, por exemplo, assistiu na década de 1910 uma imigração em massa de italianos que tinham se fixado inicialmente em São João da Boa Vista, no estado de São Paulo, em fins do século XIX. Na pesquisa dos italianos em Paraguaçu, também nos deparamos com famílias que assim procederam, como os Mazzeu, por exemplo, que primeiramente percorreram o Estado de São Paulo e só depois se fixaram em Minas, mais precisamente em Paraguaçu.

Pela Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, passaram cerca de 77.483 imigrantes italianos no período compreendido entre 1872 a 1930. No entanto, muitos imigrantes poderiam entrar no Brasil e se registrar nas Hospedarias de São Paulo, do Rio de Janeiro ou nem mesmo passar por Hospedarias, o que faz esse universo ser muito maior de italianos emigrados para Minas Gerais.

Assim como acontecia no Estado de São Paulo, o governo de Minas subsidiou a imigração das famílias italianas. A imigração subsidiada em Minas durou em torno de dez anos, de 1888 a 1898, com mais força e consistência entre 1893 e 1898.

De acordo com estudo de Ângelo Trento, até 1893 o estado de Minas subsidiava a passagem dos imigrantes de navio, no entanto, após a chegada ao Brasil, eles tinham que reembolsar dois terços da passagem e os próprios fazendeiros que recebiam os imigrantes precisavam ressarcir o Estado. O estado de São Paulo, em contraponto, bancava o valor integral da passagem. Somente a partir de 1893, Minas Gerais passou a pagar o valor integral, o que coincidiu com o grande aumento na chegada de italianos para o estado. No entanto, a subvenção foi sendo abandonada a partir de 1898, devido à crise financeira (TRENTO, p. 67). Assim, até cerca de 1900 predominou a imigração subsidiada, oriunda majoritariamente do Norte da Itália.

A seguir inserimos um mapa das regiões da Itália para se ter uma ideia de onde vinham os imigrantes italianos que seguiram para Paraguai.



Os principais Decretos e Leis que regulamentaram a imigração para o estado de Minas Gerais foram: a Lei nº. 32, de 18 de junho de 1892, o Decreto nº. 612, de 06 de março de 1893, Decreto nº. 626, de 31 de maio de 1893, Decreto nº. 806, de 22 de janeiro de 1895, a Lei nº. 150, de 20 de julho de 1896 e o Decreto nº. 1037, de 19 de maio de 1897.

### 3. Os italianos no Sul Mineiro

Os italianos que migraram para o Sul mineiro entre o final do século XIX e início do XX, nas ondas migratórias subsidiadas, eram no geral agricultores ou se declaravam assim para poder vir ao Brasil e cumprir uma das exigências da Lei de imigração de Minas Gerais de 1893 e, uma parte deles, não tinham instrução, ou seja, eram analfabetos.

Não conseguimos localizar nenhum passaporte italiano com os descendentes das famílias que se fixaram em Paraguaçu. As famílias perderam esse documento, possivelmente, nas inúmeras mudanças que faziam entre um município e outro, entre uma fazenda e outra, até encontrar um local favorável para fixar residência.

Normalmente, os italianos se agrupavam com os conterrâneos, morando próximos ou mantendo estreitas relações. Inclusive, era comum que se casassem entre si, conforme mencionado. Esse hábito se manteve até meados do século XX. A primeira geração dos italianos emigrados, ou seja, quem veio solteiro ou os filhos que nasceram na Itália e chegou aqui criança, se casou majoritariamente com filhos de outras famílias italianas. Apenas a partir da segunda, e com mais força a terceira geração de italianos, ou seja, os já nascidos no Brasil, começaram a se misturar com a população local por meio do matrimônio.

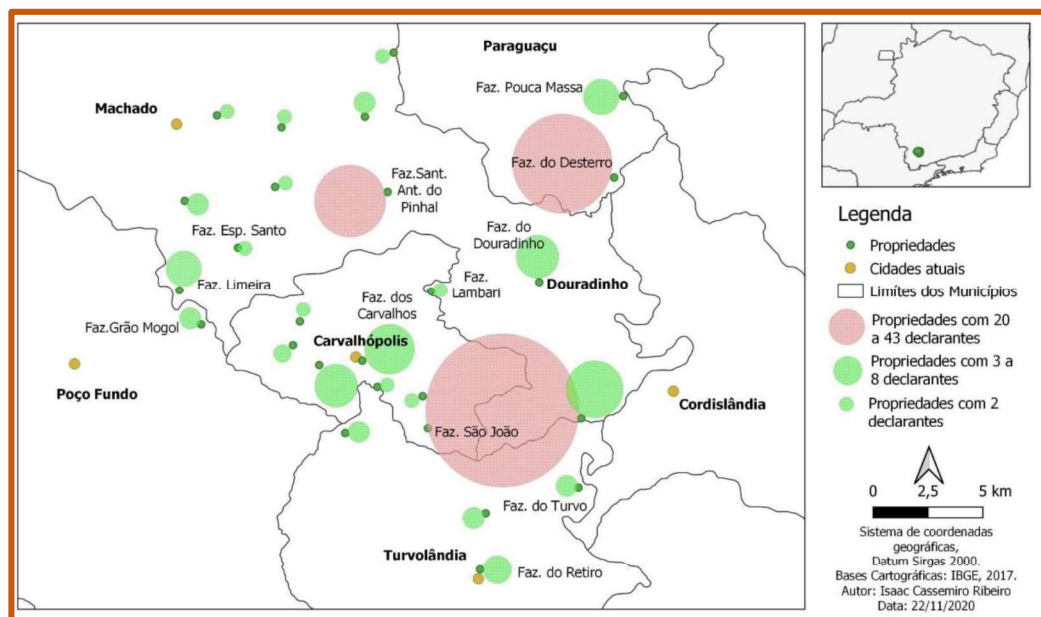
Essa regra dos casamentos entre italianos, contudo, não foi seguida por Celestino Caproni, Ângelo Cosenza e José Antônio Labecca, já que eles foram os primeiros italianos a fixarem residência no Sul mineiro antes dos fluxos migratórios. Possivelmente, esses casamentos mencionados ocorreram com “filhas da terra”, ou seja, moças que não eram italianas, pela falta de famílias italianas e de moças descendentes de italianos em idade para casamento em Paraguaçu e região até os anos 1880.

Nos registros de batismo dos filhos dos italianos nascidos em Paraguaçu, notamos que os padrinhos eram também, na maioria das vezes, outros italianos, para a geração dos filhos de italianos que nasceram no Brasil após a primeira década de migração. Em alguns registros aparecem também, como padrinhos, os fazendeiros para os quais eles trabalhavam.

No censo de 1872, realizado pelo IBGE, Alfenas possuía 15 estrangeiros livres no total. Nessa mesma data, Alfenas possuía 824 pessoas escravizadas, entre homens e mulheres. Machado, pelo mesmo censo, já possuía 30 estrangeiros livres entre sua população. A pequena Carmo da Escaramuça também possuía 30 estrangeiros livres em 1872, e 503 pessoas escravizadas. A quantidade de pessoas escravizadas nesse período, na região de Alfenas, Machado e Paraguaçu, indica que era necessária muita mão de obra para as Fazendas e lavouras do período. Com o fim da escravidão, essa mão de obra teve que ser em grande

parte substituída. Certamente que muitos dos ex-escravizados permaneceram nas Fazendas, mas outros partiram e tiveram que ser substituídos por trabalhadores livres. A grande oferta de trabalho deve ter sido o motivo de tantas famílias italianas se fixarem em Paraguaçu, Douradinho e Machado no período em estudo.

Isaac Cassemiro Ribeiro elaborou um mapa onde demonstra as propriedades de terras com dois ou mais declarantes no Registro Paroquial de Terras de Douradinho, no período de 1855-1856. Por esse levantamento podemos observar as Fazendas do período e como elas eram próximas umas das outras, nos municípios vizinhos de Machado, de Douradinho, Paraguaçu, Cordislândia, Poço Fundo, Carvalhópolis e Turvolândia. Pelo mapa é possível perceber como Douradinho ficava próximo a Paraguaçu, o que fazia com que as duas localidades tivessem bastante relação, inclusive de assentamento de trabalhadores livres ao longo do século XIX.



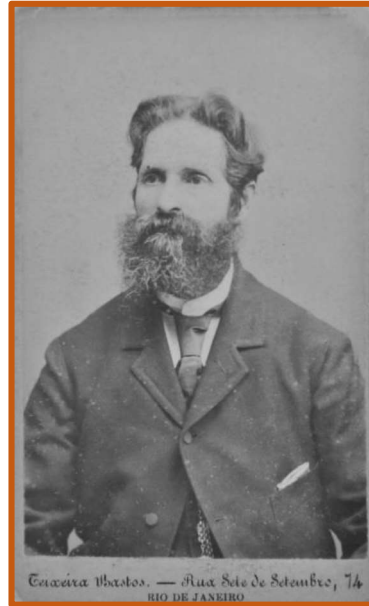
Mapa elaborado por Isaac Cassemiro Ribeiro, 2020

Segundo a pesquisa para o projeto "A Comunidade de Douradinho na Origem do Sul de Minas: História e memória no fortalecimento de identidades locais", realizada no campus Machado, do IFSULDEMINAS, sob a coordenação do professor Dr. Isaac Cassemiro Ribeiro, entre 2019-2021, os primeiros moradores da localidade denominada Douradinho foram registrados em batismos em Santana do Sapucaí, no ano de 1792. Em 19/10/1813, um Alvará cria a Freguesia de Douradinho, desmembrada da Freguesia de Santana do Sapucaí. Em 1814 é criada a vila de São Carlos do Jacuhy, desmembrada de Campanha. O futuro território de Machado fica pertencendo a Jacuhy, e o de Douradinho à Campanha. A freguesia de Santo

Antônio do Machado foi criada em 1857. Em 1864, Douradinho é transferido do município de Campanha para a Vila Formosa de Alfenas, criada em 1860. Porém, em 1870, Douradinho é desmembrado de Alfenas e volta a pertencer a Campanha. E, por fim, em 1880, acontece a criação da vila de Santo Antônio do Machado, à qual se incorporou o distrito de Douradinho, que deixa definitivamente de pertencer a Campanha. A partir deste ano, diversos territórios de Douradinho serão incorporados a municípios vizinhos.

A população livre, nascida no Brasil, residente em Carmo da Escaramuça no ano de 1872, contava 2.817 pessoas, entre homens e mulheres. O que totalizava uma população de 2.800 pessoas em Carmo da Escaramuça naquele ano. Em relação à nacionalidade, os estrangeiros estavam assim divididos: 1 Alemão; 1 italiano; 1 paraguaio; e 27 portugueses (CENSO IBGE, 1872). Ou seja, os italianos de fato só começaram a chegar a Carmo da Escaramuça nas duas décadas seguintes e, principalmente, nos anos 1880/1890 com o fim do período escravocrata. Em 1890 o censo indica que Paraguaçu tinha uma população de 3.437 pessoas.

Podemos supor que o italiano mencionado no censo de 1872 era Ângelo Cosenza, que já estava estabelecido em Paraguaçu em 1874, conforme nos demonstra o Almanach Sul Mineiro de 1874. Segundo o Almanach, Ângelo Cosenza era vendedor de secos e molhados e gêneros da terra. Em 1884, o mesmo Almanach Sul Mineiro indicou que Ângelo Cosenza era **rancheiro** em Paraguaçu, ao lado de João Gonçalves Correia e Joaquim Custódio da Silva & Irmão. Além de rancheiro, ele era negociante de fazendas e artigos de armarinhos. Desse modo, Ângelo Cosenza é o imigrante italiano mais antigo emigrado para o Brasil, que de fato se estabeleceu, fincou raízes e criou família no território de Paraguaçu. Antes dele, porém, sabemos que Celestino Caproni, que se fixou em Douradinho e deve ter aparecido na contagem do município de Machado, também estava na região de Paraguaçu/Machado por volta dos anos 1860.



Ângelo Cosenza, o primeiro italiano a formar família em Paraguaçu e se fixar no município ainda nos anos 1870. Acervo da família.

Depois de Ângelo Cosenza, fixaram no município o negociador de fazendas e, depois, fazendeiro em Paraguaçu José Antônio Labecca, os Perna/Arcella e Nicolau Sepino que, inclusive, nos anos 1880-1890, moravam na mesma região dos Labecca, na localidade denominada Taquary atual Taquari, no caminho entre a zona urbana de Paraguaçu e o distrito de Guaipava. Esses italianos chegaram ao Brasil antes da abolição da escravidão.

Há relatos de que José Antônio Labecca era o proprietário da Fazenda Taquari, atual Fazenda Mensageiro da Paz. Na Fazenda Taquari existia uma olaria, a Cerâmica Taquari, onde trabalharam os Bechis, os Schiassi e os Sepini. Em meados do século XX, na fazenda eram produzidas telhas, já sob a propriedade de Antônio Aurélio da Silva. Lembrando que o italiano Miguel Bechis se casou com Brasília Labecca, filha de José Antônio Labecca, ou seja, eram herdeiros e descendentes dos proprietários da Fazenda do Taquari. Na localidade do Taquari também estavam os Perna e Nicolau Sepini (ou Sepino), pelo menos até os anos 1920.

Ainda hoje há uma igreja, dedicada à Nossa Senhora Aparecida, que permanece no local da antiga Fazenda Taquari. Dona Júlia, amiga da família Bechis, em entrevista concedida a João Marcos Gonçalves Lourenço, rememora sobre a Fazenda do Taquari “eu me lembro que na entrada tinha uma grande árvore que se chamava Timburi, era o nome que meu pai dizia. Tinha uma passagem toda gramada e ao lado tinha uma mina de água, a gente passava ali e tomava água na folha de inhame, essa água era muito boa. Depois andava mais um pouco e já via a plantação de café, logo abaixo um canavial, pés de marolo, muitos pés de

goiaba, um grande terreiro que meu pai batia ou secava o feijão, um grande paiol, que guardava o milho. A olaria ficava logo na entrada, perto da porteira. Da pedreira [que existia na fazenda e também era explorada por italianos] eu só me lembro que minha mãe falava que era do lado de cima, eu não tenho certeza, mas pelo que ela falava eu penso que era longe. Tinha um grande pasto onde ficava o gado e o curral. São essas coisas que eu me lembro, mas deve estar diferente mesmo, faz tanto tempo, quando eu fui aí eu ainda vi a olaria, estava bem velha. Me deu uma vontade de voltar aí pra rever tudo de novo!”. Dona Júlia é filha de José Gonçalves Moreira, que reformou a capelinha da Fazenda Taquari em 1953. O seu pai era amigo dos Bechis, que moraram na Fazenda Taquari na mesma época que dona Júlia e os seus pais.

Além da olaria e da pedreira, que existia nas proximidades ou dentro da Fazenda Taquari, havia a igreja e um cemitério. Os moradores atuais não sabem onde se localizava o cemitério, mas a igreja ainda está lá e parece ser uma réplica de alguma igreja maior. Ela foi inventariada em 2011 como Patrimônio de Paraguaçu. Nessa Capelinha, o Padre Piccinini celebrava missas em meados do século XX.

Depois de pertencer a José Antônio Labecca, a fazenda passou por herança a seu filho, Antônio Labecca, em 1917, que a transmitiu nos anos 1940 para sua filha Maria das Dores Labecca, falecida em 06 de dezembro de 1969, e o genro, Antônio Aurélio da Silva, falecido em 11 de dezembro de 1970, conforme informações de Sílvia Buttrós. A família de Antônio Aurélio permaneceu com a fazenda até aproximadamente a década de 1990, quando ela foi vendida para Paulo Cirino, que a revendeu nos anos 2000 para José de Oliveira Alves, conhecido como Zé da Feira. No início de 2022, José de Oliveira Alves faleceu e atualmente a Fazenda pertence aos seus herdeiros. É uma fazenda de produção de café, mas já produziu cana e outros produtos agrícolas no passado. É provável que tenha sido uma grande fazenda, que foi parcelada com as divisões de heranças ao longo do tempo.





Fotografias da Capelinha de Nossa Senhora Aparecida, na Fazenda Taquari. 27/05/2022, Cristiane Magalhães

Os italianos destinados ao Sul Mineiro eram direcionados para Fazendas e lavouras cafeeiras nos municípios de Três Corações, Varginha, Machado, Três Pontas e Elói Mendes (que pertenceu a Campanha e depois Varginha). Desses municípios, no entanto, as famílias italianas se deslocaram bastante para outras localizadas, o que fez com que muitas delas se fixassem na antiga Carmo da Escaramuça, atual Paraguaçu, que pertencia a Machado no período em destaque nesse estudo.

Em 1913, a Fazenda da Serra, que pertencia a Alfredo de Oliveira Leite, possuía 100 alqueires de terra, dos quais 40 alqueires estavam destinados aos cafezais, de onde colhia-se 8 mil arrobas em 80 mil pés de café. O café era escoado pela Estação ferroviária de Pontalete em carroças e carros de boi. Era dali, da Estação de Pontalete, que chegaram parte dos imigrantes italianos que se fixaram em Paraguaçu no final do séc. XIX e início do XX. Eles comumente chegavam pelas Estações de Pontalete e de Fama, pela Estrada de Ferro Muzambinho. A Fazenda distava 5 km do centro da zona urbana e estava situada na Serra da Matrinada, por isto seu nome. Na Fazenda da Serra criavam ainda bois, que contava 120 cabeças, porcos, com 150 cabeças (matéria do Jornal O Paiz, de 31 de maio de 1913). Para manter uma fazenda desse porte, certamente eram necessárias muitas mãos para o trabalho pesado e os italianos chegaram ávidos por trabalho e por conseguir progredir para além do trabalho nas lavouras.

A Fazenda da Serra, que recebeu muitos italianos no período da imigração subvencionada pós abolição, se situava na “grota do Taquary” e foi adquirida em 1924 por Alfredo Luiz do Prado (Feduca), avô do Sr. Guilherme Prado. Era uma fazenda produtora de café. Segundo o Sr. Guilherme Prado, a Fazenda da Serra pertencia anteriormente a Alfredo de Oliveira Leite seu tio-avô e, antes dele, a Anna Maria de São José, nos anos 1840.

O Jornal O Paiz, de 31 de maio de 1913, menciona também a Fazenda do Oriente, Cedro e Barreiro, de propriedade de Olynto Leite, com extensão territorial de 300 alqueires. A produção de café era de 6 mil arrobas, e também produzia nelas cana e cereais. Possuíam 2 mil cabeças de gado e 150 suínos. Já a Fazenda Guamirim, de José Bernardino Rodrigues, possuía 500 alqueires, entre cultura de cereais e café, cuja produção anual chegava a 6 mil arrobas. Criavam 500 cabeças de gado, que eram vendidos na feira de Três Corações do Rio Verde. Essa fazenda tinha uma colônia italiana conforme texto do Jornal O Paiz. Na Fazenda Guamirim trabalharam os Vigato, por exemplo.

O maior fazendeiro citado entre os de 1913 era Marcos de Souza Dias, proprietário das Fazendas: Baguary, Chapeo de Sol, Concórdia, Santa Rita dos Campos, Portão da Chave e Jovita. As fazendas juntas somavam 3 mil alqueires de terra, onde se cultivava café, com produção anual de 20 mil arrobas, e outros cereais. Possuía 1200 cabeças de gado.

Para manutenção de fazendas tão extensas, certamente a necessidade de mão de obra era alta, e os italianos eram então atraídos para Paraguaçu e muitos se fixaram no município.

Sobre a imigração para Minas Gerais, no site do Arquivo Público Mineiro há uma descrição sobre os principais aspectos dela, que vale a leitura para entendermos como se dava a chegada dos imigrantes para o Estado mineiro.

O Estado de Minas Gerais promoveu, por meio da lei n. 32 de 18 de junho de 1892, a imigração de trabalhadores agrícolas e industriais. Para tal, mantinha, sob responsabilidade do Secretário de Agricultura, escritórios de imigração preparados para a propaganda do Estado e para fornecer todas as informações que pudessem interessar ao imigrante. Agentes nacionais e estrangeiros eram encarregados de divulgar as vantagens que o imigrante poderia aqui encontrar: as riquezas naturais, a amenidade do clima, a índole pacífica de seus habitantes; além da concessão de alguns benefícios, como a indenização de passagem, trânsito livres nas estradas de ferro, facilidade em adquirir terras e auxílio na introdução de novas culturas.

O serviço de introdução de imigrantes era fiscalizado pela Repartição de Terras e Colonização, (criada em 1891, era subordinada à Secretaria de Governo e posteriormente passou a ser subordinada à Secretaria de Agricultura), por meio de emissários nos pontos de partida e por agentes fiscais nas zonas de recebimento. No porto do Rio de Janeiro, o governo mantinha um funcionário responsável por receber os imigrantes e encaminhá-los para o Estado.

Para a facilitar a fiscalização do recebimento no Estado e a definição do destino final dos imigrados, o Estado fora dividido em 5 distritos: 1º distrito com sede em Juiz de fora; 2º distrito com sede em Leopoldina; 3º distrito com sede em Saúde; 4º distrito com sede em Varginha e 5º distrito com sede em Uberaba.

As municipalidades criaram, então, hospedarias para a recepção e agasalho dos imigrantes. O funcionamento era regulado pelo governo que também auxiliava na manutenção dessas hospedarias.

No acervo do Arquivo Público Mineiro pode ser encontrado um significativo conjunto de documentos que testemunham esse episódio da História Mineira. Entre esses, destacam-se alguns dos códices que registram a entrada de imigrantes nas hospedarias mantidas pelo governo estadual, em sua maioria registros da Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora.

A hospedaria de imigrantes de Juiz de Fora era destinada a receber, dar agasalho e alimentação por até cinco dias, àqueles que haviam se transferido para o Estado e que, do ponto de desembarque, não haviam sido dirigidos para outras hospedarias. Entre as várias atribuições dos funcionários da hospedaria, cabia-lhes escriturar e ter em dia o livro de matrícula dos imigrantes que ali chegavam: portugueses, espanhóis e italianos, em grande maioria (Arquivo Público Mineiro).

Essa citação do APM nos deixa conhecer um pouco do processo de chegada e estabelecimento dos imigrantes italianos em Minas Gerais no final do século XIX.

#### 4. Paraguaçu entre o final do XIX e início do XX

Guilherme Prado escreveu que a pequena Carmo da Escaramuça contava, no início do século XX, com algumas ruas de calçamento, uma igreja, algumas poucas casas no perímetro urbano, estando a maior parte da população fixada na zona rural. O ritmo de vida era pacato, típico das populações interioranas naquele período:

(...) ali por perto de 1900, o Carmo da Escaramuça ainda era um arraialzinho desqualificado, formado quase de uma única rua, que subia o ribeirão e vinha morrer no largo da igreja velha. Ao anoitecer, os inhambus ainda piavam na capoeira brava da praça Pedro Leite, de onde os carretões puxavam enormes toras de jequitibá e massaranduba... Nessa quadra de prosperidade, começou o incipiente povoado a espriar-se, trepando pela colina de Nossa Senhora do Carmo, hoje escalada até ao seu altiplano (“Relato do Dr. Esdras”. In: A Voz, 30/08/1961. p. 01).

A área urbana do município se desenvolveu a partir da atual Praça João Eustáquio, onde está edificada atualmente a Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Era nessa região que se iniciava a rua mais antiga do povoado, a Rua Ferreira Prado, onde viviam as pessoas mais abastadas do município. Existiam duas ruas principais até final do século XIX: a Rua de Cima e a Rua de Baixo, em relação à antiga Matriz. A de Baixo é atualmente a Rua Ferreira Prado e era a mais importante, ligando o caminho do Pacau ao largo da igreja. A Rua de Cima é a atual Rua Barão do Rio Branco. Ainda havia a rua do João da Silva, a rua do Correio, entre outras.

A antiga Igreja Matriz, antes da construção da nova na atual Praça Oswaldo Costa, também se situava na Praça João Eustáquio. A construção da antiga Matriz se deu por volta dos anos 1810 a 1840, por iniciativa do sesmeiro Manoel Ferreira Prado, para facilitar a autonomia em relação a Douradinho onde eram realizadas as práticas religiosas de missas, batizados e casamentos dos moradores da então Carmo da Escaramuça. Antes da construção da Igreja, os moradores da antiga Carmo da Escaramuça deveriam deslocar-se até Douradinho para realizar essas práticas, lugar distante e de caminho difícil.



Antiga Matriz de Paraguaçu na Praça Eustáquio Costa. Antes da década de 1920.  
Acervo Sr. Guilherme Prado

Era nessa região, próximo à atual Igrejinha de Nossa Senhora Aparecida, que se localizavam os armazéns e as lojas do início do século XX.

É nessa Paraguaçu com urbanização incipiente, com vasta extensão rural formada por fazendas, que as primeiras famílias italianas chegaram e se fixaram. Nos relatos colhidos durante o projeto é recorrente a menção à vida difícil dos primeiros tempos. Nesse cenário ainda pacato e predominantemente rural, os italianos que chegavam encontravam nos compatriotas um pouco de sua terra Natal e, assim, iam formando núcleos familiares e de sociabilidade. Muitos depoimentos mencionaram que a primeira geração de italianos que chegou ao Brasil, ou seja, os pais e suas crianças nascidas na Itália, falavam “enrolado” e eram entendidos em partes, pois misturavam sua língua natal ao português.

Não encontramos dados que reforcem a ideia de ter existido uma colônia de italianos em Paraguaçu, mas havia colonos italianos que se aglomeravam e viviam em conjunto em Fazendas, como a de Cristiano Leite, ou a Fazenda do Taquari, por exemplo, onde localizamos ter morado, entre os anos 1880 e ca. 1920, os Labecca, os Perna, os Sepini, os Schiassi e os Bechis. Pode-se dizer que formavam ali uma pequena colônia Italiana, inclusive com capela própria onde rezavam missa aos domingos, e um pequeno cemitério onde eram enterradas as pessoas que faleciam. Principalmente as crianças falecidas na primeira infância eram enterradas nas próprias fazendas. Quem contou essa história a respeito do Taquari foram os Bechis, que ali viviam até meados do século XX. Essas informações foram coletadas pelo descendente João Marcos Gonçalves Lourenço.

A partir dos levantamentos com as famílias, identificamos a chegada ao Brasil (não necessariamente em Paraguaçu ou no Sul Mineiro) das seguintes famílias, por década:

<b>Década de 1850</b>	<b>Década de 1870</b>	<b>Década de 1880</b>	<b>Década de 1890</b>	<b>Década de 1900</b>	<b>Posterior a 1910</b>
Celestino Caproni	Ángelo Cosenza	Família Sepini	Família Baccoli	Família Piazzalunga	Família Fattini
	Família Labecca	Família Foresti	Família Bagni	Família Piazza	Família Valério
	Família Perna	Família Schiassi	Família Bechis	Família Villa	
		Família Brighenti	Família Benedetti (Benedetto)		
		Família Martelli	Família Bocchi (Roque)		
		Família Borin	Família Buzetti		
			Família Cimbolini (Sembolini)		
			Família Codignoli		
			Família Corsini		
			Família de Natale Gravina		
			Família Dolci		
			Família Fagioli		
			Família Fressato		
			Família Garotti		
			Família Gavioli e Lourenzeti		
			Família Marcellini		
			Família Mazzeu		
			Família Milan		
			Família Moterani		
			Família Muoio		
			Família Nagliati		
			Família Pizzi		
			Família Rosse, Rosa (de João Rizzieri Rosa)		
			Família Savioli		
			Família Selicani		
			Família Sgarboza		
			Família Solia, Soglia		
			Família		

			Taglialegna / Bortolazzo		
			Família Terzetti		
			Família Vigato		
			Família Zampieri		

Pela compilação desses dados sabemos que a década de 1890 foi a que mais recebeu famílias italianas que se fixaram em Paraguaçu, década que coincide com a subvenção dos governos dos estados de São Paulo e de Minas Gerais para vinda das famílias de imigrantes para trabalhar nas lavouras de café.

Pelo gráfico a seguir é possível visualizar a quantidade de imigrantes que vieram da Itália para o Brasil, por década. Os dados se referem exclusivamente às famílias cotejadas nesse estudo, que se fixaram ou residiram por algumas décadas em Paraguaçu.

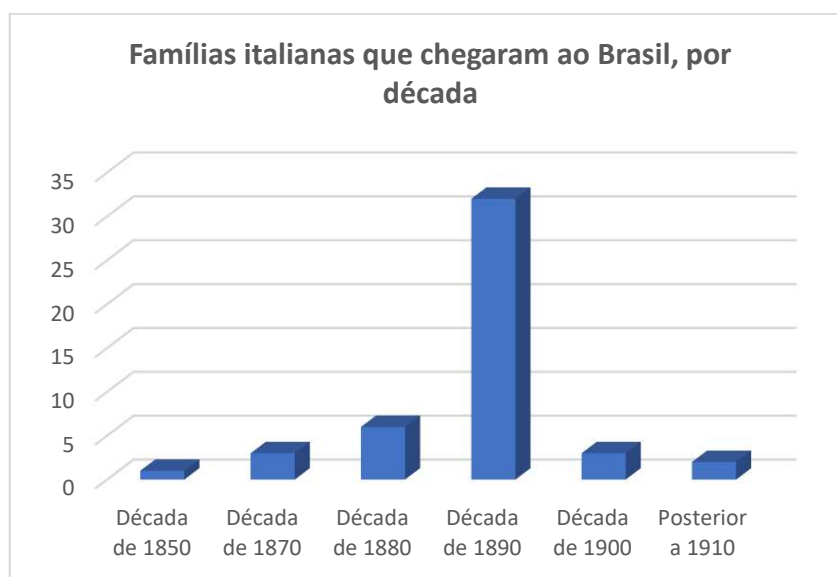


Gráfico elaborado por Cristiane Magalhães a partir dos dados levantados durante a pesquisa

Os italianos que chegaram a Paraguaçu no final do século XIX tiveram que forjar a sua própria sorte. Já que, como mencionado, grande parte dessas famílias eram de origem humilde e principalmente de regiões rurais do Norte da Itália. O Brasil era uma terra de oportunidades para os italianos que tinham nascido e crescido junto com as guerras e conflitos de unificação, e que vivenciavam, posteriormente, o processo de industrialização e da perda de postos de trabalho. Nesse cenário, o trabalho remunerado era a única forma de obter retorno financeiro e adquirir terras e bens.

Para demonstrar como os italianos se inseriram na vida econômica de Paraguaçu, para além dos dados que estarão disponíveis no item “as famílias italianas em Paraguaçu”, realizamos levantamentos no Almanach Sul Mineiro (1874 e 1882) e no Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), de vários anos, e coletamos dados relativos aos comerciantes, profissionais liberais e fazendeiros italianos de Paraguaçu entre o final do século XIX e início do XX. Os dados foram compilados na planilha a seguir:

<b>Ano</b>	<b>Atividade econômica</b>	<b>Nome</b>	<b>Local da publicação</b>
<b>1874</b>	Molhados e gêneros da terra	Ângelo Cosenza	Almanach Sul Mineiro
<b>1884</b>	Negociante de fazendas	Ângelo Cosenza	Almanach Sul Mineiro
	Rancheiro	Ângelo Cosenza	Almanach Sul Mineiro
	Negociantes de Fazendas em Três Corações do Rio Verde	José Labecca	Almanach Sul Mineiro
<b>1913</b>	Molhados e gêneros do País	João Bertholaso	Almanak Laemmert
		Miguel Perna	
		Antônio Marcellini	
	Armarinhos, arreios, calçados, chapéus, fazendas, ferragens e louças	José Cosenza	
	Agricultores e lavradores	José Labecca (o único estrangeiro entre 25 agricultores e lavradores). Ele segue aparecendo como fazendeiro em Paraguaçu até a edição de 1926 do Almanak Laemmert.	
<b>1914</b>	Administração judiciária	José Cosenza (2º. Juiz de Paz)	Almanak Laemmert
	Olaria	José Schiassi	
		Antônio Marcellini (de 1914 a 1926 ele aparece como dono de Olaria no Almanak Laemmert)	
	Molhados e gêneros do país	Moterani & Irmão	
		Miguel Perna	
		Nicolau Perna	
		Antônio Marcellini	
<b>1915</b>	Molhados e gêneros do país	João Bertholaso (até 1915)	Almanak Laemmert
		Moterani & Irmão	

	Olarias	José Schiassi	
	Criadores	José Pedro Castilho (espanhol)	
<b>1916 (até 1931)</b>	Architecto	João Ricieri Rosa 1916 (até 1931)	Almanak Laemmert
	Padaria	Miguel Perna	
	Olaria	Antônio Marcellini	
		José Schiassi	
	Ferragens, louças e tintas	Antônio Marcellini	
		João Bortolazzo	
<b>1917</b>	Architecto/construtor	João Ricieri Rosa	Almanak Laemmert
	Parteira	Maria Niboli Baccoli (até 1926)	
	Armarinhos, arreios, calçados, chapéus, fazendas, ferragens e louças	Miguel Perna	
		José Cosenza	
<b>1918</b>	Architecto	João Ricieri Rosa	Almanak Laemmert
	Armarinhos, arreios, calçados, chapéus, fazendas, ferragens e louças	José Cosenza	
	Parteira	Maria Baccoli	
	Sapataria	Antônio Sepino (Sepini) Cesar Sepino (Sepini) Dario Benedetto	
	Açougue	Antônio Marcellini	
<b>1919</b>	Padaria	Miguel Perna	Almanak Laemmert
<b>1921</b>	Secretário municipal	José Cosenza Presidente: José Christiano do Prado Vice-Presidente: Nestor Eustachio de Andrade	Almanak Laemmert
<b>1924</b>	Olaria	José Schiassi	Almanak Laemmert
<b>1931</b>	Hotel Cosenza	José Cosenza na Praça João Eustachio, 35	Almanak Laemmert
	Perfumaria	José Cosenza	
	Secos e Molhados	João Bortholazo	
	Serraria	Izidro Benedetti	
		João Bortholazo	
	Chapeus	José Cosenza	
	Bar Central e Bilhares	Izidro Benedetti (até 1935 aparece)	

	Empreza Viação	Pedro Sollia	
	Engenheiro	José Frederico Smith	
	Máquina de Beneficiar Arroz	João Bortholazo	
	Cereais	João Bortholazo	
	Confeitaria Central	Izidro Benedetti	
	Construtores	Virgílio Borim & Cia	
		João Ricieri Rosa	
<b>1935</b>	Ferragens e Louça	Antônio Schiassi	Almanak Laemmert
	Hotel Alvarenga	Daniel Alvarenga	
	Secos e Molhados	Pedro Sollia, praça Pedro Leite	
	Calçados	Dario Benedetti	
		Florence Benedetti	
	Cerâmica	José de Paiva Nasser	
	Fazendas, Armarinhos	João Bortholazo	
	Ferragens, louça	Antônio Schiassi	
	Secos e Molhados	Camilo Vigato	
		Pedro Sollia	
	Barbeiros	José Fonseca Schiassi	
<b>1936</b>	Barbeiro	José Fonseca Schiassi	Almanak Laemmert
	Calçados	Antônio Bortholazo	
		Cesar Sepini	
		José Bortholazo	
	Fazendas, armarinhos	José Cosenza	
	Sorveteria	Armando Sollia	
	Secos e Molhados	Pedro Sollia, praça Pedro Leite	

Dados compilados do Almanach Sul Mineiro e do Almanak Laemmert, até 1936, quando os registros deixam de ser publicados pelo Laemmert. Acervo digital da BN. Levantamento de Cristiane Magalhães.

Além das famílias italianas que se estabeleceram no município, Paraguaçu teve diversos padres e religiosos italianos. Contudo, o destaque entre todos é para o Padre Piccinini, que ficou 43 anos à frente da Paróquia de Paraguaçu e mantinha relações próximas com seus compatriotas, como veremos adiante.

A chegada de padres de origem italiana ou descendentes de italianos em Paraguaçu se iniciou ainda na década de 1860. Entre 1868 e 1870 esteve em Paraguaçu o Padre Carmine Gallo, décimo pároco de Paraguaçu. Depois, à frente da paróquia atuou o Pe. Ângelo Cosenza Galbosa, no período de 1871 a 1872. Esse pároco esteve em Paraguaçu na mesma época em que chegou o também italiano Ângelo Cosenza, comerciante e rancheiro, o que por vezes faz confundir os dois como sendo a mesma pessoa. Em 1871 outro pároco italiano estava em Paraguaçu, era o Reverendo Carmine Gallo. Entre 1895 a 1898, a paróquia esteve nas mãos do Pe. Francisco Botti e de 1898 a 1899 o Pe. Vicente Fazzio guiou a comunidade católica de

Paraguaçu. Entre 1900 a 1901, comandou a paróquia o Pe. Ambrósio Zavataro. Além desses, podemos citar o Monsenhor José Panucci (década 1940); o Monsenhor Hilário Pardini; e a Irmã Nazareth Pereira Coli, ex-diretora da Escola Estadual Padre Piccinini.

Um dos mais longevos padres italianos em Paraguaçu foi o italiano Padre Antônio Piccinini, que tomou posse à frente da Paróquia de Paraguaçu no dia 2 de abril de 1910 e a dirigiu durante 43 anos, de 2 de abril de 1910 até 21 de junho de 1953, quando faleceu. Talvez pela quantidade expressiva de famílias italianas, de descendentes de italianos e do envolvimento com essas famílias no município, ele tenha se sentido em sua terra natal e permanecido tanto tempo na Paróquia de Paraguaçu. Padre Piccinini era muito amado pela comunidade de Paraguaçu, pelos italianos e também pelas outras famílias locais.

Antônio Piccinini nasceu na cidade de Galicano, província de Luca, no dia 23 de agosto de 1868. Era filho de Leomilton Piccinini e de Ermínia Benedetti. Seus irmãos eram: Carlota, Marguerita e Francisco.

O texto a seguir foi escrito por Guilherme Prado e o reproduzimos na íntegra:

Padre Piccinini ordenou-se padre em 21 de abril de 1891 em Florença-Itália, onde permaneceu durante seis anos, vindo para o Brasil em 1897. Sua primeira paróquia foi em Cabo Verde-MG, durante seis anos. Posteriormente foi transferido para Cachoeira de Minas-MG, onde ficou por cinco anos e em Borda da Mata ficou por três anos. Chegou em Paraguaçu-MG, em 02 de abril de 1910 e ficou até o seu falecimento, ocorrido em 21 de junho de 1953, aos 85 anos de idade. Durante este período, ausentou-se apenas duas vezes da cidade, sendo ambas para visitar os pais que estavam doentes na Itália. Durante os quarenta e três anos em que viveu em Paraguaçu como pároco, ocupou diversos cargos públicos: inspetor escolar, vereador, vice-prefeito e prefeito substituto. Padre Piccinini morou no Hotel Alvarenga, e nos últimos anos de vida passou a residir na Casa Paroquial, construída pelo Monsenhor José Antônio Panucci.

## 5. As famílias italianas em Paraguaçu

Identificamos mais de 50 famílias italianas que se estabeleceram e permaneceram em Paraguaçu, com prioridade para as famílias que chegaram entre o final do século XIX e início do XX e que ainda tem descendentes no município.

Nesse item vamos descrever cada família com a documentação e os relatos localizados. A seguir apresentamos um quadro com resumo do nome da família identificada, a data de chegada, os patriarcas que emigraram, entre outros dados.

	Família	Data da chegada ao Brasil	Quem veio da Itália?	Nome do Vapor/Navio	Profissão	Naturais de
1	Família Caproni	Ca. 1850	Giuliano Iacopo Celestino Caproni	Porto do Rio de Janeiro	Comerciante; fazendeiro	Barga, Lucca, na Toscana, Itália
2	Família Cosenza	ca. 1871	Ângelo Cosenza	Não temos	Comerciantes, hospedaria	Laino Castelo, Calábria, Sul da Itália
3	Família Labecca	Anos 1870	José Antônio Labecca (La Becca)	Não temos	Fazendeiro, proprietário da Fazenda Taquari	Tramutola, Potenza, região de Basilicata, Sul da Itália
4	Família Perna	Final dos anos 1870	Cesare Perna, a esposa Maria José Arcella e as filhas Maria Thereza Perna, Geraldina e Giusephina.	Não temos	Agricultores e Comerciantes (padaria, armarinhos, etc)	Sala Consilina, comuna italiana da região da Campania, província de Salerno, Sul da Itália
5	Família Sepini	Década de 1880	Não temos os dados corretos, mas o primeiro Sepini que localizamos é Nicolao Sepino (Nicolao DeFellipis)	Não temos	Sapateiro	Dados não confirmados (Belvedere Marittimo, região da Calábria, província de Cosenza, no Sul da Itália)
6	Família Foresti	31/10/1888	Sante Foresti e sua esposa Santa Filomena Giraldo, filhos Maria e Giacinto Foresti	Vapor Washington, trouxe 1.335 imigrantes e mais 77 passageiros em trânsito	Comerciantes	Veneza
7	Família Schiassi	22/11/1888	Giuseppe Schiasse, a esposa Giuseppina Brighenti e a filha Antônia Schiassi	Vapor Cachar	Oleiros, tinham uma olaria em Paraguaçu	Bologna
8	Família Brighenti	22/11/1888	Césare Brighenti e a	Cachar	Comerciante	Bologna

			filha Elena Brighenti			
9	Família Martelli	22/11/1888	Luigi Martelli, a esposa Valdemira Martelli e as filhas: Ermelinda, Giuseppina, e Maria	Cachar		
10	Família Borin	05/02/1889	Francesco Borin, sua esposa Letizia Faggion, e o filho Sesto. Vieram também Marianno Borin e sua esposa Maria Tosalo e o filho Giuseppe. Além de Girolamo Borin, outro irmão.	Vapor San Martino	Construtores, comerciantes	Toscana, região de Florença
11	Família Bagni	Ca. início dos anos 1890	Possivelmente Alexandre Bagne (Bagni)	Não temos	Ferreiros	Não temos
12	Família Sgarboza	25/11/1891	Giacomo Sgarboza, pai, Barbera Sgarboza, esposa, e os filhos: Giovanni, Matilde, Rosa e Maria.	Matteo Bruzzo no Porto de Santos	Comerciantes, hoteleiros em Varginha	Mestre, província de Veneza
13	Família Rosa	25/11/1891	Gaetano "Rosse" (Rosa), e sua esposa e Maria Gennari. Os filhos: Marcello, Rizzieri (João), Ireneo, Ester e Ferruccio	Gergovia, Porto do Rio de Janeiro	João Rizzieri Rosa era construtor em Paraguaçu	Veneza
14	Família Moterani	Ca. 1891	Gaetano Motteran, Tereza Pozzo e os filhos Ângelo e Pietro (Vicente)	Não temos	Agricultores e comerciantes	Bottrighe, Ádria, região do Veneto
15	Família Mazzeu	25/12/1891	Giuseppe e Antônio Mazzeu, irmãos	Montevideo, Porto de Santos	Agricultores	Zacanopoli, Catanzaro, Calabria, Itália
16	Família Carratta	Ca. 1891 a 1893	Giuseppe, Addollorata Pacella e a filha Fiora Carratta	Não temos	Fiora Carratta era parteira em Paraguaçu	Lecce, Puglia, Itália
17	Família Bechis	27/11/1892	Giovanni Bechis, a esposa	Vapor francês	Oleiros, produtores de	Turim, Piemonte, norte da Itália

			Caterina Bovio, e os filhos: Michele Bechis, Tomaso, Giovanni e Adelaide.	Bourgogne para o Porto do Rio de Janeiro	tijolos e telhas	
18	Família Gravina	12/06/1893	Natale Gravina e Domingos Gravina	vapor Washington, Porto de Santos	Carpinteiro e marceneiro	Não temos
19	Família Milan	17/12/1895	Luigi Milan, Giuditta, e os filhos Rosa, Luigi, Giuseppa, e Amalia	Vapor Arno	Agricultores	Bolzano, Norte da Itália
20	Família Corsini (Família 1)	18/12/1895	Valentino Corsini, sua esposa Virgínia Maria Lorenzoni e os filhos: Carolina, Giacinto, Vittore, Attilio, Antônio e Emílio	Vapor Arno	Agricultores	Oppeano, região do Veneto, Verona, Norte da Itália
21	Família Corsini (Família 2)	18/12/1895	Giuseppe Corsini e sua esposa Teresa Corsini	Vapor Arno	Agricultores	Oppeano, região do Veneto, Verona, Norte da Itália
22	Família Corsini (Família 3)	18/12/1895	Ângelo Corsini, sua esposa Guiseppa Corsini e os filhos: Marietta, Giuseppe, Giovanni, Angela e Luigia	Vapor Arno	Agricultores	Oppeano, região do Veneto, Verona, Norte da Itália
23	Família Codignola	18/12/1895	Emilio Codignoli e sua esposa Erminia, e os filhos: Augusto, Clotilde, Emma, Ernesta, Alessandro e Guido	Vapor Arno	Agricultores	Nogara, região do Veneto, província de Verona
24	Família Frezzato e Quaglio	1896	Antônio Frezzato (Frezzato) e D. Maria Teresa Quaglio, com os filhos: Angelina, Giuseppe e Emílio.	Não temos	Agricultores, lavoura de café	Província de Piove di Sacco, região de Veneza, distrito de Pádua, Itália
25	Família Buzetti	03/01/1896	Antônio Buzetti [Bozzeto], a esposa	Vapor Rosario		Pieve di Soligo

			Giuseppina, e os filhos: Vittoria, Maria, Anna, Giovanna, Ângelo, Giochino, Luigi e Domenico			
26	Família Benedetti, Rossi e Rizzotto	05/02/1896	Dona Maria Rossi, Dario Benedetto e Carolina Rizzotto	Vapor Colombo	Comerciantes, sapateiros	Bolzano e Gazzo, Veneto, Itália
27	Família Cimbolini (Sembolini)	22/08/1896	Giovanni Batista, Giulia, a esposa, e os filhos: Elvira, Annunziata, Anziola e Bianca	Vapor Attività	Lavradores	Siena, Toscana
28	Família Nagliati	ca. 1896 e 1897	Giuseppe Nagliati e Maria Bonetti, com os filhos: Carolina, Giuseppina, Dirce, Amelia, Luigi, Gaetano, Aristides e Alice.	Não temos	Ferreiros, comerciantes	Ferrara, norte da Itália
29	Família Zampieri	01/08/1896	Ferdinando, Carolina, e os filhos: Maria, Amedeo e Alpura.	Vapor Rio, Porto do Rio de Janeiro	Agricultores, trabalhavam em Pedreiras	Lonigo, Veneto, Itália
30	Família Vigato	20/05/1897	Luigi Vigato, a esposa Eleonora Gazzetta e o filho Camilo Vigato	Les Alpes	Comerciantes	Carceri, distrito de Padova, Veneto, Itália
31	Família Baccoli	17/10/1897	Carlo Baccoli, Maria Niboli, sua esposa, e os filhos: Giuditta (18 anos), Luigi Baccoli (17 anos) e Domenico (9 anos).	Vapor Provence que partiu de Gênova para o Porto do Rio de Janeiro	Maria Baccoli era parteira em Paraguaçu. Carlo Baccoli agricultor	Eram naturais de Lonato, Brescia, Lombardia, Itália
32	Família Dolci	17/10/1897	Giuseppe Dolci, Maddalena, sua esposa, Giovanni, Caterina, Pietro, Domenica, Giuseppe, Elisabetta	Vapor Provence que partiu de Gênova para o Porto do Rio de Janeiro	Agricultores	Manerba del Garda, na Lombardia, norte da Itália
33	Família Soglia	16/12/1897	Dona Domenica Ranieri, e os filhos: Sebastiano, Damiano e	Vapor Espagne	Comerciantes	Faenza, Comuna italiana da região da Emília-Romagna, Província de

			Giovanni.			Ravenna
34	Família Pizzi	01/09/1897	Aristodemo Pizzi, 38 anos, sua esposa Virgínia, 40 anos, e os filhos: Enrica, 16 anos, Amalia, 13 anos, Velia, 4 anos, e dona Maria Pizzi, 70 anos.	Vapor Les Andes	Agricultores	Sant'Agata Bolognesi, Província de Bologna, Itália
35	Família Terzetti	19/08/1898	Teodoro Terzetti, Caterina e a filha de Maria	Vapor Sempione	Não temos	Brescia, Lombardia, Itália
36	Família Garotti	18/12/1898	Venanzio Garotti, Maria Roy e o filho Ermínio	Vapor France, Porto do Rio de Janeiro	Mecânico, ferreiro	Argenta, região da Emília-Romagna, província de Ferrara
37	Família Taglialegna / Bortolazzo	Ca. 1896 a 1898	Geronimo Bortolazzo, Carolina Zandoná e os filhos Giovanni e Francesco	Não temos	Comerciantes	Comuna de Vicenza região do Vêneto
38	Família Selicani	17/06/1899	Giustino Selicani (Justo Selicani), e a esposa Tereza	Vapor Les Andes	Agricultores	Província de Lucca
39	Família Muoio	Ca. anos 1890	Domingos Muoio	Não temos	Construtores e empresários	Não temos
40	Família Marcellini	Ca. 1895	Antônio Marcellini casado com Elvira Cimbolini	Vapor Bromida, Porto do Rio de Janeiro (presumido)	Comerciante; produtor de cerveja	Molinella comuna italiana da região da Emília-Romagna, província de Bolonha, no Norte da Itália (presumido)
41	Família Bocchi (Roque)	Ca. 1895	Giuseppe Andrea Bocchi	Porto de Santos	Agricultor	Cremona, Lombardia, Norte da Itália
42	Família Gavioli e Lourenzetti	Anos 1890	Não temos	Não temos	Operários	Não temos
43	Família Piazzalunga	Não temos Final do séc. XIX	Celeste Bernardo Piazzalunga	Não temos	Comerciantes	Lombardia
44	Família Piazza e Família Chiavone	Final do séc. XIX	Celestino Piazza e Pedro Chiavone	Não temos	Comerciantes	Bergamo (para o caso dos Piazza)
45	Família Fagioli	Ca. 1899	Francesco Fagioli, Angela Raimondo e os filhos	Não temos	Lavradores	Milão
46	Família Fattini	1925	Eugênio Fattini	Porto de Santos, não	Pintor, decorador	Bagno di Romagna, Cesena,

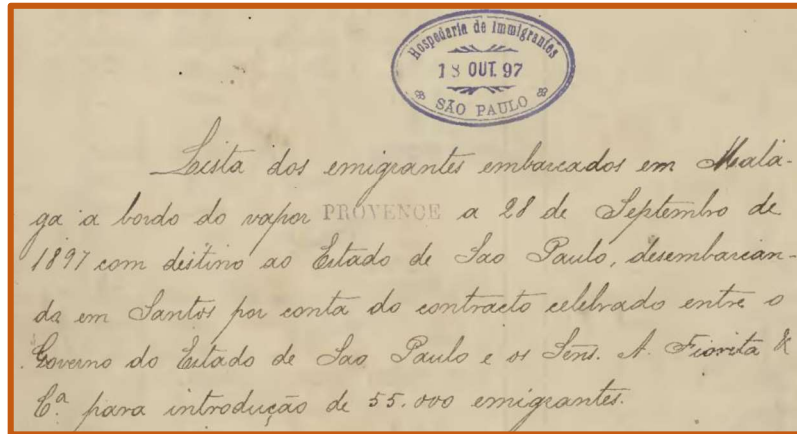
				temos o vapor		Emília-Romagna
47	Família Valério e Família Franceschelli	1924	Domênico Antônio Valério (Antônio Borelli) e a esposa Assunta Francischelli	Não temos	Comerciantes	Miranda, Província de Isernia, região próxima a Nápoles, Sul da Itália
48	Família Villa	Não temos	Giacomo Villa	Não temos	Lavradores	Não temos

## As Famílias Italianas em Paraguaçu

### Família Baccoli, Codignola, Perna

Milhares de italianos chegaram ao Brasil na década de 1890. Essa foi a década em que Paraguaçu e toda Minas Gerais mais recebeu famílias de imigrantes italianas, pois foi entre 1893 e cerca de 1898 que o Governo do Estado de Minas, junto com os fazendeiros, subvencionou a vinda de famílias europeias inteiras para vir trabalhar no Brasil. O governo dos Estados de Minas Gerais e de São Paulo pagavam a viagem nos navios e também o transporte até as fazendas, sem que os italianos tivessem que arcar com os custos da viagem. As famílias saíam da Itália, na maioria das vezes, com destino certo para as fazendas onde iriam trabalhar no Brasil. No entanto, depois que chegavam aqui eles podiam se deslocar entre outras propriedades e lugares, e foi o que de fato mais aconteceu.

Em 1897 estava em vigor um contrato entre o Estado de São Paulo e os Srs. Ângelo Fiorita & Cia. para introdução e 55.000 (cinquenta e cinco mil) imigrantes europeus para aquele Estado. O contrato foi assinado em 7 março de 1896. Não vinham somente italianos, mas franceses, austríacos e principalmente espanhóis, além da maioria composta por italianos. Nessa viagem do Navio Provence que trouxe os Baccoli, os Corsini e os Dolci para a região de Machado, no Sul de Minas Gerais, vieram mais de 600 espanhóis, que desembarcaram no Porto de Santos/SP e seguiram rumo desconhecido no estado paulista. A empresa fundada pelo italiano da Ligúria, Ângelo Fiorita, foi a responsável pela introdução de grande parte dos imigrantes que tiveram sua vinda subvencionada para os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, entre a década de 1890 e início do século XX. O italiano Ângelo Fiorita e Cia. representavam o interesse de companhias de navegação que eram as responsáveis pelas longas viagens nos vapores, notadamente a Navigazione Generale Italiana, a La Veloce e a Ligure-Brasiliana, de propriedade de Gustavo Gavotti, genro de Ângelo Fiorita (GONÇALVES, 2021).



Abertura da lista de passageiros do Vapor Provence, que trouxe os Baccoli ao Brasil, informando sobre o contrato para introdução de 55 mil imigrantes. Fonte: [http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR\\_APESP\\_MI\\_LP\\_000330.pdf](http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_000330.pdf)

Outros contratos foram assinados na mesma época para introdução de milhares de europeus. A família Baccoli era apenas mais uma, desconhecida, que partia da Itália deixando "sua terra, seus costumes e sua gente" para buscar o imprevisível do outro lado do Oceano Atlântico.

A família era composta por Carlo Baccoli, marido de 45 anos, agricultor na Itália, a esposa Maria Niboli Baccoli, 38 anos, e três filhos: Giuditta (18 anos), Luigi Baccoli (17 anos) e Domenico (9 anos). Eram naturais de Lonato, Brescia, Lombardia, Itália. Maria Niboli Baccoli nasceu na Itália em 1859 e faleceu em Paraguaçu em 1935, era filha de Angelina Niboli. Carlo Baccoli nasceu na Itália em 1852 e era alfabetizado, pois sabia assinar seu nome.

IMIGRANTES	
<b>NOME</b>	BACCOLI CARLO - 45 ANOS BACCOLI
<b>SOBRENOME</b>	BACCOLI
<b>LIVRO</b>	SA-925 PAG.: 43
<b>DATA</b>	18/10/1897 (DATA DE ENTRADA NA HOSPEDARIA)
<b>NACIONALIDADE</b>	ITALIANA
<b>DEPENDENTES</b>	BACCOLI MARIA - 38 ANOS - MULHER BACCOLI GIUDITTA - 18 ANOS - FILHA BACCOLI DOMENICO - 9 ANOS - FILHO BACCOLI LUIGI - 17 ANOS - FILHO
<b>EMBARCAÇÃO</b>	PROVENCE
<b>MICROFILME</b>	ROLO 04

Registro de entrada da família na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora. Acervo APM.

A Família Baccoli chegou ao Porto do Rio de Janeiro no dia 17/10/1897 e se registrou no dia seguinte na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora. De lá, eles seguiram de trem

até Alfenas, fazendo baldeações em estações que levariam à cidade mineira, e dali, provavelmente, seguiram em carros de bois ou carroça para a Fazenda Pedreira, em Machado, de propriedade de Pio Souza Dias, rico fazendeiro local e produtor de café e outros gêneros agrícolas. No entanto, os Souza Dias tinham fazendas espalhadas pelo território de Machado, Paraguaçu e Poço Fundo, fazendo com que os trabalhadores se deslocassem entre essas localidades.

Abaixo imagem do navio Provence, que trouxe os Baccoli, os Dolci e os Corsini ao Brasil, em 1897.



Navio Provence que trouxe os Baccoli ao Brasil. Fonte: <http://arvorebergamo.blogspot.com/2010/10/navio-provence.html>

Os Baccoli eram agricultores e católicos, como todos imigrantes que tiveram sua passagem subvencionada pelos governos dos Estados Brasileiros, vindos do Porto de Gênova, naturais da Província de Brescia, Lombardia, Itália, contratados pelo fazendeiro junto com outras famílias que chegaram no mesmo navio (Fonte: APM).

Na verdade, não sabemos se de fato eram católicos e agricultores, já que os europeus que tinham direito de migrar com a passagem subvencionada, ou seja, paga pelos governos dos Estados e fazendeiros que os estavam contratando, eram os que se declaravam católicos e agricultores. A lista do navio para os imigrantes que desembarcaram no Rio de Janeiro, como foi o caso dos que vieram para Minas Gerais, infelizmente se perdeu e não está disponível na relação do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, temos apenas os registros da Hospedaria Horta Barbosa.



Localização de Brescia, na Lombardia no mapa da Itália. Fonte: Wikipédia

Carlo e Maria Baccoli tiveram os filhos: Giuditta Baccoli (1878–1956); Luigi Baccoli (1880–?); Domenico (Domingos) Baccoli (1888–1929) e Silvestro Antônio Baccoli, nascido em 29/11/1890, todos naturais de Lonato, Brescia, Lombardia, Itália. Silvestro não veio com a família, é possível que tenha falecido ainda na infância, como era muito comum para o período, ou pode ter ficado com algum parente.



Registro do navio Provence. Acervo do Arquivo Nacional RJ.

Um fato interessante é que, a partir de 1917, Maria Baccoli surge no Almanak Laemmert, do Rio de Janeiro, como parteira em Paraguaçu. E segue aparecendo ano a ano como parteira nas listagens do mesmo Almanak, até 1926, quando desaparece das fontes históricas. Sabemos pela sua data de nascimento que, em 1917, já contava 58 anos, possivelmente era uma parteira experiente e deve ter seguindo o ofício até o seu falecimento, em 1935.

A filha Giuditta, nascida em 1878 na Itália, casou-se em Paraguaçu com Nicolau Perna, em 01 de dezembro de 1900, unindo-se assim a outra família Italiana como era muito comum entre os italianos emigrados. Nicolau Perna era filho de Cezar Perna (1840-1890) e de

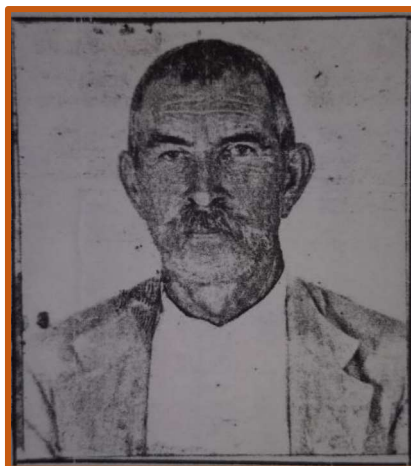
Maria José Arcella (1848-1918), e irmão de Maria Theresa Perna (nascida em 1868). Foram padrinhos do casamento civil: Alfredo Pereira Leite e José Labecca Filho. Giuditta faleceu em 1956, em Machado.

Lista de filhos do casal Giuditta Baccoli e Nicolau Perna:

1. Angelina Perna, nascida em 1902
2. Cezar Perna Netto (1904-1921)
3. José Luiz Perna (1916-1983) casou com Ludovina Tavares
4. Onofre Perna, nascido em 1918, casou com Elzira Tavares
5. Fausta Perna casou com Estevão Tavares
6. Isabel de Loures Perna casou com Onofrico Derênico
7. João Perna casou com Ana Ferreira
8. Luiz Perna casou com Eulice Perna
9. Maria Aparecida Perna
10. Rosa Perna casou-se com Jonas Araújo

Domenico Baccoli que veio com a família em 1897, no Brasil se tornou Domingos Baccoli. Ele se casou com Maria Albina, e tiveram os filhos: Doralice Clementina Baccoli, Antônio e Carlito.

Luigi Baccoli permaneceu em Machado e se casou com a também italiana Ema Codignola e tiveram os filhos: Euclides (nascido em 1925), José (nascido em 1927), Alfredo (nascido em 1931), Juracy (nascida em 1933), Heitor (deve ter falecido na infância) e Nelson Baccoli (nascido em 1936). Eles moravam no Sítio Córrego Fundo, em Machado. Ema Codignola nasceu em 1888 e chegou ao Brasil com seus pais em 1895 (Ver Família Codignola).



Baccoli Luigi  
Assinatura do portador

Luigi Baccoli e sua assinatura. Acervo de Túlio Freire.



Ema Codignola, esposa de Carlo Baccoli. Acervo de Túlio Freire.

## Família Bagne (Bagni)

Os Bagne ou Bagni de Paraguaçu descendem do casal de italianos Alexandre Bagni (nascido aproximadamente em 1861) e de Elena Brighenti, ela nascida na Itália em 11 de maio de 1874. Os dois eram italianos vindos com a imigração italiana entre as décadas de 1880 e 1890. Alexandre veio espontaneamente e provavelmente sozinho para o Brasil, já Elena era filha de Césare Brighent, irmão de Giuseppina Brighent, mãe da dona Antônia Schiassi, que chegou ao Brasil em 1888. A mãe de Elena, falecida na Itália antes de virem para o Brasil, se chamava Santa Gazzoti. Cesare Brighent se estabeleceu na Colônia Marçal, em São João Del Rei, com a segunda esposa e filhos. Atualmente ele dá nome a uma praça e uma escola na localização da antiga Colônia italiana, em São João Del Rei.

Há o registro de entrada de um Alessandre Bagni, de 29 anos, de idade, no dia 28/07/1891, no Porto de Santos, vindo da Itália sozinho no navio Andrea Doria. Não podemos afirmar que seja o Alexandre Bagni que deixou descendência em Paraguaçu e no Sul Mineiro, embora o nome, a periodização e a idade coincidam com o Alexandre Bagni de Paraguaçu. Nos registros do Arquivo Público Mineiro, encontramos uma família Bagno que chegou no mesmo navio de Cesare Brighenti, em 1888. Eram eles: Medero Bagno, de 43 anos, a esposa Maria Bagno, de 45 anos, os filhos Vittoria, de 20 anos, Pietro, de 15 anos, e os irmãos Luigi e Eugenio Bagni. E na mesma Colônia de São João Del Rei, onde viveu Cesare Brighenti com a filha Elena quando chegaram ao Brasil, havia um Vircilio Bagni. O que demonstra que os Bagni e os Brighenti eram próximos desde a Itália.

Alexandre Bagni e Elena Brighenti tiveram os filhos: Santina Schiassi Bagni, nascida em 1895, casada com Antônio Schiassi (1891-1975), em 1913; Amadeu, nascido em 1893; Francisco, batizado em 2 de agosto de 1897, em Três Pontas; Carlos, nascido em 1898; Maria Bagni, batizada em 15 de julho de 1899; José; Brigida (Ida) Bagni, nascida em 1903, casada com Joaquim Lourenço da Silva; Lourenço Bagni, nascido em 1907 em Paraguaçu; Candido Bagni, nascido em 1910; Cezar Bagni, nascido em 1911; José Bagni, nascido em 1913; e Alexandre nascido em 1917. Santina Bagni, primeira filha do casal, recebeu o nome em homenagem à sua avó materna.

Alexandre Bagni faleceu em Paraguaçu em 21 de julho de 1921, aos 60 anos de idade, de causa desconhecida, no lugar chamado Serra. Nesse local, conforme mencionamos, estavam os Bechis, Perna, Labecca, Schiassi e Sepini no final do século XIX. A Fazenda da Serra se situava na “grota do Taquary” e foi adquirida em 1924 por Alfredo Luiz do Prado e possuía 170 alqueires, era uma fazenda produtora de café. Antes desse período, ela tinha

pertencido a Ana Maria de São José, nos anos 1840, e depois a Alfredo Oliveira Leite, e fazia divisa com a fazenda de dona Anna Josefa, matriarca dos Souza Dias. Com o tempo, ainda no século XIX, ela foi se fragmentando e dando origem a outras fazendas.

Os pais de Alexandre eram os italianos Lourenço Bagni e Santina Bagni. Quem declarou o óbito foi o construtor João Rissieri Rosa, casado com dona Antônia Schiassi (dados do FamilySearch).

Amadeu Bagni, filho de Alexandre e Elena Brighenti, era ferreiro em Paraguaçu no início do século XX. Amadeu Bagne casou-se com a também descendente de italianos Maria Perna (1903-1983), filha de Giuditta Baccoli e de Nicolau Perna, e tiveram os filhos Maria José Bagni (1919-1987), Helena Bagni (1921-1963), José Bagne (1923-1996), Alexandre Bagne Neto (1926-1993), João Bagni (1932-1999) e Waldemar Bagne, nascido em Paraguaçu no dia 05.04.1930. José Bagne nasceu em 17/07/1923 e é nome de rua em Paraguaçu, era ferreiro de profissão, como o pai Amadeu. Casou-se com Maria Olinda Fonseca e tiveram os filhos: Alfredo, Maria Aparecida, Elizabeth, Marlene, Joana D'Arc e Valéria. José Bagne faleceu em 16 de julho de 1996 (Fonte: Logradouros de Paraguaçu, 30 de agosto de 2002, p. 80).

Sobre a profissão de Amadeu Bagne, o Sr. Guilherme Prado escreveu: “Américo Penha e Amadeu Bagne foram os ferreiros que mais marcaram minha infância. De longe ouvia-se o bater do martelo no ferro em brasa sobre a bigorna. Com o ferro eles modelavam ferraduras, cravos, chapas para as rodas dos carros de bois, ferrões, espetos para carne etc. As oficinas que eram rudimentares, funcionavam como fábricas para artefatos de metal. Bastava um fole para soprar a fornalha de carvão, que mantinha pedaços de ferro ao rubro, um martelo e uma bigorna, para que a peça fosse modelada pelo artista”.

Lembrando que os cavalos eram o meio de transporte mais usado no meio rural, por esse motivo, ferreiros que soubessem moldar e consertar ferraduras eram fundamentais para proteger os cascos dos animais.

O que se sabe é que a família Bagne se multiplicou e se espalhou pelo Sul Mineiro, em Varginha e Machado principalmente. Em dezembro de 1962, por exemplo, se casava em Paraguaçu Nelson Bagne, filho de Amadeu Bagne e neto de Alexandre Bagne, com a professora Maria Terezinha Dias, conforme nota do Jornal Paraguassu. Dona Maria Terezinha atualmente é aposentada e mora em Varginha, o Sr. Nelson Bagne já é falecido. Mas na família tinham outros Nelson e outros Alexandre, como é comum entre os descendentes de italianos de darem nomes dos avós, tios, pais e mães, a seus filhos e netos.

Conversamos com Marlene Bagni, que mora em Machado, e ela nos contou que seu pai também se chamava Alexandre Bagni. Ele era filho de Maria Bagni, falecida em cerca de 1967, e de Antônio Azarias. O casal Maria Bagni e Antônio Azarias tiveram os filhos: Nelson, Alexandre, Sebastião e Celso Bagni. Maria Bagni era filha de Alexandre Bagni e de Elena Brighenti, conforme confirmação de Silvia Buttrós e dados da certidão de óbito de Alexandre Bagni do FamilySearch.

Na tese de Zuleide Ferreira Filgueiras (2016), há a informação sobre a origem do sobrenome Bagni e Bagno:

As formas se confrontam com os numerosos topônimos Bagni e Bagno dispersos pela Itália e alusivos à presença de águas termais, poças ou nascentes de água, entre os quais o município de Bagni di Lucca-Lu, Bagno em Ripoli-Fi e de Bagno di Romagna-Fc. O sobrenome Bagni está presente, realmente, sobretudo na Emília-Romagna e na Toscana (onde também aparecem outras localidades menores com estes nomes); além disso, está em Roma, em Gênova e em Bresciano; os municípios com os valores mais elevados são Reggio Emília, Empoli-Fi, Cento-Fe, Florença, Modena, San Miniato-Pi. A forma com desinência latina de marca notarial –is, a mais rara do grupo, pertence ao Cuneese (Demonte, Vinadio, a capital). Enfim, Bagno é distribuído entre o Norte e o Sul sem um epicentro reconhecível; de um lado, Racale-Le, Sant’Arpino-Ce, Ercolano-Na; de outro, Este-Pd, Contarina-Ro e em outros pontos no Vêneto (em Padova, um Aimodel Bagno foi atestado em 1257 e Galdino dai Bagni em 1412 [Simionato 1995-99]), mas também na Lombardia e na província de Turim, com um pequeno núcleo em Grosseto (FILGUEIRAS, 2016, p. 147).

## Família Bechis

Giovanni Battista Bechis (1845-1914) e Catterina Bovio (nascida em 1852) foram os precursores de uma grande linhagem de Bechis que ainda hoje vive em Paraguaçu e participa ativamente da vida econômica e social do município. Uma parte da família migrou para a cidade de Nova Odessa (SP) e outra para o Estado do Paraná. Aqui no Brasil, Giovanni Bechis recebeu outro nome e ficou conhecido como João Bechis, como era comum aos italianos emigrados.

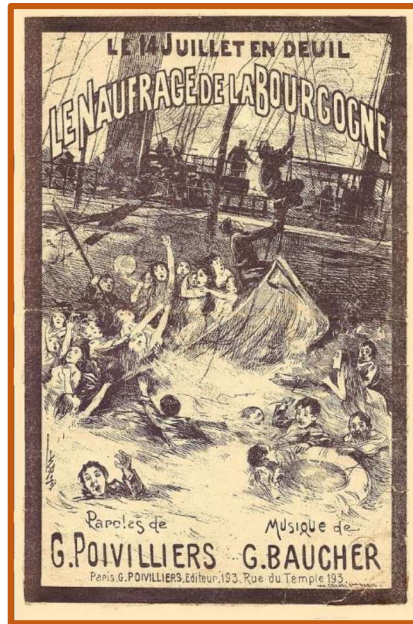
A família Bechis vivia na região do Piemonte, mais precisamente na província e cidade de Turim (Torino), norte da Itália. Quando a filha Adelaide nasceu, em 1891, pouco antes de virem para o Brasil, eles viviam na localidade rural denominada Lucento, uma aldeia registrada no nome do latifundiário Adolfo Gastaldi que mais tarde foi vendida à municipalidade. Antes, tinham morado em Sissi e em Casale, na mesma cidade de Turim. Foi de Lucento que a família deixou a Itália em 1892.

A família Bechis chegou ao Brasil no dia 27/11/1892, saindo de Gênova e vindo no Vapor francês Bourgogne para o Porto do Rio de Janeiro. O navio deixou Gênova no dia 28 de outubro de 1892. João Marcos Gonçalves Lourenço, descendente dos Bechis, identificou que o navio Bourgogne fez uma primeira parada em Barcelona, na Espanha, no dia 03/11/1892, depois partiu para a cidade de Málaga. Fez uma escala em Gibraltar, em 11/11/1892, e passou pela Ilha da Madeira, em Portugal. Logo após, zarparam e passaram pela cidade de São Tomé, em Cabo Verde. Dali o navio partiu direto para o Brasil, ancorando no Rio de Janeiro em 27/11/1892 e, logo após, seguiu para o porto de Santos.



Vapor Bourgogne que trouxe os Bechis para o Brasil.

O Vapor La Bourgogne era um navio de passageiros francês operado pela Compagnie Générale Transatlantique e construído pela *Forges et chantiers de la Méditerranée* em La Seyne-sur-Mer. Sua primeira viagem foi em 1885. Esse vapor naufragou em 4 de julho de 1898, com 506 passageiros e 220 tripulantes a bordo. Desses, 549 pessoas faleceram.



Naufrágio do La Bourgogne. Fonte: [https://www.wikiwand.com/pt/SS\\_La\\_Bourgogne](https://www.wikiwand.com/pt/SS_La_Bourgogne)

Giovanni Bechis tinha 47 anos quando chegou ao Brasil, nascido em 20/03/1845 era filho de Michele Bechis e de Maria Capusotto. A esposa, Caterina, tinha 40 anos. Os filhos que vieram para o Brasil eram: Michele Bechis (1876), 16 anos, Tomaso (1886), 6 anos, Giovanni (1889), 3 anos e Adelaide (1891), 1 ano de idade. Consta no registro da viagem que Giovanni, Caterina e Michele pagaram 1 passagem inteira de 3ª. classe. Tomaso pagou ¼ e os dois menores não pagaram. Mas não sabemos se eles próprios pagaram suas passagens ou se foi algum fazendeiro brasileiro que arcou com os custos da viagem. O período de subvenção das passagens pelo governo de Minas foi de 1893 até cerca de 1899, portanto, eles vieram antes da assinatura do acordo entre o Estado de Minas e o governo da Itália para pagamento das passagens totalmente subvencionadas.

36	Becchis Giovanni	46
~	Terme Caterina	40
~	Fils Michele	16
~	~ Tomaso	6
~	~ Giovanni	3
~	~ Adelaide	1

Registro da família no Vapor Bourgogne, que chegou ao Brasil no dia 27/11/1892. Acervo do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

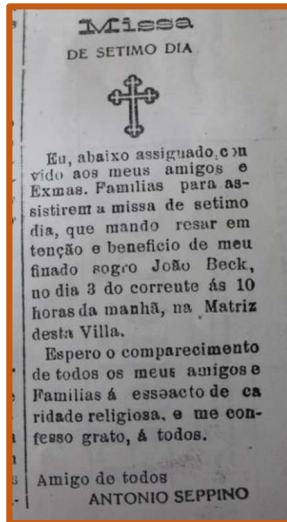


Giovanni Bechis. Fotografia localizada por João Marcos Lourenço, s/d.

Não há registros da família na hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, e nem no Museu da Imigração, em São Paulo, o que nos faz supor que podem não ter passado por nenhuma dessas hospedarias ou o registro pode ter se perdido. Esse fato reforça a ideia que vieram para o Brasil sem subvenção ou com destino já traçado ainda na Itália.

Giovanni Bechis aportou no Brasil aos 46 anos de idade, e já era pai dos filhos: Michele, Tomaso, Paolo [não temos informações sobre ele], Tomaso, Giovanni Filho e Adelaide. Na Itália, a profissão que declarou nas certidões de nascimento dos filhos foi: **fornaciaio**, ou seja, proprietário ou trabalhador numa caleira, olaria, fábrica de telhas, ou fábrica de tijolos. No registro de nascimento do filho Tomaso Bechis, Giovanni (João) se declara também como **mattoniero**, ou seja, fabricante de tijolos. De fato, aqui no Brasil a família trabalhava com olaria, conforme relatos do descendente João Marcos Gonçalves Lourenço, mantendo a tradição da profissão italiana. Michele, que aqui foi chamado de Miguel Bechis, e o irmão Tomaso atuaram como oleiros de profissão.

De acordo com pesquisas realizadas por Sílvia R. Buttrós Rodrigues, publicada no Jornal O Cidadão, de 4 de abril de 2001, p. 8, quando chegaram ao Brasil a família se estabeleceu numa fazenda do bairro Taquari, em Paraguaçu, vindo a possuir sua própria terra anos mais tarde. Na Fazenda Taquari, trabalhavam numa Olaria, possivelmente dos Schiassi, que possuíam olaria na mesma localidade ou poderia ser uma olaria menor, da própria família Bechis, na Fazenda Taquari. Lembrando que Miguel Bechis casou-se com Brasília Labecca, que era filha de José Antônio Labecca, proprietário da Fazenda do Taquari, ou seja, era herdeiro da propriedade. A localidade do Taquari e no caminho de estrada de terra que segue até Guaipava, possuíam muitas olarias no início do século XX, e ainda hoje possuem algumas.



Quando o patriarca Giovanni (João) Bechis faleceu de cólera, em 1914, aos 68 anos, o seu genro Antônio Sepini, casado com Adelaide em 21 nov. 1908, colocou uma nota no Jornal Paraguassu, de 01 de fevereiro de 1914, sobre a Missa de Sétimo Dia, como se vê na imagem ao lado. Caterina Bovio faleceu algumas décadas após o marido, em 26/11/1930.

Nota do Jornal Paraguassu, de 01 de fevereiro de 1914.

Os Bechis deixaram a seguinte descendência, que manteve a tradição de se unir a outras famílias de descendentes de imigrantes italianas. Os filhos se casaram com as famílias italianas Labecca, Sepini, Perna e Fressato:

**I – Miguel Bechis**, casado em 26 de novembro de 1896 na Matriz de Paraguaçu com Brasília Labecca (filha de José Labecca e Francisca Thereza da Conceição), nascida em 06 de fevereiro de 1881, em Três Corações do Rio Verde. Miguel Bechis faleceu em Machado em 1947, e Brasília Labecca faleceu em Varginha, em 1932. Filhos:

- 1- José Bechis casado em 1920 com Alzira Maria de Jesus.
- 2- João Bechis, nascido em 1900, falecido na infância.
- 3- Maria Bechis casada em 1917 com Joaquim Luciano Sobrinho.
- 4- João Batista Bechis casado em 1931 com Georgina Cana Verde.
- 5- Jorgina Bechis, casada em 1927 com Domingos Raphael da Silveira.
- 6- Alzira Bechis, nascida em 1909, falecida na infância.
- 7- Augusto Bechis, nascido em 1912, falecido na infância.
- 8- Carlos Bechis, casado em 1934 com Lourdes M<sup>a</sup> de Oliveira.
- 9- Ordália Bechis, casada em 1944 com Armênio Henrique Carneiro.
- 10- Alzira Bechis, casada em 1940 com Joaquim Ferreira Neto.
- 11- Miguel Bechis Filho, casado em 1944 com Terezinha de Jesus Dias.
- 12- Mario Bechis, gêmeo de Miguel, nascido em 1922, falecido na infância.

Segundo dados levantados por João Marcos G. Loureço, Michele Bechis nasceu em 1876 na cidade de Airolo, Tessin, Suíça, região norte da Itália que faz fronteira com a Suíça, por esse motivo, em seu registro de nascimento consta que nasceu em Airolo, Comune de Chiggionna, Suíça. O seu nascimento teria se dado durante uma viagem de seus pais, no ano de 1876, para a localidade, mas ele possuía registro como italiano. Filho primogênito de Giovanni Bechis (João Bechis), Michele aprendeu a profissão de oleiro com o pai desde muito cedo e ajudava o pai no serviço da Olaria possivelmente na Itália, mas principalmente aqui no

Brasil, em Paraguaçu. Quando Michele tinha 16 anos de idade embarcou no Vapor Bourgogne junto à sua família rumo ao Brasil. Aqui no Brasil se fixou em Paraguaçu – MG, onde se casou e também criou a família.

Sobre Miguel Bechis, os descendentes ainda se recordam que ele era muito calado, quieto e discreto. Uma descendente, de nome Adelane, escreveu sobre ele em pesquisa coletada por João Marcos Lourenço que: “Não sei quase nada, quando [ele] faleceu meu pai era muito moleque, só lembrava que falava muito mal português e que parecia muito bravo. E que foi casado com a Brasília Labecca (sempre que ia no cemitério fazia a gente ir visitar o túmulo dela)”. O relato de que os que vieram da Itália conversavam “enrolado”, uma mistura de italiano e português, é comum entre os descendentes que ainda se recordam dos mais velhos.

**II- Thomas Bechis**, nascido em 1886 em Turim, na Itália, e casado em 1906 com Augusta Cândida de Siqueira (filha de João Pedro Siqueira e Maria Theodora Siqueira). Filhos:

- 1- João Bechis, nascido em 1907.
- 2- Leonina Bechis, nascida em 1909.
- 3- Maria José Bechis, nascida em 1911.
- 4- Catharina Bechis, nascida em 1913.
- 5- Elvira Bechis, nascida em 1915.
- 6- Thomaz Bechis, nascido em 1917
- 7- Adélia Bechis, nascida em 1921.

Numero 1697  
Bechis Tomaso

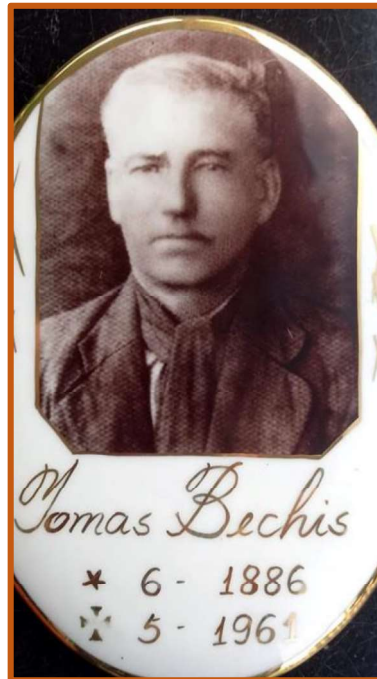
L'anno mille ottocento ottanta sei, addì Ventisei di Maggio, a ore otto meridiane dieci e minuti quindici, nella Casa comunale. Avanti di me *Franco Lorenzetti Giovanni Delgado con alla destra Luigi Sant'Antonio Ferrantini* a Ufficiale dello Stato Civile del Comune di Torino, è comparsò *Bechis Giovanni*, di anni *tre*, *Mattese*, domiciliato in *Torino*, il quale mi ha dichiarato che alle ore *sei* meridiane *sei* e minuti *sei*, del di *Ventisei* del *giugno* mese, nella casa posta in *via* *San* *Carlo* al numero *cento*, da *Giuseppe* *Provo* *Catharina* *Bechis* *coniugata*

è nato un bambino di sesso *maschile* che non mi presenta, e a cui d'è il nome di *Tomaso*

\* S'indichi la professione o

Registro de nascimento de Tomaso Bechis. Acervo do FamilySearch

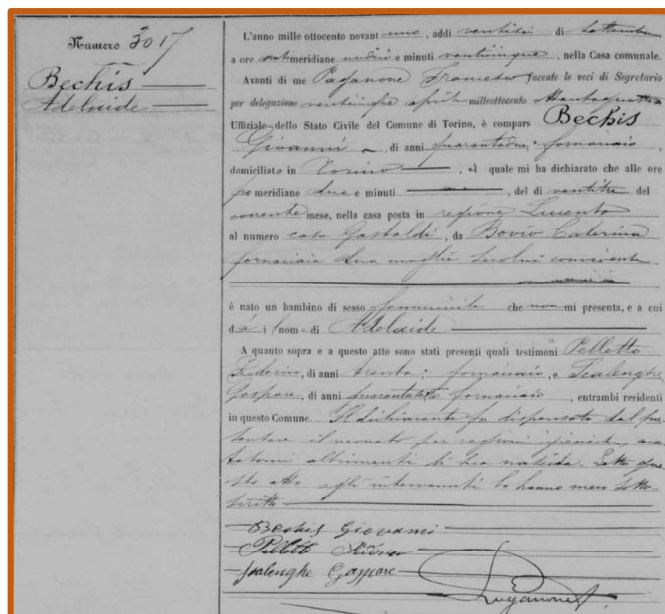




Tomaso Bechis. Fonte levantada por João Marcos G. Lourenço

**III- Adelaide Bechis**, nascida na Itália em 1891 e casada em 1908 em Paraguaçu com Antônio Sepini (filho de Nicolau Sepino e Maria Theresa Perna). Filhos:

1. Nicolau Sepini, n. 24.11.1910 em Paraguaçu, casado com Floripes Monteiro.
2. Thereza Sepini, n. 28.11.1912 em Paraguaçu, casado com Jorge Tobias.
3. João Sepini n. 03.06.1918.
4. Filomena Sepini, casado com João Silvério Mendes.
5. Catarina Sepini.
6. Adelaide Sepini, n. 11.07.1920 em Paraguaçu
7. Antônio Sepini Filho n. 17.03.1925.



Registro de nascimento de Adelaide Bechis. Acervo do FamilySearch

**IV- Maria Leonor Bechis**, nascida ca. 1896 em Paraguaçu e falecida em 1958, casada em 1912 com Giuseppe Fressato (filho de Antônio Fressato e Maria Quaglio). Leonor viveu na fazenda Taquari até se casar em 12 de outubro 1912, com Guiseppe Fressato. Segundo João Marcos Gonçalves, o apelido de Leonor na família era Nona e ela falava o português com muito sotaque italiano. Filhos: 1- Maria Aparecida Fressato, casada em 1935 com Joaquim Aleixo Costa; e 2 - João Fressato, casado em 1947 com Alice Teixeira.

O casal de italianos emigrados para o Brasil, em 1892, ainda teve os filhos Paolo e Giovanni Bechis Filho.

Numero *Lib*  
*Bechis Paolo*

L'anno mille ottocento ottanta *quattro*, addì *quattordici* di *Marte*  
a ore *due* meridiane *due* e minuti *quaranta* sopra, nella Casa comunale.  
Avanti di me *Giuseppe Cavallone* *Paolo Bechis* e *Alto Mors*  
*Giovanni Maria Ottavio* *Stefano Costa*

Ufficiale dello Stato Civile del Comune di Torino, è comparso *Bechis*  
*Giovanni*, di anni *quarantotto*, *fornaiaccio*  
domiciliato in *Cocino*, il quale mi ha dichiarato che alle ore  
per meridiane *due* e minuti *quaranta*, del di *quattordici* del  
*corrente* mese, nella casa posta in *Via di Colab*  
al numero *due* *Chingotto*, da *due* *matr* *Bechis*  
*Carlotta* *matr* *Bechis*

è nato un bambino di sesso *Maschile* che non mi presenta, e a cui  
di *il* nom. di *Paolo*

A quanto sopra e a questo atto sono stati presenti quali testimoni *Mussino*  
*Bovero*, di anni *quarantotto*; *Bovero* e *Bovero*  
*Giuseppe*, di anni *quarantotto*; *Bovero*, entrambi residenti  
in questo Comune. *Il dichiarante per dipendente del presidente*  
*di Monte per ogni esigenda* *Quadrante in tutte* *medie*  
*di* *matr* *Bechis* *Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa*  
*Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa*

*Bechis Giovanni*  
*Mussino Biagio*  
*Bovero Giuseppe*

*P. Mors*

Registro de nascimento de Paolo Bechis, de 1884. Acervo do FamilySearch

Numero *61*  
*Bechis Giovanni*

L'anno mille ottocento ottanta *quattro*, addì *sei* di *Gennaio*  
a ore *due* meridiane *due* e minuti *dieci*, nella Casa comunale.  
Avanti di me *Agostino Farnese* *faccato* *le* *reci* *di* *Segretario*,  
per delegazione *ventinove* *quale* *milleottocento* *Stefano* *Costa*

Ufficiale dello Stato Civile del Comune di Torino, è comparso *Bechis*  
*Giovanni*, di anni *quarantotto*, *fornaiaccio*  
domiciliato in *Cocino*, il quale mi ha dichiarato che alle ore  
per meridiane *due* e minuti *dieci*, del di *sei* del  
*corrente* mese, nella casa posta in *Strada di Casale*  
al numero *due* *San* *Paolo*, da *due* *matr* *Bechis*  
*Carlotta* *matr* *Bechis*

è nato un bambino di sesso *maschile* che non mi presenta, e a cui  
di *il* nom. di *Giovanni*

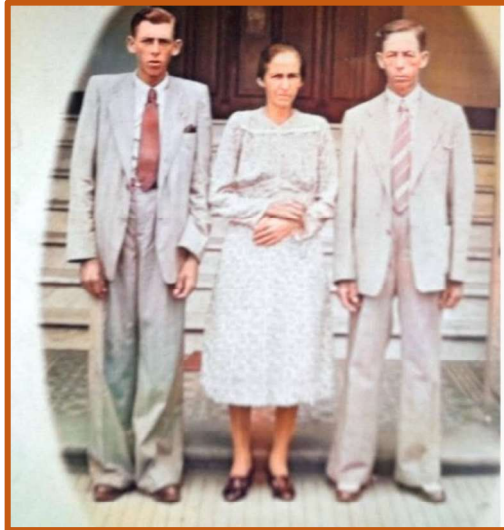
A quanto sopra e a questo atto sono stati presenti quali testimoni *Stefano*  
*Costa*, di anni *quarantotto*; *Stefano* *Costa* e *Stefano*  
*Costa*, di anni *quarantotto*; *Stefano* *Costa*, entrambi residenti  
in questo Comune. *Il dichiarante per dipendente dal*  
*presente* *il* *recato* *per* *regioni* *ispiriche*  
*accertandomi* *altimamente* *di* *una* *matr* *Bechis*  
*Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa*  
*Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa* *Stefano* *Costa*

*Bechis Giovanni*  
*Stefano* *Costa*  
*Stefano* *Costa*

*Stefano*

Registro de nascimento de Giovanni. Acervo do FamilySearch

Na fotografia a seguir aparecem José Bechis, filho de Miguel Bechis, a esposa Alzira Maria de Jesus e o filho José Bechis Filho.



José Bechis, a esposa Alzira Maria de Jesus e o filho José Bechis Filho. Acervo de João Marcos

### Família Benedetti, Benedetto, Rossi e Rizzotto

Os Benedetti de Paraguaçu descendem do casal de italianos Dário Benedetto (no Brasil Benedetti) e de Carolina Rizzotto que migrou para o Brasil em 1896. O casal se uniu em matrimônio no dia 25 de dezembro de 1895, em Bolzano Vicentino, Vicenza, Veneto, Itália. Dario Benedetto nasceu em 29 de novembro de 1872, em Gazzo, Padova, no Veneto, era filho de Dario Francesco Benedetto e de Luigia (Maria) Rossi. Dario faleceu aos 58 anos, no dia 20 de novembro de 1930, em Paraguaçu. Carolina nasceu em 1873, em Piazzola Sul Brenta, filha de Francesco Rizzotto e de Catterina Fabris.

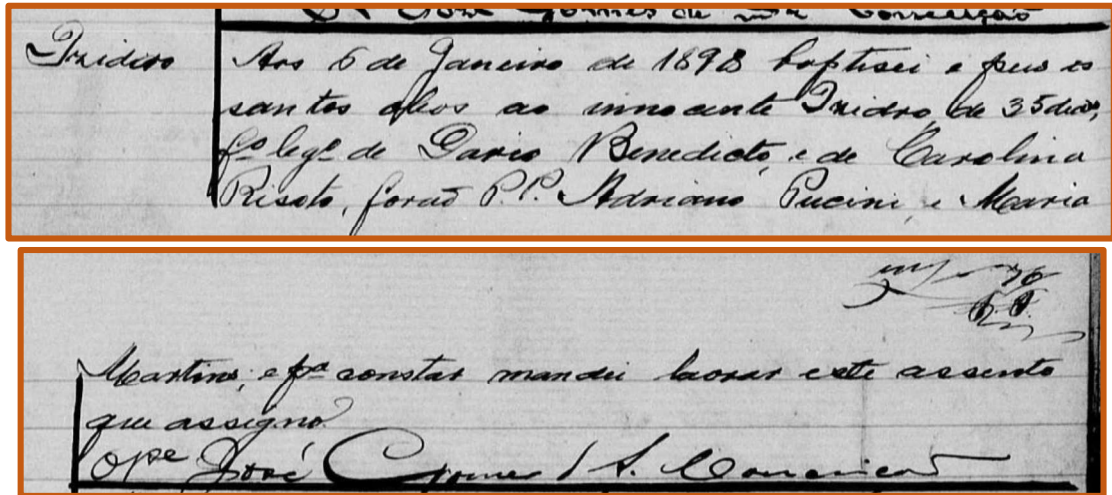
Logo depois do casamento na Itália, em janeiro de 1896, o casal embarcou rumo ao Brasil trazendo consigo dona Maria Rossi, mãe de Dario, que tinha 64 anos à época. A chegada ficou registrada na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, informando que eles deram entrada no dia 05 de fevereiro de 1896. Dona Maria Rossi, de 64 anos, vinha junto com o filho Dario Benedetto, 23 anos, e a nora Carolina, 22 anos. Chegaram pelo Vapor Colombo (acervo APM). O destino da família seria Três Corações – MG, local: Rio Verde, para a Fazenda de Antônio [ilegível].

sol. Rossi	Carolina	22	5				
Dario	Benedetto	23	6				Filho
	Carolina	22	5				esposa

Registro da Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora. Acervo APM.

No Brasil, a família parece ter se deslocado inicialmente para Douradinho e depois se fixou em Paraguaçu. O primeiro filho, de nome Alberto Segundo, nasceu em 14 de novembro de 1896. O segundo filho, Isidro, foi quem deixou a descendência que conhecemos em Paraguaçu, os outros filhos se deslocaram para outras localidades, incluindo Machado - MG.

Isidro Benedetti, filho de Dário e de Carolina Rizzotto, nasceu em 2 de dezembro de 1897 e foi batizado em Douradinho, no dia 06 de janeiro de 1898. Foram padrinhos Adriano Pucini e Maria Martins.



Registro de Batismo de Isidro Benedetti, em Douradinho – MG, em janeiro de 1898. Fonte: FamilySearch.

Em 1899 nasceu a terceira filha, Olga, também batizada em Douradinho. Em 1902 nasceu a filha Julieta, também batizada em Douradinho. No ano seguinte, em 1903, o casal teve quinto filho, também batizado em Douradinho, de nome Florêncio. Florêncio Benedetti se casou com Marieta Scottin em Elói Mendes, onde tiveram os filhos entre as décadas de 1930 e 1950. Em 1905 tinha nascido mais uma filha, Aurora Benedetti, batizado em 12 de março de 1905 em Douradinho. Já Maria Carolina Benedetti, nasceu em 30 de agosto de 1906. O casal ainda teve o filho Esteliano Benedetto e uma filha de nome Tereza.

É provável que o filho mais velho tenha falecido ainda na infância ou não estava na bela fotografia de 1907. O menino maior que aparece na fotografia da família a seguir é Isidro Benedetti, segundo dados da família.

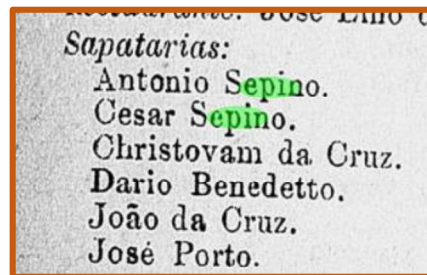


Dona Carolina Rizzotto à esquerda da imagem, dona Maria Rossi ao centro, e Dario Benedetto à direita, cercados pelos filhos. A legenda da fotografia diz 1907, Paraguaçu. Acervo de Sérgio Campos

Sérgio Henrique de Campos, neto de Isidro Benedetti, contou-nos histórias da família e relatou que ouvia dos mais velhos que, na ocasião da vinda de Dário para o Brasil, vieram

três irmãos Benedetti e que cada um seguiu um rumo aqui no Brasil. Dário veio para Minas, outro irmão foi para Guaratinguetá, no estado de São Paulo, e o terceiro foi para o Sul do Brasil. Eles seriam da região de Florença, na Itália. Não conseguimos confirmar a informação por meio de dados históricos.

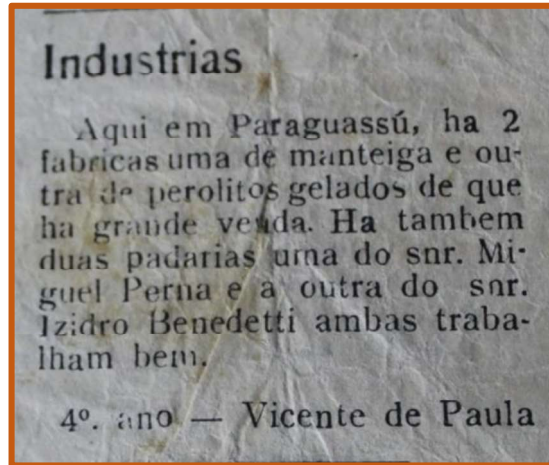
Dário Benedetti aparece como sapateiro em Paraguaçu em registros do Almanak Laemmert, a partir de 1916. O filho Florêncio trabalhou ao lado do pai nessa sapataria. Já Isidro Benedetti tinha uma Serraria, uma Confeitaria e, em determinado momento da década de 1930, ainda teve um bar e bilhar. Além disso, Isidro era músico, tocava clarineta em Paraguaçu e, em algum momento, também foi dono de uma beneficiadora de arroz.



Registro do Almanak Laemmert em que constam Dario Benedetto e também os Sepini como sapateiros em Paraguaçu em 1916. Acervo Digital BN.

Isidro Benedetti, nascido no Sul mineiro em 02 dezembro de 1897, se casou em 15 de novembro de 1920, em Paraguaçu, com Dolvina Canna Verde, conhecida como Dorvina, e tiveram duas filhas: Célia Dalva Benedetti, nascida em 31 de maio de 1923, e Dirce. Célia teve oito filhos e Dirce era solteira. A dona Dorvina e a filha Dirce faleceram em 1994, e a filha Celia em 1996. Célia era casada com Carlos do Prado Campos e com ele teve os filhos: Vera Lúcia Benedetti Campos, Carlos Vinícius de Campos, Sidney Francis de Campos, Glênio Wilson de Campos, Rose Mary Campos Dias, Evandro Newton Campos, Regina Célia Campos e Sérgio Henrique de Campos.

Izidro Benedetti tinha, em 1933, uma padaria em Paraguaçu, conforme nota do jornal O Projeto, assim como o descendente de italiano Miguel Perna.



Jornal O Projeto, de 23 de set. de 1933.

Em Paraguaçu ainda há muitos descendentes da família Benedetti, embora o sobrenome esteja desaparecendo. Por causa do casamento de Célia com Carlos, o sobrenome que ficou foi o Campos, do marido, e não o Benedetti, da dona Célia.

### Família Borin (Borin), Faggion, Modenese, Rizzolo

Em 11 de dezembro de 1887, o italiano Francesco Borin se casou na Itália com dona Letizia Faggion. Francesco Borin nasceu em 19/07/1861 e era filho de Felice Borin e de Cecília Rizzolo. Letizia nasceu em 1867 e era filha do casal Giacomo Faggion e Domenica Modenese.

O casal chegou ao Brasil no dia 05 de fevereiro de 1889, pelo Vapor San Martino, que partiu de Gênova e aportou no Rio de Janeiro, junto com o filho Sesto, que tinha apenas um mês de vida. Com eles vinha o irmão de Francesco, Marianno Borin, de 31 anos, e sua esposa Maria Fosato, de 23 anos, com o filho Giuseppe de um ano e meio no colo. Girolamo Borin, de 24 anos, irmão de Francesco e Mariano, também estava a bordo do Vapor. Ainda consta no registro do Navio que Venemzo Bruscalin, de 32 anos, estava junto com a família no desembarque, conforme se vê pela cópia do registro (Acervo do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro).

8	Borin Marianno	31	C	D.
9	moglie Fosato Maria	23	C	D.
10	figli Giuseppe	1 1/2		D.
1	Borin Girolamo	24		D.
2	Bruscalin Venemzo	32		D.
3	Borin Francesco	26	C	D.
4	moglie Faggion Letizia	22	C	D.
5	figlio Sesto	1 mes		D.

Chegada da família Borin ao Brasil, no dia 05 de fevereiro de 1889. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. BRRJANRIO.OL.0.RPV.PRJ.3760<sup>1</sup>.

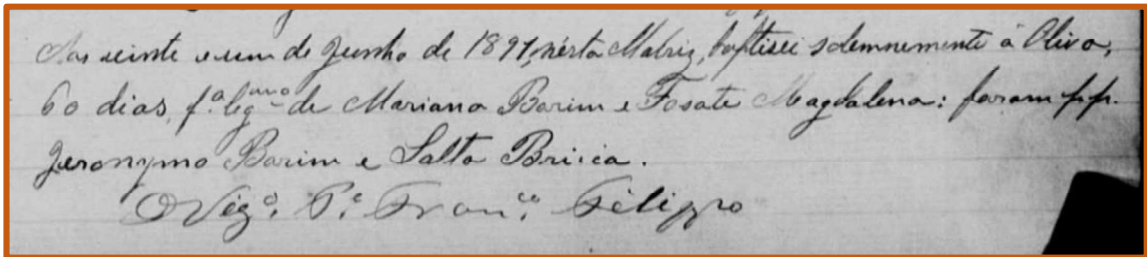
A família Borin deixou ampla descendência no Brasil e no exterior e se especializou como construtores em Paraguaçu.

Em 1891 há o registro de batismo de um menino de nome Olivo, filho de Marianno Borin e de Magdalena (Maria) Tosatti, ocorrido no dia 21 de junho de 1891, na Igreja de Paraguaçu. Foram padrinhos Jeronimo Borin (provavelmente o nome aporuguesado de

<sup>1</sup> Disponível em:

[http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_RJANRIO\\_OL/0/RPV/PRJ/03760/BR\\_RJANRIO\\_OL\\_0\\_RPV\\_P RJ\\_03760\\_d0001de0002.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_OL/0/RPV/PRJ/03760/BR_RJANRIO_OL_0_RPV_P RJ_03760_d0001de0002.pdf)

Girolamo) e Salto Brisca, como se vê na imagem a seguir. Filhos nascidos no Brasil e batizados aqui começaram a nascer, deixando uma descendência grande dos Borin, que virou Borim, em Minas Gerais e outros estados.



21 de junho de 1891 batizou Olivo filho de Mariano Borin e Fosato Magdalena. Padrinho Jeronimo Borin e Salto Brisca.

Inicialmente, o casal Francesco Borin e Letizia Faggion foi trabalhar na Fazenda do Barão Joaquim Eloy Mendes, atual município de Elói Mendes. Lá conheceram o fazendeiro Marcos Souza Dias que convidou o casal de italianos para trabalhar na Fazenda de sua irmã, Henriqueta Andrade, na Ilha das Garças, em Paraguaçu e para lá se dirigiram. É provável que toda a família que chegou em 1889 tenha se instalado ali, por causa do registro de 1891, no município de Paraguaçu.



Francesco e Letícia Borin, com os filhos. Em cima, Dona Letícia, Virgílio, Augusto e Francisco Borin. Em baixo, Frederico, no colo, Adélia, Albino e Alzira. Augusta, Maria e Sesto não estão na fotografia. Acervo da família Borim.

Além de Sesto, que nasceu na Itália em 1889, no Brasil Francesco Borin e Letizia Faggion (conhecida como dona Rosa) tiveram os filhos: Adélia, Maria, Virgílio (nascido em 1891 na Ilha das Garças), João (falecido ainda criança) e Augusta. Depois de Augusta, a família Borin retornou para a Itália nos primeiros anos do século XX por um período e foi

quando Virgílio estudou para se tornar construtor. Dário Borim Jr. recorda de o seu pai contar que Virgílio teria também trabalhado na Alemanha, França e Suíça, antes de voltar para o Brasil. Na Itália, nasceram mais filhos do casal Francisco e Letícia, foram eles: Albino, Alzira, Augusto (nascido em 1908) e Federico (nascido em Verona).

Com o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a família ficou dividida entre a Itália e o Brasil. Em 1914, o patriarca Francesco voltou para o Brasil trazendo Virgílio, com 23 anos, e Augusta. Foram morar em Varginha para conseguir recursos e trazer de volta o resto da família para o Brasil. Durante o período em que permaneceram na Itália, o filho Sesto faleceu em 1918, ao lutar na Guerra. No Brasil, as filhas foram se casando, enquanto que dona Rosa (Letizia) aguardava o fim da Guerra para se juntar ao marido no Brasil. Finalmente em 1920 ela conseguiu voltar para o Brasil com os quatro filhos que ainda estavam solteiros.

Um dos grandes nomes da construção de Paraguaçu na primeira metade do século XX, Virgílio Borin (1891-1953) nascido na Ilha das Garças, em Paraguaçu, se casou no Brasil com a descendente de italianos Droziana Foresti e tiveram os filhos: Vilia, Vilma, Vanda, Delmo e Dário (as filhas com o V do nome do pai e filhos com o D do nome da mãe).



A família de Virgílio Borin com a esposa Droziana e os filhos, da esquerda para a direita, Vilia (em pé), Vanda, Vilma, Delmo e Dário. Acervo da família.

É importante ressaltar que os italianos eram exímios construtores. Na construção da capital Belo Horizonte, por exemplo, inaugurada em 1897, a mão de obra dos imigrantes italianos foi fundamental. Há diversos outros exemplos espalhados pelo Brasil afora.

Entre as obras de Virgílio Borin em Paraguaçu, se destaca a Igrejinha de Nossa Senhora Aparecida, da década de 1920. Possivelmente, essa foi a primeira grande obra de Virgílio Borin em Paraguaçu. Sobre a construção da Igreja, o Sr. Guilherme Prado nos conta em “Peludos e Pelados”, a seguinte história:

A Velha Matriz foi demolida em 1923 e a cidade pensava construir no mesmo lugar, outra igreja em devoção a Nossa Senhora Aparecida. Pensando assim, convidaram o jovem construtor Virgílio Borin, recém chegado da Itália, para projetar e construir o novo templo. Seu Virgílio se mudou com a família para Paraguaçu em 1924 e logo iniciou seu trabalho. Quando abria as primeiras valas da base da nova igreja, encontrou uma medalha de N. S. Aparecida. Em casa, contou para D. Drusiana [sic] o que havia achado. Nesse mesmo dia, sua filha Wilma sofreu um acidente ao voltar de Varginha na carroceria de um caminhão de materiais, dirigido pelo Zé Preto, que transportava um enorme portão de ferro. O caminhão tombou, caindo todos os materiais sobre a Wilma, mas ela foi protegida pelo portão de ferro, e nada sofreu. Quando soube do acontecido, sua esposa emocionada, disse: — “foi um milagre de Nossa Senhora Aparecida!” (PRADO, 2012, p. 87).

A Igreja de Nossa Senhora Aparecida foi inaugurada em 1929, construída pela empresa de Virgílio Borin & Cia. Foi o arquiteto italiano Frisotti quem projetou o novo templo em estilo neogótico, e Virgílio Borin a ergueu. A decoração interna foi feita pelo também italiano Eugênio Fattini. Na ocasião, a igrejinha tinha a cor de "cimento amarelo".



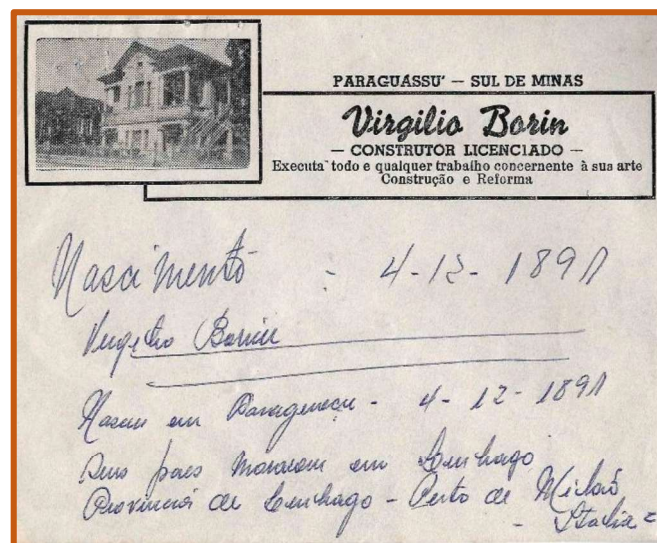
Benção da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, em 1929. Imagem: acervo de Guilherme Prado

Virgílio Borin foi responsável também pela construção da graciosa Capela do Cemitério Municipal de Paraguaçu, construída entre 1922-1923, a mando de dona Guilhermina Oliveira Leite Prado para abrigar os membros da família Leite. Na década de 1950 ela foi transferida para a municipalidade. A antiga sede do Ideal Clube também é obra de Virgílio Borin. Do mesmo modo, projetou e construiu para o sr. João Eustáquio de Andrade a residência da Rua Ferreira Prado, atualmente pertencente à família de Cristiano

Otoni do Prado. Na Praça Oswaldo Costa, o belo prédio do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S. A. foi obra de Virgílio, assim como a edificação da Escola Luiz Melo Viana, antiga residência do sr. Henrique Ferreira Prado “seu Ico”. Sob suas hábeis mãos também se ergueram a residência do Sr. Pedro Inácio de Paiva Tavares, na Praça Oswaldo Costa, o Paraguassú Hotel, o Cine Íris e o Posto de Puericultura.

Além da bela Igreja de Nossa Senhora Aparecida, Virgílio Borin foi o construtor do edifício que abrigou a Fábrica de Tecidos Paraguaçu Têxtil, nos anos 1940, e das casas populares para os operários da Fábrica. Sobre as casas populares da Fábrica Paraguaçu Têxtil, Guilherme Prado escreveu em “Peludos e Pelados”, que:

Para acomodar toda essa nova população, a fábrica de tecidos solicitou a Virgílio Borin um projeto de casas populares, sendo as primeiras construídas na Rua Ferraz Leite. Assim, o jornal *O Paraguassu* em 1944 descrevia o empreendimento: “A construção de residências proletárias, obedecendo a desenhos elegantes e modernos, possuindo também requisitos de conforto como instalações sanitárias”. Depois foram construídas as casas das ruas Ferreira Prado e José Camilo e a cidade recebeu seus novos habitantes (PRADO, 2012, p. 156).

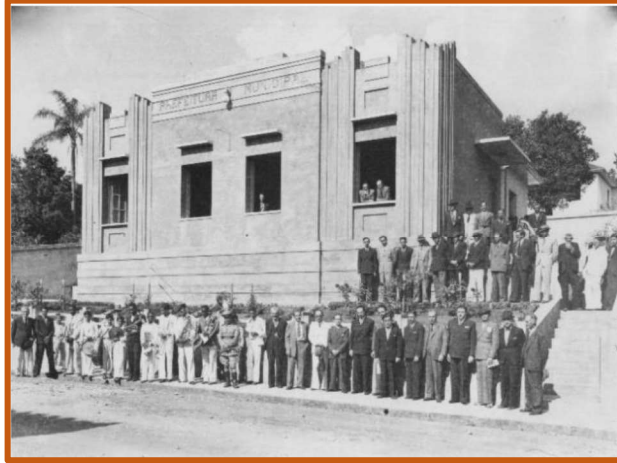


Envelope personalizado que pertencia a Virgílio Borin. Acervo da FUNDAMAR

Além de Virgílio Borin, seu irmão Augusto Borin tornou-se um construtor respeitado em Paraguaçu. Augusto Borin casou-se em 05 out. de 1933 com Maria do Carmo do Prado, aos 25 anos. Ela era filha de Luiz Manoel do Prado e de Maria Luiza do Prado. Tiveram os filhos: Rômulo, Rizzo, Flamiel, Berenice e Letícia.

Um dos principais trabalhos de construção realizados por Augusto Borin foi o antigo prédio da Prefeitura, localizado na Rua Ferreira Prado. O prédio foi construído por ele na

gestão do Sr. Nestor Eustáquio de Andrade, no período de 1937 a 1939. A inauguração ocorreu em 1939, coincidindo com o início do mandato do prefeito Cristiano Otoni do Prado.



Prédio da antiga Prefeitura de Paraguaçu. Fonte: <https://historiadeparaguacu.com.br/>

Em 1942, Augusto Borin iniciava a construção da Santa Casa de Paraguaçu. Um ano antes, em 1941, ele havia se naturalizado como brasileiro



A Santa Casa de Paraguaçu construída por Augusto Borin. Fonte: <https://historiadeparaguacu.com.br/>

Em 1942 o Jornal “O Paraguassu” publicou uma nota sobre a residência de Ernesto Passos, que tinha sido construída por Augusto Borin:



Jornal O Paraguassu, 11/02/1942.

Em 1942, Augusto Borin também iniciava a construção do Instituto São José, em Paraguaçu, na mesma época em que Virgílio estava empregado na construção da Fábrica Paraguaçu Têxtil e nas casas para os operários.

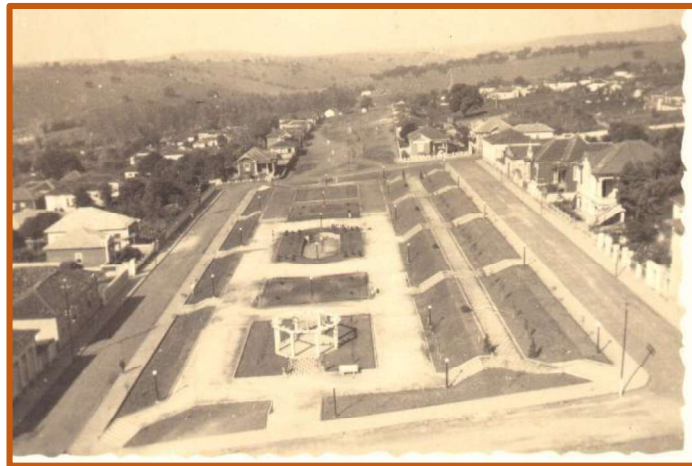


Edificação do Instituto São José, em Paraguaçu. Fonte: <https://historiadeparaguacu.com.br/>

Augusto Borin também atuou na obra da Praça Oswaldo Costa no início dos anos 1940, como o construtor que executou o projeto de Romeu Duffles, da Secretaria da Viação. O Dossiê de Tombamento da Praça Oswaldo Costa especificou que:

O jardim foi projetado pelo Dr. Romeu Duffles, auxiliado pelos engenheiros Dr. Gabriel Carneiro (topografia), Dr. Arí Nogueira (iluminação), Dr. José Lempp (paisagismo) e Dr. Romeu Scorza (hidráulica). A construção ficou a cargo de Augusto Borin, a execução da parte hidráulica com a loja R.P. Leite e a iluminação com a Cia Sul Mineira de Eletricidade. As mudas da

arborização vieram da Escola de Horticultura de Itajubá, e os bancos conseguidos através de uma campanha promovida pelo jornal "O Paraguassú". Foi contratado um jardineiro português da Ilha da Madeira, que não se adaptou ao lugar e este contrato não se realizou. Quem assumiu esta grande responsabilidade foi o Sr. João Idalino, que dedicou sua vida e sua arte, para que Paraguaçu se tornasse conhecida por muito tempo como "a cidade das rosas".



Construção da Praça Oswaldo Costa nos anos 1940. Fonte: <https://historiadeparaguacu.com.br/>

Augusto Borin também foi responsável pela construção da edificação da Rua Aureliano Prado, n. 382, que pertence, desde 1952, ao seu sobrinho Dário Borin, filho de Virgílio Borin, que a adquiriu após o casamento com Lucy Prado Mendes.

No entanto, poucos anos depois dessas obras, Augusto Borin faleceu tragicamente num acidente aéreo na Serra da Mantiqueira, no dia 11/07/1945, às 9 horas da manhã, em aeronave com destino ao Rio de Janeiro. No mesmo acidente faleceram o também italiano Armando Solia, junto com o médico João Carvalho. Armando Solia era filho do Italiano Pedro Soglia e de Amabilia Pizzi. Dona Letícia, filha de Augusto Borim, nos contou que o Padre Piccinini, grande amigo da família Borim e que celebrou a Missa de corpo presente dos falecidos no acidente aéreo de 1945, tinha confiado, anteriormente, o seu epitáfio para Augusto Borim colocá-lo em seu túmulo quando ele morresse, acreditando que faleceria antes do jovem amigo, por causa da idade. O destino quis que fosse o contrário.

Frederico Borin, o filho mais novo do casal Letizia e Francesco nascido em Legnago – Província de Verona, quando o casal tinha retornado à Itália no início do século XX, casou-se com Nica, filha de confeitores de Poços de Caldas. Tiveram seis filhos: Hugo, Silvio, Maria, Lucia, Mafalda e Guido. Ele abriu uma oficina mecânica em 1943, em Paraguaçu. Em 1943, o jornal "O Paraguassú" publicou que: "Instalou-se nesta cidade mais uma oficina mecânica do

Sr. Frederico Borin. Em prédio novo e de estilo moderno, construído pelo sr. João Leite do Prado, à Rua Presidente Vargas e especialmente edificado para o fim a que se destina, foi instalada em Paraguassú mais uma excelente oficina mecânica, de propriedade do sr. Frederico Borin. (...) Antigo motorista da Empresa São Pedro (dos Solia), que desde muitos anos mantém um serviço regular de auto-ônibus entre Varginha e Poços de Caldas, com escala por esta cidade, e profundo conhecedor dos segredos dos motores de explosão, o sr. Frederico Borin certamente logrará completo êxito na sua iniciativa, prestando valiosos serviços aos interessados no ramo de sua especialidade”.

A segunda geração dos Borin, ou seja, os filhos de Francesco e Letizia Faggion e seus filhos, posteriormente, não eram lavradores e agricultores, como parte dos italianos que fixou residência em Paraguaçu. Eram construtores, como mencionamos para Virgílio e Augusto Borin, mas também comerciantes e empresários.

Fato que demonstra essa vocação dos Borin para o comércio e administração de seus próprios negócios é que em 1948 os irmãos Dário e Delmo Borim filhos de Virgílio Borin, abriram a Casa Dois Irmãos, que funcionou com sucesso até 27/08/2021. A edificação que abrigou a Loja Dois Irmãos foi construída pelo pai dos dois jovens, o Sr. Virgílio Borin. Com o sucesso da loja, em 1961 abriram uma filial na vizinha cidade de Machado, também em sede própria.



A Loja Dois Irmãos em Machado. Acervo da Família Borin.

Em 1964 os negócios expandiram ainda mais e os irmãos abriram uma Fábrica de Panos e Sacos para Café.



Panfleto do anúncio de abertura da Casa Dois Irmãos em julho de 1948. Acervo da Família Borin.

A Loja Dois Irmãos se manteve sempre próspera ao longo dos seus 73 anos. O Sr. Dário Borin foi bastante ativo na economia, nos aspectos religiosos e inclusive na política de Paraguaçu. Para o Projeto Imigração Italiana em Paraguaçu entrevistamos o Sr. Dário Borim e dona Vília Borim Solia, filhos de Virgílio Borin, e também Dário Borim Júnior (Darinho) e seu filho Ian, neto e bisneto de Virgílio Borin respectivamente.



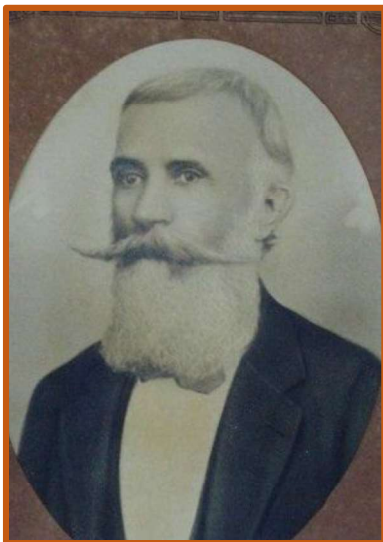
Na fotografia: Dário Borim Jr., dona Vília, o Sr. Dário Borim, e o filho de Dário, Ian, filho de Dário Borim Jr. Fotografia de Cristiane Magalhães, dez. 2021.

### Família de Mariano Borin e Maria Magdalena Tosatti (1866-1916)

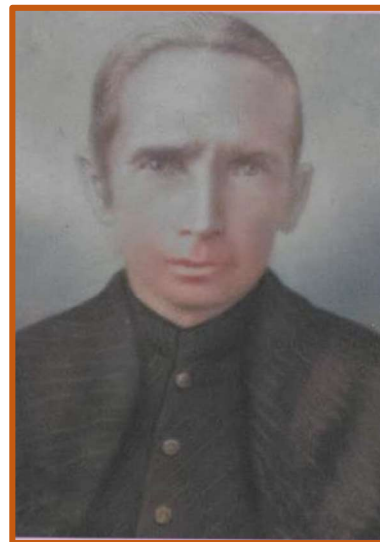
A outra família Borin que se estabeleceu em Paraguaçu ainda na década de 1880 foi a de Mariano Borin e Maria Magdalena Tosatti, que tiveram os filhos: Giuseppe Borin (1888); Umberto Borin (1889); Olivo (1891); Gastão (1893); José Borin (1894); Maria (1896-1896); Marianna (1897); Dalila (1900-1971); Pedro (1902); e Vergílio (1903-1972). Mariano Borin faleceu em Paraguaçu em 2 de maio de 1940 e Maria Magdalena Tosatti em São Paulo, em 29 de dezembro de 1916 (dados do FamilySearch).

## Família Caproni

O patriarca dos Caproni que migrou para o Brasil e deixou ampla descendência em Paraguaçu, Douradinho, Carvalhópolis, Machado, Cordislândia, São Gonçalo do Sapucaí, Araçatuba, entre outras localidades de Minas Gerais e de outros estados, foi Giuliano Iacopo Celestino Caproni. Nascido em 06 setembro 1839, em Barga, Lucca, na Toscana, Itália, faleceu em 05 de janeiro de 1910 em Douradinho, Comarca de Machado - MG. Celestino era filho de Pier Luigi Caproni (1798-1841) e de Maria Isabella Marcucci (1809-?), natural de Casalvecchio di Barga. No Brasil, casou-se com Maximilia Emília Caixeta (1836-1923), filha do fazendeiro Antônio Pereira Caixeta e de Joaquina Maria de Jesus (ou de Nazaré), da família Pereira Caixeta. A família Caixeta era possuidora de terras na região de Douradinho, conforme Registro de Terras de 1855.



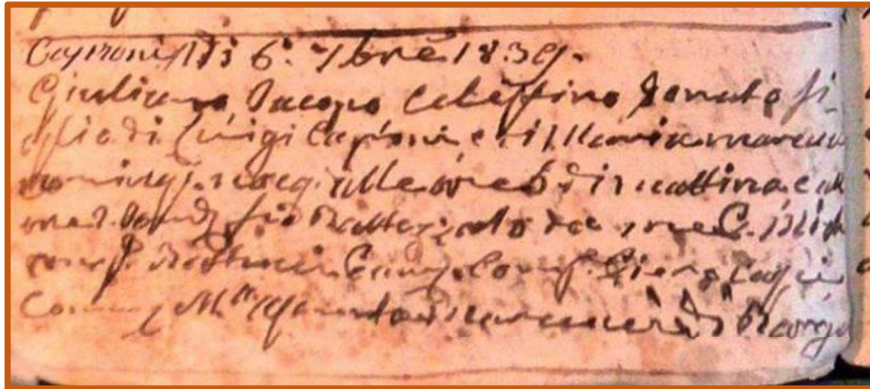
Celestino Caproni. Acervo da Família Caproni



Maximilia Caixeta. Acervo da Família Caproni.

Celestino Caproni teria migrado para o Brasil no início da década de 1850, muito antes das ondas migratórias do final do século XIX, o que o coloca em condição diferente da grande maioria dos imigrantes italianos que povoaram a região de Paraguaçu, Machado e Elói Mendes entre o final do século XIX e início do XX. Essa condição se dá por ter sido, provavelmente, o primeiro italiano a chegar espontaneamente para essa região do Sul Mineiro próxima a Paraguaçu, especificamente para Douradinho. No item “Os italianos no Sul Mineiro” descrevemos as subordinações administrativas de Douradinho em meados do século XIX. A vinda de Celestino Caproni para o Brasil não foi subsidiada por governo de nenhum Estado Brasileiro. É o mesmo caso de Ângelo Cosenza e do fazendeiro italiano José Antônio

Labecca, que se fixou em Paraguaçu, no entanto, José Antônio Labecca chegou duas décadas depois de Celestino Caproni, por volta de 1870.



Registro de nascimento de Celestino Caproni em Barga, na Itália. Acervo da Família Caproni

Não temos o documento de chegada de Celestino Caproni ao Brasil, no entanto, o Diário do Rio de Janeiro de 19 de abril de 1852, p. 4, informava a entrada no Porto do Rio de Janeiro, vindo de Angra, dos italianos Leonardo Nanet e Juliam (sic) Caproni. Não sabemos se era Celestino Caproni que viveu a maior parte da vida em Douradinho, mas é bastante provável, visto que o sobrenome Nanetti também é da região de Machado e de Douradinho.

da Silva.  
ANGRA, vapor *D. Affonso*, 124 tons, M Lourenço Machado, equip. 17: carga varios generos; passags. o Dr. José Joaquim Ludovino da Silva; o Francez Joseph Brum; os Italianos Leonardo Ninet e Juliam Caprone; os Portuguezes Joaquim da Silva Luiz e José Machado Coelho.

Diário do Rio de Janeiro de 19 de abril de 1852, p. 4. Acervo Digital BN.

O Correio Mercantil do Rio de Janeiro, do dia 28 de janeiro de 1853, anunciou a entrada pelo Porto do Rio de Janeiro, vindo da Bahia no dia 27 de janeiro, dos italianos Juliano Caproni e um criado, de nome João Baptista Nery. Também não podemos afirmar ser o mesmo Celestino Caproni, mas mais uma vez o sobrenome do criado nos intriga, pois Nery também é um sobrenome comum em Machado e região. Em 1959, morava em Douradinho Joaquim Nery e a esposa Rita Claudina.

**Dia 27.**  
MONTEVIDEO—João Brille, Suisso.—BAHIA—Jorge Munford, Inglez, e Juliano Caprone com um criado de nome João Baptista Nery, Italianos.—S. PAULO—O padre Bernardo Barbosa de Andrade Pinto Brandão e Antonio José Vieira, Portuguezes.—LISBOA—Paulo Pizani da Cruz, Inglez, e Francisco Rodrigues, Portuguez. — SANTOS — Renben Knecht e Leon Hurrick, Americanos.  
Secretaria da policia da côrte, em 27 de janeiro de 1853.—A. L. C. de Gouveia.

Jornal Correio Mercantil, de 28 de janeiro de 1853. Acervo Digital BN.

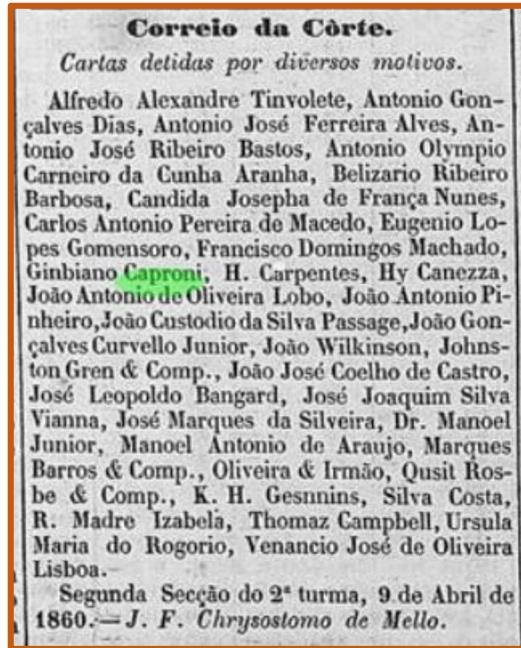
Ainda no Diário do Rio de Janeiro, do dia 3 de fevereiro de 1853, Juliano Caproni saiu do Porto do Rio de Janeiro com destino à Bahia com seu criado João Baptista Nery e mais um escravizado que deveria ser entregue. Seriam eles negociantes de escravizados? De acordo com a descendente Deyse Caproni de Moraes Ferreira, que há anos pesquisa a família Caproni e contribuiu com muitos documentos e informações aqui inseridas, Celestino Caproni de fato era negociante de escravizados, o que o coloca no Rio de Janeiro em 1852/1853 aos 13 anos de idade. De acordo com relatos de Deyse, Celestino Caproni teria sido criado por um tio, de nome Antônio, que era padre. De fato, encontramos um Antônio Caproni no Rio de Janeiro em 1860.

**MOVIMENTO DO PORTO.**

SAHIDAS NO DIA 2.  
BAHIA, brigue *Oriente*, 208 tons., M. João Joaquim da Costa Fernandes, equip. 13 : carga varios generos ; passags. o Italiano Juliano Caprone e seu criado João Paptista Nery, e 1 escravo a entregar.

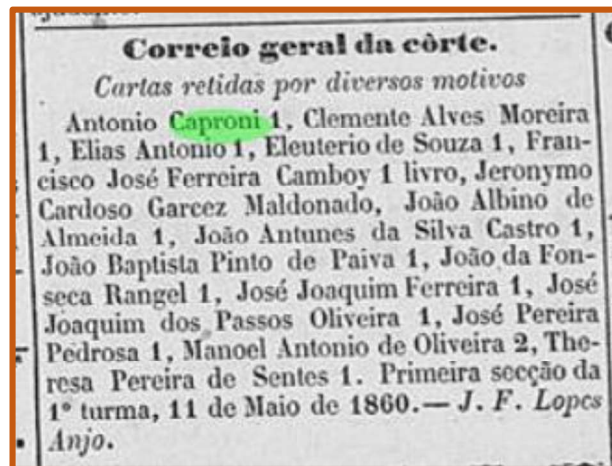
Diário do Rio de Janeiro, do dia 3 de fevereiro de 1853, p. 4.

Mais uma nota do Jornal Diário do Diário do Rio de Janeiro, de 19 de abril de 1860, chama nossa atenção. Naquela data o periódico da Corte publicou que os Correios procuravam Ginbiano (sic) Caproni para entrega de correspondência, ou seja, ele não estava na Corte naquela época e não foi localizado para entrega da correspondência.



Diário do Rio de Janeiro, de 19 de abril de 1860. Acervo Digital da BN.

Em maio de 1860, o mesmo Diário do Rio de Janeiro procurava por Antônio Caproni também para entregar correspondência. Não sabemos se Celestino Caproni veio sozinho ou acompanhado ao Brasil e quem poderia ser Antônio Caproni ou se era o tio de Celestino.



Diário do Rio de Janeiro, de 12 de maio de 1860. Acervo Digital da BN.

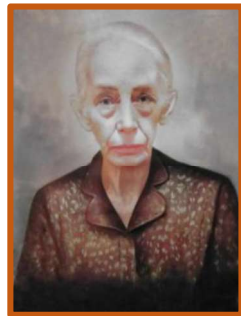
O que sabemos por pesquisa documental e relatos colhidos pela família Caproni é que Celestino Caproni já estava na região de Douradinho / Machado por volta de 1860.

Celestino Caproni teria se casado por volta de 1860-1861 com Maximilia Emília Caixeta, pois em 1862 nascia a primeira filha do casal em Douradinho, Maria Cleofana Caproni. Karol Arimatéa de Moraes levantou que nos dados da população de Machado para o ano de 1838, há um registro do casal Antônio Pereira Caixeta e Joaquina Maria (que também

assinava Joaquina Jesuína), vivendo junto de dois filhos: Pedro, com 4 anos e Maximília, com 2 anos. Maximília, esposa de Celestino Caproni, era Neta de João Pereira Caixeta e Anna Cherubina, Bisneta de José Pereira Caixeta e Izabel Branca Benedita de Toledo Piza, Trineta de João Pereira Caixeta e Caetana do Rozário. Tetraneta de Manoel Gonçalves Cacheta e Izabel Gonçalves. Essa família aparece nos registros de Terras de Douradinho em 1855 como proprietária de fazendas na região.

Celestino Caproni e Maximilia Caixeta tiveram os filhos:

1. Maria Cleofa (1862) casada com Benedito Dias Cardoso
2. Celestina Cesari (1865) casada com Joaquim José de Lima
3. Antônio Luiz Caproni (nascido em 1866-1928) casado com Gabriela Luisa de Figueiredo
4. Jose Luís Caproni (nascido em 1872) casado com Aurora Massoni
5. João Estêvão Caproni (nascido em 1875-1944) casado com Ana Teodora de Lima
6. Maria José Caproni (1876) casado com Antônio José de Lima
7. Luís Torquato Caproni (nascido em 1879)
8. Eliza Gonzaga Caproni (nascida em 1883) casada com José de Arimathéia Moraes Machado
9. Joaquina das Neves Caproni
10. Agostinho Luiz Caproni (nascido em 30/05/1880) casado com Virgília Geralda de Araújo



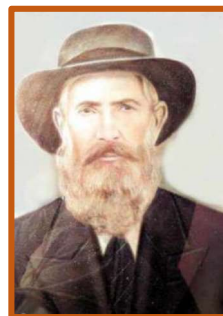
Joaquina das Neves Caproni. Acervo da Família Caproni.



Agostinho Caproni. Acervo da Família Caproni.



Eliza Caproni. Acervo da Família Caproni.



José Luiz Caproni. Acervo da Família Caproni.

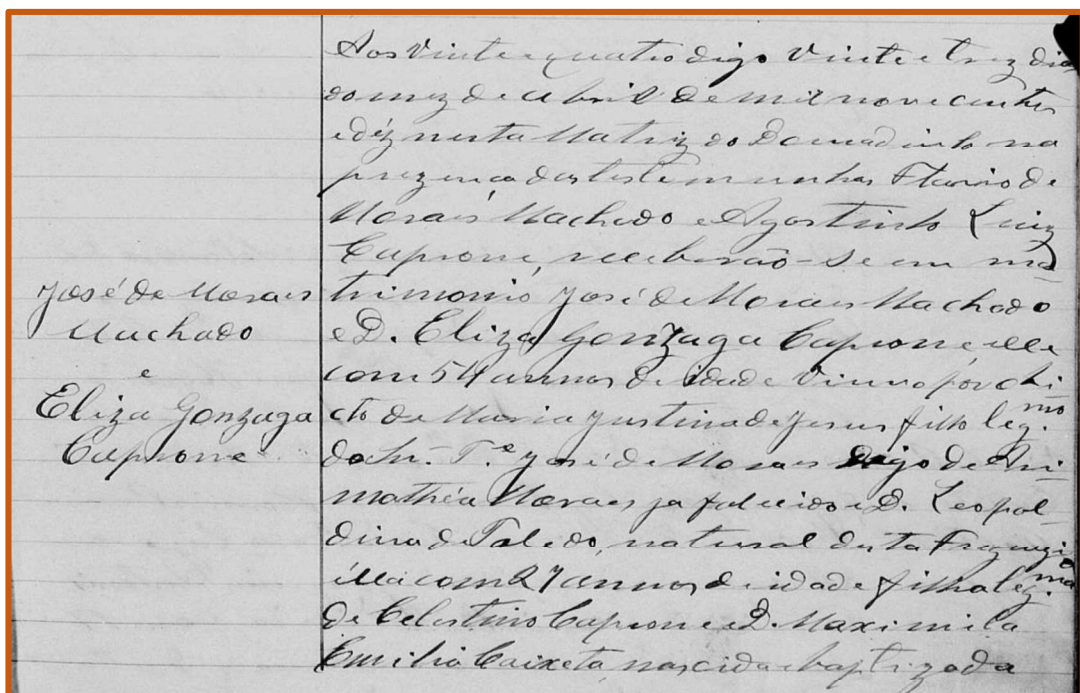
No alistamento eleitoral de Douradinho, para o ano de 1897, aparecem os filhos de Celestino Caproni:

- Antônio Luiz Caproni, 31 anos
- João Estevão Caproni, 22 anos
- Luiz Torquato Caproni, 21 anos
- Celestino Caproni, de 59 anos (morador do quarto quarteirão de Douradinho)
- José Luiz Caproni, 25 anos

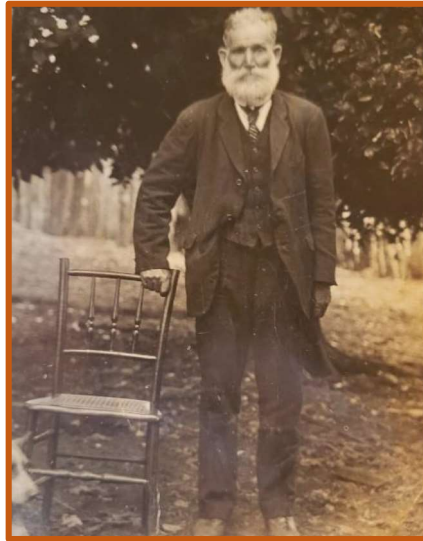
Celestino Caproni era o único italiano da lista que podia votar em Douradinho, o que sugere que ele tenha pedido naturalização como brasileiro. Além disso, Celestino Caproni foi nomeado, em 1893, como Alferes da Guarda Nacional de Minas Gerais, da 4ª. Companhia, do 118º. Batalhão de Infantaria, conforme nota do Jornal Oficial Minas Gerais, de 23 de julho de 1893.

Segundo Ricardo Rebello, em 1896 ocupava a Serventia do Cartório de Douradinho Antônio Luiz Caproni, que era um dos filhos de Celestino Caproni.

A família é bastante numerosa, mas o braço dos Caproni que se fixou em Paraguaçu descende da filha Eliza Gonzaga Caproni, que se casou aos 27 anos, no dia 23 de abril de 1910, com José de Moraes Machado, viúvo de 54 anos. Ela, filha de Celestino Caproni (Italiano) e de Maximilia Emília Caixeta, e ele filho do Tenente José Arimatéa de Moraes e de Leopoldina Carolina de Toledo.



Registro de Casamento de Eliza Caproni com José de Moraes Machado. Fonte: FamilySearch



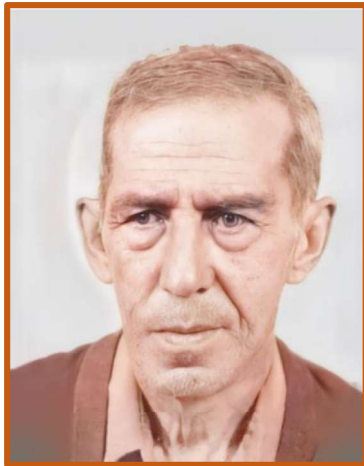
José de Moraes Machado, nascido em Machado ca. de 1852. Acervo de Daniel Morroni Pereira.

Um fato interessante sobre os italianos migrados para o Brasil é que era comum reproduzirem nos filhos os mesmos nomes dos seus pais, irmãos e outros familiares. E os filhos reproduziam novamente os mesmos nomes e assim sucessivamente. Observamos esse fato em diversas famílias italianas investigadas para esse projeto. Desse modo, temos diversos homônimos na mesma família, o que dificulta as pesquisas documentais. Um exemplo pode ser verificado no registro abaixo de nascimento de Maria das Dores Caproni, filha de Celestino Caproni, nascida em 1947. No entanto, o Celestino Caproni pai de Maria das Dores era neto do italiano Celestino Caproni que migrou para o Brasil nos anos 1850 e deixou ampla descendência. A filha do italiano Celestino Caproni, Joaquina das Neves Caproni, teve um filho de nome Celestino Caproni, nascido em 1916, possivelmente ele é que é o pai de Maria das Dores.

Aos cinco dias de Abril de mil novecentos e quarenta e sete		N. 40
n. esta Matriz ou Capela de Parades do Repusay		Nome
Campanha, Vol. paróquia	Bispado da	Maria das Dores
batizei solenemente a		Caproni
Maria das Dores Caproni nascida n. esta Freguezia		Observações
a dezessis de maio de mil novecentos		Carrei ao Povo.
e trinta e dois filha legítima de Celestino Caproni		Secretario do Bispado
e de Francisca Caproni Pereira moradores n. esta		Ca. 12 40, ca. Batizados
paróquia		pro. sessões antigas
Foram padrinhos Paul Eibeiro e		dia 4-1-1947
Jacira Barbieri		Fr. Francisco P. Ferreira
E para constar, foi lavrado este termo que assino.		
O Pároco Fr. Francisco Pedro Ferreira		

Registro do FamilySearch.

No entanto, outros filhos e netos do italiano Celestino Caproni também colocaram em seus filhos o nome de “Celestino Caproni”, como foi o caso de Eliza Caproni, casada com José de Moraes Machado que também teve um filho que recebeu o nome de Celestino Caproni. Segundo Deyse, até hoje os descendentes ainda registram filhos com o nome de Celestino Caproni. Há também várias “Elizas” na família Caproni, como outros nomes que se repetem.



Celestino Caproni, neto do italiano Celestino Caproni, filho de Joaquina das Neves Caproni. Acervo da família Caproni.



Celestino Caproni, filho de Eliza Caproni Moraes, neto de Celestino Caproni. Acervo da família Caproni

Segundo árvore genealógica elaborada por Deyse Caproni de Moraes Ferreira, os filhos, netos e bisnetos de Eliza que se fixaram em Paraguaçu e região, são:

**1. Celestino Caproni De Moraes e Maria Antônia Candida de Moraes Pereira Caixeta. Ambos primos.**

● **Filho Osvaldo Caproni De Moraes c.c Margarida(falecida)**

● Filho Orestes Caproni De Moraes

• Neto: Orestes Caproni De Moraes Jr. (Falecido)

• Neto: Jairo Caproni De Moraes c.c Mônica

• Bisnetos: Sarah Caproni Dias, Gabriel Caproni Dias.

• Neto: Eder Caproni De Moraes

● Filho; Orozimbo Caproni De Moraes c.c Eliza Silva de Moraes

• Neto: Dimas Natal Moraes (falecido)

• Neta: Darci Caproni De Moraes c.c Raimundo.

• Bisnetos: Paula Caproni De Moraes Leite

• tataranetos: Vinicius, Letícia, João Vitor.

- Bisneto: Wellington Caproni De Moraes Leite c.c Wanda Souza
- tataraneta: Sofia Caproni Souza.
- Bisneta: Eliana Caproni De Moraes Leite c.c Gustavo
- tataranetos: Rayssa Caproni, Luiz Gustavo , Estela .
- Bisneto: Weverton Caproni De Moraes Leite.
  
- Neto: Davi Caproni De Moraes c.c Rosangela.
  
- Neta Rosângela Caproni De Moraes
- Bisneta: Deyse Caproni De Moraes Ferreira
  
- Neto: Rogério Caproni De Moraes c.c Adriana Rezende.
- Bisnetos; Luiz Felipe Caproni De Moraes Rezende, Ana Júlia Caproni De Moraes Rezende.
  
- Neta: Olga Aparecida de Moraes c.c Emerson
- Bisnetas: Rafaela Caproni Pereira, Gabriela Caproni Pereira.
  
- Neta: Luciana Caproni De Moraes
  
- Filho José de Arimatéa Caproni c.c Cida Cambraia
- Neta: Kelem Caproni Guerra c.c Afonso Guerra.
- Bisnetos: Yuri Caproni Guerra, Karen Caproni Guerra, Sofia Caproni Guerra.
  
- Neto: Juliano Caproni  
Bisnetos: Luana Caproni, Juliana Caproni.  
João Lucas Caproni, Eduardo Caproni, Leonardo Caproni.
  
- Neto: Jader Caproni  
Bisnetos: Vitor Schimit Caproni  
Bisnetos: Pietro Di Lorenzo Lago Caproni, Matteo Di Lorenzo Lago Caproni.
  
- Filho Gabriel Pereira de Moraes c.c Carmen Dias
- Neto: Gabriel Moraes c.c Fernanda
- Bisnetos: Adolfo Moraes, Arthur Moraes, Valentina Moraes.
  
- Neto: Victor Moraes
- Neto: Guilherme Moraes
  
- Filha Maria das Dores Moraes Pereira
- Neto: Orlando Moraes Pereira
- Bisnetos: Cinthia Pereira, Dyego Pereira, Orlando Pereira Jr, Ariadne Pereira.
  
- Neta: Ângela Moraes Pereira
- Bisnetos: Andressa Pereira Azarias, Ayslan Pereira Azarias.
  
- Neto: Sérgio Luiz Moraes Pereira
- Bisnetos: Maria Eduarda, Luiz Sérgio, Luiz Gustavo, Luiza.
  
- Filha Maria Dulce Caproni c.c Alberto Kalmann

- Neto: Alberto Kalman Jr
  - Neto: Eduardo Kalman
  - Neto: Fábio Kalman c.c Rosangela
  - Bisnetas: Stefany Kalman, Isabely Kalman
- 
- Filho Sebastião Pereira de Moraes c.c Felicia Macedo
  - Bisnetos: Matheus Pereira Macedo, Thalita Pereira Macedo.

- Filha Maria Elisa Caproni
- Netas: Elaine, Eliana, Suzana.

- Filha: Maria Celeste Caproni

## **2. Zé Caproni & Djanira. Falecidos.**

- Filha: Heloisa Costa Moraes

- Filho: José Roberto Costa Moraes
- Neta: Patrícia
- Neta: Karina
- Neta: Dagila
- Bisneta: Manoela

- Filho: Carlos Magno Costa de Moraes c.c Nubia Mara Ambrogi Prado Moraes

- Neto: Carlos Eduardo Ambrogi de Moraes c.c Elisa Coelho Deusdará

- Neto: Daniel Henrique Prado Moraes

- Neta: Vanessa Prado Moraes c.c Jorge
- Bisnetos: Iago, Íris, Yasmin.

- Filha: Maria das Graças Costa de Moraes
- Neto: Leandro

- Filha: Maria Ângela Moraes Ribeiro
- Neta: Thais Ribeiro de Moraes
- Bisneto: Emanuil Caproni

- Neto: Juliano c.c Camila

- Filho: Paulo César Costa De Moraes
- Neto: Paulo Ricardo .

- Filho: Luiz Costa Moraes
- Filha: Bernadete Costa de Moraes
- Filha: Rosangela Costa de Moraes

## **3. Milota (Máximilia Caproni) & João Souza.**

- Filha; Eliza Souza Vasconcelos c.c José Morais Vasconcelos
- Neto: Sérgio Souza Vasconcelos c.c Marina
- Bisnetas: Camila Prado Vasconcelos  
Renata Prado Vasconcelos c.c Daniel C.Lopes
- Tataraneta: Maria Elisa Vasconcelos Lopes
  
- Neto: Wagner Souza Vasconcelos c.c Luciana
- Bisneto: Eduardo Castilho Vasconcelos, Laura Castilho Vasconcelos.
  
- Neta: Cynthia Vasconcelos de Andrade e Silva c.c Leandro
- Bisneto: Lucas Vasconcelos Silva
  
- Neta: Ceres Souza Vasconcelos Santos c.c Nelson.
- Bisneta: Luiza Vasconcelos Santos
  
- Neta: Silmara Souza Vasconcelos Gavião c.c Cláudio
- Bisneta : Ana Eliza Vasconcelos Gavião
  
- Filha; Maria Madalena de Souza Reis c.c Milton Reis.
- Neta: Milka de Souza Reis
- Neto: André de Souza Reis c.c Adriana
- Bisnetos: Rafaela Garcia Campos Reis e Guilherme Garcia Campos Reis.
- Neto: Erlon de Souza Reis c.c Amanda
  
- Filha; Mariza de Souza Bueno c.c Evandro
- Neta: Larissa De Souza Bueno c.c Giuliano
- Bisneta: Alice Bueno Vettori
  
- Filho; José Wolney de Souza c.c Maria Benedita
- Netos: Henrique Coutinho de Souza, Suzana Coutinho de Souza, Patricia Coutinho De Souza, Mônica Coutinho De Souza.
  
- Filha; Sônia Maria de Souza Pedro c.c José Luiz
- Neta: Patricia de Souza Pedro
- Bisnetos: Luigi De Souza Pedro Aguiar, Enrico De Souza Pedro Aguiar
  
- Neta: Viviane De Souza Pedro Santana c.c Sandro Santana
- Bisnetos: Natan De Souza Pedro Santana, Breno De Pedro Souza.
  
- Neta: Karin De Souza Pedro Camargo c.c Régis
- Bisnetas: Bianca de Souza Pedro Camargo  
Helena de Souza Pedro Camargo  
Lorena De Souza Pedro Camargo. Falecida.  
Gabriel De Souza Pedro Camargo. Falecido.
  
- Filho; Jorge Luiz Souza ..Falecido c.c Marly
- Neta: Thaís de Souza Ferreira c.c Saint
- Bisnetas: Mariana De Souza Carvalho, Marina Souza Carvalho.
  
- Neta: Diana De Souza Castro c.c Heleandro

- Bisnetos: Jorge Henrique de Souza Castro Leandro, Eduardo Henrique de Souza Castro Leandro.

#### **4. Leopoldina Carolina de Moraes & José**

- Filha: Maria Elisa Pereira
- Filho: Itamar José Costa
  
- Filha: Elisa Pereira Moraes c.c Artur Moraes De Lima
  
- Neta: Rosa Maria de Lima c.c Iron Simão
- Bisneta: Lylian Lima Simão
- ;
- Neto: José Reinaldo De Lima c.c Eliana Santos
- Bisnetos: Alcides Ribeiro Neto, Reinaldo Santos Lima.
- Tataraneto: Davi Ribeiro Neto
  
- Neto: Paulo José de Lima c.c Claudiceia
- Bisnetas: Jaqueline Vieira Lima, Paulo Henrique Vieira Lima, Samantha Vieira Lima, Douglas Vieira Lima.
  
- Neta: Doralice Pereira Bernardes c.c Ciro Bernardes
- Bisneto: Ciro Bernardes Pereira Júnior
- Bisneta: Brunna Pereira Bernardes,
- Bisneto: Thiago Pereira Bernardes
- Tataraneto: Lorenzo Rodrigues Bernardes
  
- Neta: Lucia Helena Pereira Lima c.c Adriano Uchoa Arantes
- Neto: Renan de Lima Arantes
- Bisneta: Anny Eliza Lima Lopes Martins
- Tataranetos: Valentina de Lima Lopes Martins.
  
- Neta: Veranilda Moraes de Lima c.c Arlei José Pereira.
- Bisneto: Ezequias Moraes de Lima Pereira .
  
- Filha: Nilza Pereira Costa
- Filho: Antônio Pereira Moraes

#### **5. Romeu Caproni de Moraes & Izabel, falecidos**

- Filha: Euneida Moraes Carvalho
- Neta: Alessandra
  
- Neta: Marcela
- Bisneto: Theo
  
- Neto: Rodolfo
  
- Filha: Evanilda Moraes Carvalho
- Neta: Kemelly Caproni

- Neto: Paulo Ricardo Caproni
- Neto: Pedro Henrique Caproni
  
- Filho: Everaldo Moraes Carvalho
- Neta: Evilene Caproni
  
- Neta: Iara Caproni
- Bisneto: Arthur
  
- Neto: Éder
  
- Filha: Elaine De Moraes Carvalho
- Neta: Cibelly
- Bisneto: Arthur; Lucas e Matheus

#### **6. Noé Caproni De Moraes & Enilda**

- Filho: Carlos Roberto de Moraes
  
- Filho: José Mauro de Moraes
  
- Filha: Sandra Aparecida de Moraes c.c João Rui Domingues
- Neto: João Lucas Moraes Domingues
- Neto: Matheus Moraes Domingues
  
- Filha: Cilene Maria de Moraes c.c Geraldo Vicente Corrêa
- Neta: Ullly Caproni Corrêa
- Neta: Jade Caproni Corrêa
  
- Filha: Silvani Rita de Moraes
  
- Filha: Suelena Maria de Moraes c.c Marcelo Guimarães Nogueira
- Neta: Carolina Caproni Nogueira
- Neto: Carlo Caproni Nogueira
- Neta: Isabela Caproni Nogueira

#### **7. Geraldo Caproni De Moraes & Florentina. Ambos Primos.**

- Filha Sueli Terezinha de Moraes
  
- Filho José Luiz de Moraes c.c Geralda Mair Rodrigues de Moraes
- Neto: Fábio Rodrigues de Moraes c.c Juliana de Almeida Santos Moraes
- Bisnetas: Maria Eduarda Santos Gonçalves, Alyce Santos Moraes.
- Neto: Amaury Rodrigues de Moraes c.c Francieli Andrade Olevino.
- bisnetos: Henrique Andrade de Moraes.
- Neta: Giselly Rodrigues de Moraes c.c Leandro José Domingues
- Bisneta: Wivyan Moraes Domingues
- Neta: Luciene Rodrigues de Moraes c.c Elder Ricardo Caixeta
  
- Filha Jussara Moraes Costa c.c Rogério da Costa.

- Neta: Thamy De Moraes Costa c.c Artur Diniz Costa
- Neta: Gessica Luana Moraes Costa c.c Denis Carvalho Borges
- Bisnetas: Anelisy Moraes Costa Carvalho, Isabelly Moraes Costa Carvalho.
- Neto: Wesley Caproni Moraes Costa.

O atual Prefeito de Paraguaçu, Gabriel Pereira de Moraes Filho, é tataraneto do italiano Celestino Caproni. Filho de Gabriel Pereira de Moraes e de Carmen Dias de Moraes; Neto de Celestino Caproni de Moraes e de Maria Antônia Candida de Moraes Pereira Caixeta; Bisneto José de Moraes Machado e de Elisa Caproni de Moraes; e Tataraneto do italiano Celestino Caproni e de Maximilia Emília Caixeta. Por causa do casamento de Eliza com José de Moraes Machado, prevaleceu o nome do gênero masculino, ou seja, o Moraes, desaparecendo o Caproni.

Ainda há familiares de Celestino Caproni em Barga, Itália. Há alguns anos, membros da família Caproni, assim como fizeram também os Vigato, estiveram na cidade de origem de Celestino Caproni para conhecer os descendentes que permaneceram na Itália.

### Família Codignola (Codignoli ou Codignole)

A família Codignoli veio para o Brasil atendendo ao chamado do Fazendeiro Pio Souza Dias, de Machado. A família atravessou o Oceano Atlântico no Vapor Arno e deu entrada na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, no dia 18/12/1895. Naquele dia Emilio Codignola, de 38 anos, e sua esposa Erminia, 35 anos, chegaram para sua nova vida no Brasil com os filhos: Augusto, 13 anos, Clotilde, 11 anos, Emma, 7 anos, Ernersta, 4 anos, Alessandro, 1 ano, e Guido, de 4 meses.

A família Codignoli veio no mesmo Vapor que a família Corsini, embora a família Corsini fosse natural de Oppeano e os Codignoli de Nogara, ambas províncias da região de Verona, no Veneto italiano.

Emma Codignoli se casou com o também italiano Luigi Baccoli, filho de Carlo e de Maria Baccoli, que viviam em Paraguaçu nas primeiras décadas do século XX.

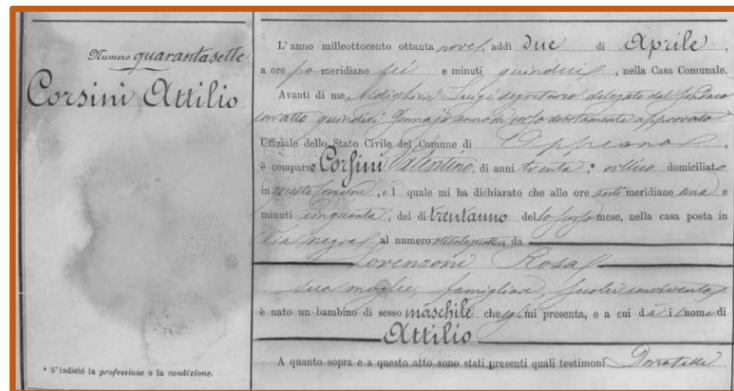
Emilio	38	M	Nogara	Italy
Erminia	35	F	"	"
Augusto	13	M	"	"
Clotilde	11	F	"	"
Emma	7	F	"	"
Ernesta	4	F	"	"
Alessandro	1	M	"	"
Guido	4	M	"	"

Registro da Hospedaria Horta Barbosa. Acervo: APM.

## Família Corsini e Dolci

Em Machado e Paraguaçu são numerosos os Corsini. Muitas famílias de sobrenome Corsini migraram para Minas Gerais no final do século XIX. Sabemos que em 1943, conforme consta no Registro de Estrangeiros, José Corsini, 59 anos, casado com Caterina Dolci, estava morando em Machado.

No Vapor Arno, que chegou ao Porto do Rio de Janeiro no dia 16 de dezembro de 1895, vieram três famílias de sobrenome Corsini. Todas as três famílias seguiram para a Fazenda Pedreira de Pio de Souza Dias, em Machado. Naquele dia desembarcaram no Brasil a primeira família composta por: Valentino Corsini (1858-1931), Virgínia Maria Lorenzoni (nascida em 1862), de 33 anos, com os filhos: Carolina, 13 anos, Giacinto, 11 anos, Vittore, 9 anos, Attilio, 6 anos, Antônio, 3 anos, e Emílio, 1 ano. A segunda família era menor, composta apenas por marido e mulher: Giuseppe Corsini, de 40 anos, e Teresa Corsini, de 38 anos, esposa. A terceira família era a de Ângelo Corsini, 45 anos, Guiseppa Corsini, a esposa, e os filhos: Marietta, 19 anos, Giuseppe, 15 anos, Giovanni, 10 anos, Angela, 9 anos e Luígia, 7 anos. Os registros são da Hospedaria Horta Barbosa, de Juiz de Fora, e podem ser acessados no Acervo do Arquivo Público Mineiro. Todos eles eram de Oppeano, região do Veneto, Província de Verona, Norte da Itália.



Registro de nascimento de Attilio Corsini na Itália, Oppeano, 2 de abril de 1889. Fonte: FamilySearch

O professor Sérgio Pedini, do IF Sul de Minas em Poços de Caldas, contou-nos que Valentino Corsini tornou-se um empreendedor bem sucedido no Sul Mineiro, indo fixar residência em Alfenas e, inclusive, começou a captar outros italianos para os fazendeiros de Minas, na Itália.

Nos registros de 1943, do Registro de Estrangeiros de Machado, constam Carolina Corsini, de 59 anos, ou seja, nascida em 1884. Assim como João Corsini, de 56 anos, morador da Fazenda da Conceição, casado com Domenica Dolci Corsini. José Corsini declarou que

também tinha 59 anos, mas como os imigrantes italianos não costumavam guardar documentos, é provável que as idades fossem apenas aproximadas. Assim, Catarina seria a mais velha, e José Corsini poderia ser Giacinto, que chegou ao Brasil com 11 anos, ou talvez fossem primos, já que vieram três famílias Corsini para o Brasil em 1895.

A esposa de José Corsini, do Registro de 1943, era Caterina Dolci, também italiana. Encontramos um registro de entrada para a Família Dolci, na Hospedaria Horta Barbosa, em 18/10/1897, vindo no Vapor Provence. O registro indica que naquele dia Giuseppe Dolci, de 47 anos, Maddalena Avigo, sua esposa de 47 anos, chegaram com os filhos: Giovani, 18 anos, Caterina, 16 anos, Pietro, 14 anos, Domenica, 11 anos, Giuseppe, 8 anos e Elisabetta, 6 anos. Eram naturais de Manerba del Guarda, na Lombardia. De Juiz de Fora seguiriam para a Fazenda Pedreira, de Pio Souza Dias. Os Dolci vieram no mesmo Vapor que os Baccoli e os Corsini.

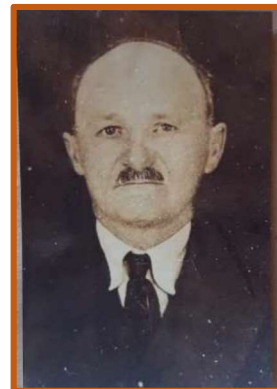
6	Dolci Giuseppe	47	m	c	Manerba	chefe
7	Maddalena	47	f	c		mulher
8	Giovanni	18	m	a		filho
9	Caterina	16	f	c		
10	Pietro	14	m	a		
11	Domenica	11	f	c		
12	Giuseppe	8	m	a		
13	Elisabetta	6	f	c		

Registro da Hospedaria Horta Barbosa. Acervo APM.

Pelos registros do FamilySearch, três irmãos Corsini se uniram a três irmãs Dolci. Eram eles: Attilio Corsini, casado com Elisabetta Dolci em primeiras núpcias; José Corsini se casou com Caterina Dolci; e João Corsini com Domenica Dolci. As famílias Corsini e Dolci deixaram ampla descendência em Machado e região, incluindo Paraguaçu, Varginha, Elói Mendes, entre outros.



Humberto Corsini e sua esposa Aurora Negretti. Fonte: FamilySearch



Attilio Corsini. Fonte: FamilySearch

## Família Cosenza

Ângelo Cosenza (escreviam também Cozenza e Gozenza) parece ter sido um dos primeiros italianos a se estabelecer no atual município de Paraguaçu, ainda no início dos anos 1870, antes das ondas migratórias subsidiadas pelos governos dos Estados de São Paulo e de Minas.

É necessário fazer uma ressalva, Celestino Caproni já estava na região de Douradinho nos anos 1860, uma década antes de Ângelo Cosenza chegar à antiga Carmo da Escaramuça. No entanto, Celestino não se fixou no território da atual Paraguaçu. Foi sua filha, Eliza Gonzaga Caproni (nascida em 1883), casada com o Sr. José de Arimathéia Moraes Machado, que deixou em Paraguaçu a descendência dos Caproni/Moraes. Embora naquele período, meados do século XIX, o território de Paraguaçu pertenceu a Alfenas e, depois, a Machado, respectivamente. Dessa forma, tanto Douradinho, onde vivia Celestino Caproni, quanto Carmo da Escaramuça onde morava Ângelo Cosenza, pertenciam a Machado entre o final do XIX e início do XX. Pela proximidade geográfica com Douradinho, a ligação daquele distrito com Paraguaçu sempre foi estreita. Antes da construção da Capela de Carmo da Escaramuça, nos anos 1840, era a de Douradinho que atendia os que viviam em Carmo da Escaramuça. Fazendas com grandes extensões de terra adentravam um e outro território.

Segundo Certidão de Nascimento conseguida na Itália por Roseane Moreira Cosenza Moraes, bisneta de Ângelo Cosenza, o italiano Angiolo Cosenza ou Ângelo Cosenza (como era conhecido no Brasil) nasceu em 03 de outubro de 1839, em Laino Castello - Província de Cosenza – Calábria, Sul da Itália. Era filho de Nicola Cosenza (filho de Stefano e de Cetraro Carmina) e de Izabella de Franco (filha de Celestine e Margherita Cosenza). De acordo com dados fornecidos por Roseane, Ângelo tinha mais três irmãos: Rosaria Cosenza, Margarita Felice Cosenza e Carmine Cosenza. Ângelo Cosenza teria chegado ao Brasil nos anos 1870 como mascate, mas não encontramos registros ou dados históricos que comprovem essa informação ou que demonstrem a entrada de Ângelo Cosenza nos Portos brasileiros.

A genealogista Silvia Buttrós encontrou registros, de 1872, que demonstram que Ângelo Cosenza estava em Paraguaçu nesse período. Em 1874 ele já estava estabelecido em Paraguaçu, conforme nos demonstra o Almanach Sul Mineiro, de 1874. Nesse ano, Ângelo Cosenza era vendedor de secos e molhados e gêneros da terra, conforme publicação do Almanach. Em 1884, o mesmo Almanach Sul Mineiro indicou que Ângelo Cosenza era **rancheiro** em Paraguaçu, ao lado de João Gonçalves Correia e Joaquim Custódio da Silva e Irmão. Além de rancheiro, ele era negociante de fazendas e artigos de armarinhos. A partir de

1913, é o filho de Ângelo Cosenza, José Cosenza – o Juca do Ângelo, que começa a aparecer no Almanak Laemmert como responsável por “Armarinhos, arreios, calçados, chapéus, fazendas, ferragens e louças”.

Além de Ângelo Cosenza, que formou numerosa família em Paraguaçu, existiu um homônimo religioso, chamado Ângelo Cosenza Calvosa, que era padre em 1884 em Santa Rita de Caldas, e foi pároco de Paraguaçu entre 1871 e 1872, mesmo período que Ângelo Cosenza, objeto desse relato, também estava no município. Mas não eram a mesma pessoa.

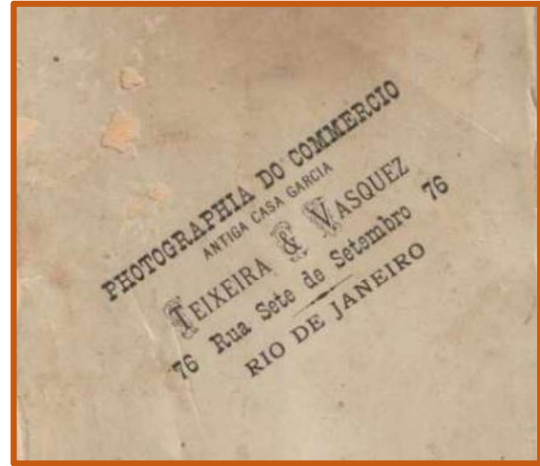
Em Paraguaçu há uma travessa com o nome de Ângelo Cosenza.



Localização de Laino Castello no mapa da Itália

Por volta de 1872, segundo levantamentos de Silvia Buttrós, Ângelo Cosenza tinha chegado ao arraial de Carmo da Escaramuça e requereu um terreno vago, na rua que dava para o Pontalete, hoje Rua Ferreira Prado. No terreno construiu uma casa e montou uma loja, que citamos anteriormente, de secos e molhados. Um tempo depois, construiu um casarão em frente à sua casa e ali estabeleceu o pouso ou rancho, conforme aparece no Almanach Sul Mineiro de 1884. O lugar era ponto de parada de tropeiros e viajantes. A publicação da Academia Paraguaçuense de Letras (APL), narra que Ângelo Cosenza foi adquirindo todas as casas existentes ao final dessa rua onde estava estabelecida sua morada, assim como um pasto para abrigo dos animais dos seus hóspedes.

Em 1873 Ângelo Cosenza se casou em Paraguaçu com Maria Joanna Alves (1843-1925), filha de João Alves de Deus e Maria Rita de Jesus, radicados no Mandaguari. O casal teve os filhos: Francisca Antônia, Maria Ângela, Isabel, Angelina, Philomena, José Cosenza (o Juca do Ângelo) e Rosária, falecida ainda na infância. Ângelo Cosenza faleceu em 21 de agosto de 1917 e Maria Joanna em 29 de maio de 1925, aos 82 anos de idade.

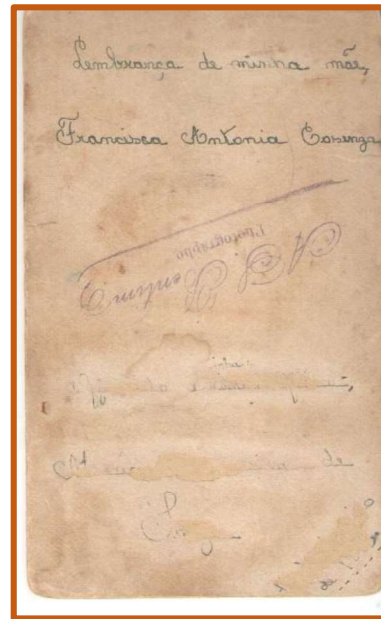


Ângelo Cosenza. Fonte: FamilySearch. Acervo de Roseane Moreira Cosenza Morais.

Verso da fotografia.



Francisca Antonia Cosenza, a filha mais velha de Ângelo Cosenza. Acervo de Roseane Cosenza



Verso da fotografia ao lado

José Cosenza, filho de Ângelo Cosenza, alcançou notoriedade em Paraguaçu. Em 1914, José Cosenza aparece como o 2º. Juiz de Paz de Paraguaçu, conforme Almanak Laemmert. Em 1916, foi eleito para a Câmara de Paraguaçu como vereador. Em 1921, ele surge como Secretário Municipal no mesmo Almanak Laemmert para o ano de 1921, cargo que exerceu até os anos 1930. No ano de 1931, José Cosenza passou a administrar o Hotel Cosenza, localizado na Rua João Eustachio, n. 35, e ainda era proprietário de uma Perfumaria e uma Loja de Chapéus, que tinha o nome de A Realidade (LAEMMERT, várias edições).



Hotel Cosenza, de José Cosenza. Fotografia do site: <https://historiadeparaguacu.com.br/?s=cosenza>

No início dos anos 1940, a edificação que abrigava o Hotel Cosenza foi demolida e no local construíram a nova edificação no estilo eclético da época, que abrigou a sede da Cia Sul-Mineira de Eletricidade.

Em 1909, José Cosenza casou-se com Maria Theresa de Siqueira, natural de São Gonçalo do Sapucaí, conhecida como dona Mariquinha. Tiveram os filhos: Maria José, José Nicodemo, Isonel, Romeu e Ramon.

Silvia R. Buttrós Rodrigues, publicou no jornal “O Cidadão”, de 27 de outubro de 2001, parte da extensa genealogia de Ângelo Cosenza, que inserimos a seguir:

**I – Francisca Antônia Cosenza (1877-1918)**, casada em 1905 com João Alves de Souza, filho de Matheus José de Souza e Carolina Alves de Deus.

- 1 – Geraldo de Souza, nascido em 1906.
- 2 – Maria de Souza, nascida em 1907.
- 3 – Angelina de Souza, nascida em 1908.

**II – Maria Angela Cosenza (1879-1953)**, casada em 1900 com Alfredo Teixeira Dias, natural de Barqueiros, Portugal, filho de João Teixeira Dias e Luísa Ribeiro da Conceição. Moravam na Fazenda Cantagalo.

- 1- Alfredo Teixeira Dias Júnior, casado em 1929 com Maria de Carvalho Horta.
- 2- Edith Teixeira Dias, casada em 1924 com Ottoni Dias Swerts.
- 3- José Teixeira Dias, nascido em 1906.
- 4- Luísa Teixeira Dias, nascida em 1907.
- 5- Roque Teixeira Dias, nascido em 1910.
- 6- Carlos Teixeira Dias, nascido em 1911.
- 7- Guiomar Teixeira Dias, nascida em 1912.
- 8- Heitor Teixeira Dias, nascido em 1914.

**III – Isabel Cosenza**, casada em 20/05/1913 com César Sepini (nascido em 1891), filho de Nicolau Sepini e Maria Theresa Perna.

- 1- José Sepini, nascido em 1915.
- 2- Ângelo Sepini, casado em 1939 com Isabel Rosa.
- 3- César Sepini Filho, casado em 1940, 1<sup>as</sup> núpcias, com Maria Guiomar Prado. Casado em 1982, 2<sup>as</sup> núpcias, com Vera J. Xavier.
- 4- Luiz Sepini, casado em 1946 com Vera Camargo.

**IV – Angelina Cosenza** (1882), casada em 1900 com José Gonçalves Teixeira, natural de São Jorge de Vassia, Portugal, filho de Joaquim Gonçalves Teixeira e Joaquina Teixeira.

- 1- José Teixeira Júnior, casado em 1924 com Ormindia Pereira.
- 2- Ignácio Teixeira, nascido em 1903.
- 3- Heitor Teixeira, nascido em 1904, falecido na infância.
- 4- Maria Aparecida Teixeira, casada em 1929 com o Dr. Adroaldo Lopes da Cruz, natural do Rio de Janeiro, que foi Juiz Municipal em Paraguaçu, no início da década de 1920. Dr. Adroaldo faleceu em Sabinópolis, onde era Juiz, em 1936, aos 66 anos. Sua esposa faleceu no Rio de Janeiro, em 1987. Deixaram 3 filhos: Afrânio, Rodolpho e Rosalvo.
- 5 – Joaquina Teixeira, casada em 1943 com Domingos Rosa.
- 6 – Orestina Teixeira, casada em 1944 com Paulino Luiz de Mello.
- 7 – Heitor Teixeira, casado em 1939 com Rita Costa.
- 8 – Ignácio Teixeira, nascido em 1916.
- 9 – Emirena Teixeira, casada em 1947 c/ Carlos Celso do Prado.
- 10 – Antônio Teixeira, nascido em 1919.
- 11 – Olivar Teixeira, nascido em 1921.
- 12 – Onofre Teixeira, casado em 1963 com Íris Maria dos Reis.
- 13 – Alice Teixeira, casada em 1947 com João Fressato.

**IV – Philomena Cosenza** (1883), casada em 1<sup>as</sup> núpcias com Antônio Teixeira Dias, natural de Portugal, filho de Carlos Teixeira Dias e Joaquina Ribeiro da Conceição.

- 1- José Teixeira Dias, casado em 1929 com Olímpia Conceição Leite.
  - 2- Antônio Teixeira Dias, casado em 1932 com Hilda Costa.
- Philomena Cosenza, casada em 2<sup>as</sup> núpcias com José Gonçalves Pereira (Zeca Pereira), viúvo.
- 1- Maria do Carmo Pereira, casada em 1935 com Geraldo Rezende.
  - 2- José Pereira (Juquinha), casado com Daisy.
  - 3- João Pereira (Donda), casado com Maria do Carmo Paduan.
  - 4- Ângelo Pereira (Anjico), nascido em 1925.
  - 5- Jair Pereira (Bonitinho), casado com Maria de Lourdes de Jesus.

**V – José Cosenza (Juca do Ângelo ou Juca do Anjo)**, (nascido em 1884) casado em 1909 com Maria Theresa de Siqueira, natural de São Gonçalo do Sapucaí, filha de José Lopes de Siqueira e Antônia Fausta Maciel. Em 1921, comprou um casarão na Praça João Eustáquio da Costa e lá montou um Hotel e uma loja. O Hotel Cosenza ficou muito conhecido na região.

- 1- Maria Cosenza, nascida em 1910, falecida na infância.
- 2- Maria José Cosenza, casada em 1930 com Olavo Wilson do Prado.
- 3- José Nicodemo Cosenza, casado em 1938 com Simone Moreira Westin.
- 4- Aurora Cosenza, nascida em 1914, falecida na infância.
- 5- Isonel Cosenza, casado com Maria Auxiliadora Rebello Horta.
- 6- Romeu Cosenza, casado em 1946 com Maria José Moreira.
- 7- Ramon Cosenza, gêmeo de Romeu, falecido aos 22 anos, em 1942.

**VI – Rosária Cosenza**, nascida em 1892, falecida na infância.

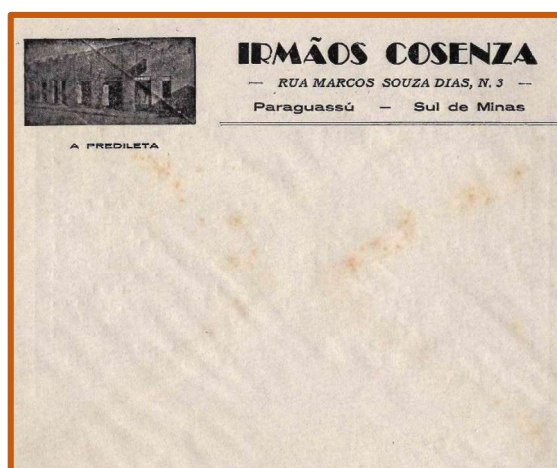


A fachada da "A Predileta" em foto de 1936

Fachada da Loja "A Predileta" de José Cosenza. Anexa ao Hotel Cosenza. Fonte: Jornal Folha da Matinada, jan/1999.



Envelope da Loja A Realidade, de Ângelo Cozenza. Acervo da FUNDAMAR.



Envelope da Loja A Predileta. Acervo da FUNDAMAR.

## Família Fagioli

João Fagioli nasceu em Milão, na Itália, em 1886, e faleceu em Macucos, Getulina, São Paulo, em 19 de dezembro de 1949. Era filho de Francesco Fagioli (1863-1949) e de dona Angela Raimondo (1868-1934). Francesco Fagioli faleceu em Ityrápina, São Paulo, em 2 de junho de 1949. A família viveu muitos anos na Fazenda Leopoldina, em Cafelândia, São Paulo, e também em Ityrápina, São Paulo.

João foi o filho mais velho do casal, depois dele vieram os filhos: Giuseppe (1890-1927); Pedro (1898-1980); Mário (1899); Luiz (1900-1982) nascido no Brasil em São Carlos do Pinhal; Maria (1901-1994) nascida no Brasil; Hermínia (1902-1977); e Regina (1904-1954). A família chegou ao Brasil entre 1899 e 1900.

João Fagioli teve 22 filhos e três esposas aqui no Brasil. A primeira delas parece ter sido Sossana Barini, com quem teve Isolina Fagioli, nascida em 1919 em Itirápina, São Paulo.

Com a segunda esposa com quem se casou em 1945, chamada Olímpia dos Santos Fajoli, João teve um filho de nome José Fajoli (1947 - 1999). José casou-se por volta de 1969 com Neusa Maria Machado Fajoli (1951 - ainda vive) e foram morar em Getulina (SP), depois se mudaram para em Marília (SP), indo residir posteriormente em São Paulo (SP), onde o casal se separou. José e Neusa tiveram dois filhos. Um dos filhos, chamado Giovani Machado Fajoli (1970 - ainda vive) morou em Pouso Alegre (MG). Em São Paulo conheceu Rosângela Aparecida da Silva Fajoli, onde se casaram e foram morar em Pouso Alegre, depois mudaram-se para morar em Paraguaçu, em 1999, por causa de trabalho.

Giovani e Rosângela tiveram duas filhas, Aline Fajoli (1996 - ainda vive) e Giulia Fajoli (2006 - ainda vive). A família fixou residência e vive em Paraguaçu. Apenas a filha Aline que se mudou para Portugal.

## Família Fattini

De acordo com dados levantados por Guilherme Prado, Eugênio Fattini chegou ao Brasil por São Paulo, no ano de 1925. Ele era filho de Domenico Fattini e de Elisabetta Milanesi, nascido em Bagno di Romagna, Cesena, Emília-Romagna, em 11 de maio de 1899. De São Paulo, mudou-se para Varginha e hospedou-se no “Hotel Foresti”, onde conheceu a família Borin. Ficaram amigos e ele começou a namorar Alzira Borin, filha de Francesco Borin e de dona Letizia Faggion. Em 23 de dezembro de 1926 casou-se com Alzira Borin e tiveram posteriormente os filhos: Élio (nascido em 1927), Zélia (1928), Edda (1930) e Carlos Américo.

Segundo relato colhido por Guilherme Prado, Fattini trabalhava junto com os irmãos Virgílio e Augusto Borin, que eram construtores em Paraguaçu. Eles construía e Fattini pintava as edificações. Em cidades como Paraguaçu, Fama, Carmo do Rio Claro, Machado e em Fazendas da região existem edificações que foram pintadas por ele, incluindo a casa do Dr. Esdras Prado e a Igreja Nossa Senhora Aparecida, em Paraguaçu. Na Igreja de Nossa Senhora Aparecida Fattini pintou afrescos próximos aos arcos da entrada e nos fundos da Igreja, que foram suprimidas em reformas posteriores.

Em 1935, por intermédio de uma família, comprou um Hotel na cidade de Passa Quatro, o “Hotel Mantiqueira”, e morou no município por um ano e meio. Depois, Fattini teve uma oferta de realizar pinturas em Varginha e resolveu voltar para a região. Pintou em 1938 a capela do Colégio Coração de Jesus, juntamente com mais dois italianos que residiam em São Paulo. Por motivo de saúde, deixou de pintar e foi ser hoteleiro novamente. Era então o dono do “Hotel Avenida”, em Varginha, que administrou de 1940 a 1958.

Efígênio Fattini mudou-se para Belo Horizonte logo que vendeu o hotel e faleceu no dia 8 de janeiro de 1961, num acidente de automóvel, aos 65 anos de idade. Alzira Borin faleceu em 1982. Os quatro filhos do casal, deixam-lhe dez netos e oito bisnetos.

### Família Foresti e Sgarboza

A família Foresti se juntou à família Borin quando Virgílio Borin se casou com Droziana Foresti e se estabeleceram em Paraguaçu. A família Foresti é originária da região de Veneza e descende de Benedetto del Pio, conhecido como Foresti. Os Foresti se estabeleceram majoritariamente no município de Varginha e lá abriram um hotel e pensão, que servia refeições, o Hotel Foresti (Fonte: documento da família Borin).

A família Foresti chegou ao Brasil em 31/10/1888, conforme registro de entrada na Hospedaria Horta Barbosa de Juiz de Fora (Acervo APM). Sante Foresti tinha 48 anos e sua esposa, Santa Filomena Giraldo, tinha 46 anos. Trouxeram os filhos Maria, 19 anos, e Giacinto Foresti (nascido em 17/08/1876), 12 anos. O destino era Varginha. Giacinto se casou com Matilde Sgarboza, no dia 11 de maio de 1895 na atual Elói Mendes, e tiveram uma filha de nome Droziana. Foi o casal Giacinto e Matilde que abriu uma hospedaria e pensão em Varginha, da qual a dona Vilia Borim Solia, neta de Giacinto e Matilde e filha de Virgílio Borin, ainda se recorda, aos 101 anos de idade.

Em Paraguaçu, a presença dos Foresti assim como dos Sgarboza, parece ter sido restrita à dona Droziana, esposa de Virgílio Borin, que se estabeleceu e criou os filhos em Paraguaçu.

69	Foresti Sante	Chefe	48	casado
	Santa	mulher	46	"
	Maria	filha	19	solteira
	Giacinto	"	12	"

Registro de entrada no Brasil vindos no Vapor Washington. Livro: SG-801, pag.: 85. Acervo APM.

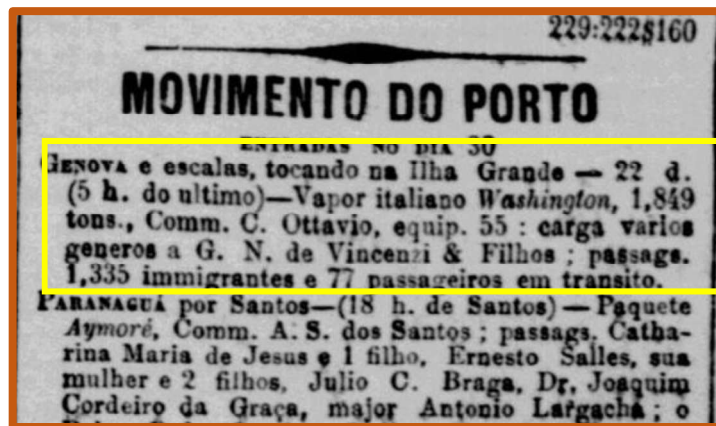
O Vapor italiano Washington que trouxe a família Foresti ao Brasil, em 1888, foi um dos primeiros a trazer imigrantes italianos em massa para o Brasil. Em 1888, 3.076 imigrantes italianos se dirigiram para Minas Gerais. No total, 4.090 italianos chegaram ao Brasil em 1888, ou seja, Minas Gerais foi o destino da maioria dos italianos migrados para o Brasil naquele ano, conforme dados a seguir constando a quantidade de imigrantes italianos chegados ao Brasil em 1888.

- 3.076 - Minas Gerais
- 1.250 – Corte
- 868 – São Paulo
- 545 – Rio de Janeiro

- 203 – Rio Grande do Sul
- 128 – Paraná

Fonte: A Imigração, Rio de Janeiro, nov. 1888, p. 3

O Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, informou a chegada no Porto do Rio de Janeiro do Vapor Washington. Ele trazia a bordo 1.335 imigrantes e mais 77 passageiros em trânsito.



Jornal do Commercio (RJ), 31 de outubro de 1888, p. 4. Acervo BN.

Grande parte das famílias que chegou pelo vapor Washington eram provenientes das províncias de Padova e de Veneza e seus arredores. O Vapor permaneceu no Rio até o dia 4 de novembro daquele ano, quando seguiu para o Chile levando 67 passageiros em trânsito.



Imagem do Vapor Washington. Disponível em:

<https://nostronnonno.wordpress.com/2016/10/30/vapor-washington-20011899/>

Sobre a família Sgarboza, encontramos um registro de chegada da família na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo. A família chegou em 25/11/1891, pelo vapor Matteo Bruzzo. A família era composta por Giacomo Sgarboza, 44 anos, pai, Barbera Batotti Sgarboza, 43 anos, esposa, e os filhos: Giovanni, de 13 anos, Matilde, de 7 anos, Rosa, de 7 anos, e Maria, de 02 anos. Os Sgarboza eram de Mestre, província de Veneza, na Itália.

A seguir uma fotografia da família Foresti/Sgarboza, em 1921.



Fotografia das famílias Foresti e Sgarboza, de 1921. Acervo de Dário Borim.

#### Legenda da fotografia:

De pé, da esquerda para a direita e de cima para baixo:

- 1-Reinaldo, filho de Candido Foresti e Eufemia Sgobbi Foresti
- 2-Aida Foresti(Dadá) filha de Jacinto Foresti e Matilde S.Foresti
- 3-Mariquinha, filha de Candido Foresti e Eufemia S.Foresti
- 4-Heitor Foresti,filho de " " " "
- 5-Augusto Foresti, " " " "
- 6-Bruno Foresti, " " " "
- 7-Mariquinha, filha de Jacinto Foresti e Matilde S.Foresti
- 8-Iracema, " " " "
- 9-Leonora, Filha de Candido Foresti e Eufemia S.Foresti
- 10-Santo Massa,casado c/Dosolina, filha de Jacinto e Matilde S.Foresti
- 11-Hugo Foresti,filho de Candido Foresti e Eufemia S.Foresti
- 12-Virgilio Borin,casado c/Droziana,filha de Jacinto e Matilde S.Foresti,  
ao colo, sua filha Vilia
- 13-Vitoria Cervo,casada com Heitor Foresti,filho de Candóo e Eufemia Foresti
- 14-Angelo Geraldi,casado com Filomena, filha de Jacinto e Matilde S. "

Sentados, na mesma ordem:

- 15-Dosolina,filha de Jacinto Foresti e Matilde S.Foresti,casada c/Santo Massa
- 16-Filomena Oliveira,casada c/Hugo Foresti,filho de Candido e Eufemia, ao  
colo sua filha Wanda
- 17-Droziana,filha de Jacinto e Matilde, casada com Virgilio Borin.
- 18-Filomena, " " " " , casada com Angelo Geraldi,ao colo,Geraldo  
s/filho
- 19-Matilde Sarbozza,casada com Jacinto Foresti
- 20-Jacinto Foresti,irmão de Candido Foresti,casado com Matilde Sgarbozza.
- 21-José Geraldi,filho de Filomena Foresti e Angelo Geraldi
- 22-Nestor Foresti,filho de Jacinto e Matilde S.Foresti
- 23-José Foresti, " " " "
- 24-Hilda Geraldi,filha de Filomena e Angelo Geraldi
- 25-Hylio Foresti,filho de Hugo Foresti e Filomena Oliveira Foresti
- 26-Hélio Foresti, " " " " " "

### Família Fressato (Frezzato) e Quaglio

A data de chegada da família Fressato (Frezzato) é controversa, como acontece com grande parte dos emigrados da Itália para o Brasil. O mais provável é que tenham vindo para o Brasil no ano de 1896, depois do nascimento do filho Emílio, em 1895, na Itália. Os relatos que temos sobre a família Fressato foram concedidos por Célia Gonçalves Horta, Denilce Fressato, Angelina Fressato (anotações do acervo da FUNDAMAR), Luiz Fernando Fressato e Jéssica Cristina Ferreira Espedito, todos descendentes dos patriarcas que vieram da Itália para o Brasil.

Os Fressato eram originalmente de Província de Piove di Sacco, região de Veneza, Distrito de Pádua, Itália. Os patriarcas da família Frezzato ao chegar ao Brasil foram trabalhar com lavoura de café, como foi bastante comum para o período, posteriormente montaram uma pequena fábrica de macarrão, em Paraguaçu, mas o empreendimento não deu certo. Desse modo, a família se empregou na Fazenda de Alfredo Leite, em Paraguaçu. Os patriarcas eram Antônio Fressato (Frezzato) e D. Maria Teresa Quaglio, conhecida como Marieta. Antônio Frezzato nasceu em Piove di Sacco em 03/06/1865, era filho de Gaetano Frezzato e Ana Conteira. Antônio Fressato era agricultor e tinha como irmão Luigi Matteo Frezzato, nascido em 18/04/1860, não sabemos se veio também para o Brasil (dados do FamilySearch). Dona Maria Quaglio (Marieta) era filha de Luigi Quaglio e de Domenica. Os Fressato deixaram extensa descendência em Paraguaçu, região e em outros estados.

Antônio e Maria Quaglio tiveram os filhos: Angelina (nascida em 1890), Giuseppe (nascido em 18/01/1892), Pietro (nascido em 04/07/1893), Emílio (nascido em 15/05/1895 na Itália), além de Natalina (Nita), Carolina, Rosa, Anna e Alfredo (os cinco últimos nascidos no Brasil). O filho Pedro faleceu durante a Primeira Guerra Mundial e nunca veio para o Brasil.

Era muito comum parte da família migrar da Itália para a América e depois outros parentes também migrarem para tentar a sorte além mar. Pode ter sido o caso dos Frezzato. Encontramos a entrada no Rio de Janeiro no dia 06/06/1891, vindo no navio Vincenzo Florio, de Gênova, para a família: Giovanni Battista Quaglio, 27 anos, Elisa Argere Bellinello, de 25 anos, e Natale, de 6 anos. Também veio junto Gioachino Quaglio, de 72 anos. Consta no site italiano Emigrazione Venetta que Giovanni Battista Quaglio era filho de Ângelo Quaglio e de Beatrice Frezzato, nascido em 02/09/1863, e casado em 21/09/1884 com Elisa Argere Bellinello. Esse dado nos informa que os Frezzato e os Quaglio eram próximos na Itália. Elisa era filha de Antônio e de Maria Tommasi, nascida em 02/03/1865.



Em pé: Nina, Giuseppe (Bepe), Natalina, Armindo, Carolina. Sentados: Sr. Antônio Fressato e a esposa Marieta, com Alfredo no colo e Rosa. Data: ca. 1908. Fotografia da família Fressato em Paraguaçu. Acervo da família Fressato e material da FUNDAMAR.



Dona Maria Quaglio, Carolina, José Ramos, Ana Cândida e Alfredo Fressato. Acervo de Luiz Fernando Fressato Carvalho.

A seguir o Registro de nascimento de Guiseppe, na Itália, filho de Antônio Frezzato e Maria Quaglio.



sua bisneta dona Maria Moura, de 71 anos de idade, nascida em 1951. Ela ainda se lembra da bisavó que falava “enrolado” o português. Conta-se na família que dona Marieta faleceu com cerca de 91 anos.

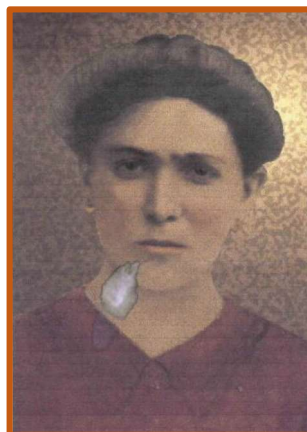


Dona Maria Quaglio. Acervo de Jessica Fressato.

O filho Alfredo, nascido em Paraguaçu no dia 14 de fevereiro de 1907, é nome de rua em Paraguaçu. Em 1930 ele foi convocado e lutou no movimento revolucionário, apresentando-se ao exército brasileiro na cidade de Três Corações.

Segundo dados coletados por Denilce Fressato, parte da descendência da família conhecida ficou assim configurada no Brasil:

1. Angelina (Nina), casada com João Gonçalves, teve 4 filhos: Antônio, José (Duca), Pedro e Maria Gabriela (Belinha). Angelina se lembrava da viagem e de ter chegado ao Brasil com cerca de 6 anos de idade. Angelina faleceu em 1966.



Angelina Fressato. Acervo da FUNDAMAR

2. Giuseppe Fressato (Beppe) se casou em 1912 com Leonor Bechis. Filhos: 1- Maria Aparecida Fressato, casada em 1935 com Joaquim Aleixo Costa; e 2- João Fressato, casado em 1947 com Alice Teixeira.
3. Pedro, solteiro, faleceu na Itália combatendo na Primeira Guerra, tinha intenção de vir para o Brasil depois de casado.
4. Emílio Fressato (aqui no Brasil Armindo Fressato) casou-se com Ovídia Maria de Jesus e teve os filhos: Antônio nascido em 1915, José Fressato nasceu em 1918, Filomena nascida em 1921. Ovídia era filha de Pedro Marques Viana e Marianna Luiza de Jesus.



Emílio Fressato, Ovídia e os filhos. Acervo de Luiz Fernando Fressato Carvalho.

5. Carolina, nascida em 1900, casada com José Ramos Dias em 20/05/1929, teve 5 filhos: Armando, Mário, Tereza, Alzira e Marina.



Carolina e José Ramos. Acervo de Luiz Fernando Fressato.

6. Natalina, casada com João Fernandes, residiu em Rolândia-PR, teve os filhos: José, Arseni e Antônio. José morou no Paraná e os outros dois filhos em Divinolândia – SP.

7. Rosa, nascida em 1902, casada com Tomaz de Moura, teve 10 filhos: Vitor Jorge (Tinho), Almiro, Lázaro, Roque, Modesto, Sebastião, Maria Aparecida (Lica), Sebastiana, Nazaré e José de Moura.
8. Anna Fressato, nascida em 1909, casada em 1927 com José Ramos Dias, faleceu em 1928 logo após o casamento (a irmã de Anna, Carolina, se casou com o cunhado depois do falecimento de Anna).
9. Alfredo, agricultor, nascido em Paraguaçu, se casou com Ana Cândida Xavier com quem teve 12 filhos: Áurea, Edno, José, Ivone, Romeu, Edwar, Dalva, Margarida, Maria Auxiliadora, Gislaine, Denilce e Vaníria. Romeu Fressato foi vereador em Paraguaçu durante algumas legislaturas na década de 1970. Eram proprietários de uma Fazenda no Bairro Peneireiro.



Na fotografia, ao centro, Leonor Bechis, casada com Giuseppe Fressato, a menina menor é Maria Luiza, e a maior é Maria Leonor. Netas de Leonor, filhas de Maria Aparecida. Acervo da família Fressato. Fotografia colorida artificialmente.



Giuseppe Fressato, à esquerda, a filha Maria Aparecida Fressato, e à direita Joaquim Aleixo Costa, com quem Maria Aparecida se casou e 1935. Maria Aparecida era filha de Giuseppe Fressato com Leonor Bechis.

## Família Gavioli e Família Lourenzeti

Dona Maria Cecília Gavioli Órfão, residente em Paraguaçu, nos contou que descende de imigrantes italianos do lado paterno e materno. Seus pais nasceram no Brasil e se chamavam Maria Helena Lourenzeti Gavioli, filha de Luiz Lourenzeti e de Guilhermina D'Osti Lourenzeti, que vieram da Itália, da região da Sicília, em data ignorada, casados e com um filho; e de Darci Gavioli, filho de Lélío Gavioli e Carolina Savioli Gavioli (1904-2000), filhos de italianos da região de Veneza. Tanto Lélío quanto Carolina nasceram no Brasil, em Itu, e faleceram em Votorantim. Carolina era filha de Giuliano (Julio) Savioli e de Adercinda (Amélia) Savioli, da região de Quistello, Mantova, Lombardia, na Itália. Lélío Gavioli era filho de Afonso Gavioli e de Sofia Beltrame.

Em 1895 há o registro de chegada de uma família Gavioli, vindos no Vapor R. Umberto, que chegou ao Porto de Santos em 30/04/1895. Naquele dia desembarcaram os pais Giuseppe, 44 anos, e Rosa, 42 anos, com os filhos: Emma, 19 anos, Glarerdá, 17 anos, Alfonse, 14 anos, Come, 10 anos e Rocio, 6 meses. Por esse registro, o Alfonse que chegou em 1895, teria nascido em 1881. Não podemos afirmar com certeza se tratar de Afonso Gavioli, pai de Lélío Gavioli.

Os Gavioli moraram na região de Cabreúva, SP, depois fixaram residência em Votorantim, SP. Lélío Gavioli era jardineiro e funcionário da Fábrica de Tecidos Votorantim, nos anos 1950 e 1960, o casal Gavioli teve os filhos: Horácio, Sandoval, Darci e Antônio (ainda vivo e residente em Sorocaba), Odete, Odila e Olga. O filho Darci, electricista, foi quem fixou residência em Paraguaçu deixando descendentes no município.

Embora tenha nascido em Cabreúva – SP, Darci Gavioli era querido em Paraguaçu e recebeu o título de Cidadão Honorário Paraguaçuense. Segundo texto do jornal A Voz da Cidade, de 23 de abril de 2001, p. 10, Darci Gavioli era um desportista entusiasmado e foi um dos grandes colaboradores do Fabril Esporte Clube, quando este era considerado um dos melhores times da região. Na década de 1970, ocupou o cargo de presidente do Democrata Clube Paraguaçu, além de ter sido um dos fundadores do bloco carnavalesco “Unidos da Biquinha”.

Casado com a também descendente de italianos, a dona Maria Helena Lourenzeti Gavioli, tiveram os filhos: Reinaldo, Flávio, Maria Cecília, Geraldo, Afonso, Cristina e Cláudia Maria, além de uma ampla descendência com diversos netos e bisnetos.

### Famílias Garotti, Nagliati e Bonetti

A família Garotti de Paraguaçu descende de Amélia Nagliati Garotti, filha de Giuseppe Nagliati (nascido em 1852) e casado na Itália em 1877 com Maria Bonetti Nagliati (nascida em 1855); e de Ermínio Garotti. O casal Giuseppe Nagliati e Maria Bonetti teve os filhos: Carolina (1879), Giuseppe (1884), Dirce (1885), Luigi (1896), Gaetano (1889), Aristide (1893) e Clorinda (1894), todos nascidos na Itália e registrados na chegada ao Brasil junto com os pais. No entanto, consta nos registros da família que eles tiveram também os filhos: Amélia, Alice, Albina (1910) e Evaristo<sup>2</sup>. Talvez Amélia tenha sido o nome abrigado de Clorinda, mas não sabemos.

A família numerosa chegou ao Brasil no dia 01/06/1896, vindo no vapor Rio até o Porto do Rio de Janeiro. Giuseppe Nagliati tinha 44 anos e sua esposa Maria 41 anos, junto com eles estavam 7 filhos, conforme registro do Arquivo Nacional.

<b>NOME</b> Giuseppe Nagliati	<b>Nº ORDEM</b> 0598	<b>PARENTESCO</b> Nada consta	<b>IDADE (ano)</b> 44			
<b>IDADE (mes)</b>	<b>IDADE (intervalo)</b>	<b>SEXO</b> Nada consta	<b>NAÇÃO/NACIONALIDADE</b> Italiana			
<b>ESTADO CIVIL</b> Casado (a)	<b>PROFISSÃO</b> Agricultor(a)	<b>RELIGIÃO</b> Nada consta	<b>INSTRUÇÃO</b> Nada consta			
⊖ DADOS DA VIAGEM						
<b>DATA DE CHEGADA</b> 01/06/1896	<b>PORTO DE ENTRADA</b> Gênova	<b>NAVIO</b> Rio	<b>CLASSE</b>			
<b>PROCEDÊNCIA</b> Itália	<b>DESTINO</b> Rio de Janeiro					
⊖ ACOMPANHANTES						
<b>PRENOME</b>	<b>SOBRENOME</b>	<b>NºORDEM</b>	<b>PARENTESCO</b>	<b>IDADE (ano)</b>	<b>IDADE (mês)</b>	<b>IDADE (intervalo)</b>
Aristede		0605	Filho (a)	4		
Carolina		0600	Filho (a)	17		
Clorinda		0606	Filho (a)	1		
Dirce		0602	Filho (a)	12		
Gaetano		0604	Filho (a)	8		
Giuseppina		0601	Filho (a)	13		
Luigi		0603	Filho (a)	10		
Maria		0599	Esposa (o)	41		

Acervo do Arquivo Nacional RJ

Do Rio de Janeiro, a família partiu para Juiz de Fora e deu entrada na Hospedaria Horta Barbosa, no dia 02/06/1896, conforme registro do Arquivo Público Mineiro. Da Hospedaria, partiram para São Gonçalo Sapucaí contratados pelo Fiscal do Terceiro Distrito, não consta o nome do fazendeiro.

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/landscape/GMYV-J96>

A filha mais velha do casal, Carolina, se casou em 7 de dezembro de 1898 com o também imigrante italiano Silvestro Conterno, em São Gonçalo Sapucaí na residência de Serafini Papipne, o que indica que a família estava de fato em São Gonçalo Sapucaí na ocasião. Silvestro Conterno tinha 45 anos e era viúvo quando se casou com Carolina, pois consta em registros do APM e do FamilySearch que ele chegou ao Brasil em 15/01/1889, no Vapor Pacífica, com a esposa Constança (Santa) Loverini e os filhos: Virgínia, Celeste e Francisco. No Brasil o casal ainda teve os filhos: Alzira, Angela e Jesuína, nascida em 1896. Ele era filho Ângelo e Luisa Conterno. É provável que ele tenha se casado rapidamente com a jovem Carolina Nagliati, de 21 anos, ao ficar viúvo e com filhos pequenos, já que há relatos de que a família Nagliati passou dificuldades ao chegar e se estabelecer no Brasil.

Interessante que em 1897 veio outra família Nagliati para o Brasil, que também era natural de Ferrara, possivelmente eram parentes de Giuseppe Nagliati. Em 1899, pelo vapor Alacrilá, vieram: Leo Nagliati, pai, Resvilde, esposa de 41 anos, e os filhos: Maria, Serafino, Serafina, outra Maria, Adele e Gisella. Deles não temos notícias ou informações familiares.

Foi em Campanha, no Sul mineiro, que o casal Giuseppe e Maria Nagliati se estabeleceu e criou os filhos com dificuldade.

A filha Amélia teria nascido em Ferrara, na Itália, aproximadamente em 1885, e se casou no Brasil com o também italiano Ermínio Garotti e por este motivo o sobrenome da família que sobressaiu foi o Garotti e não o Nagliati ou Bonetti. Ermínio Garotti era ferreiro e serralheiro em Campanha, na década de 1930, junto com Aristides e outros irmãos Nagliati. Ermínio era filho de Venancio Garotti e de Maria Roy. Amélia e Ermínio tiveram os filhos: Maria, Inês, Vitorio, Ênio, Iole, Aldo, Dante, João, Luís e Mafalda. João Garotti é pai de Sonia Garotti, professora em Paraguaçu.

Já a família Garotti, de Ermínio Garotti, chegou ao Brasil no dia 18/12/1898, pelo Vapor France, eram naturais de Argenta, região da Emília-Romagna, província de Ferrara, assim como os Nagliati. Venanzio Garotti tinha 44 anos, sua esposa Maria Garotti 50 anos e o filho, Ermínio, tinha 18 anos, quando chegaram ao Brasil. Venanzio declarou que era mecânico no seu registro de entrada. Os Garotti vieram por chamado de Righini Ernesto, de Cambuquira (Fonte: APM).



A família de Amélia Nagliati e de Ermínio Garotti com os filhos. Disponível em:  
[https://www.familysearch.org/photos/artifacts/127088486?cid=mem\\_copy](https://www.familysearch.org/photos/artifacts/127088486?cid=mem_copy)

Quem relatou a história da família Garotti e Nagliati foi a pedagoga Sônia Aparecida Garotti, professora e supervisora pedagógica em Paraguaçu. Segundo seu relato, Giuseppe Nagliati era de uma família abastada de Ferrara, região da Emília-Romagna, no norte da Itália. A família administrava moinhos ao longo do Rio Pó, que corre no Piemonte, Lombardia e no Veneto. Na família Nagliati tinham muitos cardeais e religiosos com cargos no Vaticano. Apesar da linhagem abastada, Giuseppe se apaixonou por Maria Bonetti, que era uma camponesa, e para viver o amor ele foi rejeitado e deserdado pela família, que queria um casamento com a mesma hierarquia social que eles possuíam.

Giuseppe e Maria se casaram e tiveram 10 filhos, conforme relatado acima. Passando dificuldades na Itália, quando souberam das campanhas de imigração subsidiadas para o Brasil, embarcaram e cruzaram o Oceano com os filhos.

A família não teria se adaptado ao trabalho pesado da lavoura na Fazenda de São Gonçalo Sapucaí, mas com muitas dificuldades financeiras e complicações em não entender o português, não conseguiram voltar para a Itália, pois a subvenção era para vir e não para voltar para o país de origem. Foram anos de sofrimento e de necessidades, segundo Sonia Garotti. Depois, as filhas foram se casando e a família se fixou em Campanha. Giuseppe abriu então uma oficina de ferreiro e serralheiro, onde os filhos trabalharam e deram prosseguimento à profissão. Muito provavelmente a oficina foi aberta junto com os Garotti, que eram mecânicos na Itália e atuavam como Ferreiros numa Serralheria em Campanha. Ainda em Campanha, a família Nagliati tinha um bar e bilhar, onde dona Maria Bonetti fazia petiscos para a venda. Nessa época o patriarca Giuseppe já havia falecido. Dona Maria Bonetti faleceu aos 103 anos, possivelmente em 1958.



Albina Nagliati e o esposo. Acervo do FamilySearch



Alice Clarinda Nagliati e o esposo Aristides Maia.  
Acervo do FamilySearch



Caetano, Evaristo e Aristides Nagliati, em fotografia  
de time de futebol de Campanha, em 1910. Acervo  
do FamilySearch



Oficina de Ermílio Garotti junto com os irmãos  
Naliotti. Acervo do FamilySearch



Mafalda Garotti e o esposo. Acervo de Sonia Garotti.



João Garotti, pai de Sônia. Acervo de Sonia Garotti.

Sônia Aparecida Garotti, residente em Paraguaçu, é mãe de Kelly C. Garotti Borim, João Augusto Garotti Félix e de Sônia Janaina Garotti Félix.

## Família Gravina

Natale Gravina era carpinteiro em Paraguaçu e seu irmão, Domingos Gravina, era marceneiro. Ambos eram italianos e viveram em Paraguaçu pelo menos entre 1903 e 1924, eram filhos de Giuseppe Gravina e de Bernardina Vicce Gravina.

O Sr. Guilherme Prado no livro “Peludos e Pelados”, escreveu que: “Louis Francês era excelente marceneiro, com oficina montada na Praça João Eustáchio, esquina da Avenida Pereira da Silva, que exerceu também o cargo de subdelegado de polícia do distrito. Quando o casal regressou para Três Pontas, sua marcenaria foi vendida ao carpinteiro italiano Natal Gravina. Este italiano domesticou um urubu, que passeava pelo largo da antiga Matriz e era a distração da criançada. Por onde andava, era seguido de perto pela ave” (PRADO, 2012, p. 32).

Sabemos que Natale Gravina estava em Paraguaçu em 1903 e foi um dos padrinhos de casamento dos italianos Marcelo Rosa e Maria Della Villa. Os Rosa, como se sabe, junto com os Schiassi, estavam envolvidos na construção da primeira e depois na reforma da Matriz de Paraguaçu. Houve envolvimento de diversos italianos na edificação e na reforma da Matriz de Paraguaçu, assim como aconteceu na de Andradas.

Natale Gravina pode ter chegado ao Brasil em 12/06/1893, aos 28 anos, pelo vapor Washington, com entrada pelo Porto de Santos. No entanto, localizamos outros Natale Gravina chegados pelo Porto do Rio de Janeiro, a partir de 1882, o que nos indica que talvez o registro de 1893 se refira a um homônimo. Como não localizamos qualquer descendente de Natale Gravina que viveu em Paraguaçu, não conseguimos averiguar as informações.

Domingos Gravina, irmão de Natale, faleceu em Paraguaçu no dia 24 de agosto de 1924 e em seu registro de óbito consta que ele havia nascido em 1854, na Itália, e tinha sete filhos, sendo eles: Adalgisa, Mathilde, Edmundo e Elaine, residentes na Argentina, Emílio residente no Rio de Janeiro, e Attilio residente em São Paulo. Quem declarou o óbito foi Natale Gravina, o que indica que ambos estavam em Paraguaçu em 1924.

## Família Labecca

O imigrante italiano José Antônio Labecca e sua esposa, a brasileira Francisca Thereza da Conceição, se estabeleceram em Paraguaçu nos anos 1880. José Antônio Labecca nasceu na Itália, na região de Basilicata, Província de Potenza, Comuna de Tramutola, no Sul da Itália, em 1848, era filho de Antônio Michele La Becca e de Maria Rosa Pierri [Ditaceda?], conforme consta na sua certidão de óbito. É provável que esses nomes tenham sido “abrasileirados”, como era comum os escrivães procederem nos registros aqui no Brasil.

Em 1864 há um registro de passagem no Brasil e ida para Montevidéu, de Giuseppe Labecca, Miguel Labecca e Giuseppe Pongio. “Vieram de passagem no *Extremadure* e seguem no Saintong: (...) de Giuseppe Labecca, Miguel Labecca e Giuseppe Pongio”. Jornal Correio Mercantil, 29 de dezembro de 1864. De 1864 em diante há algumas movimentações no Porto do Rio de Janeiro de italianos com o sobrenome Labecca.

José (Giuseppe?) Antônio Labecca casou-se com a brasileira Francisca Thereza da Conceição, no dia 12 de agosto de 1871, em Três Corações do Rio Verde, Minas Gerais. Foram padrinhos o Alferes José Pinto Ribeiro e Joaquim Alves Fausto [?]. Em meados do século XIX, o Alferes José Pinto Ribeiro era proprietário da Fazenda Engenho da Pedra, na Freguesia do Rio Verde, Termo de Campanha (Três Corações), mas aparece também como fazendeiro em Mutuca, atual Elói Mendes, nos anos 1860. José Antônio Labecca e sua esposa viveram alguns anos na localidade de Três Corações do Rio Verde antes de se estabelecerem em Paraguaçu, na década de 1880.

Francisca Thereza da Conceição nasceu em Três Corações do Rio Verde, em 29 de março de 1852, era filha de Antônio Manoel do Nascimento e de Francisca Maria de Jesus (dados do FamilySearch).

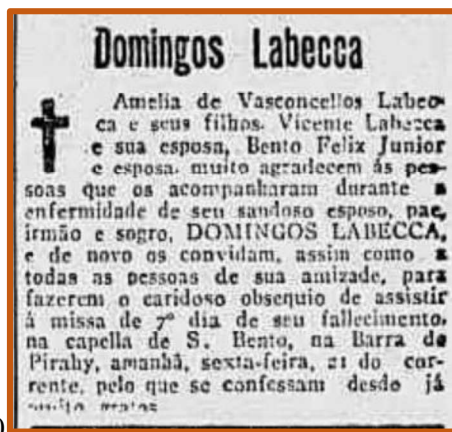
José Antônio Labecca tinha um irmão, de nome Domingos Labecca, que nasceu na Itália em 1850 e faleceu em Barra do Piraí, Rio de Janeiro, no dia 14 de fevereiro de 1913. Domingos Labecca era casado com Amélia de Vasconcelos Labecca e viveram a maior parte da vida em Vassouras - RJ. Eles tinham mais um irmão, de nome Vicente Labecca, açougueiro em Vassouras. Essas informações estão no site do FamilySearch<sup>3</sup>. O Diário do Rio de Janeiro, de 10 de julho de 1870, publicou que um italiano de nome Domenico Labecca entrou no porto do Rio de Janeiro naquele mês de julho de 1870, é provável que seja o registro de entrada do irmão de José Antônio Labecca no Brasil.

---

<sup>3</sup> Site: <https://ancestors.familysearch.org/pt/9NGK-Q35/jose-antonio-labecca-1848-1917>

No Registro de casamento de Vicente Labecca, de 28 anos, com Affoncina Labecca, em abril de 1891, há a informação de que Antônio Labecca (pai do noivo) residia em Vassouras com os filhos Vicente e Domingos, e que a mãe, Rosa, havia falecido na Itália. Affoncina Labecca tinha 15 anos na ocasião, e era filha Francisco Labecca e de Maria Emília, ele, falecido em Vassouras, e a mãe viva no Reino da Itália, em 1888. Na certidão de casamento informa que os noivos eram parentes em terceiro grau.

O Jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, publicou nota de falecimento de Domingos Labecca, irmão de José Antônio Labecca, em 1913. Na nota consta o outro irmão, Vicente, que era proprietário de engenho de cana e moinho em Rio Bonito. Domingos Labecca era negociante e estava estabelecido em Rio Bonito/Vassouras, na década de 1880, junto com o irmão Vicente Labecca. Consta também que existia Francisco Labecca, mas não temos informações se era outro irmão ou um sobrinho de José Antônio.



Jornal Correio da Manhã de 20 de fevereiro de 1913. Acervo Digital da BN.

Como José Antônio Labecca casou-se aqui no Brasil em 1871, subentende-se que chegou antes dessa data. Os registros regulares de entrada de estrangeiros no Porto do Rio de Janeiro são posteriores a 1875, por este motivo não conseguimos localizar a chegada precisa dos Labecca ao Brasil, assim como aconteceu também com os dados a respeito de Ângelo Cosenza e de Celestino Caproni, que foram os italianos que chegaram antes das ondas migratórias de colonização para o trabalho nas lavouras.

Em 06 de maio de 1872, nascia em Três Corações do Rio Verde a primeira filha do casal, que recebeu o nome de Anna Labecca, falecida em Paraguaçu em 21/06/1950; depois dela nasceram: José Antônio Labecca Filho, em 1877; Antônio Labecca (25/12/1878-1965); e Brasília Labecca (nascida em 06 de fev. de 1881 e falecida em 07/08/1932).

José Antônio Labecca relacionou-se, também, com a italiana Maria José Arcella, que era esposa anteriormente do italiano César Perna, com quem teve mais dois filhos: Miguel (1884), que se casou em 1901 com Francisca Cândida de Jesus, e Umberto (1888), que se casou com Iria de Rezende e eram pais da escritora Gioconda Labecca. José Antônio Labecca faleceu em 19 de julho de 1917, aos 69 anos de idade, na Fazenda do Taquari, em Paraguaçu, Minas Gerais, de sua propriedade.

O filho Antônio Labecca (1878-1965) fixou residência em Paraguaçu onde atuou com a agropecuária e com transporte de tropas de bois e cultivo de diversos produtos na Fazenda Taquari, que era de propriedade de seu pai, José Antônio Labecca. Ele casou-se com Maria do Carmo Ricardina Netta, em 1899, e tiveram os filhos: Jorge Labecca (1902-1977), Oscarina Labecca (nascida em 1907) e Maria Labecca das Dores, nascida em 1900, e Ana Cândida Labecca, nascida em 1913, no Taquari, em Paraguaçu. Ana Cândida Labecca é nome de rua no Distrito Industrial, em Paraguaçu. Maria do Carmo era neta de Bernardino José Rodrigues e de Maria do Carmo de Oliveira. A filha Maria das Dores se casou, em 1919, com Antônio Aurélio da Silva, nascido em 1894, e filho de Aurélio da Silva Xavier e de Eliza Cândida da Silva. Os dois tiveram os filhos: Maria do Carmo da Silva, Maria Eliza da Silva, Antônio Aurélio da Silva Filho e Mauro da Silva. Antônio Aurélio e família herdou a Fazenda do Taquari, que era de José Antônio Labecca, depois foi transmitida ao filho Antônio Labecca, até chegar às mãos de Antônio Aurélio.

Ana Cândida Labecca (neta do italiano José Antônio Labecca), nascida em 1913 no Taquari, casou-se com José Ferreira da Silva, em 9 de fev. de 1932, e teve os filhos: Geraldo, Odair, Sebastião, Lindofredo, José, Aloísio, Adozinda, Maria do Carmo, Marlene, Iracilda, Neusa e Aparecida. Faleceu em 05 de outubro de 1989.

Antônio Labecca se casou em segundas núpcias com Ana Ambrosina Mendes, por volta dos anos 1930.

O outro filho do italiano, chamado José Antônio Labecca Filho, nasceu em 1877 e se casou, em 1924, com Alzira Rodrigues, filha de José Rodrigues de Araújo e de Maria Ignacia de Araújo. Já Anna Labecca casou-se com Luiz da Silva Azevedo e, parece-nos, em segundas núpcias com Gabriel Pereira da Silva, em 05 de julho de 1909. E, por fim, Brasília Labecca casou-se em 1896 com o italiano Miguel Bechis, em Paraguaçu, e viveram por muitas décadas na Fazenda do Taquari.

Jorge Labecca, filho de Antônio Labecca e de Maria do Carmo, aparece no Jornal “O Paraguaçu”, de 1941, doando um dos bancos de granito para a Praça Oswaldo Costa que estava sendo construída. Na ocasião, ele foi citado como “importante fazendeiro de

Tupaciguara e nosso estimado conterrâneo”. Jorge Labecca casou-se com América Campos Prado, em 10 de junho de 1925, em Paraguaçu.

Os Labecca eram proprietários da Fazenda do Taquari ou Taquary, atualmente Fazenda Mensageiro da Paz, onde existia uma olaria, a Cerâmica Taquari, de propriedade de José Schiassi, e lá também trabalharam os italianos Bechis. É provável que tenha sido na Cerâmica Taquari que o italiano Miguel Bechis conheceu Brasília Labecca e depois se casaram. Na região da Fazenda da Serra e da Fazenda do Taquari também estavam as famílias Perna e Fressato entre o final do século XIX e início do XX. É possível que existisse ali uma pequena comunidade de italianos.

Brasília Labecca faleceu em Varginha, em 1932, e foi sepultada no túmulo da sua filha Ordália Bechis, no cemitério de Paraguaçu.

É grande a descendência dos Labecca em Paraguaçu e região.

### Família Marcellini e Semolini (Cimbolini)

O jovem italiano Antônio Marcellini fabricava cerveja em Paraguaçu no início do século XX. O Bar do Marcellini vendia a cerveja fabricada pelo seu proprietário, a “Cerveja Marcellini”, tornando o local o ponto de encontro dos jovens, principalmente dos jovens italianos, do início do século XX. Quem conta essa história é o Sr. Guilherme Prado, no livro “Peludos e Pelados”, a seguir:

O serviço na fazenda [do Cafezal] era extenuante. Muito rigoroso com os filhos, Vovô Manoel não permitia o abuso de bebidas. Mas, nos fins de semana, os rapazes vinham ao Carmo tomar uma cerveja no Bar do Marcellini. Lá se encontravam com os Taglialegna, os Vigati, os Moterani e outros italianos que chegavam ao Brasil. Antônio Marcellini, jovem italiano, empreendedor, além de suas atividades profissionais, não permitia que a cidade ficasse carente de cerveja. Ele mesmo fabricava a deliciosa bebida, muito apreciada pelos jovens naquela primeira década do século passado. (...) A cervejaria ficava na entrada do Carmo, na atual Travessa Major Leite, logo abaixo da Rua Ferreira Prado. Comentava Gabriel Pereira que a cerveja era de ótima qualidade (PRADO, 2012, pp. 25-26).

Antônio Marcellini era dono também de uma padaria em Paraguaçu, que depois passou para Cândido Alvarenga. Em 1916, Antônio Marcellini aparece no Almanak Laemmert do Rio de Janeiro como proprietário de Olaria em Paraguaçu. Ele também era proprietário de um açougue e de loja de louças, ferragens e tintas, na mesma época que João Bortolazzo (Giovanni Taglialegna) tinha o mesmo tipo de comércio. Os dados demonstram que Antônio Marcellini era um comerciante e empresário com atividades diversificadas em Paraguaçu nas primeiras décadas do século XX.

A única entrada com sobrenome Marcellini, em Minas Gerais, é de Arcodante (Ariodante?) Marcellini, de 25 anos, que chegou sozinho e solteiro ao Brasil no dia 28 de agosto de 1895, pelo Vapor Bormida. Era natural de Molinella comuna italiana da região da Emília-Romagna, província de Bolonha, no Norte da Itália. Primeiro ele se registrou na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, e de lá seguiu para São Paulo, onde se registrou no dia 30/08/1895 na Hospedaria dos Imigrantes. O seu destino seria a Capital do estado de São Paulo. Não podemos afirmar que seja o mesmo Antônio Marcellini que se estabeleceu em Paraguaçu.

Não conseguimos localizar descendentes atuais de Antônio Marcellini em Paraguaçu, porém, sabemos que em 1940 um João Baptista Marcellini, nascido em 22.01.1913 em Paraguaçu-MG, casou-se, em Machado, com Ivone Xavier Moreira (filha de Augusto Pio de

Souza Moreira e de Maria Xavier), filho de Antônio Marcellini e de Elvira Cimbolini. Além de João, encontramos o registro de outros filhos do casal: Júlia Marcellini, nascida em 19/12/1906; Thereza Marcellini, nascida em 10/11/1908; José Marcellini Filho, nascido em 28/10/1910; João Marcellini, nascido em 1913; Irineu Marcellini, nascido em 1917; Antônio Marcellini, nascido em 14/05/1920; Paulo Marcellini, nascido em 14/10/1921; e Ivone Marcellini, nascida em 1925 em Pontalete (dados do FamilySearch). Todos eles filhos dos italianos Antônio Marcellini e da Elvira Cimbolini, em alguns registros aparece Elvira “Simbolonha” ou “Somboloni”, no registro de entrada da família de Elvira no Brasil está como Cimbolini o sobrenome italiano.

Em 1900 Antônio Marcellini e Elvira Cimbolini foram padrinhos de uma menina de nome Amelia, filha de Santi Mori e Laura Bazant. Ou seja, eles já estavam juntos pelo menos desde 1900.

Santi Mori tinha chegado com a família ao Brasil no dia 22/08/1896, no Vapor *Attività*, vindo de Arezzo. Com ele vieram a esposa Laura, de 26 anos, Renato, de 3 anos, Fina, de 2 anos e Fosca, de 7 meses. No Registro da Hospedaria Horta Barbosa consta que seguiriam para Santo Antônio do Machado, Fazenda Espírito Santo, de João Nepomuceno Teixeira. No mesmo navio veio a família de Elvira Cimbolini, que se casou com Antônio Marcellini, seguindo também para Santo Antônio do Machado, Fazenda Espírito Santo, de João Nepomuceno Teixeira. A família Cimbolini era composta por Giovanni Batista (João Batista no Brasil), o pai de 38 anos, Giulia Moras, 36 anos, a mãe, e os filhos: Elvira, 13 anos, Annunziata, 6 anos, Anziola, 4 anos e Bianca, 1 ano. Eram naturais de Siena. Giovanni era filho de Gaspero Cimbolini e Domenica Massaia, e Giulia era filha de Ângelo Moras e Serafina Graci. No Brasil outros filhos nasceram.

Embora a Fazenda do Espírito Santo constasse como sendo de Machado, pertencia ao território de Paraguaçu, do Coronel Henrique Ferreira do Prado. Era uma fazenda cafeeira.

Em 1943 Antônio Marcellini já tinha falecido quando Elvira fez a declaração de estrangeiros na cidade de São Paulo, pois era viúva.

O Jornal *O Paraguassu*, de janeiro de 1941, publicou notícia que João Sembolini, de Pontalete, havia contratado casamento com Odete Ribeiro, o que demonstra que os Sembolini (Cimbolini) permaneceram em Paraguaçu por muitas décadas.

N.º ..... SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
Superintendência de Segurança Política e Social  
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS  
REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: ELVIRA SIMBOLINI MARCELLINI

Admitido em território nacional em caráter: PERMANENTE (Art. 150, § 1º)

Nacionalidade: ITALIANA VIUVA

Pai: JOÃO BATISTA Mãe: JULIA SIMBOLINI

Profissão: P/ DOMESTICA

Carteira de identidade n.º 65.783 Registro n.º 171.881 (Exp. 28/5/43)

Residência: Á RUA LEITE DE MORAES , 88

Emprêgo: ...

Local: ...

2/6/43

T. G. I. - Mod. 162

*Sint...*  
DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Cartão do Registro de Estrangeiros, de 1943, de Elvira Marcellini. Acervo do FamilySearch:  
<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-L9F9-4XTY?i=482&cc=2140223>

### Família Mazzeu (Mazzeo) e Família Carratta

Os relatos que temos sobre a família Mazzeu foram escritos por Sebastião Mazzeu, publicado no Jornal O Cidadão, de 22 de abril de 2000, p. 6, complementados por dona Maria do Carmo Mazzeu (Carmita) e por Erika Marques, tataraneta de Fiora Carratta. Segundo o Sr. Sebastião, de Zacanopoli, Catanzaro, Calabria, Itália, partiram Giuseppe Mazzeo (1857-1939) e seu irmão Giovanni (Antônio) Mazzeo (ca. 1849), rumo ao Brasil em dezembro de 1891. Giuseppe Mazzeo era solteiro e Antônio Mazzeo casado, mas chegaram sozinhos ao Brasil. A família do Sr. Antônio foi para a Argentina e não veio para o Brasil, segundo relato da dona Carmita Mazzeu.

Os Mazzeo eram filhos de Domenico Mazzeo e de Caterina Mazzeo. Chegando à cidade de Santos se encaminharam para Limeira, no estado de São Paulo, onde receberam treinamento para trabalhar com poda de cafezais. Além do relato de Sebastião Mazzeo, levantamos diversos dados também no site do FamilySearch que complementam os históricos das famílias.

Localizamos o registro de chegada de Giuseppe Mazzeo e Giovanni Mazzeo no dia 25/12/1891, no Porto de Santos, vindos pelo Vapor Montevideo, que saiu de Gênova. Giovanni Mazzeo tinha 42 anos quando chegou e Giuseppe Mazzeo 34 anos.

Mazzeo	Giuse	34
Sardamaglia	Pietro	21
Gillo	Giuse	42
Mazzeo	Giov	42

Registro da chegada de Giuseppe e Giovanni Mazzeo na Hospedaria dos Imigrantes, em SP.

No Brasil, Giuseppe (José) Mazzeo (1857-1939), conhece a italiana Fiora (Florinda) Carratta (1867-1954) filha única dos sicilianos: Giuseppe (Domingos?) Carratta e Addolorata (Ana?) Pacella (1842-), naturais de Lecce, Puglia, Itália. O casamento que deve ter ocorrido cerca de 1892 a 1893, pois em 1894 eles já tinham um filho, José Antônio Mazzeo. Os pais de Fiora, Giuseppe Carratta e Addolorata (Dolavita) Pacella, retomaram à Itália, pois não se adaptaram ao Brasil. José Mazzeo e Florinda Carratta Mazzeo, junto com o irmão Antônio (Giovanni) Mazzeo, permaneceram no Brasil empreitando cafezal para a poda em uma fazenda no Município de Mococa. Além de Mococa e Caconde no estado de São Paulo,

também realizaram empreitas de podas de cafezais em Machado e em várias localidades. No final do século XIX se deslocaram para as fazendas de Minas Gerais.

Um acidente em Machado envolvendo arma de fogo, vitimou fatalmente um dos filhos do casal José Mazzeo e Florinda Carratta, de sete anos. Esse fato fez com que por volta de 1900 eles se estabelecessem em Paraguaçu e ali nasceu seus últimos filhos.

Filhos de José Mazzeo e Florinda Carratta Mazzeo:

1. José Antônio Mazzeo (1894), casou-se com Purcina Marques – Paraguaçu. Carlinda Mazzeo, casou-se com Miguel Marques – Paraguaçu.
2. Florisbello Mazzeo (1895-1975), casou-se com Dalila Borin (1900-1971) – Paraguaçu. Dalila Borin e Florisbello Mazzeo migraram para o Paraná, onde ambos faleceram.
3. Maria Carlinda Mazzeo (1897), casada com Miguel Marques Viana, filho de Pedro Marques Viana e Marianna Luiza de Jesus.
4. Concurcia (Conceição) Mazzeo, casou-se com Francisco Camilo Batista – Pontalete
5. Lucia Mazzeo, nascida em 1904
6. Luzia Mazzeo, nascida em Douratinho em 1905, casou-se com Alfredo Marques – Paraguaçu.
7. João Mazzeo, nascido em Paraguaçu 27/05/1911, casou-se com Iracema da Silveira Pereira – Elói Mendes
8. Rosa Mazzeo casou-se com João Mendes Oliveira – Paraguaçu.
9. Vicentina Mazzeo, casou-se com Ludovico Marques Viana – Três Pontas.

Da zona urbana de Paraguaçu, o casal, depois de vender a propriedade, rumou para Pontalete com os filhos solteiros. Lá adquiriram um hotel, o Hotel Italo Brasileiro, de frente para a linha férrea, e passaram a administrá-lo. Era a Estação de Pontalete.



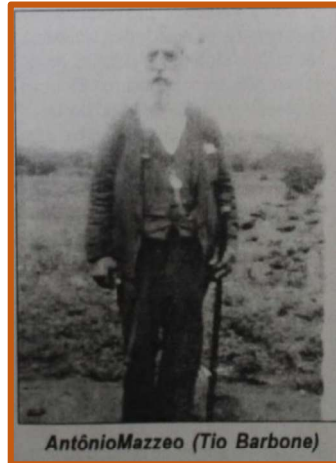
Hotel Italo Brasileiro, de propriedade dos Mazzeo. Fonte: Acervo da Família Mazzeu.



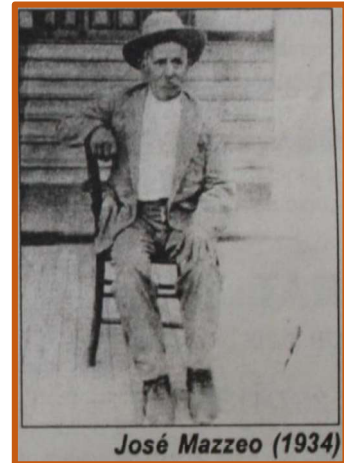
Dalila Borim e Florisbello, pai do Raul, e o Sr. João Mazzeo. Acervo de Erika Marques.

Dona Fiora (Florinda) Carratta, segundo relato de Sebastião Mazzeo, era parteira muito requisita em Pontalete. José Mazzeo faleceu em Pontalete em 05 de out. de 1939, e

dona Fiora em Paraguaçu, em 13 de dezembro de 1954. Antônio Mazzeo, conhecido como “Tio Barbone” por causa da barba longa que ostentava, faleceu em Pontalete em 1935.



Antônio Mazzeo em 1934. Fonte: Jornal O Cidadão, de 22 de abril de 2000.



José Mazzeo em 1934. Fonte: Jornal O Cidadão, de 22 de abril de 2000.



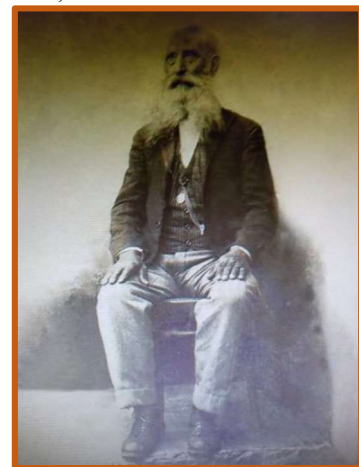
Dona Fiora Carratta. Fonte: FamilySearch



Placa da sinalização de trem que ficavam em frente ao Hotel da família Mazzeu. Acervo: João Paulo, descendente dos Mazzeu.



Dona Maria Catarina Mazzeu Marques. Filha do casal de italianos Miguel Marques Vianna e Maria Carlinda Mazzeu. Acervo de Erika Marquês.



Tio Barbone, em data ignorada. Acervo: João Paulo, descendente dos Mazzeu.

### Família Milan (Milani)

Ainda são numerosos os Milan ou Milani em Paraguaçu e Machado. Inicialmente, a família Milan foi contratada na Itália para vir para a Fazenda Santa Cecília e/ou Pedreira, em Machado, mas como era comum, seus descendentes se espalharam pelo Sul Mineiro, inclusive Paraguaçu.

Conforme registro de entrada da Hospedaria Horta Barbosa, de Juiz de Fora, Luigi Milan tinha 45 anos quando chegou com a família ao Porto do Rio de Janeiro no dia 17 de dezembro de 1895. Junto com ele estava a esposa, Giuditta (nascida em 1873), de 23 anos, e os filhos Rosa (nascida em 2/2/1879), de 16 anos, Luigi, de 14 anos, Giuseppa, de 11 anos, e Amalia, de 7 anos. Eles chegaram pelo Vapor Arno ao Porto do Rio de Janeiro e eram naturais de Bolzano. No Brasil Giuditta recebeu o nome de Ana Finfina. Em novembro de 1900, Antônio Milan chegou ao Porto do Rio de Janeiro e declarou que era filho de Luigi Milan e de Ana. Em 1942 ele residia em Machado. O que é provável é que tenha vindo se juntar à família em 1900.

16	Milan	Luigi	45	16	1895	Bolzano	Chita				
		Giuditta	23	12	1873		Italia				
		Rosa	16	2	1879						
		Luigi	14	12	1881						
		Giuseppa	11	12	1884						
		Amalia	7	12	1888						
16	Parabuna	Antônio	17	11	1900						

Registro de entrada na Hospedaria Horta Barbosa, de Juiz de Fora. Acervo do APM.

A família Milan trouxe consigo um grande baú de madeira que hoje integra o acervo da Casa de Cultura de Machado. Foi o único baú dessa natureza que localizamos durante as pesquisas. Em muitos casos, os imigrantes vinham com a roupa do corpo e poucos pertences em malas. No entanto, o baú pertencente à família Milan nos revela que os imigrantes também podiam trazer seus pertences nessas grandes caixas de madeira, de cerca de 1 metro de largura. O baú foi doado pela família para a Casa de Cultura de Machado.



Caixa que trouxe os pertences da família de Luigi Milan para Minas Gerais. No caixote veio escrito o nome da Família, no caso MILAN LUIGI, e o destino: Província de Minas Gerais, e o nome da Fazenda Santa Cecília. Casa da Cultura de Machado. Fotografia de Cristiane Magalhães, abril de 2022.

No entanto, embora estivesse escrito na caixa o destino como Fazenda Santa Cecília, no registro da Hospedaria Horta Barbosa informava que tinham vindo para a Fazenda Pedreira, em Machado, de Pio Souza Dias.

Os descendentes da família Milan e Corsini contaram que durante a vinda para o Brasil aconteceu uma grande tempestade em alto mar, que quase fez o navio naufragar. Muitas pessoas faleceram na viagem e seus corpos foram lançados ao mar, como era comum acontecer nas viagens daquela época. Do Porto do Rio de Janeiro os imigrantes foram levados para a Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, e de lá embarcaram numa locomotiva rumo a Alfenas. Em Alfenas os fazendeiros esperavam os imigrantes com carros de bois para levá-los às fazendas de destino. Nas fazendas eles trabalhavam como meeiros. Conta-se, ainda, que tinham muitas dificuldades para entender o português, já que não entendiam o que se falava aqui e nem os daqui os compreendiam (Ricordanze, 2000).



Luiz Milani com a descendente de italianos Elisa Begali. Acervo do prof. Sérgio Pedini.

### Família Motteran (ou Mottaran ou ainda Moterani) e Della Villa

O casal de italianos Gaetano Motteran (1840-1911) e Teresa Pozzo (1841-1919) chegou ao Brasil entre 1890 e 1892 trazendo os filhos Ângelo Motteran, nascido em 17/10/1876 e Vicente (Pietro) Motteran, nascido em 13/01/1880, em Bottrighe na região de Veneza. Pietro recebeu o nome de Vicente aqui no Brasil. O casal teve outra filha, de nome Vittoria Motteran, que nasceu na Itália em 1874, mas deve ter falecido ainda na infância, pois os descendentes não sabem nada sobre ela e parece não ter vindo para o Brasil junto com a família, ou talvez tenha se casado na Itália antes da vinda da família para o Brasil. No registro de nascimento de Pietro consta que Gaetano era fabricante de guarda-chuvas na Itália, em 1880. Aqui no Brasil Gaetano trabalhou em lavouras de café e os filhos, netos e bisnetos eram/são comerciantes em Paraguaçu e Varginha.

Não conseguimos localizar o registro de chegada dessa família, mesmo após exaustivas leituras de diversas listas de navios e das hospedarias. Talvez eles não tenham passado por nenhuma das hospedarias da época ou a lista pode ter se perdido, como foi comum para o período anterior a 1893. A data aproximada da chegada deles ao Brasil é entre 1890 a 1892, justamente o período em que registros de navios de entrada nos Portos brasileiros, principalmente de São Paulo, se perderam.

Sr. Guilherme Prado, no livro “Peludos e Pelados”, narra um fato interessante sobre o Vicente Motteran, o que nos deixa conhecer que Caetano trabalhou na Fazenda do Cafezal, de Manoel Luiz Ferreira do Prado, “Seu Manoel” era filho de Joaquim Luiz do Prado e Tereza Cristina Vitória do Prado. Manoel Prado era casado com Emerenciana Aurélia, descendente da família Campos, de Três Pontas, seus pais vieram de Pitangui. Sobre o Vicente Moterani, o Sr. Guilherme escreveu que:

Caetano Moterani chegou da Itália com seu filho Vicente, que tinha apenas onze anos, indo trabalhar na Fazenda do Cafezal. Vicente era um menino desembaraçado, rápido no serviço e no aprendizado das tarefas. Logo passou a ser o homem de confiança do Seu Manoel. Era encarregado de ir ao correio uma vez por semana, transportava parentes e amigos na charrete, buscava o médico na cidade, entre outras funções. Um dia, foi até a estação de Pontalete buscar um padre amigo do Seu Manoel que o visitava frequentemente. No trajeto, vinha conversando com o religioso, que lhe fazia muitas perguntas. Em todas as porteiças que passavam, o religioso fazia o Sinal da Cruz. Vicente achou estranha a atitude e indagou o porquê daquele gesto. O padre mostrou que havia uma cruz no batente coiceiro das porteiças. Rindo muito, Vicente explicou ao padre que aquele corte em cruz servia somente para engraxar o pivô da porteira, não era uma cruz de Cristo! (PRADO, 2012, p. 24).

Eles eram naturais da comuna de Bottrighe, Ádria, região do Veneto, no reino da Itália. As informações sobre a família Motteran foram descritas por Milma Fonseca Pontes, bisneta de Ângelo e sobrinha-neta de Vicente, e publicadas no Jornal Cidadão, 26 de fevereiro de 2000, p. 10. Conseguimos localizar, também, alguns registros da família na Itália, pelo site do FamilySearch, como a Certidão de nascimento de Pietro Motteran, que nasceu no 13 de janeiro de 1880. Um fato curioso é que quem declarou o seu nascimento foi a parteira Irene Rossin, como se pode ler a seguir:

<p>Numero <u>8</u></p> <p><u>Motteran Pietro</u></p> <p>* S'indichi la professione o la condizione.</p>	<p>L'anno milleottocento<u>ottanta</u>, addì <u>dieciotto</u> di <u>Genovale</u>, a ore <u>ante</u> meridiane <u>undici</u> e minuti <u>quindici</u> nella Casa comunale. Avanti di me <u>Duratti Adriano Segretario Municipale con atto del Sindaco in data</u> <u>cinque maggio milleottocento</u> <u>ventisei</u> <u>illegittimo</u> <u>approvato</u> Ufficiale dello Stato Civile del Comune di <u>Bottrighe di Sotto di Adria</u>, è comparso <u>Rossin Irene</u>, di anni <u>ventiquattro</u> <u>seventi</u> domiciliata in <u>Bottrighe</u>, la quale mi ha dichiarato che alle ore <u>per</u> meridiane <u>una</u> e minuti <u>quindici</u>, del dì <u>tre</u> del <u>corrente</u> mese, nella casa posta in <u>Bottrighe</u> al numero <u>duecento</u> <u>cinquantatré</u> <u>da</u> <u>Paolo</u> <u>bu-</u> <u>fa</u>, <u>calabro</u>, <u>magliere</u> di <u>Motteran Gaetano</u>, <u>ombellajo</u>, <u>vecchi</u> <u>due</u> <u>domiciliato</u> in <u>Bottrighe</u> è nato un bambino di sesso <u>maschile</u> che mi presenta, e a cui da i nomi di <u>Pietro</u> A quanto sopra e a questo atto sono stati presenti quali testimoni <u>Angelo</u> <u>Paol</u></p>
---	--

<p><u>tre</u>, di anni <u>ventiquattro</u> <u>seventi</u> e <u>Luigi</u> <u>Ghirardin</u>, di anni <u>ventisei</u> <u>seventi</u>, entrambi residenti in questo Comune. La dichiarante ha denunciata la nascita suddetta per aver nella emendata una qualità <u>vecchi</u> <u>vecchi</u> <u>vecchi</u> <u>vecchi</u> <u>vecchi</u> fuò nell'atto del <u>Paol</u> e in luogo del marito della <u>Paol</u>, il quale non ha potuto denunciata perché <u>bandato</u> dal Comune per <u>agente</u> del <u>paol</u> <u>vecchi</u>. Nello <u>presente</u> <u>atto</u> <u>agente</u> <u>vecchi</u>, l'hanno <u>questi</u> <u>vecchi</u> <u>vecchi</u> <u>vecchi</u>.</p> <p><u>Pietro</u> <u>Luigi</u> <u>Angelo</u> <u>Paol</u> <u>Ghirardin</u> <u>vecchi</u> <u>vecchi</u></p>	
--	--

Registro de nascimento de Pietro (Vicente) Motteran, disponível no site do FamilySearch.

Importante ressaltar que Sonia Aparecida Neves Araújo, casada com um neto de Vicente Moterani, ajudou-nos enormemente nas pesquisas sobre os Moterani em Paraguaçu. Foi ela, inclusive, que transcreveu o Registro de nascimento de Pietro Motteran da seguinte

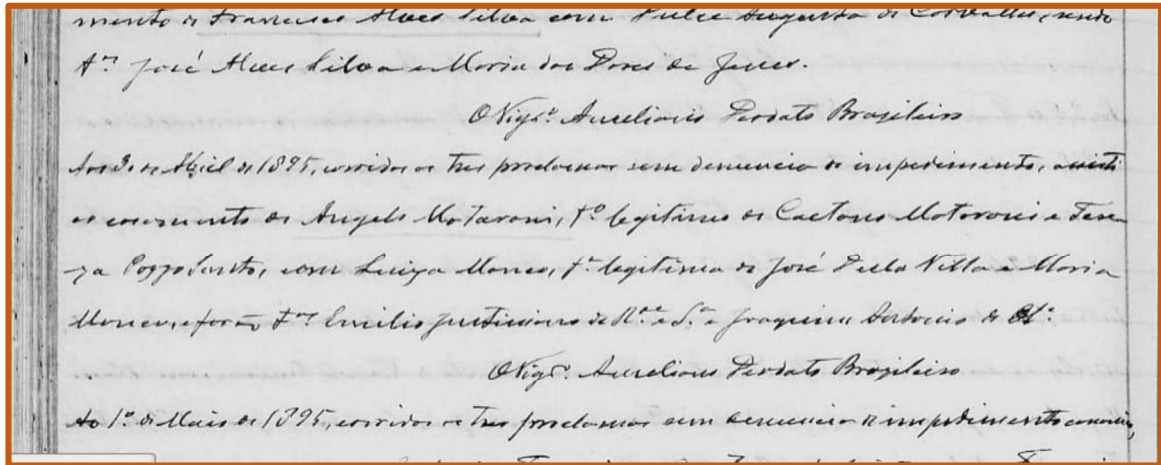
forma: No ano de 1880, no dia 17 de janeiro, às 11 e quinze da manhã, na casa comunal. Diante de mim, Adriano Turatti, secretário delegado (...), oficial do Estado Civil da Comune de Bottrighe distrito de Adria, compareceu IRENE ROSSIN, de vinte e quatro anos de idade, **parteira**, residente em Bottrighe, a qual me declarou que à uma e quinze da tarde do dia TREZE do corrente mês, na casa localizada em Bottrighe no número 254, de TERESA POZZO, dona de casa, esposa de GAETANO MOTTERAN, fabricante de guarda-chuvas, ambos residentes em Bottrighe nasceu uma criança de sexo masculino que me apresenta e ao qual dá o nome de PIETRO.

-----

Ao final, fala das testemunhas e que a parteira foi declarar a criança "no lugar do marido da Pazzo, o qual não pode declará-la por estar longe do Comune em função de seu trabalho".

Na família, conta-se que a viagem entre o Brasil e a Itália demorou cerca de seis meses e no trajeto pararam na Costa da África para reabastecer o navio. A chegada teria sido pelo Porto do Rio de Janeiro e de lá seguiram para rumo desconhecido. Posteriormente se estabeleceram na Fazenda dos Tachos, em Varginha. Só então se transferiram para Paraguaçu e no município fincaram raízes, junto com os Della Villa. Uma das fazendas em que os irmãos Moterani trabalhou foi a da Serra, em Paraguaçu.

Ângelo Motteran nasceu em 27/10/1876 e casou-se na Igreja de Varginha do ano de 1895, conforme consta no Registro Paroquial: “Aos 30 de abril de 1895, corridos os três proclamas sem denunciados impedimentos, assisti ao casamento de Ângelo Moterani, filho legítimo de Caetano Moterani e Tereza Pozzosanto, com Luíza Monco, filha legítima de José Della Villa e Maria Monco e forão testemunhas Emilio Justiniano de Rezende e Silva e Joaquina Antonia de Oliveira (?). O Vigário Aureliano Deodato Brasileiro. Grafia da época”. Transcrição e documento levantado por Sônia Aparecida Neves Araújo, casada com um dos descendentes de Vicente Motteran. Uma das testemunhas, Emilio Justiniano de Rezende e Silva era filho de fazendeiro, produtor de café, em Varginha, proprietário da Fazenda dos Tachos, para onde os Motteran e os Della Villa primeiro se estabeleceram ao chegar ao Brasil. Dois anos depois, em 24/03/1897, aos 20 anos, em Varginha, Ângelo e Luíza Della Villa (1873) casaram-se no civil. Nessa ocasião a filha mais velha, de nome Maria, já havia nascido.



Registro do casamento religioso de Ângelo Motteran. Fonte: FamilySearch

Luiza Della Villa também era italiana e seus pais eram Maria Felícia Monca [?] e José Della Villa, nascido em 1853, natural de Rovigo, e falecido em Paraguaçu no dia 01/09/1903 no lugar chamado Matta. José Della Villa era filho de Gaetano Della Villa. O casal José Della Villa e Felícia Amonca tiveram outra filha, de nome Maria Della Villa, que se casou em Paraguaçu, no dia 18/04/1903, com o italiano Marcelo Rosa, pedreiro, irmão de João Rissieri Rosa e filho de Gaetano Rosa e de dona Maria Gennari, nascido em Brêndola, província de Vicenza na Itália.

Ângelo e Luíza tiveram 18 filhos. Já Vicente (Pietro nome italiano) casou-se em Elói Mendes em 21/07/1902, aos vinte anos de idade, com Mariana Cristina de Jesus. Foram testemunhas Lorenzo Vigatto e Ângelo Moterani. Vicente Motteran também deixou ampla descendência, com numerosos filhos, netos, etc.



Ângelo Moterani e Luiza Della Ville. Fonte: Jornal O Cidadão, de 26 de fev. de 2000



Luiza Della Villa, Ângelo Motteran e uma criança não identificada. Acervo de Leandro

Motteran, bisneto de Ângelo Motteran.

Leandro Motterani contou-nos que os Della Villa e os Motteran vieram no mesmo navio da Itália e ambas famílias se dirigiram primeiramente para a Fazenda dos Tachos, em Varginha. Depois, se mudaram para Paraguaçu. Infelizmente não localizamos o registro de entrada dos Della Villa e nem dos Motteran.

Segundo informações fornecidas por Silvia Buttrós, o patriarca Gaetano Motteran faleceu em Paraguaçu, no dia 31 de outubro de 1911, e Teresa faleceu também em Paraguaçu, no dia 11 de junho de 1919. Em 26/10/1921, faleceu Mariana, esposa de Vicente. Ângelo faleceu em 1956 e Vicente em 1964.

Os descendentes de Ângelo e Vicente, começando pelos filhos de Ângelo e de Luíza Della Villa, foram:

1. Maria Motterani, casada com Celestino Teodoro. Foi para o Paraná.
2. Felícia casada com João Garcia foi para Limeira.
3. Humberto, nascido em 25/11/1899, casado com Maria Taglialegna em Paraguaçu. Filhos: Leonina Daise, Doroti, Dalva, Dolores e Dulce. Humberto Moterani é nome de rua em Paraguaçu. Humberto e Maria tiveram 5 filhos. Daise, Dalva, Dolores, Dulce e Doroti (falecida) – 27 netos, 42 bisnetos e 4 tataranetos.
4. Regina casada com Olinto Ramos. Regina e Olinto 7 filhos: Orcílio, Onézia, Orgélia, Octacílio, Olinta, Olga e Zizinha.
5. Mariana casada com José Ana.
6. Arnelinda casada com Benedito Costa.
7. Alzira casada com Juvenal Marques. Foi para Três Pontas. Alzira 6 filhos: Manoel, Moacir, Milza, Mileide, Maurício e Maurílio.
8. Tereza casada com João Inácio de Deus. João Inácio e Tereza 10 filhos: Hilda – Ivo, Ivone, Ivanir, Isidro, Iramar, Isonel, Irene, Isaías, Iraci. 26 netos – 5 bisnetos.
9. Victor casado com Antonina de Paula Brasileiro em 1934. Tiveram os filhos: Zenir, Nilce, Shirley, José Wilson (Bill), Iramir falecida. 23 netos – 35 bisnetos. Victor Moterani é nome de rua em Paraguaçu, ele foi vereador em 1973 pelo PTB. Foi também pedreiro, tendo trabalhado com Virgílio Borin, também foi colchoeiro, fazendo colchões, foi ainda Juiz de Paz e Rei Momo do Carnaval de Paraguaçu por longos anos. A profissão que exerceu pela maior parte do tempo foi a de padeiro (PRADO, s/d, p. 148).
10. Domingos casado com Odete Goulart. Foi para Varginha. Domingos e Odete 9 filhos: Edmilson, Edméia, Edmar, Djalma, Delma, Dircéia, Dircinéia, Dirce, Denise 20 netos e 3 bisnetos
11. Mariinha casada com Silvestre Lopes. Mariinha 10 filhos: Zilda, Vilma, Milton, Ademir, Nilda, Leonil, Adilson. 18 netos – 17 bisnetos.
12. Álvaro solteiro.

Vicente Motteran casou-se três vezes no Brasil. Do primeiro casamento com Mariana Cristina de Jesus nasceram:

1. Maria Motterani – casada com Francisco Elói. Tiveram 16 filhos: Francisquinho, Elói (Loló), Oswaldo, Vicente, Armando, Dante, Vivalde, Antônio (Totonho), Maria, Olímpia, Jacira, Jandira, Zaira.
2. Antônio – casado com Maria Morais.
3. Giocondo casado com Isabel Ferreira.
4. Alexandrina casada com Balbino.
5. Ferreira. Jovino – solteiro.
6. Giocondo e Isabel Ferreira.
7. Armarida – solteira Alexandrina casada com Balbino Ferreira.
8. Armando – casado com Isabel Ferreira. Armando e Isabel tiveram 5 filhos Sebastião, Aloísio, Nilza, Aparecida e Mariza – 6 netos e 3 bisnetos.
9. Amélia – viúva de Pedro Dário (Deco).



Vicente Moterani e Mariana Cristina de Jesus

O casal Vicente Moterani e Mariana Cristina de Jesus. Fonte: Jornal O Cidadão, de 26 de fev. de 2000

Do 2º casamento nasceu – Tereza, Edna, Iolanda.

Do 3º casamento – As gêmeas Maria de Lourdes e Cecília.

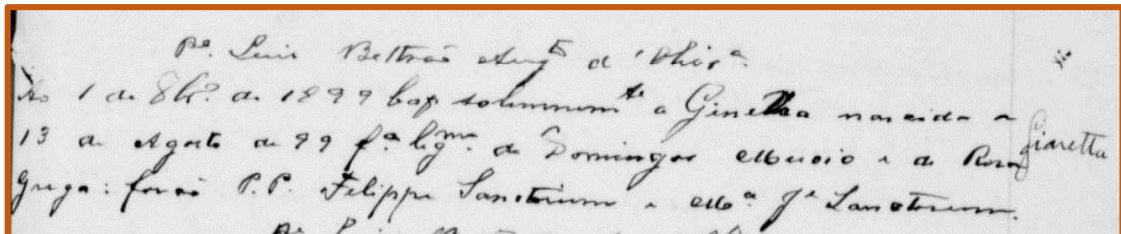
Para o projeto Imigração Italiana em Paraguaçu, entrevistamos as irmãs Mariza e Aparecida, filhas de Armando e Isabel, netas de Vicente Moterani; Sônia Moterani casada com um dos descendentes de Vicente; e também Leandro Motterani, bisneto de Ângelo Motterani, que mora em Varginha.

Antes da década de 1920, Ângelo e Vicente eram conhecidos como os “Irmãos Moterani”. Os Moterani em Paraguaçu estiveram sempre envolvidos no comércio local. Em 1941, por exemplo, Álvaro Moterani inaugurava uma padaria no município, junto com Olinto Ramos.

## Família Muoio

Dona Vilma Muoio Borim, nascida em 09/03/1931, foi nossa entrevistada para o Projeto e ela é a única representante dos Muoio em Paraguaçu. Ela é filha do casal Paris Muoio e de Ana dos Reis Muoio. Segundo depoimento da dona Vilma, foram seus avós, Domingos Muoio e Rosa Greco, pais de Paris Muoio, que vieram da Itália, mas a família se fixou em Varginha, apenas o Sr. Paris Muoio, filho do casal de italianos, se estabeleceu em Paraguaçu. Em termos gerais, os italianos de sobrenome Muoio se deslocaram com maior força para os Estados Unidos do que para o Brasil.

No site FamilySearch consta o registro de nascimento de Ginetha Muoio em 1899, em Varginha, filha de Domingos Muoio e de Rosa Greco, batizada em 01 de outubro de 1899, naquele município. Em 1902 nasceu em Varginha a filha Ginebra Muoio, que se casou com o também italiano Gregório Trocolli, em 1933. Por esses registros sabemos que o casal Muoio estava em Varginha antes de 1899. Em 1903 nasceu outro filho do casal, Fortunato Miguel Muoio (1903-1990). Domenico Muoio (Domingos) era filho de Francesco Muoio e de Rachele Baffa, nascido na Itália em 1880.



Registro de batismo de Ginetha Muoio, em 1899, em Varginha. Acervo do FamilySearch.

O Sr. Paris Muoio nasceu em 17/09/1907, em Varginha, filho do casal de italianos Domenico Muoio e Rosa Greco. Em Paraguaçu, Paris Muoio era empresário do setor moveleiro, ele tinha uma fábrica de móveis do estilo Chippendale. No entanto, antes de abrir a fábrica de móveis ele atuava com beneficiamento de arroz, café, farinha, vendendo esses produtos num comércio do tipo armazém. Segundo relato da dona Vilma, o seu avô italiano era construtor e nunca trabalhou na lavoura. Paris Muoio foi vereador em Paraguaçu no ano de 1953, faleceu em 10 de março de 1999.

Em Paraguaçu no ano de 1953, dona Vilma se casou com o também filho de italianos, nascido no Brasil, Delmo Borin, filho do construtor Virgílio Borin. Delmo era sócio do irmão Dário Borin na Casa dois Irmãos. Ele faleceu em 29 de outubro de 1990, deixando dona Vilma viúva com os quatro filhos maiores de idade.



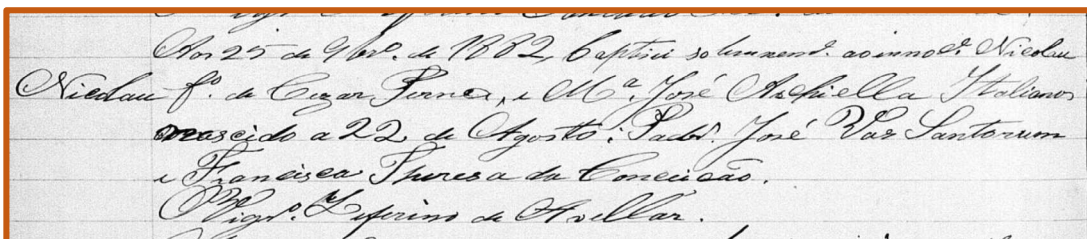
Dona Vilma Muoio. Fotografia de Cristiane Magalhães, fev. 2022.

### Família Perna, Pagano, Arcella

Cesare Michelangelo Filomeno Perna nasceu no dia 15/09/1840, em Sala Consilina, Salerno, no Sul da Itália. Era filho de Giuseppe Perna e Teresa Rosária Francesca Pagano (documento disponibilizado pelo descendente Hudson Gonzaga Perna). O pai de Cesar Perna era relojoeiro na Itália, segundo Betânia Bassani Mitidiero Simoes, descendente da família Perna/Arcella que também pesquisa a história da família. No Brasil, Cesare ficou conhecido como César Perna. Ele era casado com a italiana Maria Giuseppa (José) Arcella (ca. 1850-1918), nascida em Ispani, Salerno, Campania, Itália, filha de Nicolau Ângelo Arcella e de Ângela Arcella, e falecida em 08 de dezembro de 1918, em Paraguaçu, com cerca de 70 anos de idade.

Encontramos um registro de entrada para Cesare Perna, de 38 anos, no dia 28/05/1879, no Porto do Rio de Janeiro, vindo de Nápoles no Vapor Poitou. A profissão que consta na sua entrada é marmorista. Não há informações sobre a família. Talvez César Perna tenha vindo antes e a família chegou depois ao Brasil ou a família não era descrita naquela época nas relações dos navios. É possível que esse registro seja do mesmo Cesare Perna que se fixou em Paraguaçu, por causa da idade e porque na família há o relato de que ele teria vindo sozinho, antes da família, para o Brasil, mas não é possível afirmar.

O casal César Perna e Maria José Arcella teve os filhos: Maria Theresa Perna (nascida em 1868 em Sala Consilina, Itália), Geraldina (nascida na Itália em 1876), Giuseppe (nascido em 1877 em Ispani), Josephina (1879-1954), os quatro primeiros filhos nascidos na Itália; e Nicolau Perna, nascido no Brasil, em Três Corações do Rio Verde, em 22/08/1882, e falecido em Paraguaçu em 1938. Maria Theresa da Conceição, esposa do italiano José Antônio Labecca, foi madrinha no batizado de Nicolau Perna, conforme registro a seguir. O que demonstra que os Perna e os Labecca eram próximos em Três Corações do Rio Verde, em 1882, antes de se mudarem para Paraguaçu em 1884.



Registro de nascimento de Nicolau Perna, em 25/11/1882. Registro do FamilySearch.

Maria Giuseppa Arcella ainda teve os filhos Miguel (1884) e Umberto (1888), ambos filhos do italiano José Antônio Labecca. Umberto se fixou em Campanha quando casou com Iria de Rezende, eles eram pais da escritora Gioconda Labecca.

O professor Paulo Marcondes Carvalho Junior, descendente dos Perna, encontrou uma entrada no Brasil para Angela Arcella, de 55 anos, mãe de Maria Giuseppe, no dia 08/07/1886. Ela chegou pelo navio Provence, que saiu de Marseille (França), passou por Nápoles, e aportou no Rio de Janeiro. No mesmo navio, veio com ela Maria Giuseppa Arcella, de 36 anos, com um filho de nome Nicola, de 4 anos. Os três seguiriam para “Cachoeira”, conforme informações do Registro da Hospedaria dos Imigrantes, de São Paulo. A ida de Maria José à Itália naquela ocasião pode ter sido para buscar sua mãe para vir morar no Brasil, e levou consigo o filho Nicolau, que era criança, pois sabemos que em 1882 Maria Giuseppa Arcella já vivia no Brasil com César Perna, na região de Três Corações do Rio Verde e, depois, mudou-se para Paraguaçu. A ida para buscar sua mãe pode ter sido motivada pelo episódio narrado a seguir.

Em 1884, o Jornal “O Liberal Mineiro”, edição de 20 de agosto, noticiou que César Perna havia sido preso depois de tentar assassinar a esposa, após uma viagem a Itabira. Durante a viagem do marido, a esposa tinha permanecido em Três Corações do Rio Verde com os quatro filhos menores. No registro de óbito de César Perna, de 1890, consta que ele estava separado da esposa há muitos anos e que tinha quatro filhos com ela, três filhas e um filho. Em dezembro daquele mesmo ano de 1884, Maria José Arcella batizou um filho de nome Miguel, na Matriz de Paraguaçu, do relacionamento com José Antônio Labecca. A mudança para Paraguaçu dos Labecca e de Maria José com os filhos ocorreu em 1884, mesmo ano dos fatos narrados. César Perna faleceu no dia 24 de dezembro de 1890, vítima de um assassinato, em Paraguaçu, e foi sepultado no cemitério local, conforme registro da Paróquia de Paraguaçu.

A filha mais velha do casal Cesar e Maria José, de nome Maria Theresa Perna, casou-se nos anos 1880 com Nicolau Sepini (Sepino), deixando ampla descendência em Paraguaçu. Tiveram os filhos: Miguel (1884); Maria Sepini (1886) casada com Antônio da Silva Lemos; Antônio Sepini (1887) casado com Adelaide Bechis; Philomena Sepini (1890-1972); e Cezar Nicolau Sepini (1891) casado com Isabel Cosenza. Em 1903, já viúva, Maria Thereza Perna aos 35 anos casou-se novamente em Paraguaçu, com o também viúvo João Mariano da Costa.

Nicolau Perna casou-se em Paraguaçu com a italiana Giuditta Baccoli (1878-1956), filha de Carlo Baccoli e de Maria Niboli, no dia 01/12/1900, foram testemunhas Marcos

Souza Dias e José Antônio Labecca, padrasto de Nicolau à época. A seguir lista de filhos do casal Giuditta Baccoli e Nicolau Perna:

1. Angelina Perna, nascida em 1902
2. Cezar Perna Netto (1904-1921)
3. José Luiz Perna (1916-1983) casou com Ludovina Tavares
4. Onofre Perna, nascido em 1918, casou com Elzira Tavares
5. Fausta Perna casou com Estevão Tavares
6. Isabel de Loures Perna casou com Onofrico Derênico
7. João Perna casou com Ana Ferreira
8. Luiz Perna casou com Eulice Perna
9. Maria Aparecida Perna
10. Maria Perna
11. Rosa Perna casou com Jonas Araújo

## Família Piazzalunga

Os italianos Piazzalunga quando chegaram ao Brasil não se instalaram originalmente em Paraguaçu, e sim em Fama, conforme dados levantados por Silvia Buttrós. Alguns de seus descendentes, contudo, moraram por muitos anos na residência da Praça Oswaldo Costa. Uma das últimas responsáveis pela residência foi Neuza Prado Piazzalunga, conhecida como Cecília, filha de Iramaia Luiz do Prado, falecido em 1979. Neuza se casou com José Wagner Piazzalunga. Ele era filho de Celeste Bernardo Piazzalunga (nascido em 1902, na Itália) e de Ana Maria Saksida, casados no Brasil, conforme dados levantados por Silvia Buttrós. Celeste Bernardo Piazzalunga era filho de Antônio Piazzalunga e de Teresa Bergonzi, natural de Bolladello, Cairate, Varese, na Lombardia.

Celeste e Ana Saksida tiveram 4 filhos, entre eles Antônio, Alberto nascido em Alfenas em 1946, e José Wagner Piazzalunga. José Wagner Piazzalunga nasceu em 26 de janeiro de 1929, em Fama – MG, e faleceu em 4 de agosto de 1964 em São Paulo.

A casa verde da Praça Oswaldo foi adquirida, em 1949, por Iramaia Fonseca do Prado, que foi prefeito no período de 1959 a 1963. Ele era conhecido em Paraguaçu como sr. Mazico. Ele foi homem público, empresário de destaque na cidade, atuante e à frente de diversas atividades.

Quando faleceu, em 1979, o Jornal “A Voz”, publicou a biografia do Sr. Mazico e os seus feitos em Paraguaçu: “(...) homem de confiança do Sr. Oswaldo Costa, comandou a construção da Paraguaçu Têxtil, sendo seu 1º Diretor Gerente; construiu nosso campo de aviação; construiu os prédios do cinema e Paraguassú Hotel. Foi primeiro Gerente do Banco Moreira Salles, hoje Unibanco. Fundador e proprietário da Casa Iramaia Prado, hoje Casa São Luiz. Participou da Comissão Pró-construção do Hospital São Francisco de Assis. Foi também correspondente do Banco do Brasil em Paraguaçu. Ainda à frente dos negócios do Sr. Oswaldo Costa, estava administrando a construção do Edifício Elói Mendes. Por um bom período, Sr. Mazico foi Juiz de Paz”.



O projetista da bela edificação foi Virgílio Borin. Residência em que viveu Neuza Piazzalunga em Paraguaçu.

### **Família Piazza e Família Chiavone**

Celestino Piazza nasceu em Bergamo, na Itália, em 04 de fevereiro de 1870. Casou-se, em 1911, em Carmo do Rio Claro com Ida Agostini, filha de Bartolo Agostini e de Thereza Agostini. Ele era um dos proprietários da Empresa de Laticínios Piazza e Chiavone, produtora das manteigas Tripoli e São Paulo, no município de Fama.

A empresa de laticínios Piazza e Chiavone era de propriedade de Celestino Piazza e Pedro Chiavone. Celestino Piazza foi um dos fundadores do arraial de Fama, no ano de 1896. Ele era funcionário da Estrada de Ferro Muzambinho, na qual trabalhou por 6 anos, posteriormente fixou residência em Fama abrindo uma loja de Secos e Molhados, também com produção de manteiga e uma fábrica de gelo. Além disso, Celestino Piazza era sócio de uma Serraria e Marcenaria chamada Famense, onde fabricavam móveis.

Há um registro da Hospedaria Horta Barbosa para uma família Piazza, sendo os pais Leonardo Piazza e Vigilia Piazza. Celeste Piazza era um dos filhos e tinha 16 anos na ocasião. Eles chegaram no dia 25/03/1892, pelo Vapor Rio de Janeiro. Não podemos afirmar se tratar da mesma família.

Não localizamos descendentes atualmente dessas famílias em Paraguaçu.

### Família Rosse, Rosa (Rizzieri Rosa) e Schiassi

A história da família Rosa que tem em João Rizzieri Rosa (1882-1943), o nome mais proeminente em Paraguaçu, foi contada pelo Bispo Dom Onofre, filho de dona Antônia Schiassi Rosa e de João Rissieri Rosa, no manuscrito “Centenário do Nascimento de Antonia Schiassi Rosa: 1886-1986”.

Segundo o seu texto, o construtor João Rizzieri Rosa era filho de Gaetano Rosa e de dona Maria Gennari, ambos de Brêndola, província de Vicenza na Itália, ele nascido no dia 26 de maio de 1882. Encontramos a chegada da família Rosa ao Brasil em 1891, pelo Vapor Gergovia. Eles deram entrada na Hospedaria da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, no dia 25/11/1891. Veio o casal: Gaetano “Rosse” (Rosa), de 39 anos, e Maria Gennari, de 34 anos, e os cinco filhos: Marcello, 11 anos, Rizzieri (João), de 9 anos, Ireneo, de 7 anos, Ester, de 5 anos, e Ferruccio, de 2 anos. No Brasil parece ter nascido mais filhos, pois Dom Onofre cita também os filhos José, Angélica e Virgínia.



Anúncio de João Rizzieri Rosa no Jornal O Paraguaçu, de março de 1941

Depois do Porto do Rio de Janeiro, seguiram para a Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, onde foram registrados novamente no dia 29/11/1891. No registro consta apenas que o destino era Minas Gerais, sem especificar o local.

CÓDIGO DE REFERÊNCIA						
BRRJANRIO.OL.0.RPV.PRJ.4641						
DADOS IMIGRANTE						
NOME Rizzieri	Nº ORDEM 1009	PARENTESCO Filho (a)	IDADE (ano) 9			
IDADE (mes)	IDADE (intervalo)	SEXO Nada consta	NAÇÃO/NACIONALIDADE Italiana			
ESTADO CIVIL Nada consta	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Nada consta	INSTRUÇÃO Nada consta			
DADOS DA VIAGEM						
DATA DE CHEGADA 25/11/1891	PORTO DE ENTRADA Génova		NAVIO Gergovia	CLASSE		
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Rio de Janeiro					
ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	NºORDEM	PARENTESCO	IDADE (ano)	IDADE (mês)	IDADE (intervalo)
Ester		1011	Filho (a)	5		
Ferruccio		1012	Filho (a)	2		
Ga[s]tano	Rosse	1006	Nada consta	39		
Ireneo		1010	Filho (a)	7		
Marcello		1008	Filho (a)	11		
Maria		1007	Esposa (o)	34		

Registro de entrada da família em 25/11/1891. Acervo do Arquivo Nacional do RJ.

A família, conforme relato de Dom Onofre, residiu por algum tempo na Rua Ferreira Prado, em Paraguaçu-MG e, não se dando bem no Brasil, resolveu voltar para a Itália, mas os três filhos mais velhos, João, Irineu e Marcelo, decidiram ficar no Brasil. Gaetano não ficou feliz e revoltado com eles empenhou viagem de volta para sua terra, levando a esposa e os outros filhos.

Irineu casou-se com dona Isaura em Paraguaçu, e faleceu em São Paulo, deixando vários filhos. Marcelo Rosa, pedreiro, casou-se com Maria Della Villa e teve uma filha, em 1905, chamada Rosa Alexandrina, que foi criada junto com os filhos de dona Antonia e de João Rissieri. Ela casou-se em 19 jan. 1923 com Francisco de Salles e deixou quatro filhos: Sebastião, Sebastiana, Benedita e Aparecida.

Dom Onofre escreveu que o matrimônio de Antonia e João Rizzieri se deu em Paraguaçu, no dia 9 de fevereiro em 1907. No Livro 3º de casamentos da Paróquia de N.S. do Carmo de Paraguaçu, à página 39 v. nº 06, está escrito: “aos nove dias do mês de fevereiro de 1907, foi realizado o casamento religioso de João Rissieri Rosa e de Antonia Schiassi Rosa. Ele filho de Caetano Rosa e Maria Genare; ela filha de José Schiassi e Giuseppina Brighent. Foram testemunhas: Alexandre Bachi (Bagni) e Lorenzo Vigato”.



João Rizzieri Rosa. Fonte:  
<https://historiadeparaguacu.com.br/>



Dona Antonia Schiassi Rosa em fotografia  
do manuscrito “Centenário do Nascimento  
de Antonia Schiassi Rosa: 1886-1986”

João Rizzieri Rosa faleceu no dia 13 de fevereiro de 1943, aos 61 anos de idade, em Paraguaçu.

Dom Onofre narrou que, dos irmãos que voltaram para a Itália, José e Ferúcio morreram na Primeira Guerra Mundial, e Angélica foi para a Bélgica e nunca enviou notícias para o Brasil. Virgínia não se casou para cuidar dos seus pais que morreram em sua companhia. Ela sempre escrevia para os familiares em Paraguaçu, pois vivia no Instituto Secularem Vicenza, como consagrada a Deus. Dom Onofre Rosa escreveu ainda que a visitou duas vezes na Itália, em 1973 e 1980. Ela faleceu no dia 19 de janeiro de 1985, aos 98 anos de idade.

João Rizzieri Rosa foi um importante construtor em Paraguaçu no início do século XX. Ele atou na construção da primeira Matriz de Paraguaçu, obras iniciadas em 1908, e depois trabalhou também na reforma da mesma Igreja Matriz, em 1942, mas faleceu em 1943. Outras obras de João Rizzieri Rosa em Paraguaçu são: a residência do Sr. Joaquim Aureliano, a de dona Glória Leite Prado, a Caixa D'Água de Paraguaçu (que é Tombada como patrimônio local), além do hangar do Aeroporto (1941), entre outras obras.



Imagem da primeira Matriz de Paraguaçu em construção. Fonte: História de Paraguaçu.

Além de construtor, associando-se a outro imigrante italiano, o Sr. Pedro Soglia, João Rizzieri Rosa e o sócio fundaram a Viação São Pedro de linhas de ônibus, como narrado no Capítulo da família Soglia.



A Antiga Caixa D'Água, construída por João Rizzieri Rosa é tombada como Patrimônio Cultural de Paraguaçu, tombada pelo Decreto nº 08 de 19 de fevereiro de 2008. Fotografia de Lorrana Negretti, 2021.

## Família Schiassi

A Família Schiassi se fixou em Paraguaçu, inicialmente, no bairro da Grama. Eram proprietários de uma cerâmica/olaria, que produzia tijolos e telhas na região da Fazenda Taquari, onde viviam também os Labecca, Perna, Bechis e Sepini.

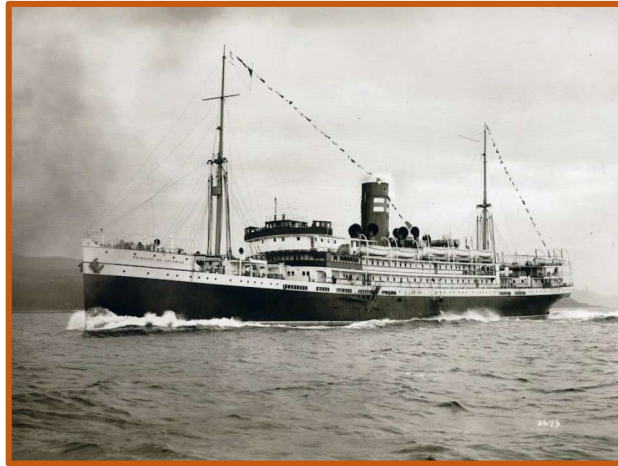
Um livreto intitulado “Centenário do Nascimento de Antonia Schiassi Rosa: 1886-1986”, escrito por Dom Onofre, relata importantes episódios da migração da família para o Brasil. A biografia da dona Antonia Schiassi Rosa foi escrita por seu filho, Dom Onofre Rosa, Bispo de Jardim – MS, no ano de 1986, para comemorar o centenário de sua mãe.

Deste documento, reproduzimos o seguinte trecho:

Antonia Schiassi Rosa nasceu na Itália, em Bolonha, no dia 1º de novembro de 1886, filha do casal Giuseppe Schiassi (nascido em 03/08/1864) e sua mãe Giuseppina Brighenti (nascida em 25/08/1864). Imigraram para o Brasil em 1888, em busca de melhores dias, pois a Itália, naquela época passava por uma grande crise. A vovó Giuseppina (Josefina) nos contava que, os “pregoeiros” subiam em banquinhos, nas encruzilhadas das ruas e faziam sua propaganda assim: “Quem deseja ir para o Brasil? O Governo paga sua viagem para lá, e no Brasil basta chutar a poeira do chão e aparece ouro na flor da terra”. Era uma propaganda tentadora para quem estava passando necessidade em sua terra natal. Foi assim, que Antônia, com quase dois anos de idade, atravessou o oceano em quarenta dia de viagem em companhia de seus pais e de um tio viúvo com duas filhas, chegando a São João Del Rei, em Minas Gerais, no dia 1º de novembro de 1888. Este seu tio era o senhor BRIGHENTI CÉZARE, fundador da Colônia Marçal em São João Del Rei, que ali chegando casou-se com dona Ermelinda Martelli, que conheceu no navio e depois montou uma casa de comércio, com um rancho ao lado, para acolher os boiadeiros que por ali pernoitavam. É interessante notar que essa venda era o ponto de reunião das famílias Brighenti Schiassi, pois não raro chegavam notícias da “Vila Paraguaçu” para onde transferiram suas residências, o velho Schiassi levando consigo a Helena, filha do Sr. Cézare, sua esposa e filhos. Na colônia Marçal ainda residem os descendentes dos primeiros colonizadores. A família Schiassi não ficou em São João Del Rei, no bairro do Matozinho, por muito tempo. Transferiu sua residência para Três Pontas, em Minas Gerais, indo fixar definitivamente a sua moradia em Paraguaçu, no bairro da Grama, às margens do Rio Sapucaí, na divisa com o município de Elói Mendes, montando ali uma olaria, onde trabalhavam na confecção de tijolos. “Os três meninos e as 6 meninas, pois Antônia, sendo a mais velha das filhas, ficava ajudando a mãe em casa. Seus irmãos eram: Antônio, que já faleceu deixando muitos filhos. Alfredo, reside ainda em Paraguaçu com sua família. Armando, há anos mora no Paraná. Seus irmãos: Natalina, Anita, Maria, Irma, Judith já faleceram, vive ainda, para nossa alegria, em Poços de Caldas, a querida tia Rosa (DOM ONOFRE, 1986).

De fato, corroborando os dados deste livreto, Césare Brighenti (1847-1930) aportou no Brasil em novembro de 1888, pelo vapor Cachar. No mesmo navio, veio a família de Luigi

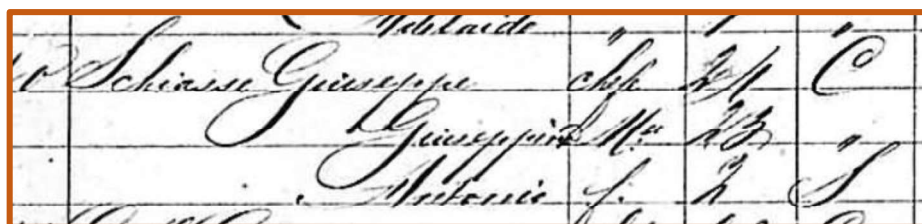
Martelli (42 anos), a esposa Valdemira Martelli (41 anos) e as filhas: Ermelinda, 22 anos, Giuseppina, 19 anos, e Maria, 3 anos. Césare Brighenti estava acompanhado da filha, Elena (nascida em 1874), de 14 anos, e do irmão Luigi Brighenti, 44 anos. No mesmo navio de nome Cachar veio a família de Giuseppe Schiassi, 24 anos, Giuseppina Brighent, 23 anos, e a filha Antônia, de 2 anos. Todos eles deram entrada na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, no dia 22 de novembro de 1888.



Vapor Cachar. Disponível em: [https://emigracioneveneta.blogspot.com/2021/04/lista-de-passageiros-italianos-navio\\_19.html](https://emigracioneveneta.blogspot.com/2021/04/lista-de-passageiros-italianos-navio_19.html)

Césare e Giuseppina Brighenti eram filhos de Domenico Brighenti e de Lucia Frazzoni. Na Itália, Césare Brighenti casou-se em 5 de abril de 1869 com Santa Gazzotti, falecida em 1886 antes da família vir para o Brasil. No Brasil, ele se casou em segundas núpcias com Ermelinda Martelli (1866-1944), em 11 de janeiro de 1890, em São João Del Rei, ela aparece ao lado dele na listagem da imigração para o Brasil. Com Ermelinda Martelli, Cesare Brighenti teve os filhos: Américo, Guilhermina e Carlos. A filha Elena Brighenti casou-se em Paraguaçu com Alexandre Bagni.

O casal Giuseppe Schiassi (1864-) e Giuseppina Brighenti (1864-) tiveram os filhos: Antonia (1886-1986); Juditha (1891); Maria (1900-1976); Alfredo; Anita; Antônio; Armando; Natalina e Rosa<sup>4</sup>. Apenas Antônia nasceu na Itália, todos os outros nasceram no Brasil.



Navio Cachar, com registro da entrada da família Schiassi em 1888. Acervo do APM.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/landscape/G4GD-PXK>

Dona Antônia se casou em 9 de fevereiro de 1907, em Paraguaçu, com o também italiano, arquiteto e construtor, João Rissieri (Rizzieri) Rosse (Rosa). Sobre os Rosse iremos destacar no item da Família Rosa. Eles tiveram 11 filhos: José, Filomena, Maria, Ferúcio, Sebastião, Petronilha, Egidio, Isabel e Onofre. Os outros filhos faleceram ainda na infância. Dos seus filhos, dois se tornaram padres, para orgulho da dona Antônio que era católica muito fervorosa: Egidio e Onofre Rosa. Conta-se que ela rezava o terço todos os dias pelos seus filhos.

Sobre a Olaria dos Schiassi, o Sr. Guilherme Prado escreveu em “Pelados e Peludos”, sobre a produção de tijolos para construção da Matriz de Paraguaçu, iniciada 12 de junho de 1909. Na ocasião das obras da Matriz, dona Antônia já era casada com o construtor João Rizzieri Rosa. Vamos ler o que o Sr. Guilherme contou das obras da Matriz:

Nos dias seguintes, enquanto o carretão do Seu Manoel Luiz puxava as toras de madeira cuidadosamente escolhidas pelo carpinteiro José Purífico Gonçalves, uma maromba era instalada pelo oleiro italiano José Schiassi na frente da obra. As carroças transportavam o barro que seria amassado, os tijolos batidos, as caieiras (*onde o tijolo de barro é queimado*) armadas e queimadas, tudo ali mesmo em frente à igreja. O transporte de materiais era coordenado pelo Palhão, que trazia as pedras da Serra da Matinada e a areia da Fazenda Oriente. Para reforçar a estrutura das colunas, João Rissiere aconselhou a colocação de um trilho de estrada de ferro no centro de cada coluna, artifício então conhecido por “*alma*” (PRADO, 2012, p. 59).

Rosa Schiassi Solia era a irmã mais nova da dona Antônia, e se uniu também à família de italianos, os Sólía.



Padre Egidio Marcelo Rosa. Filho da dona Antônia e Sr. João Rissieri

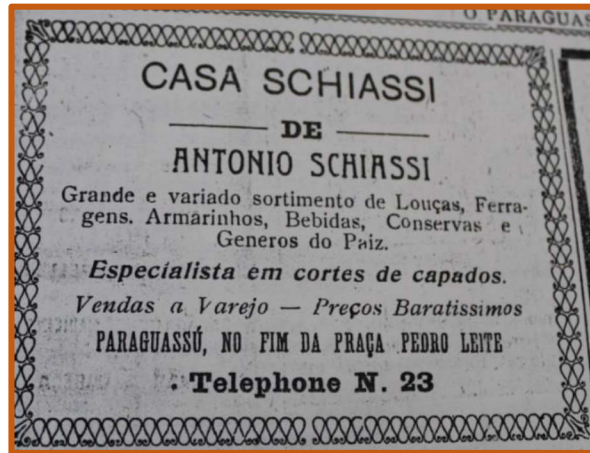
Fonte: <https://historiadeparaguacu.com.br>



Dom Onofre Rosa, filho da dona Antônia e Sr. João Rissieri

Fonte: <https://historiadeparaguacu.com.br/>

Antônio Schiassi, irmão da dona Antônia, era proprietário de uma loja de louças e ferragens em Paraguaçu. O que demonstra que os Schiassi permaneceram e se estabeleceram em Paraguaçu no século XX.



Jornal O Paraguassu, de 1926

### Família Selicani (Silicani)

O Sr. Altamiro Selicani residente em Paraguaçu com sua família nasceu em 1935. Ele é neto do casal de italianos Giustino Silicani (Justo Selicani) e Tereza Leonídia Rafaetá (Creuza). Com memória incrível contou-nos diversos casos da saga da família Selicani desde que chegaram ao Brasil vindos da Itália. Ele ainda se lembra da música que o pai cantava, inspirado na letra italiana que o avô também cantava para os filhos pequenos. A lembrança de músicas tem sido uma constante nos relatos dos descendentes de italianos que vivem em Paraguaçu.

Naturais de Camaiore, Província de Lucca, na Itália, o casal Giustino Silicani (**Justo Selicani**), de 40 anos, e Tereza, de 31 anos, depois de 21 dias de viagem chegaram ao Porto do Rio de Janeiro no dia 17/06/1899, pelo Vapor Les Andes, eram procedentes do Porto de Gênova, e se registraram na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, no dia 18/06/1899. Com eles estava a filha Lisina Silicani, de 3 anos de idade. O chefe da família era filho de Carlos e de Dominica Silicani e dona Teresa era filha de José e Luiza Rafaetá.

BRAN. RIO. O. L. R. P. V. PR. J. 6737

SOCIÉTÉ GÉNÉRALE DE TRANSPORTS MARITIMES A VAPEUR  
DE MARSEILLE

Relação dos Passageiros que conduz o Vapor "Les Andes"  
de 2110 toneladas de registro com 76  
pessoas de tripulação, entrado hoje de 17 sept Juin  
e escalas com 21 dias de viagem e 10 do ultimo  
porto Sokor commandante Belard

Impr. Marseillaise. - Mod. 355. - 5-1895-200-2715.

Folha de descrição do Navio em que vieram os Selicani para o Brasil. Acervo do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

A família veio para Minas atendendo ao chamado do Barão de Varginha, Joaquim Eloy Mendes, importante fazendeiro que inclusive deu nome ao atual município de Elói Mendes, antigo Espírito Santo da Mutuca, e foram introduzidos (contatados na Itália) por Gustavo Garotti. De Juiz de Fora seguiram para a Vila do Pontal, em Varginha. No entanto, foi em Paraguaçu que se fixaram, indo trabalhar na Fazenda do Baguary, do Fazendeiro Marcos Souza Dias, e foi lá que parte dos filhos nasceram: Carlito (que teria nascido no navio que trazia os italianos), Nestor, Jacobini, Armando e João Nillo, pai do Sr. Altamiro que entrevistamos. É provável que Lisina, que chegou com 3 anos ao Brasil, tenha recebido aqui o

nome de Elizeta, como era comum acontecer com a trocas de nomes aportuguesadas, entre os italianos migrados.

Luiza	19.11.8	0		
Silicani Justino	40	e		Lucca
Tereza	31	7		
Lisina	8	8		

Registro de entrada da família Selicani no Brasil. Acervo do APM.

João Nillo Silicani, pai do Sr. Altamiro, nasceu em 1904 na Fazenda do Baguary, em Paraguaçu, e casou-se, em 1929, com Izabel Moraes da Silva, constituindo vasta família no município.



Sr. Altamiro Selicani e o filho Jason em fotografia de Cristiane Magalhães, em fevereiro de 2022.

O Sr. Altamiro nos contou que os avós trouxeram da Itália uma máquina de fazer macarrão, que ele próprio conheceu e operou, quando criança. Esse artefato era movido manualmente. Colocava-se a massa de trigo dentro de um recipiente na máquina, depois girava a manivela e a massa saía modelada conforme o formato escolhido previamente. A massa modelada caía numa bacia untada com trigo, para não grudar, e depois colocavam mais trigo e misturavam. Depois, se era do tipo talharim, colocavam a massa em varais e deixavam secar. No mesmo dia a massa ficava pronta e podiam fazer o molho e apreciar o prato típico italiano. Infelizmente essa máquina, que pertenceu posteriormente ao pai do Sr. Altamiro, foi roubada e não existe mais na família.

### Família Sepini (Ceppini, Sepino)

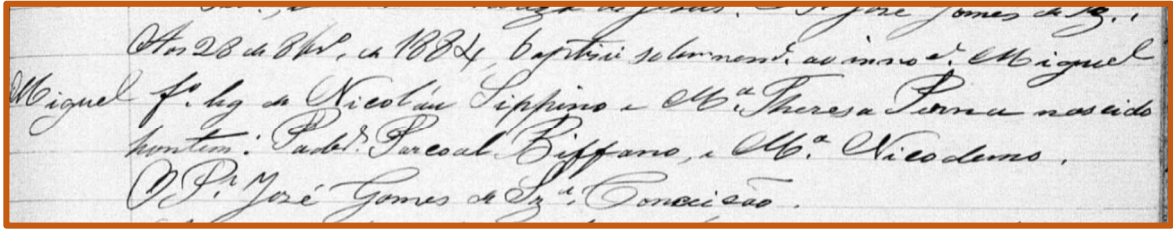
A família Sepini de Paraguaçu é numerosa e deriva de Nicolau Sepini ou Sepino, que estava na região do Sul Mineiro nos anos 1880 e se casou com Maria Theresa Perna, ambos italianos. Não temos informações de quando e onde eles teriam casado.

Para as informações da família Sepini ou Sepino, conversamos com o Sr. Sílvio Luiz Sepini e com o seu sobrinho, Ricardo Sepini, filho de Pedro Sepini, e também com o prof. da PUC Minas, Antônio Ângelo Rocha, neto de Ângelo Sepini. O Sr. Sílvio conhece a história da Família Sepini a partir de Cezar Nicolau Sepini (nascido em 1891) e de sua esposa Isabel Cosenza (nascida em 1887). Além dos dados fornecidos pelos descendentes, realizamos pesquisas no FamilySearch que nos deu algumas pistas, já que não localizamos o registro de entrada de Nicolau Sepino no Brasil.

A italiana Maria Theresa Perna era filha dos italianos Cesare Perna e de Maria Giuseppe Arcella. Acreditamos que Nicolau Sepini estava no Sul mineiro desde os anos 1880, já que Nicolau e Maria Theresa casaram-se muito provavelmente em Três Corações do Rio Verde no início dos anos 1880 e tiveram o primeiro filho em 1884. No FamilySearch, pelo registro de nascimento da filha Philomena, datado de 23 de fevereiro de 1890, em Carmo da Escaramuça, consta que os pais de Nicolau Sepino eram Stanislau de Felippes e Michelina Molinara, o que é estranho, pois nenhum dos dois possui Sepino ou Sepini como sobrenome. Infelizmente não localizamos nenhum registro histórico sobre Nicolau que assinava Sepino, é provável que a grafia do nome seja distinta do atual Sepini. César Perna, avô paterno de Philomena, foi padrinho da menina, o que indica que ele residia em Paraguaçu na época. Ao final daquele mesmo ano, César Perna seria morto, vítima de um assassinato.

Localizamos registro de um Jacinto (Giacinto?) de Felippes, italiano, na Argentina, que também era filho de Estanislau de Felippes e Micaela (sic) Molinara, que se casou em 18/11/1887 com a também italiana Graciana Cochussi. Ele era nascido em ca. 1860, em Belvedere Marittimo, Comuna italiana da região da Calábria, província de Cosenza, no Sul da Itália. Esta pode ser uma pista para os descendentes de Nicolau Sepino encontrarem as origens da família na Itália.

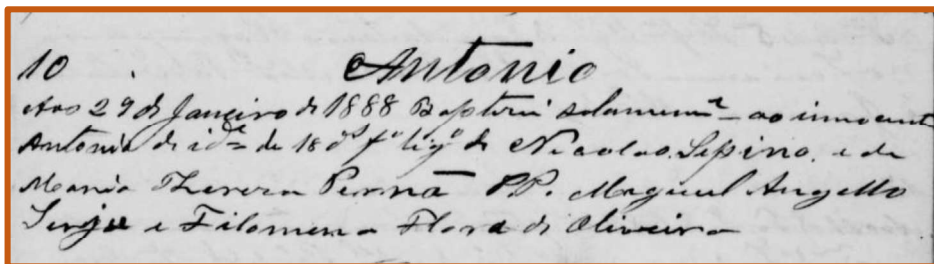
Nicolau Sepini ou Sepino e Maria Theresa Perna tiveram um filho de nome Miguel, nascido em 27 de outubro de 1884, em Três Corações do Rio Verde, batizado na Igreja Sagrada Família. Nesse registro consta que o pai se chamava Nicolau Sippino e a mãe Maria Theresa Perna, foram padrinhos Pascoal Biffano e Maria Nicodemo.



Batizado de Miguel em Três Corações do Rio Verde. Registro do FamilySearch.

Além de Miguel, nasceram em Paraguaçu os filhos:

- Maria Sepino n. cerca de 1885, casada com Antônio da Silva Lemos
- Antônio Sepino n. cerca de 1887, casado com Adelaide Bechis.



Batizado de Antônio Sepino em Eloi Mendes. 29 de janeiro de 1888. Registro do FamilySearch.

- Philomena Sepino (1890-1972).
- César Sepino n. cerca de 1891, casado com Isabel Cosenza.
- Josephina Sepino, n. 01.1900 em Paraguaçu, falecida. 11.03.1900 em Paraguaçu (filha natural apenas de Maria Theresa Perna. É provável que Nicolau Sepino já tivesse falecido em 1900).

César Nicolau Sepini, que se casou com Isabel Cosenza em 1913, em Paraguaçu, teve os filhos:

1. César Sepini Filho (nascido em Paraguaçu em 24 de nov. de 1918). Casou-se com Guiomar Prado Sepini em 1940. E em segundas núpcias com Vera Junqueira Xavier em 1982.
2. Ângelo Sepini, nasceu em Elói Mendes em 1916, casou-se com Isabel Rosa e tiveram os filhos: Miriam, Ediceia, Adilson, João Cezar, Ângela, Afonso, Adair, Pedro, Antonilda e Ângelo. Ângelo Sepini é nome de uma Alameda em Paraguaçu. Trabalhou a vida toda como sapateiro e faleceu em 22 de julho de 1990.
3. José Sepini
4. Luiz Sepini, nascido em 14.05.1920 em Paraguaçu, casado com Vera Vieira Camargo

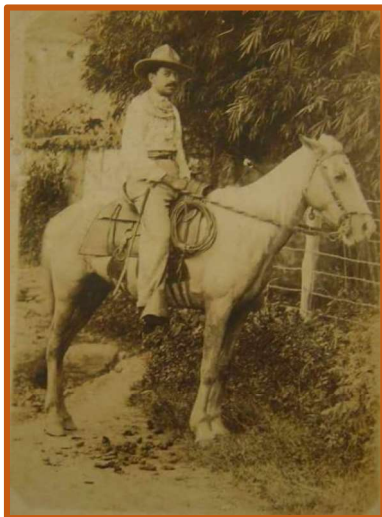
Na fotografia a seguir vemos Ângelo e Cezinha, filhos de Cezar Sepini e de Isabel Cosenza, junto com o Padre Piccinini numa pescaria na primeira metade do século XX. César Sepini foi vereador em Paraguaçu, na legislatura de 1955 e entre 1959 a 1963, quando

assumiu a presidência da Câmara. Há uma rua em Paraguaçu com o nome de Cezar Sepini Filho, desde 1996.

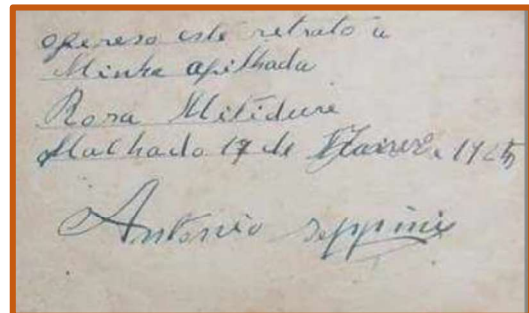


O registro fotográfico é do Jornal Folha da Matinada, de 1999. Não consta data na fotografia.

O filho Antônio Sepini também se casou com a italiana Adelaide Bechis, filha de Giovanni Bechis e Catarina Bovio, em 21 nov. de 1908, em Paraguaçu. Em 1926, Antônio Sepini aparece como proprietário de uma loja de Correarias e Selarias em Machado – MG.



Antônio Sepini em 1925. Fonte: Acervo FamilySearch.



Em 1919, Cezar Sepini anunciou no Jornal Paraguassu que tinha sortimento de calçados modernos e que também fazia por encomenda. A família Sepini é conhecida no

município de Paraguaçu pela longa experiência como exímios sapateiros. Ofício que vem sendo passado de geração para geração.



Jornal Paraguaçu, ago. 1919.



Fonte: Acervo de Guilherme Prado



Jornal Paraguassu, de 1941



Anúncio da Sapataria Sepini, do Sr. Ângelo Sepini.  
Fonte: Jornal Folha da Matinada, abril/maio 2001

Depois o filho de Cezar, Ângelo Sepini, deu prosseguimento ao ofício do pai. O Sr. Guilherme Prado transcreveu nota de um jornal de 1943 que noticiou sobre a Fábrica de Calçados de Ângelo Sepini. A seguir, a transcrição da nota do Jornal:

### FÁBRICA DE CALÇADOS

Jornal O Paraguassu, de 1943

Em 1943, atendendo ao gentil convite do Sr. Ângelo Sepini, esforçado sócio coproprietário desta nova organização industrial e seu competente diretor técnico, a redação deste periódico, O Paraguassu, teve oportunidade de visitar, em dias da semana passada, a fábrica de calçados aqui instalada.

Localiza-se em amplo, moderno e elegante edifício, recentemente construído em trecho central da cidade, à Praça Oswaldo Costa, oferecendo todas as condições de higiene e conforto aos seus operários.

A firma proprietária da nova indústria acha-se constituída pelo Sr. Ernesto da Silva Passos, forte capitalista, proprietário e fazendeiro, elemento progressista e de destaque social neste município e do Sr. Ângelo Sepini, técnico de renome no ofício a que se dedicou.

Possui a fábrica um vasto salão onde se acham colocadas as diversas bancas para os operários, uma excelente máquina para acabamento de calçados, movida a eletricidade, devendo chegar em breve outra para costura mecânica, o que dará como resultado não só um produto do mais fino acabamento, como produção intensa; em quantidade apreciável.

No mesmo prédio acha-se o depósito de couros e outros materiais necessários, bem como o escritório da nova e importante firma. A fábrica de calçados aqui montada pelo Sr. Ângelo Sepini executa com a maior perfeição todo e qualquer tipo de calçado para homens, senhoras e crianças, conforme o modelo desejado, empregando sempre materiais da melhor qualidade.

A produção da fábrica encontrará desde início vasto campo de atividades, pois os seus produtos manufaturados comparam-se, sem favor, aos que chegam dos grandes centros. O nosso município consumirá sem dúvida, uma certa parte da produção, devendo o restante ser exportado para as cidades vizinhas.

Afim de integrarem o corpo de profissionais da fábrica, diversos operários especializados deverão transferir em breve o seu domicílio para esta cidade.

Noticiando esta alvissareira nova, que representa mais uma notável contribuição ao grande parque industrial de Paraguassú, não podemos deixar de trazer as nossas vivas felicitações aos Srs. Ernesto da Silva Passos e Ângelo Sepini, nossos distintos, conterrâneos e que de maneira decisiva, vem cooperando com o estabelecimento de uma importante fábrica para maior grandeza de Paraguassu.

Na pintura a seguir vemos o Sr. Pedro Sepini, filho de Ângelo Sepini e neto de César Sepini e Isabel e Isabel Cosenza, que ainda hoje é sapateiro em Paraguaçu, dando continuidade da tradição familiar.



Sr. Pedro Sepini, acervo da família Sepini

César Sepini, o Cezinha, se candidatou a Prefeito em Paraguaçu em 1962. Na ocasião ele era fazendeiro e Presidente da Câmara de vereadores. Cezar Sepini foi vereador em Paraguaçu por diversas legislaturas.

O PARAGUASSU — Paraguassú — Missa Gerada, 2 de Setembro de 1962 — 5 —

SUPLEMENTO DO DR

*Pelo Partido Republicano de Paraguassú  
são estes os Candidatos indicados:*



PARA PREFEITO

**Cezar  
Sepini Filho**

= CEZINHA =  
Fazendeiro e Presidente da Câmara

Para Vice - Prefeito

**João da Silva Marques**

Proprietário da Empresa de Transportes Marques

Fonte: Jornal O Paraguaçu, de 2 de setembro de 1962

### Família Solia (Soglia) e Família Pizzi

A pesquisadora Silvia Buttrós publicou no jornal Cidadão, de 28 de março de 2002, p. 2, a genealogia da Família Solia. Segundo seu relato, foi de Faenza, Comuna italiana da região da Emília-Romagna, Província de Ravenna, que veio a família SOGLIA, que se tornou Solia aqui no Brasil. Localizamos que de Faenza vieram dona Domenica Ranieri, viúva de Lorenzo Soglia, com os filhos.

Dona Domenica Ranieri, de 44, anos, chegou ao Brasil com os filhos Sebastiano, 17 anos, Damiano (Pedro), 14 anos e Giovanni, 12 anos. A família foi registrada na Hospedaria Horta Barbosa no dia 16 de dezembro de 1897. Haviam chegado um dia antes ao Porto do Rio de Janeiro. Vieram no vapor Espagne e seguiram da Hospedaria Horta Barbosa para a Fazenda Monte Alegre, de João Nepomuceno Teixeira, em Santo Antônio do Machado. Dona Domenica chegou viúva ao Brasil com os filhos adolescentes. Outra filha da dona Domenica, de nome Argentina, ficou na Itália.

2	Raniero Domenico	46	14	Faenza	Mãe
3	Sebastiao	17	17		filho
4	Domenico	14	14		"
5	Giovanni	12	12		"

Registro da Hospedaria Horta Barbosa com a chegada dos Soglia ao Brasil. Acervo APM. SA-925 pg. 0163

Silvia Buttrós pesquisou e escreveu sobre a descendência do casal Lorenzo Soglia e Dominica Ranieri:

I – Pier Domenico (Damiano?) Soglia (Pedro Soglia), nasceu em 1884 e chegou com 14 anos ao Brasil. Das fazendas da região de Machado e Fama, ele em seguida foi para Poço Fundo, onde em 04 de outubro de 1902 casou-se com Amabile Pizzi, natural de Sant'Agata Bolognesi, Província de Bologna, Itália, filha de Aristodemo Pizzi e Virgínia Guizzardi. Amabile Pizzi (conhecida por Sá Bia) nasceu em 13 de julho de 1884 e faleceu em 1948. A família Pizzi chegou ao Brasil no Vapor Les Andes, em 01/09/1897. Os Pizzi vieram junto com os Dozza, Veracini, Guerroni, Bonfiglioli e os Bicocchi para trabalharem na Fazenda de Alberto Pio de Souza Dias, em Machado, a chamado de Gugliechino Dozza. Em 1928, o Sr. Pedro Solia mudou-se para Paraguaçu, para administrar a fazenda do Sr. Quita Prado (Hércules Otaviano do

Prado). Tornou-se, mais tarde, comerciante, e em seguida, o proprietário da primeira empresa de ônibus de Paraguaçu, a Viação São Pedro, que fazia o itinerário Varginha – Machado e depois, Poços de Caldas. Pedro Solia faleceu em 28 de outubro de 1936.

Filhos de Pedro e Amabilia:

- 1 – Lourenço Sógia, nasceu em Poço Fundo, casou-se em 1925 com Rosa Schiassi, filha de José Schiassi e Giuseppina Brighent.
- 2 – Maria Sógia, casou-se em 1925 com Eudócio Pinto Rosa Júnior, natural de Caeté-MG, filho de Eudócio Pinto Rosa e Carolina da Silva.
- 3 – Argentina Sógia.
- 4 – Angelina Sógia, casou-se em 1928 com Antônio Dias de Freitas, natural de Passos-MG, filho de José Dias de Freitas e Delfina Severa da Costa.
- 5 – Elvira Sógia, casou-se em 1934 com Antônio Taglialegna, natural da Argentina, filho de Giovanni Taglialegna e Vitória Buzetti.
- 6 – Augusta Sógia, casou-se em 1935 com Francisco Ferreira de Paiva, natural de Três Pontas, filho de Florêncio Ferreira de Paiva e Magdalena Maria.
- 7 – Laura Sógia, casou-se em 1931 com José Coelho Ferreira natural de Caeté-MG, filho de João Coelho Ferreira e Jovelina da Silva.
- 8 – Armando Sógia, casou-se em 1937 com Marieta Prado, filha de Hércules Octaviano de Campos Prado e Maria Amélia Ribeiro.
- 9 – Cesário Sógia, casou-se com Leonor Esteves.
- 10 – Domingas Sógia, casou-se em 1934 com Pedro Menezes, natural de Carmo do Rio Claro-MG, filho de Manoel Carlos de Menezes e Maria José de Carvalho. Domingas casou-se em 2<sup>as</sup> núpcias com Luís Taveira de Rezende
- 11 – Anita Sógia, casou-se com Ângelo Caselato, filho de Emílio Caselato e Genoveva Bissoli.
- 12 – Regina Sógia, nascida em 1919.
- 13 – Virgínia Sógia, casou-se em 1938 com Aécio Conde, filho de Domingos Conde e de Alice Angelina Leite.
- 14 – Ildfonso Sógia.
- 15 – Pedro Sebastião Sógia, nascido em 1924.
- 16 – Maria do Carmo Sógia, casou-se em 1946 com Aldemar Antunes Pinheiro, natural de Campos, filho de Albino Antunes Pinheiro e Olinda Xavier.

II – Sebastião Sógia.

III – João Sógia, casado com Julieta Rodrigues.

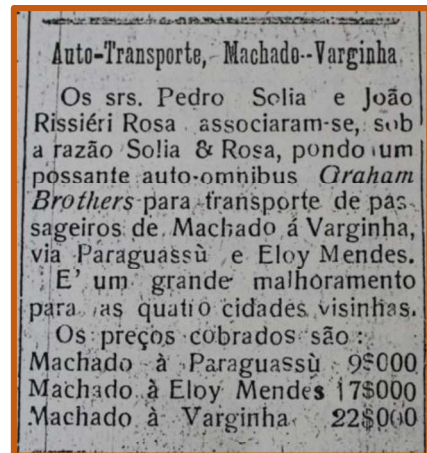
- 1 – Edmundo Sógia, casou-se em 1941 com Vília Borim, natural de Varginha, filha de Virgílio Borin e Drosiana Foresti.
- 2 – Luís Sógia, casou-se com Francisca Muniz Moreira, natural de Campestre-MG, filha de Francisco. José Moreira e Olímpia Muniz.
- 3 – José Sógia casado com Leila.

Além de ter sido lavrador, Pedro Solia criou em 1926 a primeira empresa de ônibus de Paraguaçu, a Viação São Pedro, cujo percurso incluía Machado e Varginha, chegando depois até Poços de Caldas. Associando-se a João Rissieri Rosa criaram a empresa Solia & Rosa. O sobrinho Edmundo Solia, que veio mais tarde a se casar com a dona Vília Borin, era um dos motoristas da viação. Os preços cobrados em réis eram os seguintes:

- Machado a Paraguaçu 9\$000
- Machado a Elói Mendes 17\$000
- Machado a Varginha 22\$000



Ônibus em 1940, próximo ao Bar São Pedro. Fonte: [historiadeparaguacu.com.br](http://historiadeparaguacu.com.br)



Jornal O Paraguassu, de 01 de agosto de 1926

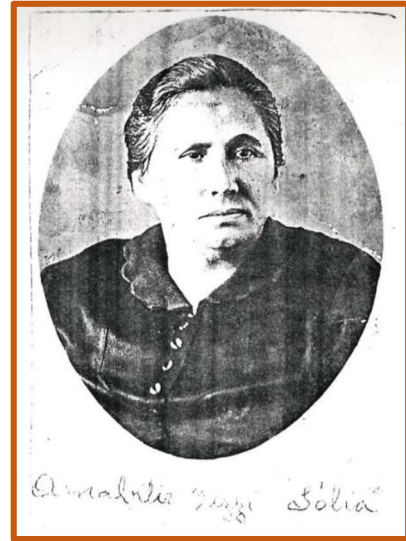


Foto de 1938 na porta do Bar São Pedro. Ao fundo o prédio do Ideal Club da praça, ainda em construção. Fonte: [historiadeparaguacu.com.br](http://historiadeparaguacu.com.br)

O Sr. Guilherme Prado escreveu que dona Ione Taglialegra, que era neta de Sr. Pedro, contou que além de empreendedor o avô era uma pessoa muito sociável, recebendo sempre em sua casa a numerosa colônia italiana de Paraguaçu, inclusive o Padre Piccinini, que batizou e casou seus filhos e netos. Na casa de Pedro Sólía reuniam outros italianos para jogarem bingo e saborearem os pratos preparados pela dona Amabilia Pizzi, incluindo o famoso brodo, descrito no Capítulo Hábitos Alimentares.



Pier (Pedro) Domenico Soglia. Fonte:  
[historiadeparaguacu.com.br](http://historiadeparaguacu.com.br)



Amabilia Pizzi Solia. Acervo da família Solia.

### Família Taglialeгна, Bortolazzo e Buzzetti

Ainda são numerosos os membros da família Taglialeгна em Paraguaçu. Tudo começou com a migração, da Itália para o Brasil, de Giovanni Taglialeгна (conhecido como João Bortolazzo), nascido em 6 de fevereiro de 1878, em Vicenza, Itália, e de sua família para Minas Gerais. Ele era filho dos italianos Antônio Taglialeгна (nascido em 1849) e de Carolina Zandoná (nascida em 1850), filha de Giovanni Zandoná 'Aseato'. O pai, no entanto, faleceu quando Giovanni ainda era criança, e sua mãe se casou na Itália com Geronimo Bortolazzo (ou Bertolazo), que foi com quem veio para o Brasil trazendo também mais dois filhos: Francesco, que também era filho de Antônio Taglialeгна, nascido na Itália em 17/04/1880, e falecido em Presidente Prudente, em 1952, e Emma. Foi do padrasto que o menino Giovanni herdou o sobrenome com o qual ficou conhecido como "João Bortolazzo".

De acordo com relatos da família, os Taglialeгна / Bortolazzo chegaram primeiramente em Campanha e depois se deslocaram para Elói Mendes para trabalhar na Fazenda da Serra, do Sr. Alfredo Luiz do Prado (Feduca). Os patriarcas se estabeleceram em Elói Mendes e ali viveram muitos anos. Foi Giovanni, o "João Bortolazzo", que se estabeleceu em Paraguaçu com sua família e deixou descendência no município.

Aqui no Brasil, Giovanni Taglialeгна conheceu a também italiana Vitoria Buzzetti, filha de Antônio Buzzetti e Giuseppina Colletti, com quem se casou em maio de 1901. Francesco Taglialeгна, irmão de Giovanni Taglialeгна, casou-se com Giovana Buzzetti, irmã de Vittoria Buzzetti, ou seja, os dois irmãos casaram-se com duas irmãs. Francesco Taglialeгна se casou e teve os filhos em Elói Mendes (MG), posteriormente mudou-se com a família para o município de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo.

Francesco Taglialeгна se estabeleceu com a esposa e os filhos no interior de São Paulo, na Fazenda Mont'Alvão, e não em Paraguaçu, como o irmão Antônio. Dona Alba Taglialeгна, nascida em Paraguaçu em 1935 e neta de Antônio Taglialeгна (filho), lembra quando Francisco Taglialeгна foi visitar a família em Paraguaçu, quando ela ainda era jovem, mas conta que não mantiveram contato. Francisco faleceu em 1952 em Presidente Prudente, Ele e Giovanna Buzzetti tiveram os filhos: Amélia (1911-1966), nascida em Elói Mendes, João, Santo (02/06/1916-1984), Helena (nascida em 1919) e Irineu Taglialeгна, nascido em 1921. Francesco Taglialeгна faleceu em Presidente Prudente no dia 11 de maio de 1952 (informações do site FamilySearch).

A família de Vittoria e Giovanna Buzzetti chegou ao Brasil no dia 03/01/1896, eram naturais de Pieve di Soligo, região do Vêneto, província de Treviso, e transpuseram o Oceano

Atlântico no vapor Rosario. A família numerosa era composta por: Antônio Buzetti [Bozzeto], 36 anos, a esposa Giuseppina, 34 anos, e os filhos: Vittoria, 12 anos, Maria, 10 anos, Anna, 9 anos, Giovanna, 7 anos, Ângelo, 5 anos, Giochino, 4 anos, Luigi, 2 anos, e Domenico, 1 ano. Ao chegar e passar pela Hospedaria Horta Barbosa em 1896, seguiram para Juiz de Fora, foram para Varginha.

O Casal Giovanni Taglialegna (João Bortolazzo) e Vittoria Buzetti fixou residência em Paraguaçu, onde tiveram os filhos: Albina, Maria, Regina, Itália, Ângelo, José, Carlos, Joaquim, Rosinha, Vítório, Francisco Duílio, Aurora e Luiz, falecido ainda criança. O filho Antônio nasceu na Argentina, como narraremos a seguir. Pouco tempo depois de casar e com as filhas Albina e Maria ainda pequenas, o casal se mudou para a Argentina, lá o Sr. Giovanni teve um acidente, sofreu uma chifrada de um boi e pensou que fosse morrer, então a família regressou ao Brasil e não saiu mais de Paraguaçu. Antônio, um dos filhos do casal, nasceu, assim, na Argentina nesse curto período em que viveram lá, ele voltou com a família ao Brasil com 2 meses de vida.



A família de Giovanni Taglialegna. O casal sentado com 11 de seus filhos ao redor. Acervo da Família Taglialegna. Fonte: [historiadeparaguacu.com.br](http://historiadeparaguacu.com.br)

Um fato interessante é que os filhos homens de João Bortolazzo eram excelentes jogadores de futebol, colocando o time de Paraguaçu entre os mais famosos do Sul de Minas no início do século XX. Eram conhecidos como “os italianos”, entre os apreciadores de futebol. Vítório, o irmão mais novo, era o mais talentoso e famoso. Ele foi vice-prefeito de Paraguaçu entre 1973 e 1976, no mandato de José Eustáquio de Andrade. Faleceu em 11 de junho de 1989.

Guilherme Prado escreveu que João Bortolazzo foi proprietário de um dos primeiros e maiores complexos industriais do início do século XX em Paraguaçu. O complexo estava localizado em duas esquinas da Praça João Eustáquio, entre as ruas Marcos Souza Dias e a

Praça João Eustáquio. O complexo que o Sr. João (pai) foi construindo aos poucos era composto de fabricação de farinha, três moinhos de fubá, canjica de milho, fecularia, serraria, marcenaria, torrefação de café, máquina de beneficiar arroz, comércio de tecidos, secos e molhados e sapataria. Os filhos homens trabalhavam na indústria, cada um numa sessão, e a esposa e filhas cuidavam da casa e trabalhavam no comércio. Trabalharam também nos estabelecimentos de João Taglialeгна, seus netos José, Luiz, Gatão e Aurélio, Ademir, Amir e outros fora da família, como Amelindo Alves de Souza, Tibira, Totonho da Sá Chica, Romil Gavião, Rosário Eugênio, Dedier Campos, José Teodoro, João de Assis, Sebastião Azevedo e várias mulheres que trabalharam na torrefação de farinha e café.

Os Taglialeгна prosperaram e foram adquirindo imóveis e expandindo os negócios, com a inauguração do Bar Aurora, onde dona Vitoria vendia quitutes, que contava com amplo salão de sinuca. O Bar Aurora funcionava numa das esquinas da Praça da Matriz de Paraguaçu com rua Presidente Vargas, atualmente Sorveteria Estação Verão. Dona Marlene Bechis, entrevistada para o projeto, ainda se recorda do Sr. Antônio Bortolazzo e sua enorme barriga, no balcão do comércio da esquina da Praça Oswaldo Costa.



Local onde funcionou o Bar Aurora, da família Taglialeгна. Acervo: Jornal Folha da Matinada, de jan/fev. de 1998.

Em 1939, João Bortolazzo fundou a primeira funerária de Paraguaçu. Foi nessa época que eclodiu a Segunda Guerra Mundial, e o Governo de Getúlio Vargas impôs restrições aos italianos que viviam no Brasil. O rádio de João Bortolazzo foi confiscado na época, conforme relato de seu neto Amir Taglialeгна (1933-2002) em reportagem do Jornal Folha da Matinada, de jan/fev. de 1998.

Em entrevista concedida da Guilherme Prado em 1998, o Sr. Antônio Taglialeгна, filho do João Bortolazzo, se recordou das quitadas que a mãe fazia e vendia no comércio do

marido. Ele se lembra que as pessoas vinham da roça e paravam lá para lanchar, já que na época não existiam restaurantes. Sá Maria Vitória fazia bijus de farinha de mandioca ou de milho que eram muito famosos.

Giovanni Taglialegra (João Bortolazzo) faleceu 1957, aos 79 anos, deixando numerosa descendência. Vitoria Buzetti faleceu em 1942.

Como era comum entre os italianos, a filha mais velha do casal Giovanni e Vitória, a Albina, casou-se com o italiano Camilo Vigato. A outra filha, Maria, casou-se com o descendente de italiano Humberto Moterani. Em 1934, Antônio Taglialegra Filho, um dos 13 filhos de João Bortolazzo, se casou com dona Elvira Sólía (Soglia) unindo os Taglialegra a mais uma família italiana. Antônio (filho) se especializou no ofício de sapateiro que aprendeu com outro italiano, o Dário Benedetti, famoso sapateiro de Paraguaçu no início do século, junto com os Sepini.

Esses dados nos indicam como eram próximas as relações entre os italianos em Paraguaçu. Muito provavelmente mesmo não existindo uma colônia exclusivamente italiana, eles se ajudavam e mantinham relações sociais entre si, o que fazia com que se formasse uma colônia simbólica onde podiam conversar na língua materna e manter hábitos alimentares em comum.



Fotografia de Giovanni Taglialegra (o João Bortolazzo). Acervo do site: <https://historiadeparaguacu.com.br/>

Segundo genealogia escrita por Amir Taglialegra, os filhos de Giovanni e de Vitoria Buzetti assim constituíram família:

1. Albina: casada com Camilo Vigato, pais de José, Luiz, Terezinha, João (Gatão), Noêmia e Aurélio.
2. Maria: casada com Humberto Moterani, pais de Daise, Dalva, Lolo e Dulce.
3. Antônio: casado com Elvira Sólía, pais de Ivone, Ione, Eliane, Lea Maria (Chu)
4. Ângelo casado com Corina Gavião, pais de Ademir, Amir, Alba, Consuelo, Aloísio e Carlos Ângelo.

5. José (Velho): Casado com Eliza Meier, pais de Aldon
6. Carlos (Bertola): casado com Amélia Castilho, pais de Aruzo, Marília, Arlene, Claudio, Paulo, Celina, Maria Lessia e Eudes.
7. Joaquim: casado com Fausta Costa, pais de Marilene, Vera Lúcia e Joana D'Arc.
8. Rosinha: casada com Américo Gouveia de Moraes, pais de José e Rosa Maria.
9. Vitório: casado com Maria de Oliveira, pais de António Carlos, Maria Aparecida e Rita de Cássia.
10. Francisco Duilio: solteiro
11. Aurora: casada com Jair Almeida Dias, pais de Elson.
12. Regina: casada com Ezequiel Labre, pais de Vanio, Edson, Cleuza, Evaldo, Emerson, Cláudia e Elson.
13. Itália: casada com Nelson Nasser, pais de Nelson Ricardo, Regina Helena, Zaira e Síria.
14. Luiz: faleceu ainda criança.

### Família Terzetti (Terzetti ou Tercetti)

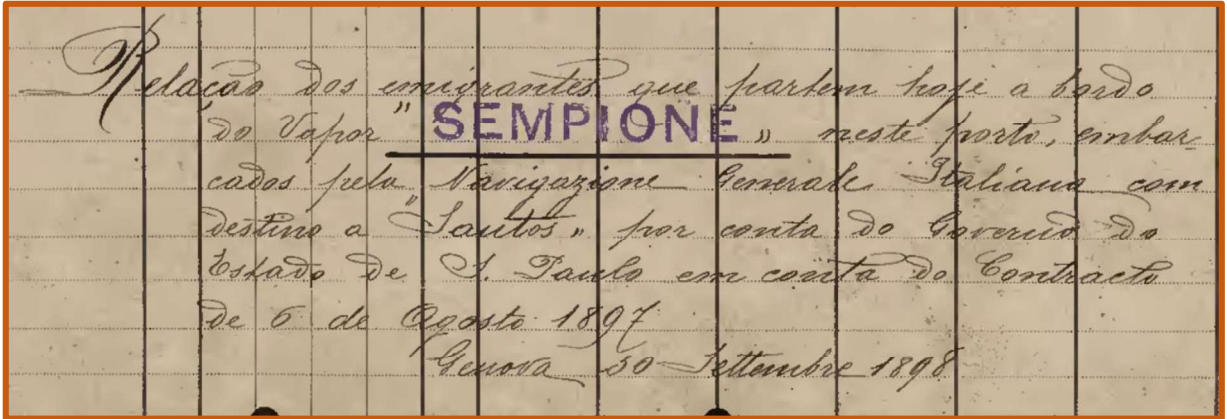
De acordo com dados fornecidos por Silvia Buttrós e por Ana Maria Prado Campos e Silva, a família Terzetti de Paraguaçu está relacionada ao casamento de Astolpho Luiz do Prado, filho de José Lino do Prado e de Maria do Carmo Prado, com Maria Terzetti (1896-1985), imigrante italiana. O casamento aconteceu em Paraguaçu, no dia 30 de setembro de 1911, ela tinha 15 anos e era filha de Teodoro Terzetti e de Catherina Polli, emigrados para o Brasil em 19/08/1898. Maria Terzetti nasceu em Brescia, Lombardia, Itália, em 1896, e faleceu em 16 de agosto de 1985.

Os pais e descendentes da família de Maria Terzetti se estabeleceram em Alfenas e em Machado. Teodoro Terzetti era filho de Ângelo e de Maria Tiburci, nascido em Brescia, Lombardia, e falecido em 25 de dezembro de 1926 em Alfenas. Catherina Angelica Polli nasceu em 1869, em Visano, Bréscia, na Lombardia, e faleceu no Brasil em 1905, ela era filha de Luigi e de Maria Pulli. Eles eram da Província de Bréscia, na Lombardia.



Bréscia, na Região da Lombardia, na Itália

O casal Teodoro Terzetti, 28 anos, a esposa Catherina, 29 anos, chegaram a São Paulo pelo Vapor Sempione no dia 19/08/1898, com a filha Maria de 2 anos de idade e com o filho Ângelo na barriga, que nasceu em Eleuterio, Itapira (SP). O vapor saiu de Nápoles no dia 27 de setembro de 1898 e passou pelo Porto de Gênova no dia 30 de setembro de 1898. Todos que estavam nesse navio vieram para o Brasil por contatados e por conta do Governo de São Paulo, via contrato de 6 de agosto de 1897.



Nota de abertura do navio Sempione. Fonte:  
[http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR\\_APESP\\_MI\\_LP\\_000412.pdf](http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_000412.pdf)

Ao chegar ao Brasil, registraram-se na Hospedaria do Brás, em São Paulo. Teodoro Terzetti era agricultor, da Lombardia, católico, e seguiria para a Fazenda São Joaquim, em Eleuterio (Itapira), Estado de São Paulo. De lá, por algum motivo, a família partiu para Minas Gerais depois de poucos anos. Em 1904 a filha Paulina Terzetti foi batizada em Machado (MG) e foram padrinhos os italianos João Batista Bellini e Justina Bellini.

64	Terzetti Teodoro	28
	" Caterina	29
	" Maria	2

Registro do navio Sempione que trouxe a família Terzetti. Disponível em:  
[http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR\\_APESP\\_MI\\_LP\\_000412.pdf](http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_000412.pdf)

O casal Teodoro e Caterina tiveram os filhos: Maria Terzetti (1896-1985); Ângelo (nascido em 1897); Angelica (1901-1971); Paulina (nascida em 23/12/1904); e os gêmeos Vittorio Tersetti (nascido em 1905) e Luiz Tercetti (nascido em 1905).

Catherina Terzetti deve ter falecido no ou após o parto dos filhos gêmeos, em 1905. Teodoro casou-se novamente com Elisa Pereira e teve mais oito filhos com ela, falecendo em 1926, aos 60 anos de idade, deixando ampla descendência.

Já Maria Terzetti e Astolpho Luiz do Prado tiveram os filhos: Maria José, José Lino, Luiz, Olímpio, Antenor, Sebastião, Maria Aparecida, Onofre, Onézio, Sinésio, Célia e Pedro Luiz.



Dona Maria Terceti e seu esposo Astolfo Luiz, em  
Aprecida, SP. Acervo da Fundação Cultural de  
Varginha. s/d.



*Astolfo Luiz do Prado e  
Dona Maria Terceti*  
Dona Maria Terceti e seu esposo Astolfo Luiz, em  
Aprecida, SP. Acervo do Sr. Guilherme Prado. s/d.

## Família Valério

A família Valério integra uma imigração italiana mais tardia, no século XX. Os patriarcas que deixaram a Itália foram o casal: Assunta Franceschelli, nascida em 14/8/1899 e Domênico Antônio Valério (Antônio Borelli), nascido em 11/6/1899. Após se casarem na Itália, em 1922, Antônio veio primeiro, em 1924, enquanto a esposa permaneceu no país de origem. Passado algum tempo e após o marido conseguir trabalho no Brasil, ela também veio de navio para o Brasil, em companhia de amigos da família. Em 1928 nasceu o primeiro filho do casal aqui no Brasil. Eles fixaram residência no Sul de Minas nas cidades de Boa Esperança, Campo do Meio, Fama e, posteriormente, em Paraguaçu. O casal era natural de Miranda, Sul da Itália, Província de Isernia, região próxima a Nápoles, o que configura mais um dado novo na onda imigratória para Paraguaçu, já que a grande maioria das famílias identificadas até o momento vieram da região norte.

Antes de vir para o Brasil, o Sr. Antônio Valério combateu na Primeira Guerra Mundial, em 1914 e, passados 10 anos, veio buscar melhores oportunidades no Brasil, sendo que em 25 de março de 1924 foi condecorado pelo Presidente da República da Itália, havendo recebido, pela vitória na guerra, diploma e medalha.

No Brasil o casal teve seis filhos. Foram eles: Alfredo Rafael nascido em 24/10/1928 em Boa Esperança, Arsídio, Alda, Almiro, Creusa e Esterina.

Após breve passagem por Boa Esperança e Campo do Meio, desempenhando atividades extrativistas e comerciais, mudaram-se para Fama, onde a logística comercial era facilitada pela presença da via férrea e respectiva estação. Lá fixaram residência e constituíram comércio, tipo Armazém, na zona rural, no lugar denominado Ponte, onde comercializavam diversos itens e também prestavam serviços de beneficiamento de produtos agrícolas, atendendo, assim, aos produtores rurais da região. Em seguida abriram um comércio de secos e molhados na zona urbana de Fama. O Senhor Borelli, como era conhecido no meio comercial, também comercializava alho para outras regiões do país, dentre elas, o Vale do Paraíba paulista, utilizando-se das linhas ferroviárias para transportar seus produtos. Com a criação da hidrelétrica de Furnas, na década de 1960, a casa da família Valério foi inundada pelas águas e com o valor da indenização eles adquiriram uma residência na região central de Paraguaçu e se transferiram para o município, chegando em 1963, onde continuaram a comercializar alho em menor escala.



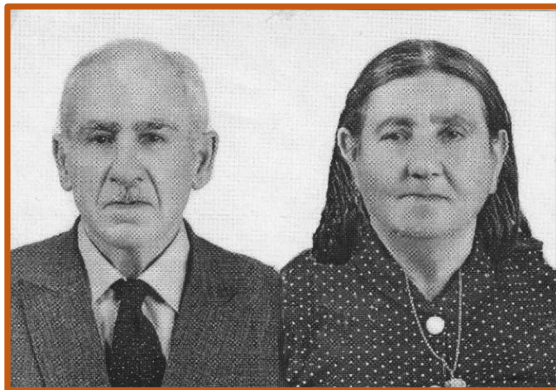
Diploma de reconhecimento por ter lutado na Primeira Guerra Mundial

Em 1972 o casal retornou, a passeio, à Itália, após receber passagem gratuita da embaixada italiana, cuja viagem durou de 07 de outubro de 1972 a 10 de janeiro de 1973.

Todos os filhos homens já faleceram. Atualmente as filhas Creusa, Alda e Esterina residem, respectivamente, com suas famílias em Paraguaçu, Fama e Varginha, sendo que netos, bisnetos e trinets se encontram domiciliados em diversos estados do país, dentre eles, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás e São Paulo.

O Sr. Antônio Valério faleceu em 10/11/1975 e dona Assunta Francischelli em 23/04/1981.

As informações da família Valério foram gentilmente concedidas por Lucas Valério de Castilho, professor universitário e advogado em Paraguaçu; Luiz Valério de Castilho, motorista em Paraguaçu; José Antônio Valério, professor aposentado e dentista em Varginha; Maria Aparecida Silva, professora aposentada em Fama, todos netos de Assunta Franceschelli e de Domênico Antônio Valério e também com a colaboração das filhas Alda Valério da Silva, Creusa Valério de Castilho e Esterina Valério de Souza.



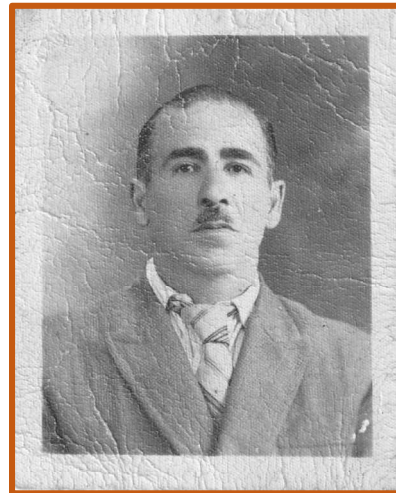
O casal Domenico e Assunta



O casal com os filhos



O casal com a filha Creusa em Aparecida - SP

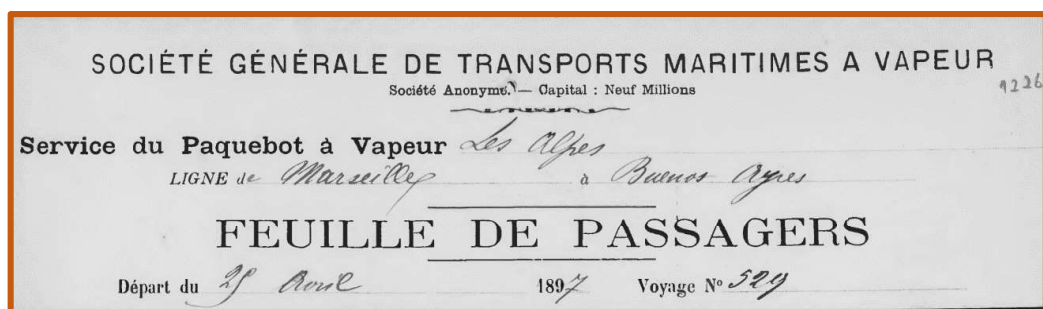


O Sr. Antônio Valério

## Família Vigato

A família Vigato que fixou raízes em Paraguaçu e deixou ampla descendência chegou ao Brasil em 1897. No entanto, outros ramos de sobrenome Vigato foram para distintas partes de Minas Gerais e do Brasil, em outras datas.

No dia 20/05/1897, deram entrada na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, o casal Luigi Vigato, de 28 anos, nascido em 16/10/1868, na Itália, sua esposa Eleonora Elisabetta Gazzetta, nascida em 26/04/1869, de 28 anos, e o filho Camillo Vigato, com quase 2 anos de idade. Eles nunca mais voltariam para a Itália. Eram naturais de Carceri, distrito de Padova, Veneto, Itália. O vapor partiu de Marseille, na França com destino final em Buenos Aires, na Argentina. De Marseille, passou pelo Porto de Nápoles no dia 22 de abril de 1897 e chegou ao Porto do Rio de Janeiro no dia 19 de maio de 1897 e ao Porto de Santos no dia seguinte, 20 de maio, ou seja, foram 27 dias de viagem para quem saiu da Itália e desembarcou no Rio de Janeiro. No entanto, como era comum naquele período, o navio fazia diversas paradas para embarque e desembarque de passageiros. De Nápoles, o navio passou em Gênova e embarcou passageiros no dia 23 de abril, ali deve ter embarcado a família Vigato. De lá foi para Barcelona e no dia 26 de abril pegou passageiros, assim como em Málaga, no dia 28 de abril, também na Espanha. No dia 29 de abril chegaram a Gibraltar e também embarcaram passageiros. A próxima parada foi o Porto do Rio de Janeiro, no dia 19 de maio de 1897, onde deve ter desembarcado a família Vigato. E, por fim, o Porto de Santos no dia 20 de maio de 1897. Dali, o navio seguiu seu destino para Buenos Aires.



Acervo Arquivo Nacional do RJ. Vapor Les Alpes que trouxeram os Vigato

A família Vigato atravessou o Atlântico no vapor Les Alpes e, juntamente com o casal Stefano Emílio Delli e Luigia, veio atendendo ao chamado de Lorenzo Vigato, irmão de Luigi Vigato que já trabalhava aqui no Brasil na ocasião. Lorenzo Vigato, nascido em 14/10/1873, chegou ao Brasil com a esposa Augusta Manfrim, de 19 anos, em 15/02/1896. O irmão Luigi (Luizão) viria pouco mais de ano depois. O destino era o trabalho numa fazenda de café de

Três Corações, que naquele momento pertencia a Varginha. Quando migraram para Paraguaçu foram trabalhar na Fazenda do Sr. Alfredo Leite e depois de José Cristiano do Prado. Em 1899, Lourenço Vigato e Augusta perderam um filho, de nome Josepho, de 20 dias de vida, e na ocasião moravam na Matta, mesmo local onde viviam os Motteran (registros do FamilySearch).

6	Vigato Luigi	18/11/43			chefe
7	Leonora	13/05/44			me
8	Camilo	16/10/68			fo

Registro da Hospedaria dos Imigrantes em que consta a chegada da família ao Brasil. Acervo do APM.

Dados levantados por Cleonice Vigato, bisneta de Luigi Vigato, demonstram que ele era filho de Giuseppe Vigato, nascido em 17/11/1843, e de Regina Degli Stefani, nascida em 13/05/1844. O casal de italianos teve os filhos: Luigi, Jacopo, Lorenzo, Guglielmo, Leone e Abele. Lorenzo e Luigi, como narramos, emigraram para o Brasil. Não temos notícias se os outros irmãos também vieram.

Relatos da família contam que o Luigi Vigato trabalhou na fazenda de Manoel Luiz Ferreira do Prado, o seu Manoel Luiz, mais tarde transferiu-se para a fazenda do sr. José Cristiano do Prado e trabalharam também na Fazenda Guamirim e, finalmente, fixaram-se na zona urbana de Paraguaçu como comerciantes. O trabalho era muito pesado nas Fazendas e recebiam pouco. Luigi, o Luizão Vigato, e dona Leonora Vigato, tiveram os seguintes filhos, todos nascidos no Brasil com exceção do primeiro: Camilo, Hosana, Angelina, Vicente, Maria, José (Bepe), Carlos e Luiz Vigato Filho. Só Angelina deixou Paraguaçu, indo residir em Itaquara, no estado de São Paulo. Todos trabalharam com lavoura de café. A dona Eleonora Elisabetta Gazzetta faleceu jovem, quando eles ainda moravam e trabalhavam na Fazenda de Cristiano Leite.

Luizão (Luigi Vigato) nasceu 16/10/1868, na Itália, e faleceu em Paraguaçu em 28/06/1955, aos 86 anos de idade.

Camilo Vigato casou-se com a Albina, filha mais velha de Giovanni Taglialegra e Vitória Buzetti, unindo as famílias Vigato e Taglialegra, como era comum entre os italianos de Paraguaçu. Tiveram os filhos: José, Luiz Camilo, João (Gatão), Terezinha, Noêmia e Aurélio. Camilo Vigato, nascido em 01/09/1895, na Itália, faleceu em novembro de 1988, aos 93 anos.

Em 23 de junho de 1959 entrou em funcionamento a Casa Vigato Ltda, um tradicional estabelecimento comercial local, popularmente chamada de Supermercado Vigato. O jornal A Voz da Cidade, de 24 de dezembro de 2005, p. 7, publicou que a Casa Vigato, fundada sob a forma de firma individual pelo falecido comerciante Luiz Vigato Filho, foi transformada em sociedade limitada em outubro de 1980, com a admissão do sócio Leonel Vigato. Conhecida muitos anos como a “venda do sr. Luiz Vigato”, de início a empresa se instalou no prédio do antigo comércio do sr. Chico Tindim, onde funcionava o Supermercado Bikinha. Passado algum tempo da fundação, porém, adquiriu sua sede própria. Luiz Vigato Filho faleceu em 27 de junho de 1986. A Casa Vigato Ltda encerrou suas atividades em 2005, após o falecimento do então proprietário Leonel Vigato.



Luigi Vigato, o Luizão. Fonte:  
<https://historiadeparaguacu.com.br/>



Camilo, o filho italiano que chegou ao Brasil  
com quase 2 anos de idade. Fonte:  
<https://historiadeparaguacu.com.br/>

## Família Villa

Da Família Villa, a Dona Francisca, de 93 anos, nascida em Paraguaçu em 10/03/1929, é a matriarca mais velha e única filha viva ainda residente em Paraguaçu, do casal Giacomo Villa, italiano, e de Matilde Cândida de Jesus. Dona Francisca casou-se em 1947 com Venerando Simão dos Santos, conforme dados levantados por Silvia Buttrós, e tem oito filhos e diversos netos e bisnetos. No entanto, há muitos outros descendentes dos filhos, netos, sobrinhos dos imigrantes italianos ainda vivendo no município.

O italiano Giacomo ou Jacomo Villa nasceu em aproximadamente 1889 e era filho do casal de italianos José Villa e de Felícia Villa. Jacomo casou-se duas vezes, a primeira vez em 30 dezembro de 1912, casou-se com Zulmira Candida de Jesus, em Paraguaçu, filha de Manoel Carneiro e de Cecília Cândida de Jesus. Ele tinha 23 anos e ela 18 anos à ocasião (dados do FamilySearch). Posteriormente, segundo dados levantados por Silvia Buttrós, Jacomo casou-se novamente em 26 de maio de 1923, em Paraguaçu, com Matilde Candida de Jesus, filha de Maria Cândida e de “Lafanchu”, apelido registrado na Certidão de nascimento da primeira filha do casal, não se sabia o nome do pai de Matilde Candida de Jesus. Jacomo Villa era analfabeto (registro de nascimento de Manuela Villa, FamilySearch).

Sabe-se que Jacomo Villa faleceu em Paraguaçu em 1937, aos 48 anos. Além de dona Francisca, o casal teve ainda os filhos Manoela Cândida Vila, nascida em 1931, nessa época a família residia no Pinhalzinho, Manoela casou-se em 09/09/1950 com José Xavier; e Manoel Villa, nascido em 1935, casado com Mariana Rosa de Jesus (1941-2014). Manoel é pai de Fátima Villa, que nos ajudou nas pesquisas sobre os Villa de Paraguaçu.

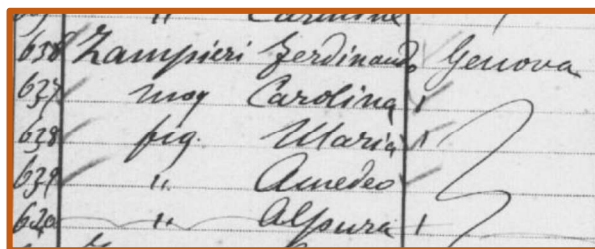
O sobrenome Jesus, comum em Paraguaçu no século XIX e mesmo no XX, segundo o Dicionário das Famílias Brasileiras, é de uma antiga família, de origem portuguesa estabelecida em Pernambuco, no Rio de Janeiro e na Bahia. Em Minas Gerais, o sobrenome foi utilizado por famílias de origem africana, com destaque para a de Rosa Maria de Jesus, nascida na Guiné, que deixou filha natural, por volta de 1719, em São João Del Rei, com Antônio Muniz Barreto de Menezes.

Sobre a chegada da família Villa a Paraguaçu não conseguimos levantar dados históricos, embora tenhamos realizados pesquisas exaustivas nos acervos disponíveis e com a família.

### Família Zampier (Zampieri)

Os Zampieri de Paraguaçu descendem de Pedro Zampieri, filho dos italianos Fernando Zampieri e de Carolina Gardioli. Porém, foi o filho Ernani Zampier (1930-1964) quem fixou residência em Paraguaçu ao se casar com Sebastiana Marques (1932-2009). Segundo informações da família Zampieri, Ernani, assim como o pai Pedro, trabalhava em pedreiras, retirando pedras.

A família Zampieri que deixou descendência em Paraguaçu, entre dezenas de outras famílias Zampieri que chegaram ao Brasil, embarcou no Porto de Gênova e aportou no Rio de Janeiro no dia 01/08/1896, pelo Vapor Rio. Nesse Vapor, vieram 651 Italianos entre adultos e crianças, todos com destino a Minas Gerais. Ou seja, a viagem estava sendo financiada pelo governo de Minas para trazer trabalhadores para as lavouras cafeeiras do estado. Os Zampieri vieram a chamado de parentes, o que significa que já tinham outros Zampieri da mesma família no Brasil. Naquele dia desembarcaram: Ferdinando Zampieri, de 30 anos, Carolina Zampieri, de 26 anos, e os filhos: Maria, 4 anos, Amedeo, 2 anos, e Alpura de dois meses. Pedro nasceria no Brasil poucos anos depois, em 1900. O destino da família, em 1896, seria Juiz de Fora (MG), não sabemos quanto tempo a família permaneceu em Juiz de Fora, mas nos anos 1920 parte dos filhos estavam estabelecidos na cidade de Resende, estado do Rio de Janeiro.



Os Zampieri listados no Vapor Rio, de 1896. Acervo Arquivo Nacional.

Ernani faleceu jovem, aos 33 anos, no dia 15/02/1964 em Paraguaçu, e deixou cinco filhos pequenos. O seu pai, Pedro, faleceu em 1972, aos 72 anos de idade, em São Gonçalo do Sapucaí. Segundo Jussara Zampieri, filha de Pedro do segundo casamento e residente em São Gonçalo do Sapucaí, Pedro teve 9 filhos do primeiro casamento. Encontramos o registro de casamento de Pedro datado de 31 de janeiro de 1925, nesse dia ele se casou em Resende – RJ, com Elydia Amanda Ferreira (dados FamilySearch). Depois, viúvo, partiu para São Gonçalo do Sapucaí – MG, e se casou com dona Maria Ivone Sales, com quem teve mais 13 filhos. A família de Pedro, do segundo casamento, está estabelecida em São Gonçalo Sapucaí. Em Paraguaçu permanece a família que descende de Ernani Zampieri.

## 6. Hábitos alimentares

Em todas as entrevistas realizadas ao longo do projeto, indagamos aos descendentes quais eram as comidas típicas que os italianos apreciavam. A grande maioria respondeu que a preferência era pelas massas: macarronada, spaguetti, lasanha e nhoque, além de polenta. O brodo de galinha foi citado em Paraguaçu e numa publicação sobre os italianos de Machado. A pizza não foi citada em nenhum depoimento. Para as bebidas, citaram o vinho, mas não era uma predominância ou uma bebida consumida diariamente ou mesmo frequentemente entre os italianos de Paraguaçu. O Sr. Guilherme Prado contou que o vinho era bebida de alto custo no início do século XX e se recorda que os italianos gostavam de cerveja. Ele lembra ainda de ter experimentado um vinho de laranja, muito forte, feito por uns italianos dos quais ele não se recorda mais os nomes, mas não era uma prática comum em Paraguaçu.

O que se nota é que houve uma fusão da cultura alimentar mineira com a italiana. É provável que em nenhum outro estado brasileiro a cultura alimentar italiana tenha se incorporado tão perfeitamente ao lugar para onde os italianos migraram, como aconteceu em Minas Gerais. Uma das hipóteses é o uso corrente do fubá em Minas, que também servia para os pratos italianos. A polenta, por exemplo, é um prato típico italiano que se confunde com a culinária caipira mineira, que usa muito o fubá cozido, em forma de angu, pastéis e outros pratos.

Outro aspecto que une a Itália aos hábitos mineiros é a reunião familiar para se alimentar. Em Minas recebe-se as visitas na cozinha, assim como na Itália. Uma refeição pode se alongar para o dia inteiro, em ambas as culturas. Os almoços dos finais de semana eram nas casas dos patriarcas das famílias mineira, em mesas imensas que reuniam toda a família. Esse hábito também acontecia na Itália e foi transmutado com os descendentes que vieram para Minas Gerais.

Nesse sentido, dona Selma Sólía Nasser, neta de Virgílio Borin, se recorda desses momentos em família. “Minhas tias do lado do meu pai (Solía), faziam muito a "TALHA". Feita com massa de macarrão, abriam no rolo, bem grossas, à base de ovos. Iam cozinhando, colocavam numa peneira forrada e o pessoal ia comendo, com a mão mesmo, todos em volta da mesa, conversando e comendo. Era uma festa. Que saudade!”.

Os pratos italianos mais comuns entre os italianos emigrados para Machado (Ricordanze, 2000), município vizinho ao de Paraguaçu e ao qual Paraguaçu pertenceu até 1912, eram:

- Polastro e salata: angu, frango e alface;

- Polenta e salado: angu e linguiça;
- Polenta brostola: angu assado e costela;
- Risoto com polastro: sopa de arroz com frango;
- Caiadela com brodo de galina: macarrão feito em casa com caldo de galinha;
- Panhoca com uva: pão de angu com uva.

No entanto, a massa de macarrão preparada pelos próprios italianos na cozinha de suas casas é um aspecto que os difere dos hábitos mineiros e os singulariza.

O Sr. Altamiro Selicani nos contou que os avós, Justo e Tereza Selicani, trouxeram da Itália uma máquina de fazer macarrão, que ele próprio conheceu e operou quando criança. Esse artefato era movido manualmente, por manivela, e era conhecido como bigolaro. Colocava-se a massa de trigo dentro de um recipiente na máquina, depois girava a manivela e a massa saía modelada conforme o formato escolhido previamente. A massa modelada caía numa bacia untada com trigo, para não grudar, e depois colocavam mais trigo e misturavam. Depois, se eram massas longas do tipo talharim ou espaguete, colocavam a massa em varais e deixavam secar. No mesmo dia a massa ficava pronta, podiam fazer o molho e apreciar o prato típico italiano. A família Caproni ainda mantém o hábito de fabricar o próprio macarrão, com receita muito semelhante a essa narrada pelo Sr. Justo Selicani.

Dona Grece, esposa do Sr. Guilherme Prado, relatou em entrevista que se recorda das massas feitas pela dona Vitória Buzetti Taglialegna, esposa do Sr. João Taglialegna. Ela fazia as massas e deixava secando no armazém de secos e molhados da família. Dona Grece conta que as massas eram compradas pelas tradicionais famílias paraguasuenes em datas festivas, como aniversários. Ela adorava as massas produzidas pelos Taglialegna.

Além das massas mais convencionais, em Paraguaçu foram citadas a Rosca da Rainha, um tipo de rosca feita com trigo, coco e frutas cristalizadas, e também o brodo, do qual inserimos detalhes a seguir.

### **Rosca da Rainha**

A rosca da rainha foi mencionada em diversas entrevistas, mas a receita, ao que tudo indica, se perdeu. Se você conhece a tradicional receita da rosca da rainha feita em Paraguaçu pelos imigrantes italianos, entre em contato para inserirmos no Projeto.

O Sr. Altamiro Selicani se recorda que a sua mãe fazia a rosca da rainha e que era um acontecimento na família quando ela preparava o alimento. Levantava-se muito cedo para começar o preparo da massa. Dona Vilia Borim também contou que o feitiço da rosca demorava um dia inteiro ou até mais de um dia.

A rosca da rainha era um tipo de rosca doce, feita com massa de trigo, que tinha coco e frutas cristalizadas inseridas por cima.

### **'Brodo', especialidade culinária feita por dona Amabile Pizzi e dona Elvira Taglialegna**

Dona Maria do Carmo Taglialegna Leite nos contou a receita do “brodo” (capeletti in brodo). Segundo ela tem que cozinhar uma galinha velha um dia inteiro, ou no dia anterior ao preparo, para fazer a receita no outro dia. Modela a massa de trigo fazendo chapeuzinhos pequenos, como se fossem pasteizinhos, mas no formato de chapéu, como recheio coloca dentro deles queijo branco ralado. Separa os chapeuzinhos. Depois pega o caldo grosso da galinha previamente cozida e coloca os chapeuzinhos dentro, deixando cozinhar por um tempo. Depois é só comer. O capeletti, que é um tipo de macarrão que parece um chapeuzinho, também era feito com massa caseira.

Dona Maria do Carmo informou que algumas pessoas denominam atualmente a receita do antigo “brodo”, de capeletti. O brodo seria uma espécie de sopa de capeletti.

### **Espaguete, macarronada, lasanha e outras massas**

Além da rosca da rainha e do brodo, a maioria dos descendentes se recordam que os italianos de Paraguaçu gostavam muito de macarrão, de diversos tipos e modos de preparo. Para a macarronada a preferência era pelo molho vermelho. A massa eles próprios faziam e esse relato foi recorrente entre todos os entrevistados. As mulheres italianas ou descendentes faziam sempre a sua própria massa para as receitas. Algumas famílias, como a dos Selicani, trouxeram sua máquina de fazer o próprio macarrão da Itália. Os Taglialegna e os Fressato também faziam sua própria massa com esse tipo de máquina manual de fazer macarrão, conhecida como bigolaro.

A lasanha também era um dos pratos tradicionais e não podia faltar na cultura alimentar dos descendentes italianos, com massa fresca feita em casa. Eram as mulheres que preparavam os pratos e detinham as receitas familiares. Dona Maria do Carmo Taglialegna nos contou que na massa da lasanha elas colocavam espinafre, a massa então ficava verde por causa do vegetal. Então iam montando uma camada de molho branco, depois a massa, outra camada de molho vermelho e assim até o final.

A família Caproni mantém diversas receitas tradicionais dos antepassados. Inserimos a seguir algumas delas.

### **Receita de Grostoli (Cueca Virada) – Receita da Família Caproni**

**\* Ingredientes**

4 ovos  
1 xícara de açúcar  
1 xícara de nata  
1 xícara de leite  
1 colher (sopa) de fermento em pó  
1 pitada de sal  
raspas de casca de laranja  
farinha de trigo

**\* Como fazer**

Misture os ovos, o açúcar, a nata e o leite. Acrescente o sal, as raspas de casca de laranja e o fermento em pó. Vá acrescentando farinha de trigo, aos poucos, até ficar uma massa macia. Deixe descansar por 2h. Corte a massa em pequenos retângulos. Dê um corte no meio e vire uma das pontas para dentro, pela abertura. Frite em óleo quente.

Polvilhe com uma mistura de açúcar e canela.

**\* Segredo:** o óleo não pode estar quente demais, para evitar que os crostolis queimem.

A massa pode ficar guardada na geladeira por 2 a 3 dias, em uma vasilha plástica com tampa.

### **Receita do Macarrão Caseiro “Celestino Caproni” - Receita da Família Caproni**

1KG de Farinha de trigo. 10 ovos.

Pegue um recipiente com profundidade e deposite o 1 kg de farinha de trigo, com as mãos abra uma cavidade na área central do monte de farinha.

Bata os 10 ovos, coloque o no “buraco” que foi criado, com uma colher mexa os ingredientes de dentro para fora, fazendo com que eles fiquem bem integrados e com um aspecto grudento.

Salpique a farinha de trigo em cima de uma mesa e transfira a massa para o local, sove-a com as mãos até que adquira uma textura lisa e com tonalidade amarelada.

Quando isso acontecer, enrole a massa em um plástico filme e deixe descansar por 1 hora dentro da geladeira, que deve estar em temperatura média.

Após o período indicado, desembrulhe a massa em cima da mesa e abra-a com o auxílio de um rolo, passando-o em todas as direções para deixá-la bem fina. Em seguida, pegue uma faca e corte a massa em tiras finas com aproximadamente 15 cm de comprimento.

Polvilhe em cima das tiras e deixe-as descansar por 20 minutos. Leve uma panela grande ao fogão, despeje 1 litro de água e deixe ferver, adicione o macarrão e deixe cozinhar por 40 minutos ou até que fique durinho e em ponto de consumo.

Créditos da Receita: @joãocapronijúnior neto

Receita de Maximilia Caproni.

## 7. Referências Bibliográficas, acervos e entrevistas

Academia Paraguaçuense de Letras. **Logradouro Públicos de Paraguaçu** – MG. Paraguaçu, Nov. 2015.

Acervos da FUNDAMAR. Diversas datas e autores.

BEZERRA, Juliana. **Unificação Italiana**. Site Todamateria. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/unificacao-italiana/>.

DECRETO DE 25 DE NOVEMBRO DE 1808. Permite a concessão de sesmarias aos estrangeiros residentes no Brasil. Collecção das Leis do Brazil de 1808, p. 166. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891

COSTA, Emília Viotti da. **A Abolição**. 9. ed. São Paulo. Editora Unesp, 2010

COSTA, Maria Lúcia Prado. **Fontes para a história social do sul de Minas: os trabalhadores de Paraguaçu e Machado (1850-1900)**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

COSTA, Maria Lúcia Prado. **As Tropas da Moderação no Tempo Saquarema e a Revolução Liberal de 1842 no Sul de Minas**. 1. ed. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2021

DOM ONOFRE. **Centenário do Nascimento de Antonia Schiassi Rosa: 1886-1986**. Publicação da família Schiassi.

BUTTRÓS, Sílvia Rita do P. Mendes. **Os Prados do Carmo da Escaramuça**. Varginha, MG: Ed. do Autor, 2018.

ESCOLA do Bairro da Conceição. **Ricordanze**. 2000. Sobre os italianos em Machado – MG. Acervo da Casa da Cultura de Machado.

IFSULDEMINAS, Campus Machado. Projeto "A Comunidade de Douradinho na Origem do Sul de Minas: História e memória no fortalecimento de identidades locais", realizada sob a coordenação do professor Dr. Isaac Cassemiro Ribeiro, entre 2019-2021.

FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. Italianos em Belo Horizonte: estudo léxico-social e proposta de dicionário. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

LEITE, Joaquim da Costa. "O transporte de emigrantes: da vela ao vapor na rota do Brasil 1851-1914". *Análise Social*. Lisboa, n. 112/113, 1991. pp. 741-752.

MARQUES, Nilza Alves de Pontes. Caminhando de Samambaia a Andradadas.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e colonização em Minas Gerais, 1889-1930**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1994

GONÇALVES, Paulo César. **O Negócio do Atlântico: Companhias de Navegação Italianas e o Transporte de Emigrantes Europeus para o Novo Mundo (1881-1914)**. 2021. Disponível em:

<https://www.abphe.org.br/arquivos/paulo-cesar-goncalves.pdf>. VII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE HISTORIA ECONÓMICA, CLADHE,

GONÇALVES, Paulo César. Passageiros de Terceira Classe. O transporte de emigrantes na história econômica da Navigazione Generale Italiana. TST, Diciembre 2013, nº 25, pp. 12-38.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Mercadores de braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o Novo Mundo. Alameda, São Paulo, 2012.

JACOOB, Rodolfo. **Minas Gerais no XXº Século**. Gomes, Irmão & C. Rio de Janeiro, 1911

PRADO, Guilherme. Peludos e Pedados. Paraguaçu, 2012.

\_\_\_\_\_. A Capela: um romance histórico. Machado, 2019.

\_\_\_\_\_. O irmão: um romance político. Paraguaçu, 2021.

\_\_\_\_\_. A História de um Legislativo: do Carmo a Paraguaçu. Paraguaçu, s/d.

\_\_\_\_\_. De Paraguassu a Paraguaçu. Paraguaçu, s/d.

PRADO, Oscar Ferreira. Sertão dos Mandibóias. Fundação de Paraguaçu – MG. 2020. Segunda edição atualizada por Guilherme Prado.

REBELLO, Ricardo Moreira. O município de Machado até a virada do Milênio. Machado: s. d., 2006.

RIBEIRO, Isaac Cassemiro. Família e povoamento na comarca do Rio das Mortes: Os “Ribeiro da Silva”, Fronteira, Fortunas e Fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX). São João del-Rei: UFSJ, 2014. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Laura de Mello e. Norma e Conflito: aspectos da história de Minas Gerais no século XVIII. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

TRENTO, Ângelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.

MONTEIRO, Norma de Góes. (1973). *Imigração e Colonização em Minas Gerais (1889-1930)*. [S.l.]: Itatiaia Limitada.

## Acervos

- Acervo da Imigração Italiana no site do Arquivo Público Mineiro (APM)
- Acervo virtual da Biblioteca Nacional
- Jornal O Cidadão, várias edições
- Jornal Voz da Verdade, várias edições
- Jornal O Paraguassu, várias edições

## Sites consultados:

- Almanak Laemmert. Acervo Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=313394&PagFis=446&Pesq=lin+dolpho+de+souza+dias>. Acesso em nov. de 2019.

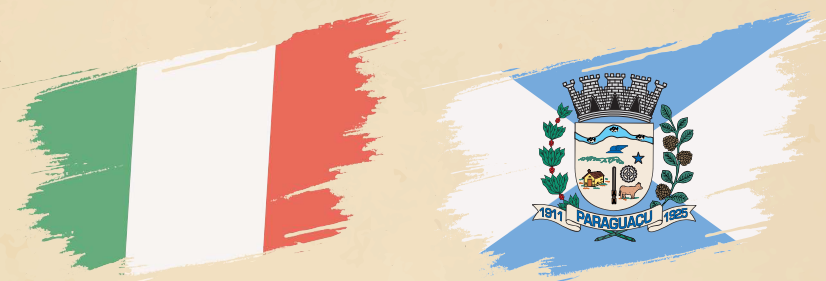
- Antenati - procura por italianos: <https://www.antenati-italiani.org/pt>
- Antenati – site do governo italiano: <https://www.antenati.san.beniculturali.it/>
- Arquivo de Trentino, Itália: <https://www.natitrentino.mondotrentino.net/>
- Arquivo Público Mineiro:  
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/imigrantes/index.php>
- Arquivos do Estado Italiano:  
<http://www.caminhosdaitalia.com.br/genealogia/pesquisas-na-italia/arquivos-de-estado/lombardia-genealogia.html>
- Centro Internazionale Studi Emigrazione Italiana:  
<http://www.ciseionline.it/portomondo/default.asp>
- CISEI: <http://www.ciseionline.it/2012/archivio.asp>
- Entrada de imigrantes no Estado do Espírito Santo: <https://ape.es.gov.br/registro-de-entrada-de-imigrante>
- FamilySearch - Óbitos Nossa Senhora da Escaramuça:  
<https://www.familysearch.org/records/images/image-details?page=1&place=3053620&endDate=1903&startDate=1903&rmsId=M9SC-9LT&imageIndex=0>
- FamilySearch: <https://www.familysearch.org/search/collection/2140223>
- História de Paraguaçu: <https://historiadeparaguacu.com.br/>
- Imigração italiana em Minas Gerais. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_italiana\\_em\\_Minas\\_Gerais](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_italiana_em_Minas_Gerais)
- Imigrantes Espírito Santo: <https://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx>
- Lista de Navios: <https://imigracao.duobox.com.br/>
- Lista de vapores Porto de Santos: <http://www.inci.org.br/acervodigital/passageiros.php>
- Listas de bordo dos navios: <http://www.inci.org.br/acervodigital/passageiros.php>
- Listas de desembarque Porto de Santos:  
[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/acervo/solicitacao\\_certidoes/lista\\_passageiros\\_pesquisa](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/acervo/solicitacao_certidoes/lista_passageiros_pesquisa)
- Museu da Imigração, SP: <http://www.inci.org.br/acervodigital/livros.php>
- Portaltália, pesquisa de vapores e passageiros: <https://nostrononno.wordpress.com/>
- Porto do Rio de Janeiro: [http://bases.an.gov.br/rv/Menu\\_Externo/](http://bases.an.gov.br/rv/Menu_Externo/)
- Província de Bréscia: <https://www.provincia.brescia.it/>
- SIAN, Arquivo Nacional, RJ:
- Sobrenomes italianos e genealogia:  
<http://www.familiaandrich.com/familia/index2.htm>
- Todos os livros das hospedarias de São Paulo:  
<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9142-9WSJ?i=241&owc=M6G2-F29%3A252638701%3Fcc%3D1967737>

### Entrevistas realizadas

Todas as entrevistas foram realizadas por Cristiane Magalhães, entre dezembro de 2021 a maio de 2022, tanto pessoalmente quanto por meios virtuais como WhatsApp, telefone, e-mail e mensagens.

1. Altamiro Selicani, DN.: 27/07/1935
2. Ana Maria Prado Campos e Silva
3. Bárbara Mançanares
4. Betânia Bassani Mitidiero Simoes
5. Cleonice Vigato

6. Dário Borim
7. Dario Borim Jr.
8. Deyse Caproni de Moraes Ferreira
9. Domingos Castilho
10. Érika Marques (família Mazzeu)
11. Guilherme Prado
12. Hudson Gonzaga Perna
13. Jason Selicani
14. Jéssica Cristina Ferreira Espedito
15. Jéssica Fressato
16. João Marcos Gonçalves Lourenço
17. João Paulo Mazzeu Silveira
18. José Reis Rocha
19. Júlio Cezar Bueno Ferreira, da rádio Objetiva FM
20. Luiz Fernando Fressato
21. Luiz Fernando Fressato Carvalho
22. Maria Aparecida Moterani Rocha
23. Maria Cecília Gavioli Órfão
24. Maria de Jesus Moura Costa (família Fressato), nascida em 1951
25. Maria de Moura (Família Frezzato)
26. Maria do Carmo Mazzeu(Carmita)
27. Maria do Carmo Taglialegna Leite
28. Maria Lúcia Prado Costa, pesquisadora e historiadora
29. Mariinha Vigato
30. Mariza Moterani
31. Marlene Aparecida Bechis Coelho, DN.: 26/12/1943
32. Marlene Bagni
33. Paulo Marcondes Carvalho Junior
34. Prof. Ricardo Sepini
35. Prof. Sérgio Pedini
36. Roberto Prado
37. Roseane Moreira Cosenza Moraes
38. Selma Solia Nasser
39. Sérgio Campos (família Benedetti)
40. Silvia R. Buttros Rodrigues, pesquisadora, historiadora, genealogista
41. Sílvio Sepini
42. Sônia Garotti
43. Suelene Bechis Carneiro Alves
44. Thais Benedetti
45. Túlio Freire (família Baccoli)
46. Valéria Garotti
47. Vília Borim Solia
48. Vilma Muoio, D.N.: 09/03/1931



# IMIGRAÇÃO ITALIANA

EM PARAGUAÇU  
a história de um começo

Prefeitura  
Municipal  
de Paraguaçu  
• Minas Gerais •

